

Universidade de Lisboa  
Faculdade de Arquitectura

## **VILAS OPERÁRIAS** um bairro artístico em Lisboa

Luciana Garcia Rodrigues

Proposta de Projeto Final para obtenção do Grau de Mestre em Urbanismo

Orientador Científico: Doutora Filipa Serpa

Júri:

Presidente: Doutor Arquiteto Sérgio Proença

Vogal: Doutora Arquiteta Rita Ochoa

Lisboa, Dezembro 2016







# **VILAS OPERÁRIAS**

**Um Bairro Artístico em Lisboa**

Luciana Garcia Rodrigues

Proposta de Projeto Final para obtenção  
do Grau de Mestre em Urbanismo  
(Mestrado Integrado em Arquitectura com especialização em Urbanismo)

**Orientador Científico:** Doutora Arquiteta Filipa Serpa

**Júri:**

Presidente: Doutor Arquiteto Sérgio Proença

Vogal: Doutora Arquiteta Rita Ochoa

Lisboa, Dezembro 2016





## RESUMO

A presente reflexão pretende elaborar um discurso sobre a importância das Vilas Operárias na cidade de Lisboa e o seu potencial de reabilitação e regeneração urbana.

Por um lado as Vilas Operárias encontram-se em estado de degradação e abandono, por outro lado localizam-se em áreas centrais e constituem um marco arquitectónico e urbanístico da história recente da cidade de Lisboa. Assim sendo, é fundamental refletir sobre estes elementos como lugares de oportunidade para uma regeneração urbana mais alargada e enquanto marco de vivências sociais específicas.

O objectivo deste ensaio consiste em explorar a capacidade de regeneração urbana a partir de conjuntos edificados de habitação operária, e demonstrar a viabilidade de novas formas de apropriação dos espaços de uma Vila Operária, em Lisboa.

Após a identificação de um pequeno aglomerado de habitação operária, adotou-se o conceito de Bairro Artístico como elemento unificador deste conjunto, o que permitiu a experimentação de espaços criativos em Vilas Operárias, culminando num novo espaço de carácter público para a cidade. Dadas as modestas dimensões destas estruturas na cidade, assim como das características urbanas em que este conjunto se insere, identificou-se a Acupuntura Urbana como lógica de ação pontual.

Tentando alcançar um ambiente que reflita as relações entre o passado e o futuro, este espaço é entendido como uma unidade de excelência para a prática do projeto, sendo exploradas hipóteses de desenho que potenciam os seus limites de mutação para o uso contemporâneo.

**Palavras-Chave:** Vilas Operárias, Bairro Artístico, Acupuntura Urbana, Lisboa



# ABSTRACT

The present reflection aims at developing a dissertation on the importance of Labor Worker Housing in the city of Lisbon and on its potential for urban regeneration.

On the one hand, these buildings which belong to the housing workers, are degraded and abandoned, on the other hand, they are located in central areas which constitute an architectural and urban landmark of Lisbon's recent history, thus being of utmost importance a reflection on these elements as opportunity sites for a broader urban regeneration as a testimony of specific social experiences.

The purpose of this essay is to explore the potential of urban regeneration by means of sets of working housing and to demonstrate the feasibility of new ways of appropriating space in Worker Labor Housing in Lisbon.

After the identification of a small cluster of working housing, it was adopted the concept of Artistic Neighborhood as a unifier element of this set, that allowed experimenting creative spaces on these structures and culminating in a new space of public character for the city. Considering the modest dimensions of these structures in the city, as well as the urban features on which this set is inserted, the Urban Acupuncture was identified within specific action logic.

Aiming at reaching an environment that mirrors the relations between past and future, this space is thought as an excellent point for the project practice, where drawing hypotheses are explored in order to maximize its limits of mutation for contemporary use.

**Key words:** Labor Worker Housing; Creative Spaces, Urban Acupuncture, Lisbon



# AGRADECIMENTOS

À Professora Filipa Serpa,  
pela constante motivação,  
por toda a confiança depositada em mim.  
À sorte (sem acaso) de nos termos cruzado.  
Agradeço toda a paixão que me inculuiu pela Arquitectura.

À minha Mãe,  
pelos desafogos nos momentos de aperto.

Às minhas Avós,  
por nunca deixarem de acreditar em mim.

À Madalena,  
pelas conversas,  
pelo apoio e prestação que não esquecerei,  
pela amizade.

Ao Janine,  
pelo amor incondicional ao longo de mais um percurso,  
sou-te grata.

A todas as escolhas que me conduziram ao lugar mais bonito do mundo,  
a Arquitectura.



# ÍNDICE

<b>Introdução</b>	<b>1</b>
O potencial das Vilas Operárias e da Acupuntura Urbana	1
Problemática	2
Questões	3
Metodologia	3
Estrutura do Trabalho	4
Objetivos	6
<b>1. Três Catalisadores Urbanos</b>	<b>9</b>
1.1 A Vila Operária	9
1.2 A Acupuntura Urbana	45
1.3 Os Espaços Criativos	71
<b>2. No Caracol da Penha</b>	<b>91</b>
2.1 Universo da análise	93
2.2 A Penha de França	110
2.3 Caracterização tipo-morfológica	121
<b>3. Um Bairro Artístico</b>	<b>131</b>
3.1 Construir no Caracol da Penha	132
3.2 Na Vila Manuel Bernardo	146
<b>Considerações Finais</b>	<b>151</b>
<b>Fontes Documentais</b>	<b>155</b>
<b>Anexos</b>	

# ÍNDICE DE IMAGENS

## Capa

Diagrama de vilas

Imagem elaborada pela autora, 2016.

## Introdução

1. Esquiço de um exemplo de entrada de uma Vila Operária.

Imagem elaborada pela autora, 2016.

## Três Catalisadores Urbanos

2. Fotografia de Marques Valentim do exterior da Travessa da Léguas da Póvoa. 14

*in* SALGUEIRO, Habitação Operária em Lisboa, 1981.

3. Fotografia de Marques Valentim do exterior da Vila Neves. 14

*in* SALGUEIRO, Habitação Operária em Lisboa, 1981.

4. Fotografia de Marques Valentim do exterior da Vila Estrela d'Ouro. 14

*in* SALGUEIRO, Habitação Operária em Lisboa, 1981.

5. Fotografia do interior de uma ilha do Porto. 15

*in* Vásquez e Conceição, «Ilhas» do Porto, 2015.

6. Fotografia de uma ilha do Porto. 15

*in* Vásquez e Conceição, «Ilhas» do Porto, 2015.

7. Fotografia de uma ilha do Porto. 15

*in* Vásquez e Conceição, «Ilhas» do Porto, 2015.

<b>8.</b> Fotografia de Gregori Warchavchik e Lúcio Costa de uma Vila Operária em Gamboa, 1995. <i>in</i> <a href="http://www.jobim.org/lucio/handle/2010.3/4158">http://www.jobim.org/lucio/handle/2010.3/4158</a> .	19
<b>9.</b> Diagrama formal. Vila Amaral – Vila em <i>correnteza</i> . Imagem elaborada pela autora, 2016.	22
<b>10.</b> Esquiço do espaço exterior na Rua Alves Paiva Fragoso. Vila Dias – exemplo de Vila em <i>correnteza</i> . Imagem elaborada pela autora, 2016	22
<b>11.</b> Diagrama formal. Vila Maria da Luz – exemplo de Vila formando pátio. Imagem elaborada pela autora, 2016	23
<b>12.</b> Esquiço a partir do pátio no Largo da Graça. Vila Sousa – exemplo de Vila formando pátio. Imagem elaborada pela autora, 2016	23
<b>13.</b> Diagrama formal. Vila Ferreira – exemplo de Vila construída atrás de edifícios. Imagem elaborada pela autora, 2016	24
<b>14.</b> Esquiço do espaço exterior da Vila Amaral – exemplo de Vila construída atrás de edifícios. Imagem elaborada pela autora, 2016	24
<b>15.</b> Diagrama formal. Vila Gadanho – exemplo de Vila formando rua. Imagem elaborada pela autora, 2016	25
<b>16.</b> Esquiço a partir da Rua Particular na Graça. Vila Berta – exemplo de vila formando rua. Imagem elaborada pela autora, 2016	25
<b>17.</b> Diagrama formal. Bairro da Estrela D’Ouro – exemplo de Vila de escala urbana. Imagem elaborada pela autora, 2016	26
<b>18.</b> Esquiço na Rua da Senhora do Monte em direção à Rua Josefa Maria, mostrando a fachada. Bairro da Estrela d’Ouro – exemplo de vila de escala urbana. Imagem elaborada pela autora, 2016	26

<b>19.</b> Diagrama formal. Bairro dos Barbadinhos- exemplo de Bairro Operário e Económico.	27
Imagem elaborada pela autora, 2016	
<b>20.</b> Esquiço a partir da rua no Bairro Operário dos Bardadinhos – exemplo de Bairro Operário e Económico.	27
Imagem elaborada pela autora, 2016.	
<b>21.</b> Diagrama formal. Vila Operária da Antiga Fábrica de Tecidos de Santo Amaro- exemplo de Vila diretamente ligada à produção.	28
Imagem elaborada pela autora, 2016	
<b>22.</b> Esquiço na Rua 1º de Maio. Vila operária da Antiga Fábrica de Tecidos de Santo Amaro- exemplo de vila diretamente ligada à produção.	28
Imagem elaborada pela autora, 2016	
<b>23.</b> Fotografia de Nuno Agostinho da fachada da Vila Sousa.	31
<i>in</i> <a href="http://olhares.sapo.pt/vila-sousa-foto6883173.html">http://olhares.sapo.pt/vila-sousa-foto6883173.html</a>	
<b>24.</b> Fotografia da Vila Luz Pereira.	31
<i>in</i> <a href="https://mislisb.wordpress.com/2015/08/07/a-vila-luz-pereira/">https://mislisb.wordpress.com/2015/08/07/a-vila-luz-pereira/</a>	
<b>25.</b> Vila do Tijolo. Pormenor da fachada demonstrando a capacidade decorativa do tijolo.	32
Fotografia da autora, 2016.	
<b>26.</b> Vila do Largo. Vista do pátio interior. Espaço destinado à pequena empresa de comunicação e design.	34
<i>in</i> <a href="http://www.aham.ag/quem-somos/">http://www.aham.ag/quem-somos/</a> .	
<b>27.</b> Esquiço de um módulo habitacional na Vila Grandela.	36
Imagem elaborada pela autora, 2016.	
<b>28.</b> Fotografia exterior do Pátio Bagatela.	38
<i>in</i> <a href="http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/patio-do-bagatela">http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/patio-do-bagatela</a> .	

- 29.** Fotografia de Cristina Neves do interior de uma habitação na Ilha da, 2014. 40  
*in* <http://www.publico.pt/local/noticia/um-triptico-sobre-a-resistencia-da-ilha-da-bela-vista-1680556>.
- 30.** Fotografia de uma maquete de tipologias de habitação. 40  
*in* <http://proibidoapontar.blogspot.pt/2014/07/ilha-da-bela-vista-um-rograma-um.html>
- 31.** Fotografia de uma maquete de tipologias de habitação. 40  
*in* <http://proibidoapontar.blogspot.pt/2014/07/ilha-da-bela-vista-um-rograma-um.html>
- 32.** Desenho de Hiroki Ova, “Urban Acupuncture”, 2013. 44  
*in* <http://helsinkiacupuncture.blogspot.pt>
- 33.** Fotografia de Manuel de Solà-Morales e Rafael Moneo, 1986. 47  
*In* “The vision of Manuel de Solà-Morales: Roots for a twenty first Century urbanism”, 2013.
- 34.** Desenho de Jaime Lerner, “Tartaruga”. 49  
*in* <https://mt744.wordpress.com/tag/jaime-lerner/>
- 35.** Desenho de Jaime Lerner, “Otto, o automóvel”. 49  
*in* [http://tarsas2010.blog.hu/2014/11/28/a\\_varos\\_dala](http://tarsas2010.blog.hu/2014/11/28/a_varos_dala)
- 36.** Desenho de Jaime Lerner, “Acordeão, o autocarro amigo”. 49  
*in* [https://www.ted.com/talks/jaime\\_lerner\\_sings\\_of\\_the\\_city](https://www.ted.com/talks/jaime_lerner_sings_of_the_city)
- 37.** Fotografia de Gordon Matta-Clark, “Chonical Intersect”, 1975. 51  
*in* <http://www.guggenheim.org/new-york/collections/collection-online/artwork/5211>
- 38.** Fotografia de AdDa Zei, “The Cicada”, 2011. 52  
*in* <http://cicadatapei.blogspot.pt/>
- 39.** Fotografia de Nicholas de Monchaux, “Site Survey”, São Francisco, 2009. 54  
*in* <http://www.demonchaux.com/Local-Code-San-Francisco>

<b>40.</b> Desenho de Adam Parsons “Balancing Health”, 2008. <i>in</i> “Small Scale Big Change”, 2010.	57
<b>41.</b> Fotografia do Bairro La Morán, Venezuela. <i>in</i> <a href="http://worldlandscapearchitect.com/la-moran-caracas-venezuela-enlace-arquitectura/">http://worldlandscapearchitect.com/la-moran-caracas-venezuela-enlace-arquitectura/</a>	62
<b>42.</b> Desenho técnico de corte transversal de uma residência. <i>in</i> <a href="http://www.archdaily.com.br/br/01-176595/acupuntura-urbana-busca-requalificar-o-bairro-la-moran-em-caracas-venezuela">http://www.archdaily.com.br/br/01-176595/acupuntura-urbana-busca-requalificar-o-bairro-la-moran-em-caracas-venezuela</a>	62
<b>43.</b> Axonometria da Praça Malabares. <i>in</i> <a href="http://www.archdaily.com.br/br/01-176595/acupuntura-urbana-busca-requalificar-o-bairro-la-moran-em-caracas-venezuela">http://www.archdaily.com.br/br/01-176595/acupuntura-urbana-busca-requalificar-o-bairro-la-moran-em-caracas-venezuela</a>	62
<b>44.</b> Fotografia das escadas na Subida de Bomba, Cabo Verde. <i>in</i> <a href="http://www.asemana.publ.cv/spip.php?article86284">http://www.asemana.publ.cv/spip.php?article86284</a>	64
<b>45.</b> Fotografia de “Treasure Hill”, Taipei, 2001. <i>in</i> <a href="http://architizer.com/projects/treasure-hill/">http://architizer.com/projects/treasure-hill/</a>	66
<b>46.</b> Fotografia da Escadaria em Treasure Hill ,Taipei, 2001. <i>in</i> <a href="http://architizer.com/projects/treasure-hill/">http://architizer.com/projects/treasure-hill/</a>	66
<b>47.</b> Fotografia da Fachada em Treasure Hill ,Taipei, 2001. <i>in</i> <a href="http://architizer.com/projects/treasure-hill/">http://architizer.com/projects/treasure-hill/</a>	66
<b>48.</b> Desenho de Marc Taro Homes, “Drawing People in Motion”. <i>in</i> <a href="https://citizensketcher.com/page/35/">https://citizensketcher.com/page/35/</a>	70
<b>49.</b> Fotografia de um espaço de trabalho Cowork. <i>in</i> <a href="http://www.colibridesign.fr/atelier-design-paris.html?lg=en">http://www.colibridesign.fr/atelier-design-paris.html?lg=en</a>	72
<b>50.</b> Mapa do Bairro Alto e Vila Madalena. Imagem elaborada pela autora, 2016	75
<b>51.</b> Fotografia de espaço exterior numa rua do Bairro Alto. <i>in</i> <a href="http://myxlisboa.tumblr.com/post/48702582657/bairro-alto-lisboa">http://myxlisboa.tumblr.com/post/48702582657/bairro-alto-lisboa</a>	76

<b>52.</b> Fotografia de espaço exterior numa rua na Vila Madalena.	77
<i>in</i> <a href="http://nativethoughts.tumblr.com/post/120049388770/never-travel-alone">http://nativethoughts.tumblr.com/post/120049388770/never-travel-alone</a>	
<b>53.</b> Fotografia de espaço de trabalho no LX Factory “Balneário”.	62
<i>in</i> <a href="http://www.lxfactory.com/PT/residentes/outros/balneario/">http://www.lxfactory.com/PT/residentes/outros/balneario/</a>	
<b>54.</b> Fotografia do Novo Centro de Arte Contemporânea no LX Factory, Lisboa, 2008.	62
<i>in</i> <a href="http://alexandrepomar.typepad.com/alexandre_pomar/cidade/">http://alexandrepomar.typepad.com/alexandre_pomar/cidade/</a>	
<b>55.</b> Fotografia de uma casa na Vila Madalena.	84
<i>in</i> <a href="https://vilamadalena.wordpress.com/historietas/">https://vilamadalena.wordpress.com/historietas/</a>	
<b>56.</b> Fotografia de uma rua na Vila Madalena.	84
<i>in</i> <a href="http://guiadebairros.proprietariodireto.com.br/bairro-vila-madalena-sao-paulo/">http://guiadebairros.proprietariodireto.com.br/bairro-vila-madalena-sao-paulo/</a>	
<b>57.</b> Fotografia de uma rua na Vila Madalena.	84
<i>in</i> <a href="http://guiadebairros.proprietariodireto.com.br/bairro-vila-madalena-sao-paulo/">http://guiadebairros.proprietariodireto.com.br/bairro-vila-madalena-sao-paulo/</a>	
<b>58.</b> Fotografia do Convento da Saudação.	86
<i>in</i> <a href="http://sinaisdefogo.net/o-espaco-do-tempo/">http://sinaisdefogo.net/o-espaco-do-tempo/</a>	
<b>59.</b> Fotografia do Claustro do Convento da Saudação.	86
<i>in</i> <a href="http://sinaisdefogo.net/o-espaco-do-tempo/">http://sinaisdefogo.net/o-espaco-do-tempo/</a>	

### **No Caracol da Penha**

<b>60.</b> Diagrama da área da cidade de Lisboa com o levantamento das Vilas Operárias.	92
Imagem elaborada pela autora, 2016.	
<b>61.</b> Diagrama dos três aglomerados de habitação operária de Lisboa.	93
Imagem elaborada pela autora, 2016	
<b>62.</b> Diagrama do núcleo de Alcântara.	94
Imagem elaborada pela autora, 2016	

<b>63.</b> Fotografia do exterior da Companhia Lisbonense de Fiação e Tecidos Lisbonense. <i>in</i> Arquivo Municipal de Lisboa.	96
<b>64.</b> Fotografia do conjunto de habitação operária. <i>in</i> Arquivo Municipal de Lisboa.	96
<b>65.</b> Fotografia do conjunto de habitação operária. <i>in</i> Arquivo Municipal de Lisboa.	96
<b>66.</b> Fotografia exterior da Vila Cabrinha, José Cruz, 2013. <i>in</i> <a href="http://apontamentoslisboa.blogspot.pt/2013/06/vila-cabrinha.html">http://apontamentoslisboa.blogspot.pt/2013/06/vila-cabrinha.html</a>	97
<b>67.</b> Diagrama do núcleo do Oriente. Imagem elaborada pela autora, 2016	99
<b>68.</b> Fotografia de José Cruz do exterior da Vila Dias, 2015. <i>in</i> <a href="http://olharsobrelisboa.blogspot.pt/2015/08/vila-dias.html">http://olharsobrelisboa.blogspot.pt/2015/08/vila-dias.html</a>	101
<b>69.</b> Fotografia dos blocos de habitação da Vila Dias, 2008. <i>in</i> <a href="http://lisboasos.blogspot.pt/2008/11/h-muitas-lisboas-dentro-de-lisboa-vila_28.html">http://lisboasos.blogspot.pt/2008/11/h-muitas-lisboas-dentro-de-lisboa-vila_28.html</a>	102
<b>70.</b> Fotografia exterior da Vila Flamiano, 2015. <i>in</i> <a href="http://aps-ruasdelisboacomhstria.blogspot.pt/2015/09/vila-flamiano-iv.html">http://aps-ruasdelisboacomhstria.blogspot.pt/2015/09/vila-flamiano-iv.html</a>	102
<b>71.</b> Diagrama do núcleo da Graça e Penha de França. Imagem elaborada pela autora, 2016	104
<b>72.</b> Fotografia das varandas na Vila Berta. Marie-Thérèse Faidherbe. <i>in</i> <a href="http://photo.net/photodb/photo?photo_id=8180832">http://photo.net/photodb/photo?photo_id=8180832</a>	107
<b>73.</b> Fotografia de um dos topos da Vila Berta, 2012. <i>in</i> <a href="https://www.youtube.com/watch?v=l9cILfPpTo4">https://www.youtube.com/watch?v=l9cILfPpTo4</a>	107
<b>74.</b> Fotografia da Vila Cândida, Luís Boléo, 2010. <i>in</i> <a href="http://www.panoramio.com/photo/39893066">http://www.panoramio.com/photo/39893066</a>	108
<b>75.</b> Fotografia da entrada da Vila Cândida. Fotografia da autora, 2016.	108

<b>76.</b> Fotografia da Vila Celeste. <i>in</i> <a href="http://www.google.pt/maps/">http://www.google.pt/maps/</a>	109
<b>77.</b> Fotografia da Vila Dejanira com o Convento da Penha de França, 2008. <i>in</i> <a href="http://lisboasos.blogspot.pt/2008/09/h-muitas-lisboas-dentro-de-lisboa-vila.html">http://lisboasos.blogspot.pt/2008/09/h-muitas-lisboas-dentro-de-lisboa-vila.html</a>	109
<b>78.</b> Fotografia da Vila Dejanira, 2008. <i>in</i> <a href="http://lisboasos.blogspot.pt/2008/09/h-muitas-lisboas-dentro-de-lisboa-vila.html">http://lisboasos.blogspot.pt/2008/09/h-muitas-lisboas-dentro-de-lisboa-vila.html</a>	109
<b>79.</b> Diagrama da área de análise. Imagem elaborada pela autora, 2016.	111
<b>80.</b> Cartografia histórica da área de análise. Imagem elaborada pela autora, 2016.	113
<b>81.</b> Fotografia de José Barcia da Encosta da Penha de França. <i>in</i> <a href="http://paixaoporlisboa.blogs.sapo.pt/tag/penha+de+frança">http://paixaoporlisboa.blogs.sapo.pt/tag/penha+de+frança</a>	114
<b>82.</b> Ortofotomapa do limite da área de intervenção, 2016. <i>in</i> <a href="http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/">http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/</a>	116
<b>83.</b> Fotografia do interior do quarteirão do Caracol da Penha, 2016. <i>in</i> <a href="http://www.caracoldapenha.info/blank-6">http://www.caracoldapenha.info/blank-6</a>	118
<b>84.</b> Fotografia do interior do quarteirão do Caracol da Penha, 2016. <i>in</i> <a href="http://www.caracoldapenha.info/blank-6">http://www.caracoldapenha.info/blank-6</a>	119
<b>85.</b> Diagrama da área de intervenção. Imagem elaborada pela autora, 2016.	121
<b>86.</b> Diagrama da área referente à Vila Sebastião Saraiva Lima. Imagem elaborada pela autora, 2016.	122
<b>87.</b> Diagrama da área referente à Vila Manuel Bernardo. Imagem elaborada pela autora, 2016.	123
<b>88.</b> Diagrama da área referente à Vila Saraiva. Imagem elaborada pela autora, 2016.	124

<b>89.</b> Diagrama da área referente à Vila Silvério. Imagem elaborada pela autora, 2016.	125
<b>90.</b> Diagrama da área referente à Vila Dejanira. Imagem elaborada pela autora, 2016.	126
<b>91.</b> Diagrama da área referente à Vila Gomes. Imagem elaborada pela autora, 2016.	127
<b>Um Bairro Artístico</b>	
<b>92.</b> Fotografia do interior do quarteirão do Caracol da Penha, 2016. <i>in</i> <a href="http://www.caracoldapenha.info/blank-6">http://www.caracoldapenha.info/blank-6</a>	131
<b>93.</b> Fotografia de desenho elaborado pelas crianças moradoras no Caracol da Penha, Julho 2016. <i>in</i> <a href="http://caracoldapenha.blogspot.pt/">http://caracoldapenha.blogspot.pt/</a>	133
<b>94.</b> Diagrama referente à estratégia viária entre o território de intervenção e a cidade de Lisboa. Imagem elaborada pela autora, 2016.	135
<b>95.</b> Diagrama referente à estratégia viária entre o território de intervenção e a cidade de Lisboa. Imagem elaborada pela autora, 2016.	136
<b>96.</b> Diagrama da identificação das Vilas Operárias inseridas no território de intervenção. Imagem elaborada pela autora, 2016.	137
<b>97.</b> Identificação dos vazios urbanos no interior do território de intervenção. Imagem elaborada pela autora, 2016.	138
<b>98.</b> Corte esquemático do território de intervenção. Imagem elaborada pela autora, 2016.	138
<b>99.</b> Corte do espaço proposto. Imagem elaborada pela autora, 2016.	141

<b>100.</b> Planta síntese da proposta urbana. Imagem elaborada pela autora, 2016.	145
<b>101.</b> Diagrama da Vila Manuel Bernardo. Imagem elaborada pela autora, 2016.	146
<b>102.</b> Corte do espaço proposto envolvente à Vila Manuel Bernardo. Imagem elaborada pela autora, 2016.	148
<b>103.</b> Corte do espaço proposto envolvente à Vila Manuel Bernardo. Imagem elaborada pela autora, 2016.	148

## **Conclusão**

<b>104.</b> Corte esquemático do espaço proposto pelos moradores do Caracol da Penha. <i>in</i> <a href="http://www.caracoldapenha.info/blank-6">http://www.caracoldapenha.info/blank-6</a>	153
<b>105.</b> Corte do espaço público proposto. Imagem elaborada pela autora, 2016.	153



1. Exemplo de entrada de uma Vila Operária. Esquiço elaborado pela autora.



# INTRODUÇÃO

## **O potencial das Vilas Operárias à luz da Acupuntura Urbana e dos Espaços Criativos**

Este trabalho foca-se fundamentalmente no tema das Vilas Operárias.

Durante este trabalho pretende-se evidenciar a capacidade da Vila Operária como um elemento motivador para uma nova estratégia de regeneração urbana em que a acupuntura urbana se revela a abordagem ideal.

Identificado o potencial associado a uma densidade significativa de vilas operárias numa área relativamente restrita da cidade de Lisboa, entendeu-se que estes elementos com significado histórico-social têm a capacidade de conduzir, através da sua reabilitação, um processo de regeneração urbana mais abrangente.

Identificados diversos espaços de antigas vilas, atualmente marginalizados, no espaço interior de um grande quarteirão na zona da Graça, adotam-se, neste trabalho, os princípios da Acupuntura Urbana para a revitalização desta zona, que através de um conjunto de ações pontuais, focadas nas indústrias criativas, têm o poder de transformar por completo a dinâmica de uma área urbana.

## Problema

Sendo o maior problema das Vilas Operárias o seu estado de degradação e abandono e sendo estas elementos importantes da história e evolução da nossa cidade, é relevante questionarmo-nos se é este o fim pretendido para este pedaço de património.

Existem exemplos de Vilas Operárias na cidade de Lisboa, com uma história e beleza distintas, em vias de demolição para dar lugar, por exemplo, a edifícios hoteleiros; outras em muito mau estado de conservação que vão servindo de teto aos descendentes dos primeiros moradores, (que vão recordando o tempo em que viver ali era uma animação constante);

E ainda Vilas totalmente degradadas, que têm servido de refúgio a sem abrigo e se tornam focos de insalubridade pública.

Com isto, é cada vez mais frequente uma Vila Operária tornar-se numa adversidade urbana. Será então importante repensar o valor destes elementos para que recuperem parte do seu propósito<sup>1</sup>, que é criar uma relação de intimidade e companheirismo entre os seus ocupantes.

Visto que a habitação não será o uso de excelência a ser adoptado num espaço limitado como é o de uma Vila, deverá ser proposta uma nova função, apta a cada realidade espacial.

---

<sup>1</sup> Sendo o propósito original o alojamento dos operários, atualmente perdido.

## **Questões**

Tendo em conta estes princípios, será que vamos deixar as Vilas Operárias cair no esquecimento? O que podemos fazer para reativar estes espaços e transformá-los em algo de positivo para a cidade? Que tipo de função pode ajustar-se a estes conjuntos edificados para melhorar a saúde dos nossos bairros, freguesias e cidade? Qual a estratégia urbana a ter em conta numa rede tão alargada de habitação operária? Poderemos reinterpretar os ambientes sociais originais, através da Arquitetura?

## **Metodologia**

A partir da escolha do tema, deu-se início à investigação e observação em campo deste objeto de estudo - a Vila Operária. Fizeram-se visitas aos principais aglomerados de habitação operária na cidade de Lisboa, tendo como base alguns critérios de análise como o estado de conservação ou o contexto urbano em que se inseriam, com o fim de identificar o potencial território de intervenção.

Esta primeira etapa resultou num pequeno conjunto de casos com potencial para se desenvolver este trabalho, a partir do qual se elegeu e delimitou o território de análise a desenvolver, assim como um programa e conceito para a proposta urbana e arquitectónica.

Com isto, todas as questões foram desenvolvidas ao longo deste trabalho através de uma investigação teórico-crítica e uma abordagem metodológica projetual, fundamentada nas ideias defendidas com base na pesquisa documental e dados recolhidos no local do objecto de estudo.

## Estrutura do Trabalho

O documento encontra-se organizado em três partes que correspondem a uma determinada lógica de pensamento.

Numa primeira parte de desenvolvimento e investigação, Capítulo 1 - *Três Catalisadores Urbanos*, introduz-se os três temas adotados para este trabalho correspondendo cada um deles a uma questão metodológica: O que? Como? Para quê? Respetivamente, a Vila Operária como objeto de trabalho, a Acupuntura Urbana como instrumento de ação e os Espaços Criativos como solução projetual. Este elementos definem-se como catalisadores urbanos pois são os principais propulsores de toda a ideia.

Cada tema será tratado metodologicamente de igual forma, dando especial enfoque ao tema principal que é a questão das Vilas Operárias. Será feita uma exploração teórica que irá de encontro ao percurso e história de cada assunto, seguida de uma parte que trata questões mais específicas de cada um e, por fim, a pesquisa de projetos de referência que dão seguimento ao seu sentido mais prático. Toda esta pesquisa com a finalidade de se eleger e fundamentar um caso de estudo para a fase projetual de carácter propositivo.

Em a *Vila Operária*, enquadra-se o universo da análise em todas as vertentes, principais pensadores, vivências sociais, questões de salubridade e caracterizações arquitectónicas, de forma a definir as valências existentes nestes conjuntos para assim refletir sobre as possíveis estratégias. A *Acupuntura Urbana* demonstra o valor que existe em pequenas casas degradadas, ruas secundárias ou espaços baldios em defesa da sustentabilidade, atuando sobre intervenções de pequena escala.

Em *Espaços Criativos* demonstra-se a possibilidade da Vila Operária, através das suas características formais singulares, se tornar numa das principais tipologias de espaços criativos, pelo seu potencial como lugar emergente para a criatividade urbana.

No capítulo 2, *Da Graça à Penha de França*, irá realizar-se uma caracterização do local de estudo, com enquadramento histórico, social e urbano para dar início a uma avaliação de condições vivenciais e à procura de novas formas de apropriação destes espaços. O diagnóstico começa pela área da cidade de Lisboa, fazendo as aproximações necessárias em todas as áreas de análise. A leitura do espaço e do objeto de intervenção passa pela caracterização das vilas operárias do ponto de vista da sua forma, procurando oferecer um suporte sólido para avaliar o tipo de intervenção arquitectónica adequada a cada conjunto.

No capítulo 3, *Um Bairro Artístico*, dá-se início a uma proposta de projeto que responda às necessidades de criar um espaço para acolher a produção artística na zona da Penha de França, em Lisboa, mais concretamente na envolvente do Convento da Nossa Senhora da Penha de França. Definem-se propostas de nível estratégico, de nível urbano e de nível arquitectónico, às várias escalas subentendidas.

A parte propositiva deste trabalho será, portanto, a elaboração de um projeto de carácter urbano e arquitectónico dedicado à regeneração urbana da área de estudo a partir da recuperação e adaptação de uma destas estruturas edificadas, tão significativas na história e configuração da cidade de Lisboa.

## **Objectivos**

Tendo em conta a situação de vulnerabilidade em que se encontra a maioria das Vilas Operárias da nossa cidade, este trabalho:

Dedica-se ao estudo das possibilidades não apenas de reabilitação das Vilas Operárias enquanto edificado, mas da sua regeneração em contexto urbano e social;

Avalia ainda a possibilidade de que uma intervenção urbana dedicada às Vilas Operárias produza efeitos alargados nas dinâmicas urbanas da sua envolvente;

Pretende, no caso concreto, não só criar um novo conjunto de espaços públicos para a cidade, mas também dar origem a um Bairro Artístico, formado por um determinado conjunto de vilas operárias, funcionando como o elemento urbano que irá reinterpretar as carismáticas relações de proximidade e partilha ao se viver numa Vila.

Este trabalho, procura então, explorar e demonstrar a viabilidade que estes conjuntos de habitação operária têm para acolher novas formas de apropriação dos seus espaços, estabelecendo relações entre eles e a população, e transformando as vivências do passado em vivências de futuro.





# 1. TRÊS CATALISADORES URBANOS

## 1.1. A VILA OPERÁRIA

*“Estas aldeias dentro das cidades tornam-se organismos vivos que potenciam novas formas de habitar”<sup>2</sup>*

A cidade de Lisboa aumenta consideravelmente de área edificada em 1870, resultado da grande expansão do sector industrial, o que gera um problema imediato: a urgência de habitar.

Em 1881, com cerca de 58 fábricas em toda a cidade, e com a chegada de uma grande população operária de todo o país, existe uma desmesurada procura pelo alojamento, seja de que tipo for. Com isto, o proletariado vai instalar-se primeiro nos bairros antigos e depois em locais improvisados, como palácios e conventos em ruína, ou pátios<sup>3</sup> insalubres. Aqui, dá-se um ponto de viragem na história. Começa-se a questionar estas formas de habitação, e logo se confrontam com grandes problemas de salubridade.<sup>4</sup> Nesta fase, vão surgir então soluções pioneiras que visam criar uma habitação digna, definida como coletiva, num espaço humanizado e salubre. Surge então a Vila Operária. As entidades patronais promovem habitação para os seus funcionários, que deverá ser simples e económica, articulando-se em módulos.<sup>5</sup>

---

<sup>2</sup> Rodrigues, «Tradição, transição e mudança: a produção do espaço urbano na Lisboa oitocentista,» 1979, p.42.

<sup>3</sup> Desta forma surgem os pátios, um modo primário de alojamento que compreende um espaço exterior envolvido por um conjunto de casas pobres. O pátio é por vezes, entendido como um abrigo, por não ter as mínimas condições de habitabilidade ou salubridade.

<sup>4</sup> Em 1902, através de um inquérito de sanidade de pátios, verifica-se a existência de 102 pátios, de onde apenas 32 foram considerados habitáveis.

<sup>5</sup> Salgueiro, «Habitação operária em Lisboa», 1981, p.76.

Assim são construídas algumas centenas de Vilas Operárias por toda a cidade, que apesar de seguirem um padrão de construção, foram várias as que se destacaram pela morfologia, desenho e outras características construtivas.

O primeiro alojamento operário, que ainda hoje subsiste, foi construído em 1873, junto à Fábrica de Tecidos Lisbonense e, no ano de 1979, já se contavam cerca de 350 vilas operárias em Lisboa.<sup>6</sup>

No que diz respeito ao seu contexto urbano, as vilas operárias surgiram essencialmente em zonas periféricas da cidade, em terrenos considerados desvalorizados ou de baixa densidade populacional. Existe uma clara correlação entre a área de ocupação das vilas e os locais de trabalho, ou zonas industriais, de forma a que os trabalhadores morassem perto do local de trabalho.<sup>7</sup>

### **Exploração teórica**

O tema das Vilas Operárias tem sido abordado durante as últimas décadas por uma série de autores, que o exploraram das mais variadas formas.

Ao longo do trabalho, deparamo-nos incontornavelmente com duas figuras cujo trabalho foi essencial para a compreensão do assunto, Nuno Teotónio Pereira e Maria João Madeira Rodrigues.

Trabalhos igualmente notáveis como os de Teresa Barata Salgueiro, e de Manuel C. Teixeira, não podem deixar de ser referenciados ao longo da discussão. A Câmara Municipal de Lisboa apresenta também um papel crucial neste assunto através das suas publicações, e iniciativas de salvaguarda e valorização de alguns casos.

---

<sup>6</sup> Segundo o Roteiro de Lisboa do Anuário Geral de Portugal, intencionando-se com isto sensibilizar a população para a importância destes aglomerados no conjunto da cidade.

<sup>7</sup> Salgueiro, «Habitação operária em Lisboa», 75.

Nuno Teotónio Pereira define um conjunto claro de nove tipologias de alojamento operário. Dividindo o ensaio em temáticas bastantes específicas consegue desta forma uma abordagem bastante vasta no que diz respeito à evolução dos edifícios de habitação, em função do seu período de construção e principalmente da sua promoção e conformação.<sup>8</sup> Estas tipologias serão exploradas na próxima parte *caracterização tipológica*.

Maria João Madeira Rodrigues, analisa a habitação operária de um modo mais aproximado às formas de viver, olhando para a planta *tipo*, e questionando-se acerca da medição entre espaços de habitar e local de trabalho. A autora, faz também um levantamento de alguns conjuntos existentes e ensaia uma proposta de classificação, propondo três tipos, caracterizando-os ao nível da sua morfologia e tipologia, sendo eles: a relação espaço privado, espaço público e espaço semipúblico. São definidos vários tipos de habitação para operários, referindo a vila operária, que subdivide, embora sem grande aprofundamento, segundo critérios de dimensão, densidade e formas de inserção urbana.<sup>9</sup>

Teresa Barata Salgueiro, distingue três concentrações ou aglomerados importantes, só no tecido da cidade de Lisboa, associados à questão do espaço de habitar em proximidade ao espaço de trabalho e à ideia da segregação social do espaço urbano. Sendo estes três aglomerados: o vale de Alcântara com as suas fábricas que se dispersam e abrangem as freguesias de Alcântara, Prazeres, Campo de Ourique e Campolide; o conjunto da Graça à Penha de França, o maior e mais bem conservado; e o que acompanha a frente ribeirinha a Oriente da cidade entre Xabregas e o Beato.<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> Pereira, «Pátios e vilas de Lisboa, 1870-1930», 1994.

<sup>9</sup> Rodrigues, *Tradição, transição e mudança: a produção do espaço urbano na Lisboa oitocentista*. 1979

<sup>10</sup> Salgueiro, «Habitação operária em Lisboa», 1981, p.75.

A arquiteta Ana Leonor Tomás complementa esta abordagem, na medida em que mostra preocupações relativas à estrutura funcional da cidade, analisando as principais condicionantes do processo de urbanização e industrialização da cidade, transformações sociais, culturais e económicas e toda a segregação urbana associada a este período.<sup>11</sup>

Em 1988, surge uma iniciativa de responsabilidade municipal, a Proposta Conjunta da Direcção dos Serviços de Habitação e do Gabinete de Estudos Olissiponenses que visa o estudo dos pátios e vilas de Lisboa com o objectivo de criar linhas orientadoras para salvaguardar e preservar alguns casos. Este estudo dá-se pelo nome de *Estudo dos Pátios e Vilas de Lisboa*. A sua metodologia passa pela realização de inquéritos que consistem em fichas de caracterização do edificado<sup>12</sup>, com vista à elaboração de um banco de informação.

Desta forma, seria possível identificar casos críticos e graus de urgência para realizar uma posterior intervenção ou recuperação. A finalidade desta iniciativa seria sensibilizar outras instituições estatais na salvaguarda destes imóveis, procurando valorizá-los.

Em 1992 a Câmara Municipal de Lisboa cria o Gabinete dos Pátios e Vilas, na Divisão da Reabilitação Urbana (DRUPV) com o fim de promover as ações de reabilitação dos exemplos de maior interesse urbanístico e/ou arquitectónico.

Este gabinete promove a realização de um levantamento exaustivo destes conjuntos e a promoção de ações de reabilitação dos exemplos de melhor qualidade e de maior interesse urbanístico e arquitectónico. Em 1993, o Núcleo de Reabilitação Urbana elabora o Plano de Pormenor e Salvaguarda : Pátios e Vilas, constituindo-se, deste modo, o ponto de partida para as várias iniciativas de intervenção que decorreriam durante uma década.

---

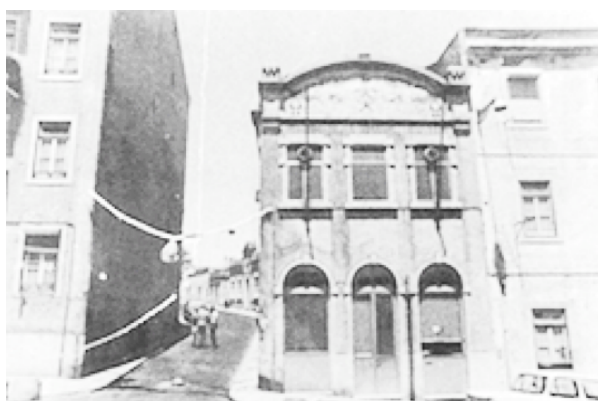
<sup>11</sup> Tomás, «Cidade Oculta - A Vila Operária», 2012.

<sup>12</sup> Estas fichas de caracterização do edifício, incluem as condições sociodemográficas e ambientais da população residente. partindo da listagem de todos os pátios e vilas da cidade, por freguesia, morada, tipo de propriedade, catalogação fotográfica, processos de obra e número de fogos.

As primeiras iniciativas funcionariam como modelos teórico-práticos para a reabilitação urbana generalizada destes conjuntos, procedendo-se, para esse fim, à divulgação de alguns exemplos considerados notáveis dentro das limitações existentes.

Mais tarde, em 1994, a Câmara Municipal de Lisboa cria o “*Roteiro Cultural dos Pátios e Vilas da Sétima Colina*” no âmbito da Lisboa 94 – Capital Europeia da Cultura e foi nos anos 90 que a questão da reabilitação destes conjuntos entrou em discussão, até aos dias de hoje.

Existiu e tem existido uma grande manifestação de ideias que partiram de iniciativas municipais, ensaios, artigos e reportagens.



2. Travessa da Légua da Póvoa. 3. Vila Neves, 92; Rua da Maria Pia. 4. Vila Estrela D'ouro



5. 6. 7. Ilhas do Porto. Estado de degradação dos núcleos habitacionais.

Procurando alargar a perspectiva do tema, faz-se um breve resumo daquilo que a Vila Lisboeta representa na evolução urbana de outros lugares.

No norte do país, as **“ilhas” do Porto**, são o que encontramos de mais próximo às nossas vilas de Lisboa, no seu propósito e configuração. Segundo Manuel Teixeira, este tipo de habitação começou a ser construído em 1850, à chegada de muitas pessoas da periferia. Tal como muitas vilas, apresentavam-se por uma fileira de pequenas casas com cerca de dezasseis metros quadrados, construídas nos quintais de habitações burguesas. Não apresentavam qualquer tipo de higiene ou saneamento. O seu único objectivo seria satisfazer a grande procura de habitação barata que existia no Porto, que chegou a atingir densidades até 900 habitantes por hectare. Entre 1864 e 1900 as “ilhas” constituíam 65,5% do volume total da construção da cidade. Comparativamente, em 1905 existiam 233 “pátios” em Lisboa, e em 1899, uns anos antes, existiam no Porto 1048 “ilhas”. O Porto teria quase cinco vezes mais pessoas a viver neste tipo de habitação do que em Lisboa. A principal razão para se construir este tipo de habitação seria pura e simplesmente económica, estando diretamente ligada aos baixos salários do proletariado. Em Lisboa, como o nível do salário era mais elevado, houve uma maior preocupação na construção da habitação operária.<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> Teixeira, *Habitação popular na cidade oitocentista*. 1996.

A dada altura a densidade habitacional do Porto multiplicava-se e tinha que existir uma solução. Aqui, começam a surgir os bairros operários, agrupamentos de casas económicas e a primeira geração de bairros municipais de habitação colectiva. A seguir ao 25 de Abril, o SAAL<sup>14</sup> pretende extinguir toda a insalubridade proveniente das ilhas e todas as formas de alojamento precário. Isto através de um processo participativo em que os futuros moradores participariam na discussão do projeto. Porém, o curto período de existência do SAAL não criou a “revolução” pretendida.<sup>15</sup>

Do ponto de vista social, os vizinhos, moradores das “ilhas”, tornam-se uma grande família e apegam-se muito ao lugar. Desta forma, é como se o lugar se tornasse numa pequena aldeia onde ninguém era estranho. A organização espacial das casas e mesmo a falta de privacidade e individualismo contribuía muito para este efeito.<sup>16</sup>

De um modo geral, a cidade do Porto sempre lidou mal com a presença das “ilhas”. Sendo focos de insalubridade na cidade, as “ilhas” foram e continuam a ser tomadas como um problema, chegando até a serem referidas por Ricardo Jorge como “alvéolos imundíssimos das ilhas, húmidos e sem luz”<sup>17</sup>

---

<sup>14</sup> Serviço de Apoio Ambulatório Local.

<sup>15</sup> Vázquez e Conceição, *«Ilhas» do Porto - Levantamento e Caracterização*, 15.

<sup>16</sup> Ricardo Pinto, *«Ilhas» do Porto - Levantamento e Caracterização*. 2015.

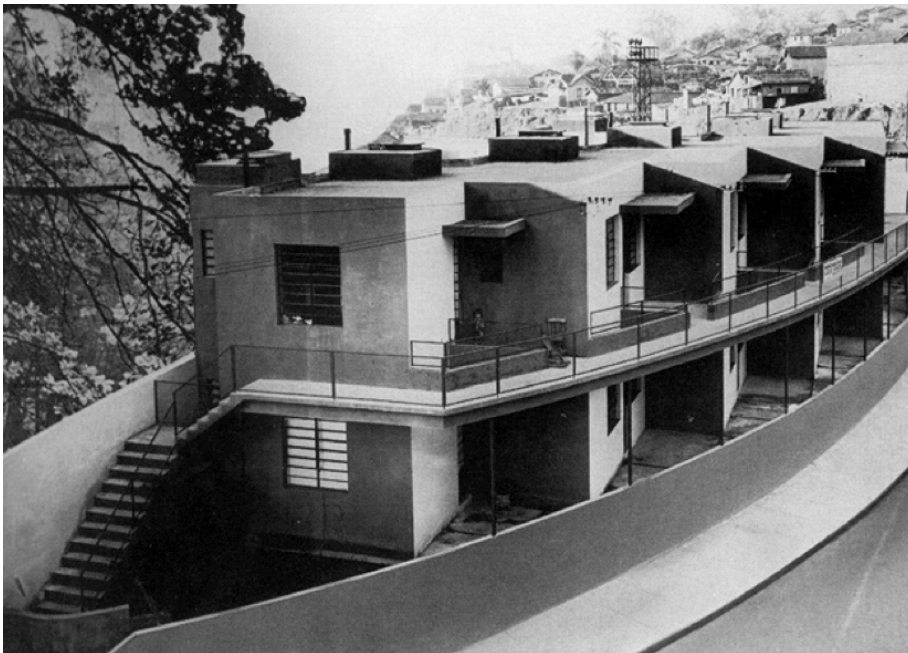
<sup>17</sup> Cit. por Vázquez e Conceição, *«Ilhas» do Porto - Levantamento e Caracterização*, 1.

Já fora de Portugal, Alfredo Luz fala-nos do caso do **Rio de Janeiro**, onde viver numa vila representa aquilo que é um estilo típico da cultura carioca, transmitindo uma relação de afecto entre a habitação e o habitante. As Vilas residenciais surgiram na segunda metade do século XIX, quando o país ultrapassava uma fase de mudanças profundas.

A partir desta fase, surgiu uma crescente procura pela habitação colectiva no centro da cidade, e surgem então os *cortiços*: pequenas casas enfileiradas onde as casas de banho e as lavandarias eram partilhadas, que seriam construídas por proprietários de imóveis. A crescente densificação do centro da cidade sem as mínimas condições de higiene que eram evidentes neste tipo de habitação, contribuiu para um forte aparecimento de doenças e epidemias. Posto isto, o Estado procura incentivar a construção de habitação com condições mínimas de salubridade. Com incentivos do Estado e de algumas empresas, surgem as Vilas. Nas primeiras décadas seriam disputadas entre a classe média e a classe trabalhadora, o que marca a vila como tipo arquitectónico destinado a operários.

Com a evolução da construção civil, surgem casas com dois pisos, unidades maiores e até, em alguns casos, garagens individuais. A partir de 1930 a construção de vilas reduz, dado ao conceito espacial de vila ir contra à verticalidade, o que provocou uma grande escassez de terrenos. No final da década, o fundo de investimento acabou para este tipo de habitação e a partir de 1980 o Estado lança ações de preservação para certos conjuntos arquitectónicos, considerados de valor.

Hoje, as vilas são muito cobiçadas no Rio de Janeiro, devido à sua flexibilidade de uso, controlo do acesso às casas, e a possibilidade de se ter um espaço exterior comum. A grande quantidade de vilas plenamente ocupadas, adaptadas às transformações na sua envolvente e abrigando diferentes usos além do residencial, são evidências da profunda relação que elas têm com o modo de viver do carioca e com a cultura popular do Rio de Janeiro.<sup>18</sup>



8. Vila Operária em Gamboa, Gregori Warchavchik e Lucio Costa, Rio de Janeiro, 1933. As vanguardas da primeira metade do século XX trazem definitivamente para o campo da arquitetura a composição do tecido urbano na forma de residências comuns.

---

<sup>18</sup> Luz, *Vilas Cariocas - Estudos de caso*.



## **Caracterização tipológica**

Nuno Teotónio Pereira define nove tipologias de alojamento operário: os pátios; da casa bifamiliar à correnteza; prédios em correnteza e vilas; vilas formando pátio; vilas construídas atrás de prédios; vilas formando ruas; vilas directamente ligadas à produção; vilas de escala urbana; bairros operários e económicos.<sup>19</sup> Nesta sua breve abordagem ao tema, o autor faz referência a vivências sociais, questões de salubridade, ações municipais, caracterizações do ponto de vista arquitectónico ou de detalhes nas fachadas, pelo que faz um apanhado geral e toca em vários temas essenciais à compreensão da habitação operária em Lisboa.

Teresa Salgueiro também apresenta três formas principais deste tipo de habitação: os pátios, as bandas de casas, e as vilas tipo bairros.<sup>20</sup>

Este subcapítulo destina-se à exploração de cada tipologia, aos olhos dos principais autores, assim como a confrontação com a observação em campo. Diagramas e esboços fazem a ilustração de cada caso.

---

<sup>19</sup> Pereira, «Pátios e vilas de Lisboa, 1870-1930» 1994.

<sup>20</sup> Salgueiro, «Habitação operária em Lisboa», 1981, p.76.

VILA

EM

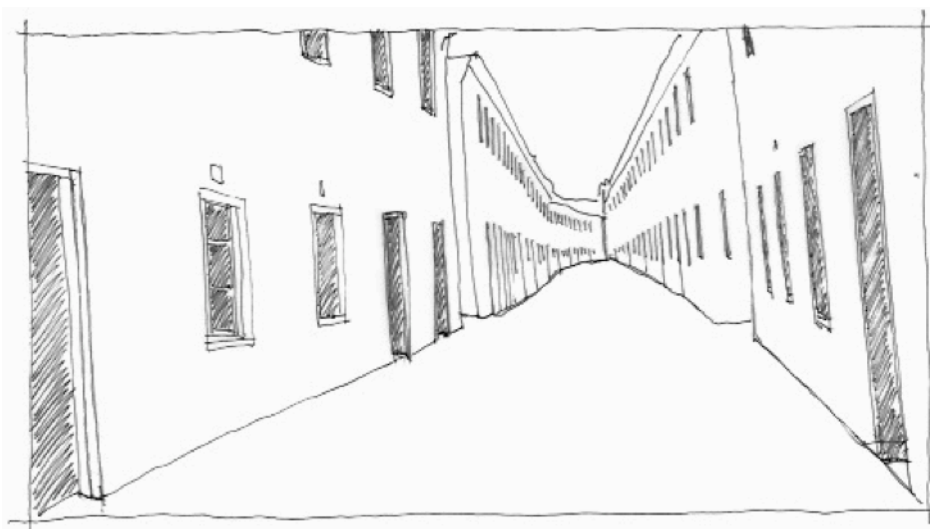
**CORRENTEZA**

9. Diagrama formal.  
Vila Celeste – Vila em *correnteza*.

Este tipo de vila comporta inicialmente um piso com dois fogos. Somente mais tarde, com o aumento da densidade populacional, adicionam-se novos pisos sobre o original e começam-se a construir filas ou bandas de casas, às quais chamamos *correnteza*. Esta tipologia pode apresentar-se de duas formas diferentes: em edifício alongado ou em bloco com quatro fachadas livres e acesso central. Esta, constituiria a forma embrionária das vilas.<sup>21</sup>

Normalmente localizada em bairros pobres e em tecidos comprimidos da periferia, acompanha a via pública como qualquer edifício corrente e por vezes, multiplicam-se sendo separadas por corredores paralelos. Sendo de construção simples, estas vilas em *correnteza*<sup>22</sup> ou em banda<sup>23</sup> apresentaram a solução para a grande procura pela habitação operária.<sup>24</sup>

10. Esquízo do espaço exterior na Rua Alves Paiva Fragoso. Vila Dias – exemplo de Vila em *correnteza*. Imagem elaborada pela autora.



<sup>21</sup> Pereira, «Pátios e vilas de Lisboa, 1870-1930», 1994, p.512.

<sup>22</sup> Tipologia denominada por Nuno Teotónio Pereira.

<sup>23</sup> Tipologia denominada por Teresa Barata Salgueiro.

<sup>24</sup> Salgueiro, «Habitação operária em Lisboa», 1994, p. 76.

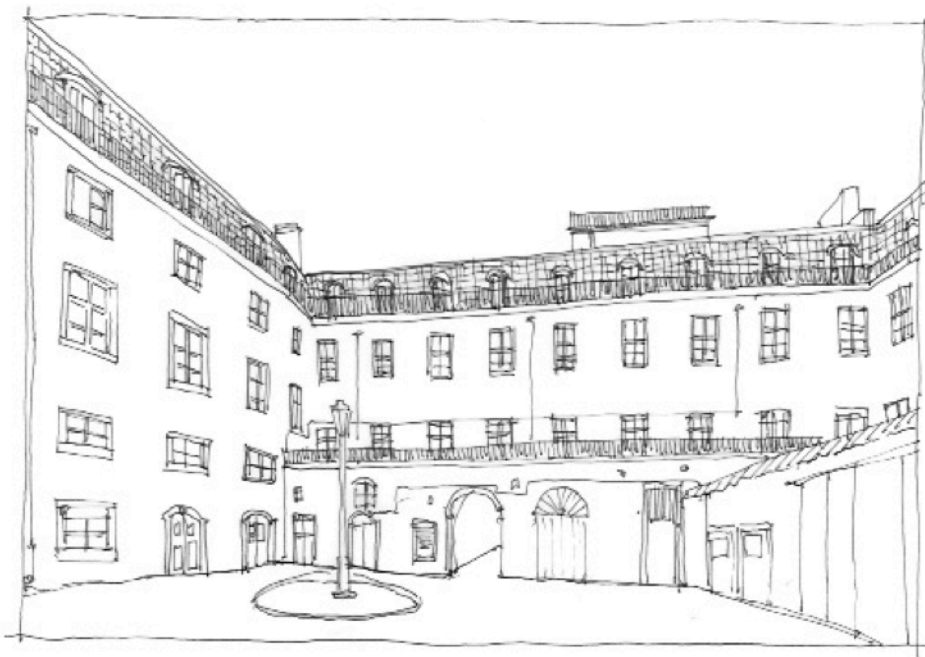
VILA  
FORMANDO



PÁTIO

A urgência por um aproveitamento máximo de espaço, neste caso, faz com que as habitações se agrupem à volta de um terreno, tendo o acesso através de um espaço central. Por vezes, esse espaço é alongado em forma de corredor, ou tipo pátio, permitindo algum desafogo. Esta seria a forma mais imediata e espontânea da vila.<sup>25</sup> De forma a reduzir os espaços não rentáveis, os acessos interiores são substituídas por galerias exteriores.<sup>26</sup> É caso de exemplo a Vila Sousa, antigo palácio, onde a sua entrada faz-se por intermédio de um portão de ferro e no seu interior o largo é cercado por casas de dois e quatro pisos.<sup>27</sup>

11. Diagrama formal.  
Vila Maria da Luz – Vila formando pátio



12. Esquiza a partir do pátio no Largo da Graça. Vila Sousa – exemplo de Vila formando pátio. Imagem elaborada pela autora.

<sup>25</sup> Ibid., p.74.

<sup>26</sup> Pereira, «Pátios e vilas de Lisboa, 1870-1930», 1993, p.514.

<sup>27</sup> Cruz, «Vila Sousa» 2014.



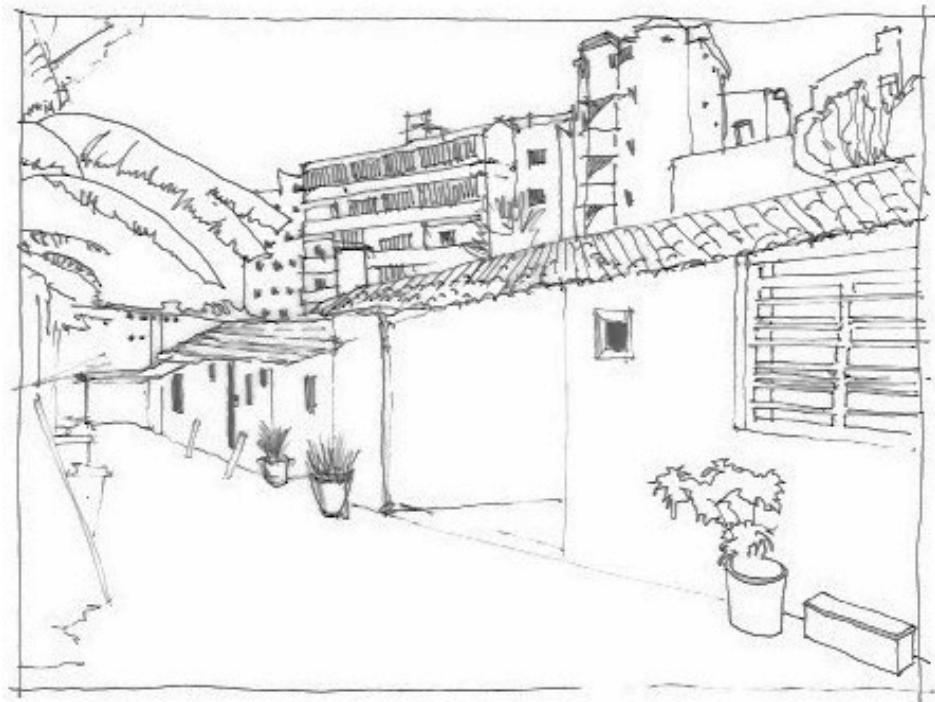
**VILA  
CONSTRUÍDA  
ATRÁS DE  
EDIFÍCIOS**

13. Diagrama formal.  
Vila Ferreira –  
Vila construída  
atrás de  
edifícios

Este tipo de vila pode constituir duas tipologias diferentes num mesmo lote de terreno: limitando a rua um prédio para a burguesia e no seu interior, por trás desse edifício, um pátio ou vila destinado a famílias operárias.

Aqui, existe uma hierarquia social traduzida directamente no terreno. O seu acesso pode ser feito através de um corredor lateral ao edifício principal, descoberto, a eixo do lote ou então através de uma passagem em arco sob o próprio edifício, sempre totalmente separado da entrada principal do prédio frontal. De forma a identificar a vila, que não se encontra visível a partir da rua, existe geralmente uma placa com a indicação do seu nome.<sup>28</sup>

14. Esquízo do espaço exterior da Vila Amaral – exemplo de Vila construída atrás de edifícios. Imagem elaborada pela autora.



<sup>28</sup> Pereira, «Pátios e vilas de Lisboa, 1870-1930» 1994.



Por vezes, as vilas adquiriram formas mais alongadas devido ao espaço plano e desimpedido em que se encontravam e por isso, eram implantadas ao longo do terreno. Este tipo de vila constitui ruas próprias, entre duas filas de habitação e geralmente paralelas ou perpendiculares à rua principal. Estas ruas, pertenciam à própria vila e daí serem designadas por rua *particular*. A edificação de vilas encontrou terrenos propícios no planalto da Graça, onde permanece o núcleo mais importante até hoje. A vila Berta, na Graça, é um exemplo significativo.<sup>29</sup>

15. Vila Gadanho – Vila formando rua.



16. Esquiço a partir da rua *particular* na Graça- Vila Berta – exemplo de vila formando rua. Imagem elaborada pela autora.

<sup>29</sup> Ibid., 518.



VILA  
DE  
ESCALA  
URBANA

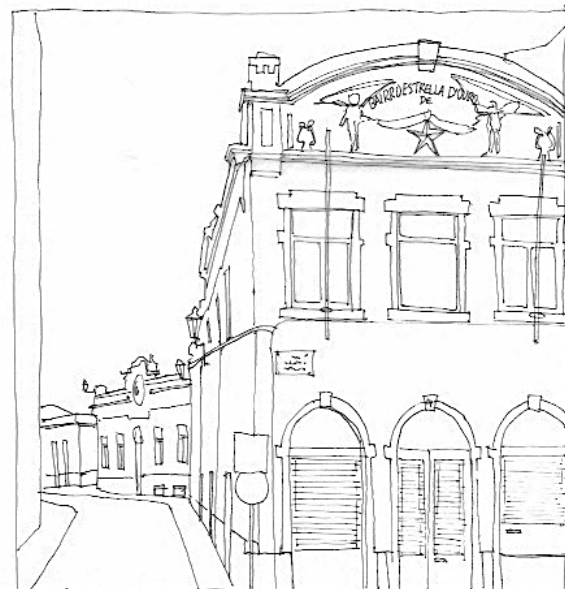
17. Diagrama formal.  
Bairro da Estrela d'Ouro – Vila construída atrás de edifícios

Com a corrente construção das vilas, as tipologias foram-se alterando no volume e no tamanho, atingindo por vezes escalas que se impõem na cidade, constituindo até um sistema viário próprio.<sup>30</sup>

A vila de escala urbana pode ser distinguida de duas formas: o tipo de vila de um ou dois pisos que não apresenta uma densidade ou áreas muito grandes, sendo o caso do Bairro da Estrela d'Ouro ou a Vila Cândida; ou então tipo bloco de três ou mais andares, ou bandas separadas por corredor como na Vila Cabrinha.

Por vezes, devido à dimensão do conjunto, existiam equipamentos colectivos de apoio aos moradores, como escola, posto da polícia, sanitários ou lojas.<sup>31</sup>

18. Esquiço na Rua da Senhora do Monte em direcção à Rua Josefa Maria., mostrando a fachada. Bairro da Estrela d'Ouro – exemplo de Vila de escala urbana.



<sup>30</sup> Ibid., 571.

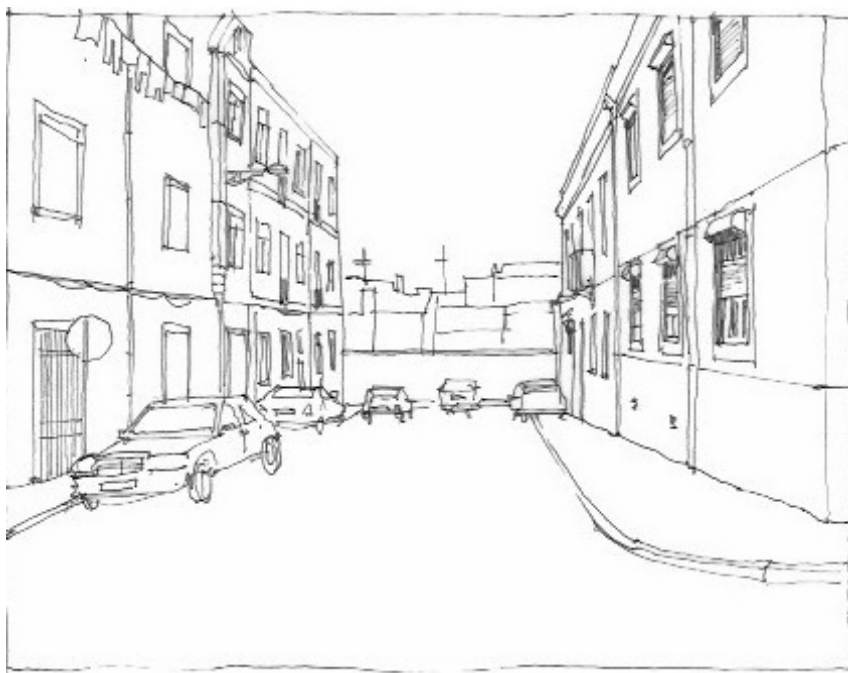
<sup>31</sup> Salgueiro, «Habitação operária em Lisboa», 1981, p. 76.

**BAIRRO  
OPERÁRIO E  
ECONÓMICO**



Após a criação de algumas sociedades e cooperativas<sup>32</sup> de construção e habitação, o proletariado industrial começa a criar **bairros operários e económicos** com os poucos recursos que tinham. Pode-se dizer que esta tipologia será um desdobramento da vila operária, pois desenvolve-se de forma mais integrada no tecido urbano em que se insere e articula-se com o esquema viário.<sup>33</sup> Morfologicamente semelhante a uma vila de escala urbana, surge o Bairro Operário dos Barbadinhos, na freguesia de Santa Engrácia, apresentando uma arquitectura simples e austera, que relata a escassez de recursos com que foi construída.

Este bairro organiza-se por blocos de rés-do-chão e dois andares com filas de vãos, alinhados sem qualquer preocupação estética.



19. Bairro dos Barbadinhos – Vila formando rua.

20. Esquício a partir da rua no Bairro Operário dos Barbadinhos – exemplo de Bairro Operário e Económico. Imagem elaborada pela autora.

<sup>32</sup> A Companhia Comercial Construtora lança a construção do Bairro Operário dos Barbadinhos em 1890.

<sup>33</sup> Rodrigues, *Tradição, transição e mudança: a produção do espaço urbano na Lisboa oitocentista*. 1979, p. 46.



**VILA**

**DIRETAMENTE  
LIGADA À**

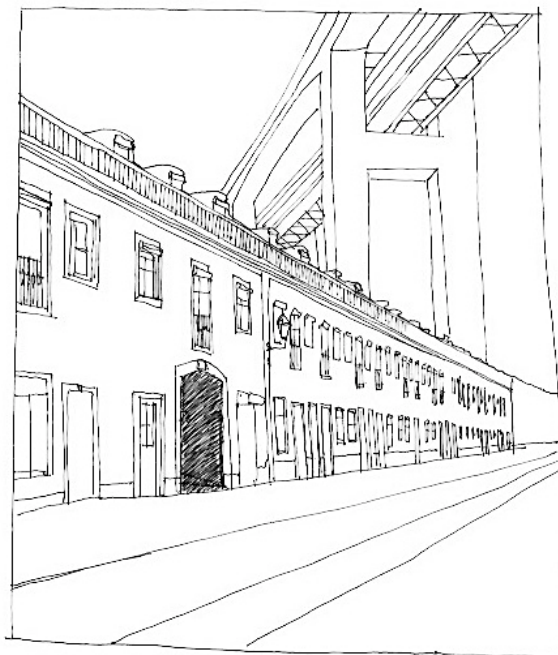
**PRODUÇÃO**

21. Diagrama formal.  
Vila Operária da Antiga Fábrica de Tecidos de Santo Amaro – Vila construída atrás de edifícios

Já numa fase em que a falta de habitação para o operário prejudicava o desenvolvimento industrial, as empresas tomam a iniciativa de construir alojamentos adjacentes ao local de trabalho, e surgem vilas onde por vezes existiam tipologias integradas nas próprias instalações fabris. Podia-se encontrar também habitações construídas sobre os armazéns, que se destinavam ao pessoal que desempenhava funções de cargos superiores.

Este fenómeno apresenta grande afluência nas zonas de Alcântara e Xabregas.<sup>34</sup> É exemplo o conjunto de habitação adjacente à antiga fábrica de Tecidos de Santo Amaro. Esta unidade fabril foi a primeira a edificar uma vila operária para os seus funcionários, em 1873,<sup>35</sup> e concedia aos seus habitantes escola primária, creche e corpo de bombeiros.

22. Esquízo na Rua 1º de Maio.  
Vila Operária da Antiga Fábrica de Tecidos de Santo Amaro – exemplo de Vila diretamente ligada à produção. Imagem elaborada pela autora.



<sup>34</sup> Pereira, «Pátios e vilas de Lisboa, 1870-1930», 518.

<sup>35</sup> Oliveira, «Edifício da Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense».



Apuramos que as vilas se apresentam como organismos disfarçados no tecido urbano; como edifícios inibidos que se recolhem nos vazios deixados pelos mais abastados, e que poucas vezes são perceptíveis através da rua. Pode-se observar que na maioria dos casos, a tipologia da vila era definida consoante o terreno em que se seria inserida, sendo que todas estas formas surgiram pela sua capacidade de adaptação ao local.

### **Caracterização construtiva e arquitectónica**

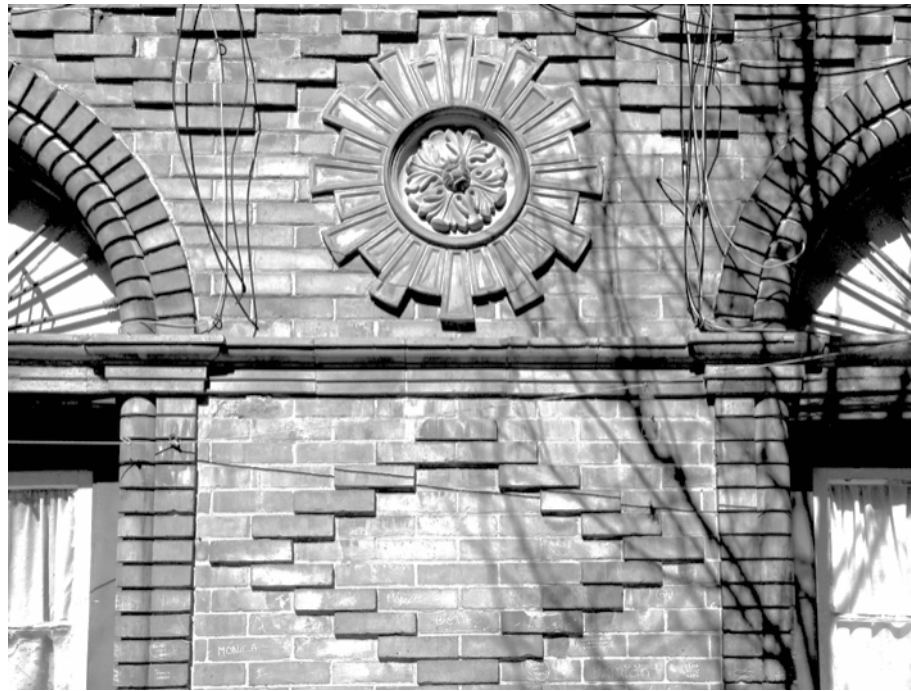
No que respeita à construção das vilas, Nuno Teotónio Pereira apresenta-nos as soluções formais que derivavam inteiramente do factor económico. Por isso, a estrutura era modular, os materiais baratos, a cércea e as áreas de habitação mínimas. Para haver uma maior rentabilidade dos espaços interiores, utilizavam-se escadas e galerias exteriores ou passadiços em ponte. As decorações das fachadas seriam em estuque com azulejo ou tijolo; com elementos estruturais de ferro nas escadarias, galerias e guardas. Porém existem casos que apresentam uma maior preocupação pela construção e pelo detalhe, sem deixar de existir a preocupação económica e consoante as possibilidades dos construtores ou proprietários. Isto verificava-se na grande riqueza decorativa, na qualidade formal e espacial e na organização interior das habitações. Existia uma preocupação pela simetria dos edifícios, o desenho dos letreiros em chapa esmaltada ou o remate ornamental das coberturas. Exemplos deste tipo de construção são a Vila Sousa, edifício de grande imponência com a sua fachada exterior decorada de azulejos azuis cuja entrada para o pátio se faz por um portão de ferro; ou a Vila Luz Pereira que se distingue pela elegância das suas varandas de ferro e pelo detalhe decorativo do tijolo presente nas suas fachadas.



23. Fotografia da Vila Sousa onde se observa a fachada em azulejo, o letreiro em chapa esmaltada e os vãos ornamentais com as suas varandas em ferro. 24. Fotografia da Vila Luz Pereira tirada a partir do corredor central da vila. Observa-se o detalhe do tijolo que contorna os vãos, assim como as suas varandas em ferro.

A Vila Almeida ou o Prédio do Tijolo são dois casos que apresentam um grande interesse tanto pelo desenho como do seu esquema distributivo que, no caso do Prédio do Tijolo, se organiza através de uma elegante galeria em ferro situada a tardoz do edifício.

Apesar das suas diferenças, todas as vilas seriam projetadas para o proletariado, nunca perdendo a essência daquilo que uma vila operária representava.<sup>36</sup>



25. Vila do Tijolo. Pormenor da fachada demonstrando a capacidade decorativa do tijolo. Fotografia da autora.

---

<sup>36</sup> Pereira, «Pátios e vilas de Lisboa, 1870-1930».

## **Projetos de Referência**

De forma a complementar esta pesquisa que teoriza este tema, faz-se agora uma leitura eminentemente prática.

Nesta parte, exploram-se alguns casos de estudo de diferentes naturezas, de forma a conseguirmos abordar diversas formas de apropriação destes espaços. Uma vila transformada num espaço de artes e comércio, no Rio de Janeiro que representa um pouco da cultura das vilas do Brasil; um bairro operário em Lisboa, no qual se fez a remodelação de um apartamento; o Páteo Bagatela, antiga vila operária transformada em condomínio de luxo; e a remodelação de uma ilha do Porto, que demonstra a urgente necessidade de oferecer espaços minimamente dignos de habitação.

Com isto, pretende-se tocar em diversas temáticas dentro do universo das vilas operárias: transformação de usos, remodelação de fogos, alterações profundas e inserção de novos usos e por fim, reabilitação de espaços insalubres, de forma a demonstrar as suas capacidades de mutação.



26. Vila do Largo- Vista do pátio interior. Espaço destinado a pequena empresa de comunicação e design.

## **Vila do Largo**

Rio de Janeiro

Um espaço criado com o intuito de reunir artistas e voltado para as artes em geral, a vila do largo foi construída no ano de 1930 e as suas primeiras obras de reabilitação em 2004, depois de ter estado à beira da demolição em 1990. A vila encontra-se numa praça, onde se fazem habitualmente mercados de ruas e feiras culturais, inserida num dos bairros residenciais mais antigos do Rio de Janeiro.

Carlos Rangel, um arquiteto que compra a maior parte das casas, tem o objectivo de criar comércio e serviços dedicados à arte e cultura, reabilitando os espaços de que dispunha e tentando preservar o aspecto exterior da vila. Dá então origem a um edifício que tem hoje 2 restaurantes, 34 estúdios de habitação, alguns deles ainda habitados por pessoas anteriores à reabilitação da vila, cinema, salas de leitura, ateliers e escritórios.<sup>37</sup> O piso superior é destinado a hospedagem. Existe ainda uso misto de funções, habitação e atelier de artistas numa das unidades.

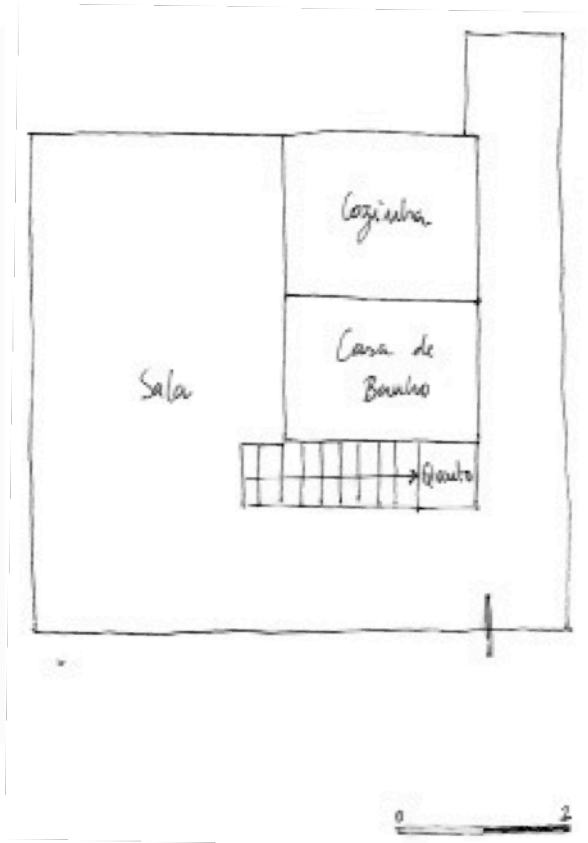
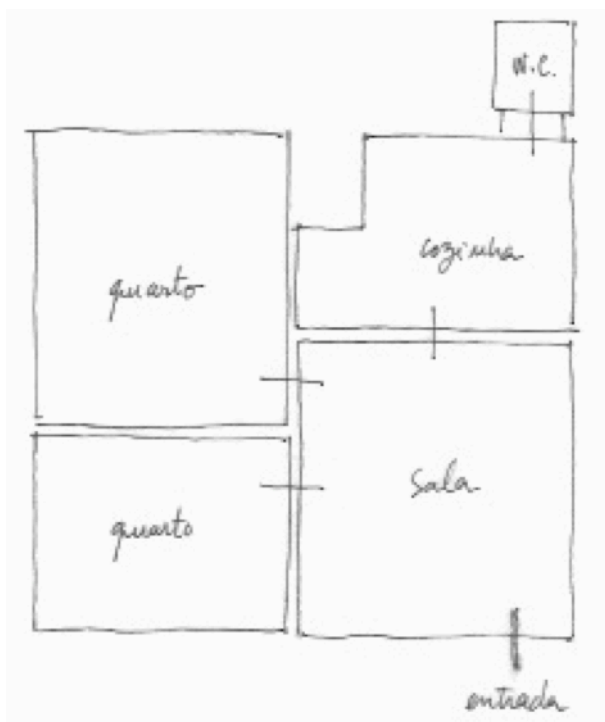
A fachada do edifício é constituída por vidro e tijolo. Passando pelos portões principais, existe um longo e central átrio que divide os dois corpos e acaba num beco, fazendo a distribuição para as unidades.

A pedra do edifício original é utilizada em vários locais, como elemento decorativo, de forma a prestar homenagem às origens, mantendo a sua essência. Este edifício tornou-se num espaço que possui a energia certa para atrair uma vasta comunidade de artistas e curiosos.<sup>38</sup>

---

<sup>37</sup> Luz, *Vilas Cariocas - Estudos de caso*. 2014

<sup>38</sup> Ansari, «Vila do Largo, Culture in Laranjeiras» 2011.



27. Diagrama de espaços – Relação entre o módulo habitacional original. Pode-se observar as dimensões limitadoras dos espaços existentes e o módulo habitacional actual, piso 0. Passa a existir uma relação visual entre todos os espaços; mantêm-se inalterados os elementos estruturantes principais: paredes exteriores e cobertura de duas águas. Diagrama elaborado pela autora.

## Remodelação de um fogo na Vila Grandela

São Domingos de Benfica, Lisboa

O Bairro ou Vila Grandela insere-se na categoria de vila de escala urbana e serviu para alojar os operários da Sociedade Algodoeira do Fomento e dos Armazéns e Fábricas Grandela. Os edifícios, datados de 1902, albergam 70 habitações distribuídas por dois longos corpos que se dividem em dois pisos. O acesso é feito através de umas escadas com alpendre. Numa outra zona do quarteirão foram construídas moradias unifamiliares, destinadas a alojar moradores hierarquicamente superiores.<sup>39</sup> A fazer o remate de cada bloco, existem dois edifícios de proporções maiores com um pórtico apoiado em seis colunas, frontão decorado e uma escadaria. Estes mesmos edifícios acolhiam a escola primária e creche dos filhos dos operários.<sup>40</sup> Esta vila assenta em memórias de um socialismo utópico e paternalista, pela preocupação evidente com o bem-estar dos empregados.

O objecto de estudo será focado num dos módulos habitacionais. Em apenas 36m<sup>2</sup>, este projeto de interiores<sup>41</sup> desenvolve-se em torno de um *motor* central, unificador de todas as áreas, que comporta as partes técnicas da casa. Tirando partido de um sótão inutilizado e rasgando a laje, a casa passa a apresentar um pé direito duplo com mezanino onde se situa a zona de dormir. Numa intervenção onde a economia de custos e a habitabilidade e conforto eram necessidades, acabou por ser um desafio gratificante da organização deste espaço que nunca tinha sido objecto de intervenção.

---

<sup>39</sup> Oliveira, «Bairro Grandela - detalhe» 2007.

<sup>40</sup> Castelhana, «Retalhos de Bem-Fica» 2009.

<sup>41</sup> Projeto de interiores da autoria do atelier FCCB Arquitectos Associados, 2004



**28.** Pátio Bagatela – vista do espaço público exterior. Esta fachada foi alvo de grandes transformações, incluindo novas varandas, vãos e terraços e também ao nível do piso térreo os espaços de comércio e restauração que terão sido ampliados para o efeito.

## **Pátio do Bagatela**

São Mamede, Lisboa

O Pátio ou Vila Bagatela, localizado na Rua Artilharia 1, terá sido mandado edificar, por volta de 1900 por um mineiro retornado do Brasil. A vila foi desenhada conformando um pátio com uma correnteza de edificações com dois pisos cujo acesso se faz através de escadas e galeria.

Alguns anos mais tarde é adquirida, juntamente com o Pátio do Monteiro que lhe é contíguo, por uma entidade Imobiliária com o objectivo de se tornar num condomínio de luxo. Os edifícios foram alvo de alterações profundas, quer interior como exteriormente, visto que se alterou a organização e estrutura do interior das habitações, assim como todo o alçado tardoz. Por se introduzir novos usos houve a obrigação de realojar a população existente.<sup>42</sup>

O projeto<sup>43</sup> foi concretizado entre 1994 e 1996, mantendo de certa forma alguma harmonia da espacialidade e volumetria originais, articulando novas construções com a pré-existência. Com o objectivo de criar um programa multifuncional de habitação, escritórios e comércio, tornou-se também num espaço público de excelência, articulando percursos, galerias e praças.<sup>44</sup>

A vila Bagatela apresenta assim, um exemplo possível de ação sobre pré-existências desta categoria.

---

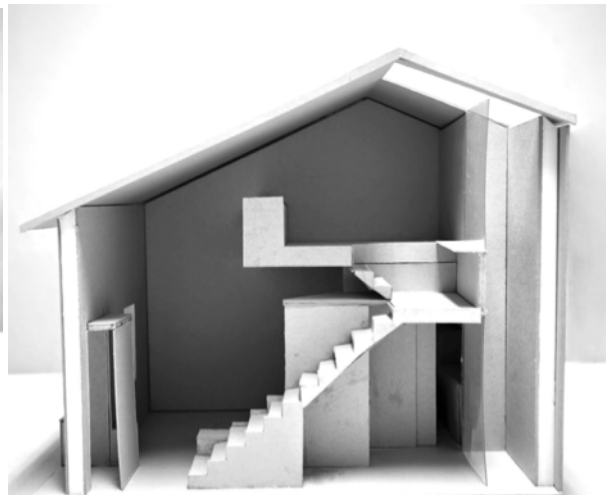
<sup>42</sup> Cruz, «Pátio da Bagatela», 2013.

<sup>43</sup> Projeto da autoria dos arquitectos João Miguel Hugenin Duarte Ferreira e Miguel de Andrade e Sousa.

<sup>44</sup> CML, «Pátio Bagatela», 2015.



29. Ilha da Bela Vista. Vista interior de uma habitação. A fotógrafa Cristina Neves ocupou-se dos espaços em ruína na Ilha da Bela Vista. Nas fotografias em que Cristina Neves nos mostra o abandono, os objetos de quem já não mora ali, a Bela Vista parece uma ilha sem futuro.



30. Corte transversal de uma das várias tipologias de habitação propostas. 31. Corte transversal de uma das várias tipologias de habitação propostas. O programa para a Ilha da Bela Vista contempla várias tipologias de habitação, que têm como matriz referencial o habitáculo pré-existente, na sua morfologia, área bruta disponível, organização e diversas apropriações do espaço interior em função das funções que uma casa deve dar resposta: lazer, comer, descanso, convívio, higiene, segurança e conforto, etc.

## **Ilha da Bela Vista**

### **Bonfim, Porto**

A intervenção na ilha é feita por parte da Câmara Municipal do Porto que tem como objectivo reabilitar, qualificar e incluir estes bairros no meio social, de forma a evitar a degradação destes edifícios assim como o abandono social e económico a que têm sido submetidos.

A Ilha alberga 43 fogos, alguns com dois pisos, e agrupam-se em quatro correntezas paralelas que definem dois corredores estreitos e fazem o acesso a todas as casas.

Sendo um programa de habitação básica e de custos reduzidos, contempla várias tipologias de habitação que se baseiam no módulo pré-existente e da participação das pessoas no projeto de arquitectura. Portanto, o diálogo entre os habitantes e os arquitetos é uma constante em todo o processo. Começou-se por analisar, descrever e interpretar o habitar da Ilha, registando as diversas formas de apropriação do espaço interior e exterior.

Analisaram-se os principais problemas das habitações, tais como a falta de luz natural, ausência de ventilação ou as infiltrações de águas que condicionam a forma digna de habitar e partiu-se para um projeto de arquitectura básica participada, onde a luz e o silêncio nos conduzem para uma unidade simples de tipologias.

Nesta intervenção, tenta-se valorizar os átrios, os percursos tal e qual nos indicam as memórias de habitar uma Ilha do Porto.<sup>45</sup>

---

<sup>45</sup> Rodrigues, «ILHA DA BELA VISTA - Um Programa, um Projeto de Habitação Básica Participada», 2014.

Nesta breve abordagem pela história deste ícone arquitectónico da história de Lisboa, observamos que a vila operária se apresenta em considerável densidade no tecido urbano da cidade de Lisboa, e oferece uma vasta variedade de novas opções e vivências para cidade. Sendo o objectivo do trabalho reabilitar uma área urbana que enquadra um conjunto de vilas, é essencial que estas tenham um papel ativo na estratégia urbana. Observa-se um nível considerável de degradação em grande parte da habitação operária. No entanto, degradação significa também inúmeras hipóteses de transformação do edificado para algo com maior potencial urbano, arquitectónico e principalmente social.

Por vezes, estas vilas tornam-se pontos sensíveis e negativos na cidade, pelo que este tipo de energia deve ser alterada. Visto que este tipo de habitação se apresenta como um problema *micro-localizado*, maioritariamente fraco na projeção de energias positivas, torna-se necessário reativar e recriar estes espaços, atribuindo um novo significado à sua envolvente e à sua comunidade. Portanto, a vila será o elemento pontual e catalisador para a revitalização de um tecido urbano mais abrangente e, tal como se observará na próxima parte, a acupuntura urbana responde bem a esta forma de intervenção.





**32.** *Urban Acupuncture* por Hiroki Oya e Marco Casagrande.

## 1.2. A ACUPUNTURA URBANA

*“Acredito que algumas “magias” da medicina podem, e devem, ser aplicadas às cidades, pois muitas delas estão doentes, algumas quase em estado terminal. Assim como a medicina necessita da interação entre médico e paciente, em urbanismo também é preciso fazer a cidade reagir. Cutucar uma área de tal maneira que ela possa ajudar a curar, melhorar, criar reações positivas e em cadeia. É indispensável intervir para revitalizar, fazer o organismo trabalhar de outra maneira.”<sup>46</sup>*

Enquanto que o pensamento convencional diz-nos que o desenvolvimento urbano requer projetos de grande escala nas cidades, Southern e Monchaux defendem que ruas secundárias, casas hipotecadas e terrenos baldios oferecem um maior campo de trabalho para a sustentabilidade. Em vez de grandes parques verdes que as pessoas têm como destino, é preferível oferecer uma série de *micro-parques* que sejam usados todos os dias a caminho de casa ou do trabalho.<sup>47</sup>

Entende-se que a acupuntura urbana atua sobre intervenções de pequena escala, e cria uma melhor habitabilidade. Este processo escolhe locais estratégicos, geralmente marginalizados ou esquecidos, que possam oferecer uma maximização de efeitos positivos, socialmente.<sup>48</sup>

Um tipo de informação mais compreensiva e detalhada ainda é escassa neste tema.

As várias definições disponíveis, assim como implementação de projetos, ainda se encontram explicadas de uma forma vaga. No entanto, existem iniciativas notáveis tomadas por uma série de praticantes destas ações.

---

<sup>46</sup> Lerner, *Urban Acupuncture*. 2014.

<sup>47</sup> Kaye, «Could Cities' Problems Be Solved by Urban Acupuncture?», 2011.

<sup>48</sup> Hoogduyn, «Urban Acupuncture - Revitalizing urban areas by small-scale interventions», 2014, p. 5.

## Exploração teórica

O conceito de Acupuntura Urbana é relativamente recente e tem sido abordado durante as últimas décadas.

Desde o novo-iorquino, Gordon Matta-Clark que conjuga arte e arquitetura; Nicholas de Monchaux, professor na Universidade da Califórnia, que utiliza a tecnologia como método de investigação dentro deste tema, ou Adam Parsons, arquiteto inglês, que explora as teorias dos impulsionadores do tema como fundamento para um projeto acadêmico de regeneração sustentável de uma determinada área urbana em Istambul, estes autores oferecem-nos uma versão da acupuntura urbana aplicada na prática.

Todas as figuras enunciadas são exemplos de como a Acupuntura Urbana pode ser uma ferramenta bastante flexível e adaptável às diferentes necessidades práticas.

No entanto, existem três figuras que exploraram o assunto de uma forma mais aprofundada, não dispensando, no entanto, os estudos de muitos outros autores que têm vindo a explorar o tema de forma teórica e prática.

Primeiro, surge Manuel de Solà-Morales que se acredita ter sido o pioneiro neste assunto e o primeiro a defini-lo, com projetos aplicados desde 1970. Logo de seguida Jaime Lerner tem vindo a desenvolver este conceito em muitos dos seus projetos, como se evidencia no seu discurso na conferência TED, em 2007.<sup>49</sup> Marco Casagrande, arquiteto finlandês que tem vindo a explorar aprofundadamente esta questão, torna-se já uma forte referência dentro deste tema também com projetos já concretizados.

---

<sup>49</sup> Jaime Lerner: *A song of the city*. 2007.

Manuel de Solà-Morales (n. 1939, m. 2012), arquiteto e professor de planeamento urbano em Barcelona, dedicou a sua carreira ao entendimento máximo das cidades, como crescem e como podemos todos fazer parte do seu crescimento.

No seu livro *A Matter of Things* refere a prática medicinal da acupunctura onde o corpo humano tem pontos sensíveis. Estes pontos transmitem energias para o resto do corpo através de percursos. Então, a cidade também é composta por uma pele que contem construções, texturas e contrastes. O contacto entre os nossos corpos e a pele da cidade é, para Solà-Morales, o que constitui a experiência urbana. Para operar sobre a pele devemos considerar se adicionamos, removemos ou transformamos coisas; estes tipos de operações devem ser precisamente situadas em locais da fraca energia da cidade. Como o autor refere: *As in therapeutic acupuncture, the location of the sensitive point is the first step in the strategic treatment of the urban skin.*<sup>50</sup>

33. Manuel de Solà-Morales e Rafael Moneo, 1986.



<sup>50</sup> Solà-Morales e Geuze, *A Matter of Things*. 2008.

Jaime Lerner (n. 1937), arquiteto e urbanista brasileiro levou a cidade de Curitiba a uma revolução urbana, transformando uma cidade que era congestionada, suja e marginalizada pelos habitantes, num novo modelo ecológico que mudou toda a sua dinâmica social.

Lerner descreve que sempre teve a esperança, de colocar uma agulha numa zona pobre em energia, e curar a doença, método da acupuntura urbana que reativa as energias dos lugares e que se multiplicam em cadeia para os seus espaços envolventes.

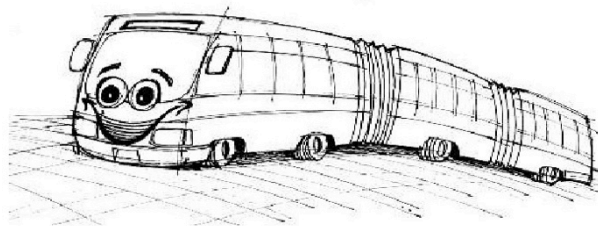
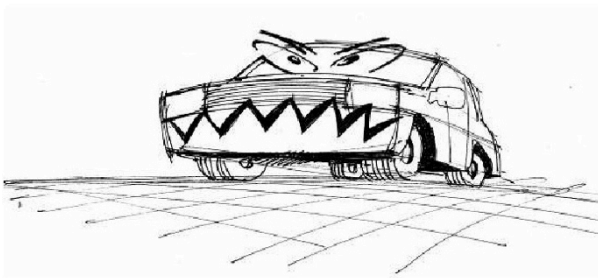
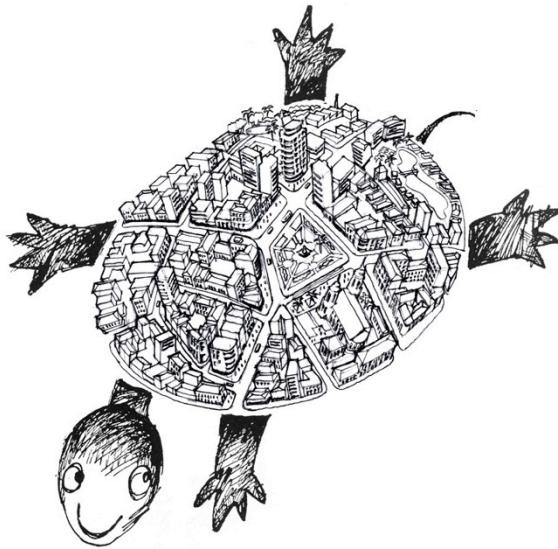
O seu objectivo para potenciar as cidades, passa pelas temáticas da sustentabilidade, mobilidade e tolerância da parte da sociedade, sendo essencialmente nestes campos que a acupuntura urbana se reflete.<sup>51</sup> Tal como explica no seu discurso,<sup>52</sup> qualquer cidade do mundo pode ser transformada num período de três anos mesmo sem a problemática financeira: *If you want creativity, cut one zero from your budget. If you want sustainability, cut two zeros from your budget.*

O envolvimento das pessoas e dos habitantes neste processo, é fundamental, é necessário saber se estamos no caminho certo e sermos corrigidos. Assim como é uma mais valia ter a participação de crianças nos projetos e educar as crianças para que mais tarde ensinem também os pais. Lerner utiliza três personagens que ajudam a explicar a sua perspectiva sobre a cidade.

---

<sup>51</sup> Lerner, *Urban Acupuncture*. 2014

<sup>52</sup> *Jaime Lerner: A song of the city*. 2007.



**34.** A Tartaruga. A estrutura da sua carapaça é semelhante ao tecido das cidades e inclui um sistema sustentável de transportes que toda a gente pode usar. A forma como vivemos atualmente quebra esta conceito, pois nós vivemos aqui, trabalhamos ali e temos lazer noutro lugar.

**35.** Otto o automóvel. Representa o uso excessivo de carros. Podemos usá-lo, mas não pode ser o principal veiculo de transporte. O carro é egoísta, só transporta uma ou duas pessoas, dificultando a mobilidade das cidades.

**36.** Acordeão - o autocarro amigo. Ilustra os transportes públicos que Lerner defende. Ao contrário do automóvel, este requer menos energia, transporta muito mais pessoas e contribui para a mobilidade e sustentabilidade das cidades.

O nova-iorquino Gordon Matta-Clark (n. 1943, m. 1978) combina arte e arquitetura em projetos e instalações artísticas de acupuntura urbana. Identificando bolsas de ruína em ambientes construídos,<sup>53</sup> o artista transformava edifícios em próprias instalações de arte. O processo passava por mapear, adquirir e alterar os edifícios ao longo da cidade.<sup>54</sup> O movimento teve lugar nos anos 70 e demorou cerca de três anos a encontrar 15 lugares.<sup>55</sup> Os seus trabalhos baseavam-se em serrar e esculpir seções de edifícios abandonados, à beira de serem demolidos. O seu primeiro projeto de maior escala foi intitulado por *Splitting*.<sup>56</sup>

John Southern, arquiteto e professor em Los Angeles, refere numa entrevista que a Acupuntura Urbana é uma intervenção seletiva e cirúrgica aplicada ao tecido urbano, que pode substituir grandes projetos que envolvem não só dezenas de hectares, como investimentos e infraestruturas que as câmaras não podem continuar a providenciar. Southern defende que se deve tratar as cidades como organismos vivos, através de micro alvos e táticas de baixo custo pode-se oferecer espaços cobiçados pelos residentes sem terem que se deslocar muito até eles. Numa era de orçamentos contidos e recursos limitados, esta abordagem *super-localizada* no território oferece novas hipóteses de vivências sociais aos utilizadores dos espaços urbanos.<sup>57</sup>

---

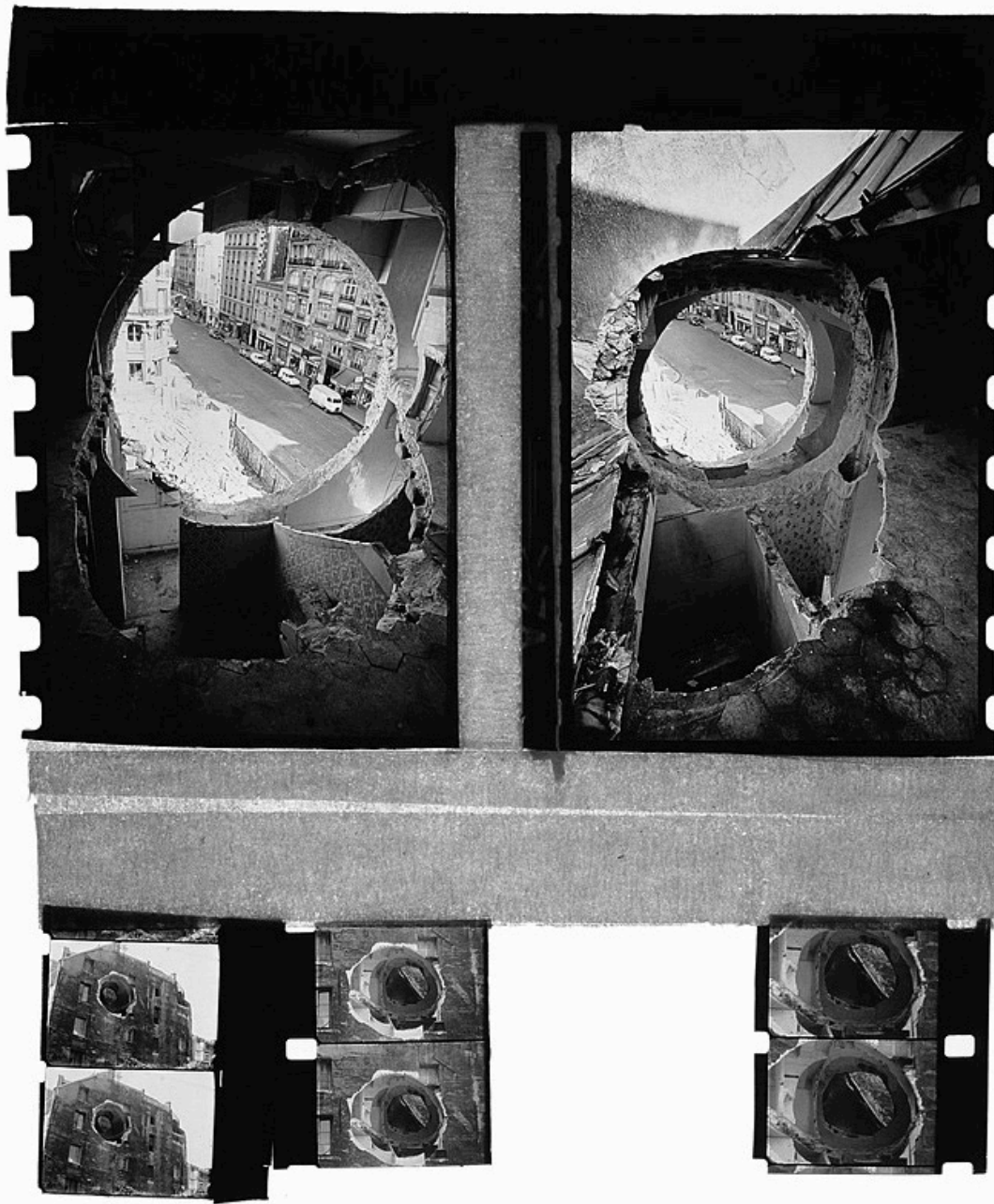
<sup>53</sup> Miller, «Urban Acupuncture», 2011.

<sup>54</sup> Casagrande, «Urban Acupuncture», 2008.

<sup>55</sup> Kaye, «Could Cities' Problems Be Solved by Urban Acupuncture?», 2011.

<sup>56</sup> Zvidsable, *Gordon Matta-Clark; Splitting 1974*, 2012.

<sup>57</sup> Kaye, «Could Cities' Problems Be Solved by Urban Acupuncture?», 2011.



**37.** Gordon Matta-Clark. *Conical Intersect*. 1975. Solomon R. Guggenheim Museu, Nova Iorque.

*Conical Intersect* é uma crítica à gentrificação urbana. Através de uma enorme incisão que atravessa dois edifícios adjacentes, oferece uma vista do seu esqueleto a quem passa perto do Centro Georges Pampidou. Esta obra contempla a ruína cívica de uma forma poética.

Apesar da questão da Acupuntura Urbana ter sido lançada por Manuel de Solà-Morales, tem sido Marco Casagrande (n.1971) o recente impulsionador do tema. Casagrande, observa as cidades como complexos organismos de energia que se organizam em diferentes camadas e que determinam as ações dos cidadãos, assim como do desenvolvimento da cidade.<sup>58</sup> Intercalando ecologia, sustentabilidade e desenho urbano, o arquiteto tem vindo a desenvolver métodos para que através da manipulação pontual no território se formem novas energia. *The Cicada*<sup>59</sup> é um projeto que foi aplicado num local completamente descompensado, no centro da cidade de Taipei, e que desencadeou reações muito positivas nos habitantes, tornando-se num espaço público muito utilizado. Trata-se de um casulo construído somente com bambu, água e fogo, que penetra neste terreno e resolve os problemas de indolência aqui deixados. A arquitectura tem o poder de produzir as agulhas da acupuntura para criar um equilíbrio urbano.<sup>60</sup>

38. *The Cicada*. Taipei.  
Marco Casagrande.  
Foto: AdDa Zei.



---

<sup>58</sup> Casagrande, «Urban Acupuncture», 2008.

<sup>59</sup> Casagrande, «Cicada», 2011.

<sup>60</sup> Hoogduyn, «Urban Acupuncture - Revitalizing urban areas by small-scale interventions», 2014, p.18.

A tecnologia tem permitido um aumento de sucesso na área da Acupuntura Urbana. Enquanto que em 1970 Gordon Matta-Clark demorou três anos a encontrar 15 lugares, hoje um software de mapeamento localiza centenas de locais abandonados e em ruína em minutos.<sup>61</sup> Nicholas de Monchaux (n. 1973) professor da Universidade da Califórnia, descreve numa entrevista que os resultados que tem obtido com este sistema são espantosos, o que lhe têm proporcionado diversas oportunidades na área da Acupuntura Urbana. *Local Code* é um projeto desenvolvido em conjunto com estudantes, que se foca em espaços citadinos em desuso e propõe um sistema de adição de pequenos espaços verdes, a uma escala maior. Muitos destes espaços em desuso são ruas sem utilização, que não têm qualquer manutenção ou trânsito; existem 1.625 espaços como estes, principalmente à volta de autoestradas e zonas industriais.<sup>62</sup> Matta-Clark define estes locais como *spaces between places*, que não estão fora da vista, mas certamente fora do pensamento.<sup>63</sup>

Será a Acupuntura Urbana uma mera tendência ou rumor?

Lugares que foram tocados por este conceito - abandonados, sem proprietário, uso ou manutenção, transformaram-se em zonas de recreio social, *pocket parks*<sup>64</sup>, florestas urbanas ou simplesmente de mobiliário urbano e ofereceram por completo uma nova vitalidade tanto aos habitantes como à cidade.

---

<sup>61</sup> Kaye, «Could Cities' Problems Be Solved by Urban Acupuncture?», 2011.

<sup>62</sup> Arieff, «Space: It's Still a Frontier», 2010.

<sup>63</sup> Nicholas de, *Local Code / Real Estates*, 2010.

<sup>64</sup> *Pocket Parks* - pequeno parque geralmente criado em logradouros de edifícios.



39. Fotografias de Nicholas de Monchaux do local de pesquisa, São Francisco, 2009

## Princípios da Acupuntura Urbana

Após descritas as visões de alguns autores pioneiros, será feita uma desfragmentação das suas teorias, de forma a entender como estas podem ser aplicadas em componentes práticas. Assim, desenvolve-se a discussão de uma série de linhas de orientação desta teoria.

Adam Parsons explora exatamente esta questão e refere que não existe uma lista específica de regras para a aplicação deste conceito, somente alguns princípios.<sup>65</sup>

O primeiro princípio desta teoria será a *determinação do ponto sensível*, estabelecido por Solà-Morales. Este, refere que a localização de um ponto sensível é o primeiro passo no tratamento estratégico da pele urbana.<sup>66</sup> O local, deve apresentar uma energia muito fraca ou quase nula. Depois de descobrirmos estes locais na cidade, podemos questionar que tipo de elementos podemos adicionar, remover ou modificar, de forma a melhorarmos o lugar. Casagrande, Lerner e até Matta-Clark defendem este princípio como o primeiro a ser explorado.

Estabelecer de imediato o *cenário do local* ou cidade com a qual vamos interagir é fundamental. Lerner, no seu discurso<sup>67</sup>, explica que qualquer cidade do mundo tem a capacidade de ser melhorada, mas para isto acontecer temos que propor um cenário e um plano... Uma ideia que apele à maioria dos habitantes, para que estes possam também ajudar na sua concretização.

---

<sup>65</sup> Parsons, «Small Scale BIG CHANGE»,2011, p.11.

<sup>66</sup> Sola-Morales e Geuze, *A Matter of Things*. 2008.

<sup>67</sup> Jaime Lerner: *A song of the city*. 2007.

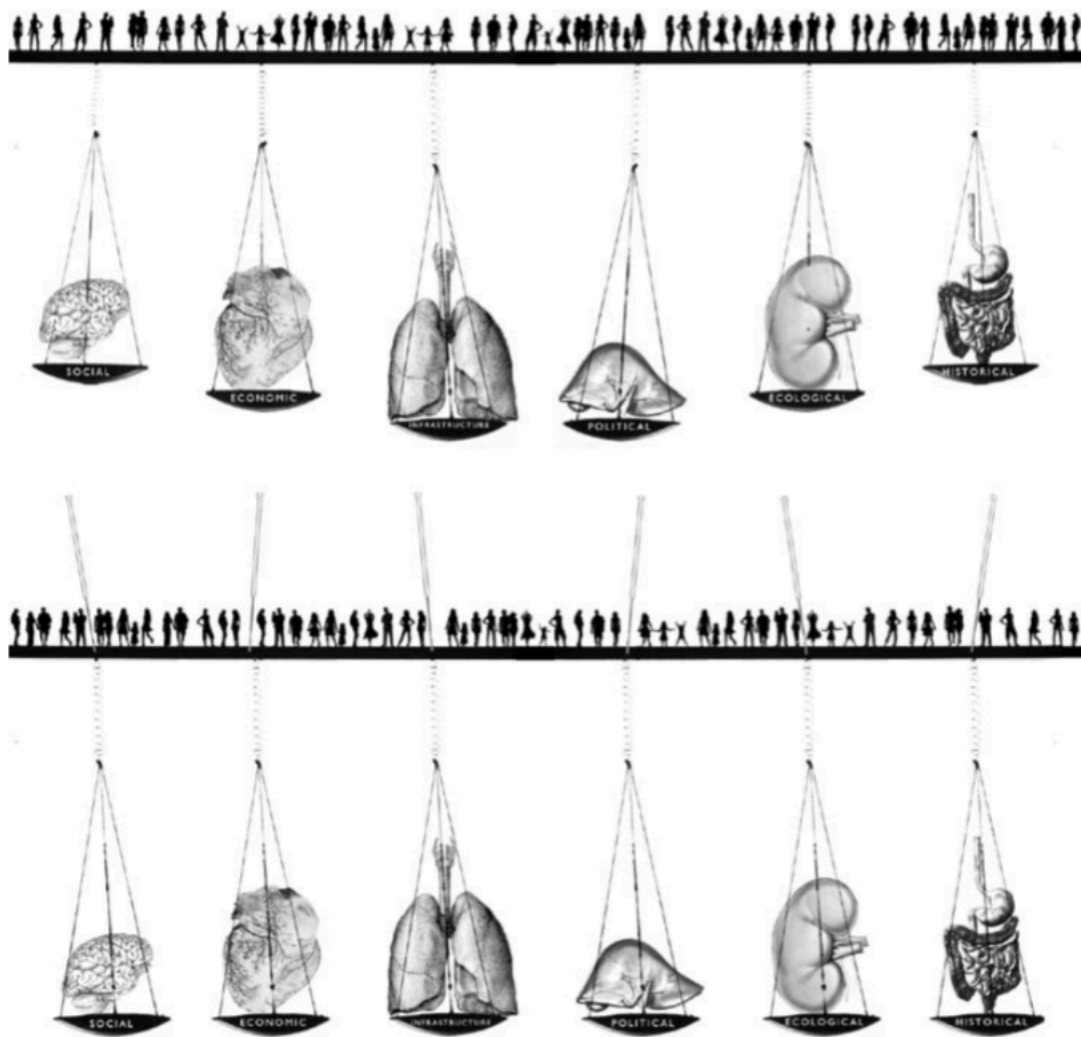
Tal como foi referido anteriormente por Southern, contrariamente aos processos convencionais de planeamento, que se prolongam por tempos indeterminados, este tipo de *ação* deve ser *micro-localizada* e deve apresentar resultados rápidos. Este será o terceiro princípio a ser distinguido. Lerner afirma que numa cidade temos que agir rápido mas como planear requer tempo, a acupuntura urbana é a solução.<sup>68</sup> No entanto, criar ações que tragam resultados rápidos à cidade não deve ser confundido com agir rapidamente. A ação deve ser concretizada de forma rápida, mas não tem necessariamente que fazer parte de um processo de criação rápido. A Acupuntura Urbana gera um processo calmo de pensamento e análise e que abre portas para a flexibilidade e mutabilidade. Segundo Casagrande, qualquer cidadão se pode juntar ao processo criativo do projeto, e sentir-se à vontade para participar nas questões de desenho conforme os seus desejos.<sup>69</sup> A participação dos habitantes no projeto é o quarto princípio. No processo da acupuntura urbana apercebemo-nos de que, para melhor compreendermos um local e nos integrarmos nele, devemos prestar atenção às necessidades dos habitantes, para melhorar a chance de termos uma intervenção de sucesso. Não devemos ser egoístas ao ponto de acharmos que temos todas as respostas. É muito importante ter a contribuição das pessoas, pois podem indicar-nos se estamos a seguir o caminho mais acertado.<sup>70</sup> É, por isso, essencial haver uma *perspectiva humana*.

---

<sup>68</sup> Ibid.

<sup>69</sup> Casagrande, «Urban Acupuncture», 2008.

<sup>70</sup> Jaime Lerner: *A song of the city*. 2007.



**40.** *Equilibrando a saúde.* Adam Parsons. *Small scale Big Change*, 19. 2008. O corpo tem uma pele e uma subcamada onde os órgãos humanos estão localizados. A cidade pode também ser lida como um corpo em que a fábrica urbana é comparada à subcamada da cidade. Há elementos que não são visíveis: culturais, sociais, econômicos, infraestruturais, ecológicos, históricos e políticos. Ainda assim, apesar de não serem sequer objetos tangíveis, a sua saúde é visível num ambiente urbano. Através de intervenções estratégicas, estes órgãos podem começar a serem equilibrados, usando a sociedade como alvo intermediário para esta mudança.

O quinto princípio da acupunctura urbana é a **educação**. Perceber como a cidade funciona, do ponto de vista dos habitantes, permite-nos melhorar as nossas possibilidades de projetos bem sucedidos. Não existe só a necessidade de entender as perspectivas da sociedade, é também importante transferir conhecimento para a sociedade.<sup>71</sup>

Lerner, é o principal defensor desta ideia pois acredita que podemos aprender muito com a forma como a sociedade vê a cidade, assim como também podemos ensinar as pessoas que a habitam. As crianças têm um papel essencial neste tema, porque se pensarmos em sustentabilidade, pensamos não só em novos materiais, edifícios sustentáveis, fontes de energia, mas também no conceito da própria cidade. É importante ensinar as crianças, que conseqüentemente vão ensinar os seus pais.

O sexto princípio é a necessidade para uma **abordagem integral** deste tema. A Acupunctura Urbana afasta-se do processo de planeamento convencional pelo que cria respostas criativas para os desafios da revitalização.<sup>72</sup> Esta visão global também se refere aos elementos que necessitam de ser avaliados no local e que envolvem factores ecológicos, económicos, culturais, infraestruturais, históricos e políticos.<sup>73</sup>

---

<sup>71</sup> Parsons, «Small Scale BIG CHANGE», 2011.

<sup>72</sup> Hoogduyn, «Urban Acupuncture - Revitalizing urban areas by small-scale interventions», 2014, p.2.

<sup>73</sup> Parsons, «Small Scale BIG CHANGE», 2011, p.9.

A sétima ferramenta a ter em conta numa intervenção de Acupunctura Urbana é que esta tem que comportar uma *escala reduzida*. A escala de um projeto pode ser relativa na medida em que grandes alterações na cidade podem resultar de intervenções irrelevantes.<sup>74</sup> No entanto, com poucas *alfinetadas*, a Acupunctura Urbana cria um grande impacto. Southern relembra que algumas cidades têm vindo a beneficiar deste tipo de abordagem localizada. Em Berlim, oficiais da cidade nunca descobriram os proprietários de muitos terrenos baldios, nos anos seguintes à Segunda Guerra Mundial. Estes lugares, não tendo proprietário, tornaram-se em pequenos jardins, parques infantis e lugares de descanso na cidade.<sup>75</sup> Em tempos de recursos limitados, esta abordagem de pequena intervenção pode oferecer uma nova vitalidade a estes lugares esquecidos e, conseqüentemente, à cidade.

A acupunctura urbana reativa espaços e recria-os, dando-lhes um novo significado e por vezes uma nova identidade. Como Solà-Morales refere: *existem espaços que antes não eram nada, talvez devido a uma falta de energia ou porque a sua energia estaria de momento a ser bloqueada. Devemos procurar sempre as maiores virtudes do lugar. O contacto entre o nosso corpo e a matéria urbana é o que constitui a experiência urbana. Devemos encontrar beleza onde muita gente vê degradação, e encarar os problemas dos lugares como oportunidades de projeto.*

É importante voltar a destacar o efeito que a acupunctura urbana projeta como catalisador social. Uma intervenção catalisadora foca-se em coletar o máximo de impacto possível nas envolventes mais próximas. E estas *envolventes próximas* são as pessoas.<sup>76</sup> São as pessoas que possuem a energia e as transportam. Por isso, uma boa intervenção é sempre positiva de um ponto de vista social.

---

<sup>74</sup> Sola-Morales e Geuze, *A Matter of Things*. 2008.

<sup>75</sup> Kaye, «Could Cities' Problems Be Solved by Urban Acupuncture?», 2011.

<sup>76</sup> Parsons, «Small Scale BIG CHANGE», 2011.



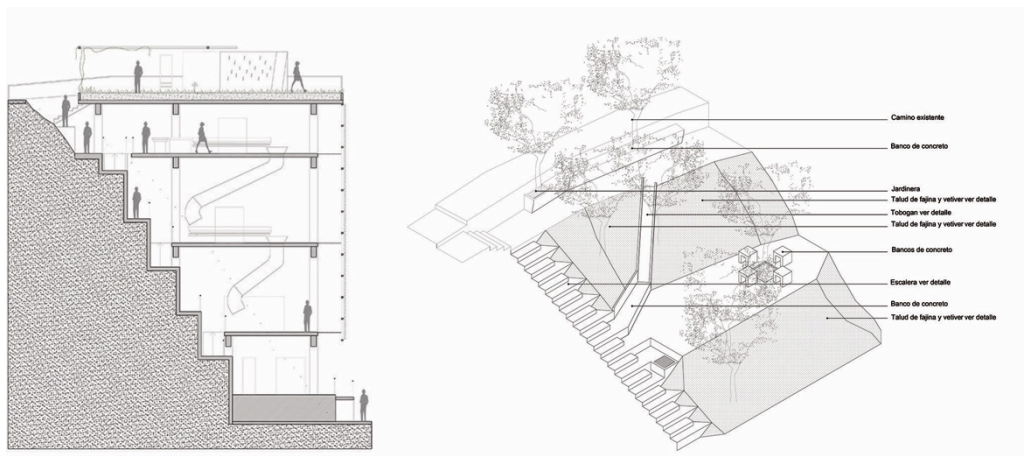
## **Projectos de Referência**

A exploração de alguns casos de estudo irão elucidar a forma como todos estes princípios podem resultar no sentido prático da questão e também ajudam a compreender melhor o conceito da Acupunctura Urbana.

Desde questões de integração social, degradação de edifícios ou salubridade e habitabilidade precária, a Acupunctura Urbana consegue dar uma resposta focal e eficaz a estes problemas.



41. Vista aérea do bairro La Morán.



42. Corte transversal – sistema de coleta do esgoto que se conecta a cada uma das residências. 43. Axonometria da praça Malabares. Projeto de Paisagismo que acolhe a comunidade com espaços públicos iluminados, sinalizados e com mobiliário urbano. Desenhos: Cortesia de Enlace Arquitetura.

## **Bairro la Morán**

Caracas, Venezuela

O projeto situa-se numa colina a oeste da cidade. Com uma população de 8.000 pessoas, este bairro estava a ser seriamente afectado do ponto de vista ambiental e a gerar violência entre os jovens. Para atenuar este problema de segurança, o apoio dos jovens neste projeto foi fundamental. A intervenção passou por recuperar o morro através da canalização das águas, tratamento de resíduos sólidos e de um projeto de paisagismo, bem como a criação de parques infantis e praças, sendo estes os espaços que de momento se encontram destinados a depósitos clandestinos.

Dado à elevada degradação e contaminação do morro, pensou-se num sistema de coleta do esgoto. O próprio morro servirá também de sistema natural de transporte das águas da chuva e serão criadas zonas verdes para consolidar este sistema. Visto que 70% do lixo produzido pode ser reutilizado, propõe-se construir um centro de reciclagem, para receber o lixo e vendê-lo a companhias. A equipa de jovens será responsável pela recolha dos resíduos de cada residência, de forma a evitar novamente a formação de novos depósitos ilegais de lixo.

Sendo um dos objectivos a formação de espaços públicos a partir destes aterros sanitários, criou-se uma *rota do lixo* ao longo do qual se localizam depósitos diferenciados para os respectivos resíduos. Este projeto prevê também a criação de uma sala multiusos, um campo de basquetebol que acabam por se tornar espaços públicos que promovem a recreação, o exercício e cria ferramentas para estimular a componente social.<sup>77</sup>

---

<sup>77</sup> Franco, «Acupuntura Urbana busca requalificar o bairro La Morán em Caracas, Venezuela», 2014.



**44.** Vista das escadas que fazem o acesso entre os dois bairros. *Esta subida representa um importante esforço em tornar a cidade mais convidativa. Com atrativos, preparada para o peão e com elementos importantes para segurança do local como a integração de iluminação pública. A Intervenção Cirúrgica vem estabelecer a vigilância natural do espaço, que potencia o seu uso, traçado com objectivo para a revitalização do bairro.* (Santos, 2014)

## **Subida de Bomba, Bairro do Brasil**

Achada de Santo António, Cabo Verde

A subida de Bomba prolonga-se por cerca de 220 metros e liga dois importantes bairros.<sup>78</sup> A Achada de Santo António comporta espaços com a capacidade de receber novas funções e foi encarado no projeto da subida de bomba como uma potencialidade para a revitalização do bairro; e o bairro do Brasil que está dotado com vistas privilegiadas mas também por uma grave degradação física e elevadas taxas de criminalidade, o que se tornou numa questão prioritária a ser resolvida, pois esta seria uma das principais causas de degradação das condições de vida da comunidade.

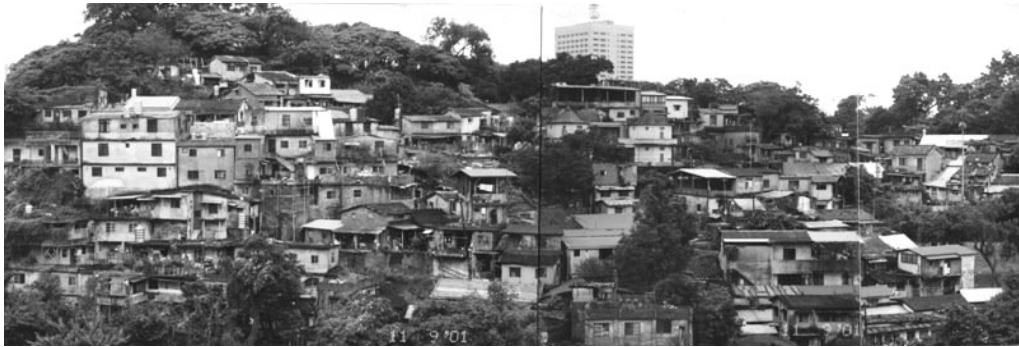
Com uma implementação faseada de projeto e uma forte gestão de recursos, prevê-se resolver barreiras físicas e sociais, promover a conectividade urbana e a valorização do sistema de vistas. Tendo como objectivo transformar o bairro do Brasil e a encosta num espaço com um sistema de mobilidade qualificado, de forma a favorecer as relações sociais e o desenvolvimento económico local, os espaços propostos respondem à urgência da segurança urbana de forma a transformar-se num espaço de sociabilidade que integra a cidade como um espaço de atravessamento entre uma zona alta e uma zona baixa.<sup>79</sup>

Com isto, e sendo um caso de acupuntura urbana, o projeto resolveu o problema da acessibilidade através de uma simples escadaria que percorre a encosta – uma pequena mudança no território que alterou por completo a vida desta comunidade.

---

<sup>78</sup> Bairros de Chã de Areia e Achada de Santo António. R, «Praia: Subida bomba volta a ligar Chã de Areia e ASA», 2013.

<sup>79</sup> Santos, «Intervenções Cirúrgicas no Território e a Revitalização Urbana de Cidades Contemporâneas. Caso de Estudo - Achada de Santo António em Cabo Verde», 2014.



45. Treasure Hill em 2001. 46. A escadaria construída por Hsieh Ying-chun e estudantes voluntários da Universidade de Tamkang e da Universidade Nacional de Taiwan.  
47. A natureza a apoderar-se das habitações.

## **Treasure Hill, Colonização Ilegal de agricultores**

Taipei, Taiwan

Este será o melhor exemplo prático de Marco Casagrande na área da Acupuntura Urbana, em que transforma uma colonização ilegal de agricultores urbanos, altamente densificada, num modelo comunitário de vivências urbanas sustentáveis. O processo de regeneração deu-se entre 2003 e 2010, através da participação ativa da comunidade e do Governo da cidade de Taipei. Onde muita gente via uma oportunidade de demolição e construção de um parque, Casagrande vê o lento declínio desta comunidade e por isso, luta contra a sua destruição e mostra o potencial deste lugar. A primeira visita ao local foi chocante, revela o arquiteto, era um núcleo de insalubridade, no centro da cidade e *governado* por matriarcas. Apesar do nível acentuado de degradação, existia uma energia latente, nas casas, nos objetos e nas pessoas. Este tipo de energias dissimuladas são como pequenas agulhas inseridas no local e é dessa forma que Casagrande entende a Acupuntura Urbana.

Começou-se por limpar toda a colina, ao fim de três semanas o arquiteto tinha 300 estudantes mais um grupo de habitantes a ajuda-lo. A partir de pequenas intervenções, como escadarias que melhoravam a conexão entre os diferentes níveis alterou-se significativamente a energia do lugar.<sup>80</sup>

Neste projeto, a ruína é encarada de uma forma diferente. Casagrande refere que a ruína forma-se quando aquilo que é feito pelo homem começa a fazer parte da natureza.<sup>81</sup> E isso não é necessariamente uma coisa má. Treasure Hill é a ponte entre o homem moderno e a natureza.

---

<sup>80</sup> Casagrande, «Organic Layer - Treasure Hill - Taipei Taiwan 2003», 2010.

<sup>81</sup> TEDx Talks, *Paracity*. 2015.

Como já foi estabelecido, a Vila Operária será o elemento catalisador para a revitalização de uma área urbana mais abrangente e tal como se observou durante esta última parte, a acupuntura urbana responde bem a esta metodologia de intervenção.

Sendo o objectivo do trabalho reabilitar uma área urbana que enquadra um conjunto de vilas e de espaços públicos desqualificados. A Acupuntura Urbana surge como um meio estratégico a ser aplicado numa intervenção como esta, de pequena escala. Utilizar uma metodologia que tem por base as características deste tema, aplicada num espaço público associado a uma vila operária será uma forma de resolver problemas à escala da cidade de Lisboa.

Identificados os sete princípios da Acupuntura Urbana<sup>82</sup>, determinamos agora quais as premissas a serem aplicadas na componente prática.

Uma das primeiras fases do processo passará pela *determinação do ponto sensível* onde será feita uma escolha fundamentada de um território para a prática do projeto. De seguida, propõe-se um *cenário adaptado ao local* em estudo ou seja, uma proposta urbana realista que irá responder às necessidades da cidade. A exigência por uma *ação micro-localizada* corresponde bem às raízes teóricas deste projeto pois isto traduz-se em ações que produzam resultados rápidos e que sejam de rápida execução. A *abordagem integral* deste tema foi algo fundamental para o entendimento do mesmo. Entender que a Acupuntura Urbana se afasta do processo de planeamento convencional é a chave para dar início a uma componente prática.

Com o desenrolar deste trabalho vamos perceber como a *perspectiva humana* pode e deverá servir como complemento fundamental ao trabalho. Acatar as ideias das pessoas que irão habitar os espaços é chave para a realização de um projeto humano.

---

<sup>82</sup> Recapitulando os princípios da Acupuntura Urbana: 1º Determinação do ponto sensível; 2º estabelecer o cenário do local; 3º ação micro-localizada; 4º perspectiva humana; 5º educação; 6º abordagem integral do tema; 7º escala de intervenção reduzida.

Por fim, é importante estabelecer uma *escala de intervenção reduzida*, ou seja, um conjunto não muito vasto de ações micro-localizadas, para que desta forma pequenas alterações criem um grande impacto numa escala mais alargada.

Com isto, é necessário estabelecer condições de carácter qualitativo em vez de quantitativo e valorizar os projetos de pequena escala. Uma opção que se adequa fortemente à presente crise económica.

Na próxima parte, *Os Espaços Criativos*, entende-se como as características formais de uma Vila Operária reúnem todas as condições para a adaptação das mesmas em espaços de carácter artístico.



48. *Drawing People in Motion* por Marc Taro Homes.

### 1.3. OS ESPAÇOS CRIATIVOS

*“Um cluster criativo inclui organizações sem fins lucrativos, instituições culturais, centros de artes e artistas individuais, (...). Clusters criativos são locais de residência e trabalho, nos quais os produtos culturais são produzidos e consumidos. Eles estão sempre abertos, para trabalho e lazer. Alimentam-se de diversidade e mudança e, portanto, prosperam em ambientes urbanos ativos, multiculturais, que têm as suas distinções locais, mas estão conectados ao mundo.”<sup>83</sup>*

Um espaço criativo<sup>84</sup> tem a capacidade de se desenvolver em diferentes vertentes, tipologias ou dimensões, alcançando o nível da cidade; pode compreender um leque de atividades muito abrangente, desde eventos, museus e bibliotecas, artes performativas, arquitectura, desenho e publicidade, cinema, vídeo, música, rádio, jornais e revistas.<sup>85</sup> É este conjunto de categorias que formam as Indústrias Criativas.<sup>86</sup> Consequentemente, a indústria criativa e todos os elementos que a compõem, são o que formam uma cidade criativa.

A ideia de um espaço criativo leva-nos para ambientes dinâmicos, vivos e ricos em convívio e diversidade como um núcleo de ideias e projetos que, na verdade, são espaços para a troca, compartilhamento e produção criativa, concentrados num espaço limitado, sob a coordenação de uma ou várias pessoas ou organizações.

---

<sup>83</sup> Definição para Cluster, da Creative Cluster Conference and Network.

<sup>84</sup> Segundo a Câmara Municipal de Lisboa, os espaços criativos pertencem ao sector das atividades artísticas, lado a lado com os Serviços Criativos e das Indústrias Culturais.

<sup>85</sup> Cayeman, «A Importância do Turismo para a Sustentabilidade da Atividade Turística nas Grandes Cidades - O exemplo de Barcelona para o estudo de caso de Lisboa».2014.

<sup>86</sup> «Addict. Creative Industries Portugal».

Estes territórios criativos, que se desenvolvem espontaneamente, são designados por *clusters* e as suas características tornam-nos únicos e irreverentes, pois revitalizam uma certa área urbana e ainda são uma forma local de geração de emprego e rendas.<sup>87</sup> A dimensão destes espaços pode variar bastante, desde uma sala de pintura, a uma incubadora de empresas ou a um conjunto maior de atividades, podendo até formar um bairro artístico.<sup>88</sup>

Cada vez mais surgem e se exploram temas como as indústrias, cidades, distritos ou bairros criativos. Então, para um melhor entendimento desta parte e com base no nosso objeto de estudo, iremos dar especial enfoque aos Bairros Criativos ou Artísticos.

49. Espaço de trabalho – CoWork.



<sup>87</sup> Moraes, «Territórios Criativos espaços a serem definidos» 2015.

<sup>88</sup> O conceito de Bairro Artístico consiste em projetos de reabilitação ou reconversão de edifícios para projetos culturais ou criativos. Exemplo da rua Miguel Bombarda no Porto.

## Exploração teórica

O bairro criativo apresenta um papel de dimensão primordial para a criatividade urbana. Os Bairros Criativos,<sup>89</sup> são valorizados pela sua forte componente cultural, boémia e atração turística de que são alvo. Local de efervescência cultural, estes bairros concentram grandes talentos, galerias de arte, ateliers, bares e geralmente são eles próprios locais de residência, temporária.

Tem-se gerado em várias cidades um desenvolvimento de clusters criativos, denominados também por *Distritos Criativos*<sup>90</sup> ou *Bairros Culturais*, ou seja, desenvolvem-se numa determinada concentração geográfica que se deve à presença de atividades presentes nas Indústrias Criativas.<sup>91</sup> Estes espaços geram-se em áreas urbanas multiculturais e multifuncionais cujos espaços públicos possuem uma vitalidade notável onde ocorre uma grande diversidade de atividades sociais.<sup>92</sup>

Jane Jacobs<sup>93</sup> refere que uma parte da cidade em que ocorre uma multiplicidade de funções diversas, onde está sempre a acontecer qualquer coisa, dia e noite, e onde, conseqüentemente, a possibilidade de encontros casuais é maior, são os lugares com maior potencial de empreendedorismo, inovação e criatividade. A autora identificou quatro pré-condições para a criação e preservação de bairros vibrantes e com diversidade, sendo eles a grande densidade de população e atividades, mistura de usos, ruas e quarteirões de pequena dimensão e amigáveis para o peão e a manutenção de edifícios antigos misturados com outros mais modernos.<sup>94</sup>

---

<sup>89</sup> Podem ser denominados também por Bairros Culturais ou Bairros Artísticos.

<sup>90</sup> Exemplo do Santos Design District na nossa cidade de Lisboa que consiste num projeto de qualificação à escala de um bairro.

<sup>91</sup> Cayeman, «A Importância do Turismo para a Sustentabilidade da Atividade Turística nas Grandes Cidades - O exemplo de Barcelona para o estudo de caso de Lisboa», 2014, p.33.

<sup>92</sup> Balula, «Espaço Público e Criatividade Urbana - A dinâmica dos lugares em três bairros culturais», 2011, p.47.

<sup>93</sup> Jacobs, *The Death and Life of Great American Cities.*, 1993.

<sup>94</sup> Balula, «Espaço Público e Criatividade Urbana - A dinâmica dos lugares em três bairros culturais», 2011, p.48.

Muitos destes bairros, identificados como bairros culturais, reúnem muitas características exploradas por Tony Aldous.<sup>95</sup> Estes bairros deverão possuir uma área relativamente pequena para que as distâncias sejam curtas e gerem pontos de encontro formais e informais gerados pelas atividades, encorajando o andar a pé sem privilegiar o uso automóvel. É essencial existir uma diversidade de usos distribuídos por diferentes tipos e dimensões de edifícios, com potencial para se adaptarem aos diferentes usos, conforme as necessidades. Será favorável a existência de uma relação equilibrada entre a quantidade de emprego e de unidades residenciais.<sup>96</sup>

Para compreender todas estas características e factores em espaço físico, explora-se de forma muito superficial a relação existente entre o urbanismo e a criatividade entre um bairro de Lisboa e um bairro de São Paulo.

O Bairro Alto e a Vila Madalena<sup>97</sup> possuem características únicas e cujo carácter histórico não tem impedido a sua transformação, através da inserção de novos usos inovadores e criativos.

O Bairro Alto, com uma área de cerca de 21 hectares, distribui-se numa malha perfeitamente ortogonal, devido à sua topografia acentuada. A Vila Madalena, muito maior com cerca de 89 hectares divide-se, também, numa malha ortogonal mais regular devido às suas ruas e quarteirões de dimensão maior. Relativamente ao espaço público, este abrange ¼ da totalidade do Bairro Alto e 41% de espaço público em relação do espaço privado na Vila Madalena, devido às suas grandes praças e ruas. Relativamente à mobilidade, esta é claramente motorizada por conter quarteirões demasiado longos; já o Bairro Alto tem uma segurança e conforto pedonal amigável, resultado da sua pequena dimensão.

---

<sup>95</sup> Aldous, *Urban Villages - A Concept for Creating Mixed-use Urban Developments on a Sustainable Scale.*, 1992.

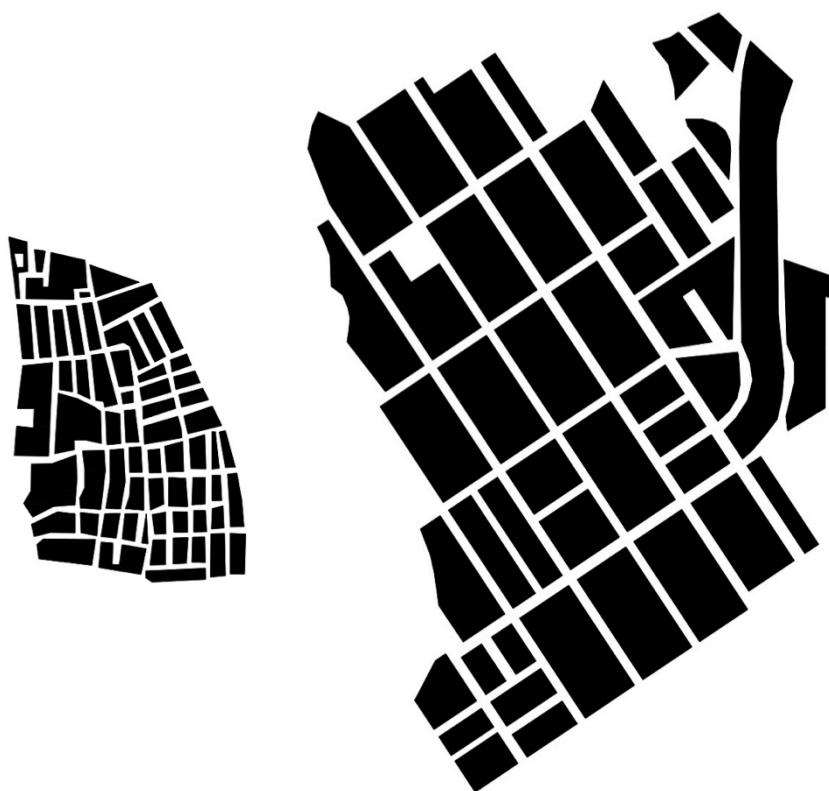
<sup>96</sup> Balula, «Espaço Público e Criatividade Urbana - A dinâmica dos lugares em três bairros culturais», 2014, p.49.

<sup>97</sup> Projeto de referência. Ver página 78.

Existem qualidades comuns a estes dois Bairros Culturais que os distinguem das outras áreas da mesma cidade. Ambos apresentam espaços públicos fortemente marcados pela presença de comércio, com boas acessibilidades, um ambiente propício à emergência de comércio inovador, equipamentos culturais, vida noturna e ambiente boémio, misturando elementos contemporâneos com outros tradicionais.

Enquanto factores específicos que contribuem para a criatividade do bairro, ambos oferecem a existência de instituições criativas e o próprio bairro constitui um ponto de encontro de indivíduos e grupos criativos. Existe um comércio e serviços inovadores desde ateliers oficinas e galerias de arte.<sup>98</sup>

**50.** Mapas do Bairro Alto e Vila Madalena, respectivamente. Desenhos à mesma escala.



---

<sup>98</sup> Balula, «Espaço Público e Criatividade Urbana - A dinâmica dos lugares em três bairros culturais», 2014.



51. Fotografia de espaço exterior numa rua no Bairro Alto.



52. Fotografia do espaço exterior numa rua na Vila Madalena.

## O Lugar da Criatividade Urbana

Com base em exemplos, é possível perceber a relação que estes espaços criativos formam entre eles e certos lugares nas cidades, assim como as diferentes tipologias que adquirem.

De uma forma geral, são edifícios ou lugares na cidade que se encontram totalmente inutilizados e estagnados, servindo por vezes como um incomodo na cidade. Podemos, então, identificar uma série de espaços ligados à criatividade urbana, com géneses totalmente diferentes, à escala da cidade, do bairro e do edifício.

Em Lisboa, a existência destes núcleos onde a criatividade se encontra formam-se sobretudo no eixo central da cidade.

À escala dos Bairros Artísticos, que surgem normalmente nos centros das cidades, em zonas inicialmente abandonadas ou degradadas, tem-se notado o potencial das atividades criativas para a revitalização destas zonas.<sup>99</sup> Sendo esta a primeira tipologia, podemos identificar o Bairro Alto<sup>100</sup> pela sua forte componente cultural e boémia, com cada vez mais atividades ligadas à moda, ateliers, galerias e espaços alternativos. Assim como o Príncipe Real, conhecido pelas lojas de design de interiores e pelos inúmeros espaços criativos emergentes. O Santos Design District também contempla muitas atividades ligadas ao ensino e produção do design, com o objectivo de requalificar e dinamizar o local para atrair classes criativas. Pode-se afirmar que, em Lisboa, temos estes três núcleos principais, à escala do Bairro ou Cidade.

---

<sup>99</sup> Costa, Seixas, e Oliveira, «Das Cidades Criativas à Criatividade Urbana? Espaço, Criatividade e Governança na Cidade Contemporânea», p.27.

<sup>100</sup> Balula, «Espaço Público e Criatividade Urbana - A dinâmica dos lugares em três bairros culturais», 2014, p.50.

No entanto, tem-se observado uma forte relação entre espaços criativos e espaços industriais, o que forma uma tipologia muito significativa. É com a classificação<sup>101</sup> destes espaços como Património Mundial da Humanidade que surge um enorme interesse por este tipo de estruturas. Estes espaços, em desuso ou abandonados, possibilitam inúmeros usos e funções, que se têm voltado para as actividades culturais e artísticas.<sup>102</sup> E a sua forma arquitectónica é algo que se adapta bem aos projetos mais invulgares, algo que atrai, maioritariamente, o público artístico. Temos como exemplo em Lisboa, o Lx Factory ou a Fábrica do Braço de Prata<sup>103</sup>.

Com a crescente procura por estes espaços, é necessário oferecer residência a esta classe artística, na maior parte das vezes de cariz temporário, o que forma a terceira tipologia. Como é o caso do Convento da Saudação, local de experimentação e inovação artísticas assim como de acolhimento.

As Residências Artísticas no Intendente formam um dos muitos exemplos de alojamento temporário para artistas, utilizado em edifícios de habitação comuns. Este edifício é composto por estúdios e espaços de trabalho, um café, uma loja e os quartos destinados aos artistas.

Como isto, identificam-se três tipologias: o **bairro**, os **espaços industriais** e a **residência artística**. Existem ainda espaços dissolvidos pela cidade, nomeados por espaços alternativos ou emergentes<sup>104</sup>, baseados nas relações sociais e nas trocas de oportunidades para que a criatividade se multiplique e se expanda. Em Lisboa temos o exemplo de algumas *Concept Stores*, Incubadores ou *Coworks*.

---

<sup>101</sup> Classificação por parte da UNESCO.

<sup>102</sup> Carvalho, «A Reciclagem dos Usos Industriais e as Novas Tipologias de Actividades e Espaços de Cultura - Caso de Estudo: LX Factory», 2009, p.63.

<sup>103</sup> Entre outros exemplos, destacam-se a Caixa Fórum em Barcelona, outrora fábrica de produção têxtil reconvertida para um centro de arte contemporânea, e o *TATE Modern* em Londres, antiga central elétrica.

<sup>104</sup> Costa, Seixas, e Oliveira, «Das Cidades Criativas à Criatividade Urbana? Espaço, Criatividade e Governança na Cidade Contemporânea».

A **vila operária**, com as suas características formais singulares, e, inserida de alguma forma na categoria de espaços industriais, como *descendente* de infraestruturas fabris, forma um elemento urbano totalmente apto para a exploração projetual deste tema.

Com isto, pretende-se que a Vila Operária<sup>105</sup> seja uma nova tipologia a ser inserida neste tema, pelo seu potencial como lugar emergente para a criatividade de dinamização urbana.

---

<sup>105</sup> Ver exemplo da Vila do Largo como espaço criativo, em Projetos de Referências no subcapítulo *A Vila Operária*.

## **Projetos de Referência**

De forma a complementar a parte teórica, faz-se um seguimento do seu sentido prático.

Nesta parte, exploram-se alguns casos de estudo de diferentes géneses.

Com isto, pretende-se tocar em diversas temáticas dentro do universo dos espaços criativos: um bairro que reúne diversas atividades artísticas e cria uma atmosfera única na escala da cidade, ocupação de espaços industriais em desuso, e residência artística, de forma a demonstrar as suas capacidades de mutação.



**53.** Fotografia de espaço de trabalho no LX Factory “Balneário”.

**54.** Fotografia do Novo Centro de Arte Contemporânea no LX Factory, Lisboa, 2008.

## **Lx Factory**

Lisboa

O Lx Factory começou como Fábrica de Tecidos Lisbonense, junto ao Largo do Calvário em Alcântara. Um conjunto de edifícios de carácter industrial e inovador, composto por pedra e ferro que teve inauguração em 1849.

Alvo de inúmeras alterações e ampliações ao longo das décadas, o edifício principal é agora composto por cinco pisos e todo o seu conjunto se mantém a faceta industrial tanto interior como exteriormente.<sup>106</sup>

A partir das ruínas desta fábrica, o lugar renasce como ilha criativa e prevê zonas de habitação, comércio e serviços<sup>107</sup>. Tornou-se o maior centro de criatividade de Lisboa, com cerca de 120 empresas que se estendem nos ramos das artes, moda, publicidade e design. Ainda existem espaços comerciais, gastronómicos e de lazer, não só para quem trabalha aqui mas também para o público que visita. A par das empresas e locais de lazer, há ainda uma grande quantidade de eventos durante todo o ano.<sup>108</sup>

É importante frisar que não houve necessidade de alterar os espaços para o adaptar a um novo uso, apenas intervenções de pequena escala, pelo que reúne provas de como é possível contornar problemas de uma forma criativa, numa cidade repleta de espaços devolutos.

---

<sup>106</sup> Carvalho, «A Reciclagem dos Usos Industriais e as Novas Tipologias de Actividades e Espaços de Cultura - Caso de Estudo: LX Factory», 2009.

<sup>107</sup> O projeto nasce em 2008, criado pelo grupo de investimentos imobiliários MainSide, que faz a gestão do espaço.

<sup>108</sup> Ferreira, «LxFactory», 2009.

- 55. Casa da década de 50 na Vila Madalena.
- 56. Beco do Batman na Vila Madalena.
- 57. Uma das Ruas da Vila Madalena em que se pode observar um dos exemplos de arte urbana.



## **Vila Madalena**

São Paulo

Caracterizado como bairro de classe média, cobre uma área urbana de cerca de 89 hectares <sup>109</sup>. Este bairro foi invadido por estudantes universitários na década de 70, o que impulsionou bastante o seu desenvolvimento, transformando-o num Bairro Criativo. Mais tarde, instalam-se não só estudantes, como artistas ou músicos transformam-na numa efervescência cultural e intelectual.<sup>110</sup>A vila foi-se reestruturando conforme as necessidades dos residentes e foram surgindo pequenos espaços de comércio. Combinando estes elementos, proporciona-se então um ambiente muito boémio repleto de bares, cafés, restaurantes, atelieres, um local que se afasta das avenidas e vida agitada da cidade.

O bairro é composto por um Centro Cultural que promove a cultura do bairro, livrarias, praças com vistas para a cidade, e becos tipo galerias de arte a céu aberto.

Anualmente, organiza-se uma feira que promove a culinária, o artesanato e a cultura a nível local, ocupando quatro quarteirões de arte, gastronomia, e espetáculos.<sup>111</sup>

Este é um espaço fortemente marcado pela presença de comércio, com espaços públicos facilmente apropriáveis, ambientes propícios à emergência de comércio inovador o que levou a uma renovação e rejuvenescimento da população residente.<sup>112</sup>

---

<sup>109</sup> Em comparação com a área do Bairro Alto com 21,4 hectares.

<sup>110</sup> «Vila Madalena - Reportagem de um bairro em movimento», 2009.

<sup>111</sup> «Bairro Vila Madalena, São Paulo», 2014.

<sup>112</sup> Balula, «Espaço Público e Criatividade Urbana - A dinâmica dos lugares em três bairros culturais», 2014, p.54.

**58.** Artistas residentes no programa *O Espaço do Tempo* no Convento da Saudação.

**59.** Claustro do Convento da Saudação.



## **Convento da Saudação**

Montemor-o-Novo

Este caso, tal como o Lx Factory, configura um exemplo de espaço devoluto que ganha um novo uso.

Este Convento, do século XVI, já desabitado e significativamente degradado, abriu portas a uma estrutura transdisciplinar ligada às artes performativas,<sup>113</sup> que serve de apoio a inúmeros criadores e oferece meios, valoriza e acolhe a pesquisa, experimentação e inovação e oferece toda a logística necessária para o trabalho dos artistas.

O espaço acolhe cerca de 700 artistas por ano, mais residentes, nas designadas residências artísticas. Os que participam em eventos ou exposições permanecem entre duas semanas a um mês.

Para a prática e desenvolvimento artístico, existem locais próprios, próximos do convento, que foram adaptados para a execução dos projetos criativos. A organização ocupa o piso superior do convento e três quartos dos claustros como sala de estar.<sup>114</sup>

Desde o início, em que se iniciou a atividade, que este projeto e os seus criadores têm tido uma intensa relação com o tecido humano do concelho, e acreditam que este núcleo criativo pode também ajudar no desenvolvimento cultural desta cidade.

---

<sup>113</sup> Estrutura intitulada por *O Espaço do Tempo*. É um projeto financiado pelo Ministério da Cultura e pela Câmara Municipal de Montemor-o-Novo.

<sup>114</sup> Goulart, «Espaço do Tempo - Montemor-o-Novo acolhe artes performativas», 2010.

Os espaços criativos serão uma solução adequada a este tipo de intervenção, uma vez que os seus requisitos respondem bem às características destas estruturas tão singulares e adaptáveis que configuram as nossas Vilas Operárias.

Esta ideia, aplicada num conjunto de Vilas Operárias que coexistem em rede de interdependência, poderá resultar num espaço cultural e criativo com uma natureza distinta na cidade: um Bairro Artístico.

Para chegar a esta solução, foi importante identificar e explorar os Três Catalisadores Urbanos deste trabalho: a Vila Operária, a Acupuntura Urbana e os Espaços Criativos. Ao longo desta procura pelo processo mais adequado, e tendo a Vila Operária como tema base, as restantes matérias foram surgindo de forma natural e de encontro às necessidades e características do projeto.

Após determinados os pressupostos ideais para este lugar de Lisboa, que será apresentado no capítulo seguinte, faz-se então a transição entre o teórico e prático; o lugar no qual irão ser aplicadas as ideologias exploradas ao longo desta última parte.





## 2. NO CARACOL DA PENHA

Durante este capítulo, percebe-se que a abordagem parte da observação global da cidade, com a finalidade de se direcionar para um espaço mais limitado de análise, passando pelos diferentes níveis de pesquisa.

No universo da análise identificam-se e exploram-se os principais núcleos de habitação operária em toda a área da cidade. Este diagnóstico servirá para justificar a área de intervenção entendendo-a como a de maior potencial associando a uma densidade importante de vilas e a bases histórico-sociais significativas para a cidade.

Entende-se como objeto de estudo a área urbana que enquadra um conjunto de vilas operárias que será devidamente identificado e caracterizado, numa fase posterior deste capítulo.

Após determinada uma área específica da cidade, será necessário fazer uma ponte entre esta e o território em que se vai intervir, já numa escala de maior enfoque projetual.



**60.** Diagrama da área da cidade de Lisboa com o levantamento das Vilas Operárias existentes atualmente.

## 2.1. Universo de Análise

O universo de análise é definido pelo conjunto integral das vilas operárias no tecido urbano da cidade de Lisboa, em concreto 125 unidades.

A industrialização em Lisboa refletiu-se numa forte pressão demográfica e habitacional, e portanto, no aparecimento destes novos tipos de habitação, que consequentemente levaram a novas vivências e que marcaram a história da cidade para sempre.

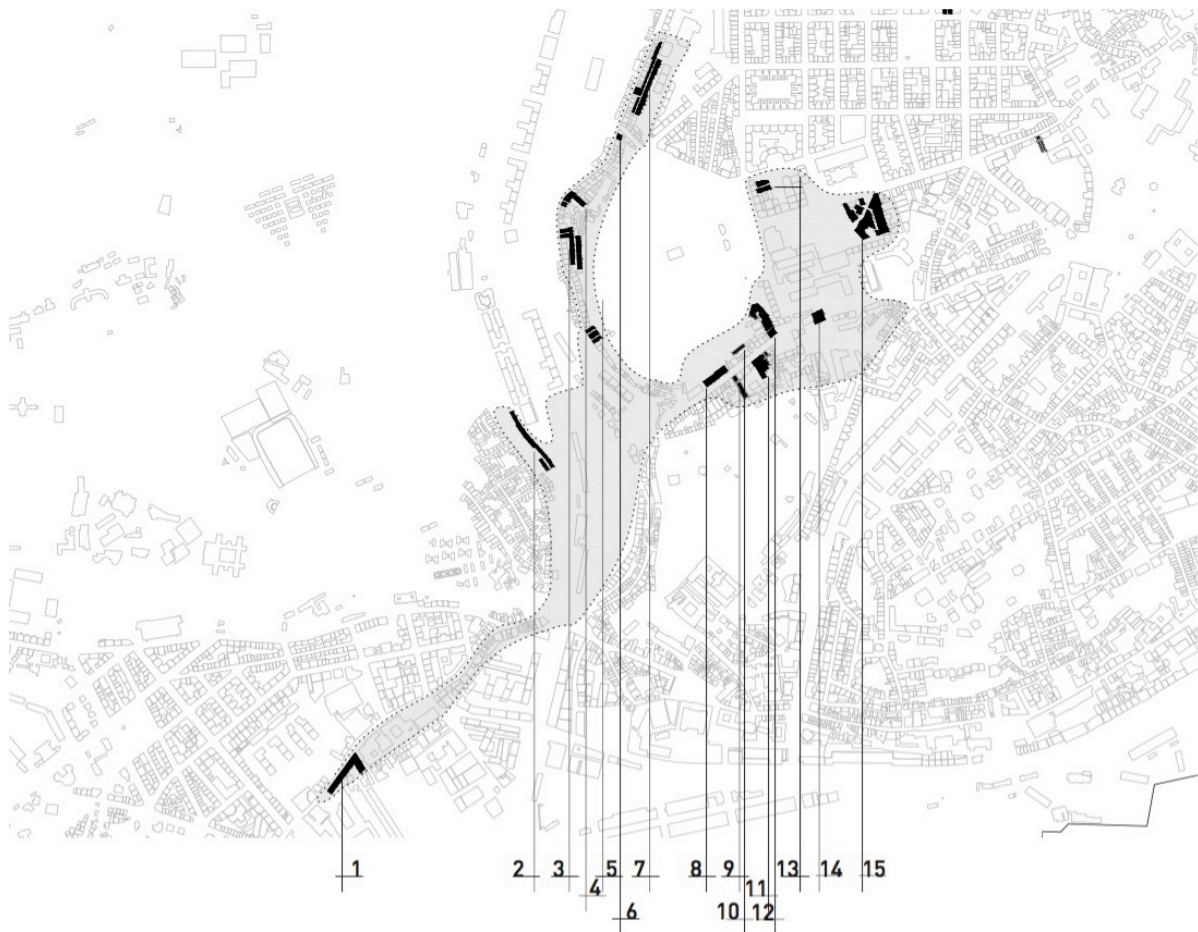
Uma das primeiras observações que podemos fazer em relação às vilas inseridas no tecido urbano é sua situação de isolamento. Este tipo de habitação acomodou-se longe dos centros urbanos e das grandes avenidas, visto que se observa uma clara articulação entre a zona de habitação e as áreas industriais. Apesar da sua ocupação dispersa pela cidade, existem áreas que adotaram sistematicamente este tipo de habitação e formaram aglomerados.

**61.** Diagrama dos três aglomerados de habitação operária existentes em Lisboa.



**62.** Diagrama da área que comporta o núcleo de Alcântara com as vilas operárias existentes atualmente.

Neste contexto destaca-se o núcleo de Alcântara, o primeiro a aparecer na cidade, com a pioneira Companhia Lisbonense de Fiação e Tecidos que em 1873 manda construir o primeiro conjunto de habitação com características de vila operária, adjacente aos seus terrenos, constituindo um ponto de referência na história da industrialização da cidade de Lisboa.



Legenda:

1. Vila operária da Antiga Fábrica de Tecidos de Santo Amaro – 1873. | 2. Vila Cabrinha - 1878
3. Vila Neves | 4. Vila Adélia | 5. Vila Matos | 6. Vila Barros
7. Vila Graciete | 8. Vila do Tijolo – 1981 | 9. Vila Pereira | 10. Vila Vitória
11. Vila Pacheco | 12. Vila Maria | 13. Vila Rosário | 14. Vila Grito | 15. Vila José Martins

Este conjunto (nº 1), com frente para a Rua 1º de Maio e tardo para os terrenos da fábrica, compõe-se num bloco com dois a três pisos, com a cor dominante de amarelo. Demonstra um ritmo entre os vãos e apresenta já alguma preocupação pelo desenho, através das suas águas furtadas e das guardas das janelas. Chegou a dispor de creche para os filhos dos operários, escola primária e corpo de bombeiros. A vila, em correnteza, tinha capacidade para alojar 62 famílias. A unidade fabril acabaria por se desintegrar com a crise e os seus edifícios vendidos à tipografia Anuário Comercial.<sup>115</sup>

De seguida a Companhia Lisbonense de Estamparia e Tinturaria de Algodões ergue em 1878 a Vila Cabrinha (nº 2)<sup>116</sup>, para os seus operários. Situada no vale, este conjunto constitui um elevado interesse histórico e arquitectónico tanto pela sua austeridade presente nas fachadas como pela sua presença imponente na malha urbana de Alcântara.<sup>117</sup> Constituída por dez módulos de três pisos ao longo de 150 metros, marginando o antigo arruamento. Atualmente existem duas correntezas, uma virada para a Avenida da Ceuta com 10 prédios e uma mais pequena do lado da rua particular com 2 prédios, que alojam cerca de 200 pessoas.

É difícil classificar a vila tipologicamente, segundo Teotónio Pereira, pois pode ser incluída na vila em *correnteza* ou nas *vilas formando rua*.

---

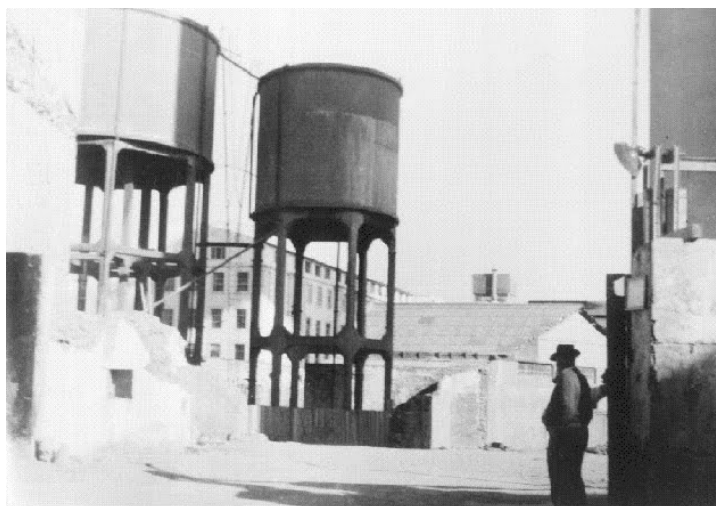
<sup>115</sup> Oliveira, «Edifício da Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense» 2007.

<sup>116</sup> O nome surge da Quinta onde a Companhia se instalou.

<sup>117</sup> Cruz, «Vila Cabrinha», 2013.

**63.** Fotografia do exterior da Companhia Lisboense de Fiação e Tecidos Lisboense.

**64.** Fotografia tirada na rua 1º de Maio do conjunto de habitação operária. **65.** Fotografia do exterior do conjunto de habitação operária. In Arquivo Municipal de Lisboa.





**66.** Vista exterior da correnteza que margina a rua da Fábrica da Pólvora. Aqui, é visível o ritmo monótono que existe entre os vãos da fachada que advém de um programa de construção simples e de baixo custo.

Representado o modelo das primeiras vilas de Lisboa, nas quais Alcântara possui alguns exemplos, sem grandes preocupações do desenho ou da forma, estas encontram-se estrategicamente localizadas numa zona de forte implantação industrial, perto do rio e do caminho-de-ferro.<sup>118</sup>

A partir daqui, estendem-se pequenos conjuntos de vilas para zonas de baixo valor fundiário, como foi o caso da escarpa dos Prazeres, com principal afluência na Rua Possidónio da Silva, que mais tarde ainda se ramificou para Campolide.

Podemos dizer, de uma forma geral, que as vilas existentes na Rua Maria Pia apresentam uma linguagem formal simples, com um máximo de dois pisos, a maioria tem entrada pela rua e desenvolve-se atrás dos prédios. Assim como os conjuntos presentes na Rua Possidónio da Silva, destaca-se um certo nível de degradação em todo o aglomerado, salvo exceções como o Pátio do Grilo (nº14) ou a Vila Neves (nº3). É de destacar o Prédio do Tijolo (nº8) como símbolo de exemplo de excepcional interesse pelo desenho, através da sua fachada decorativa em tijolo, contudo revelando um tardo bastante danificado.

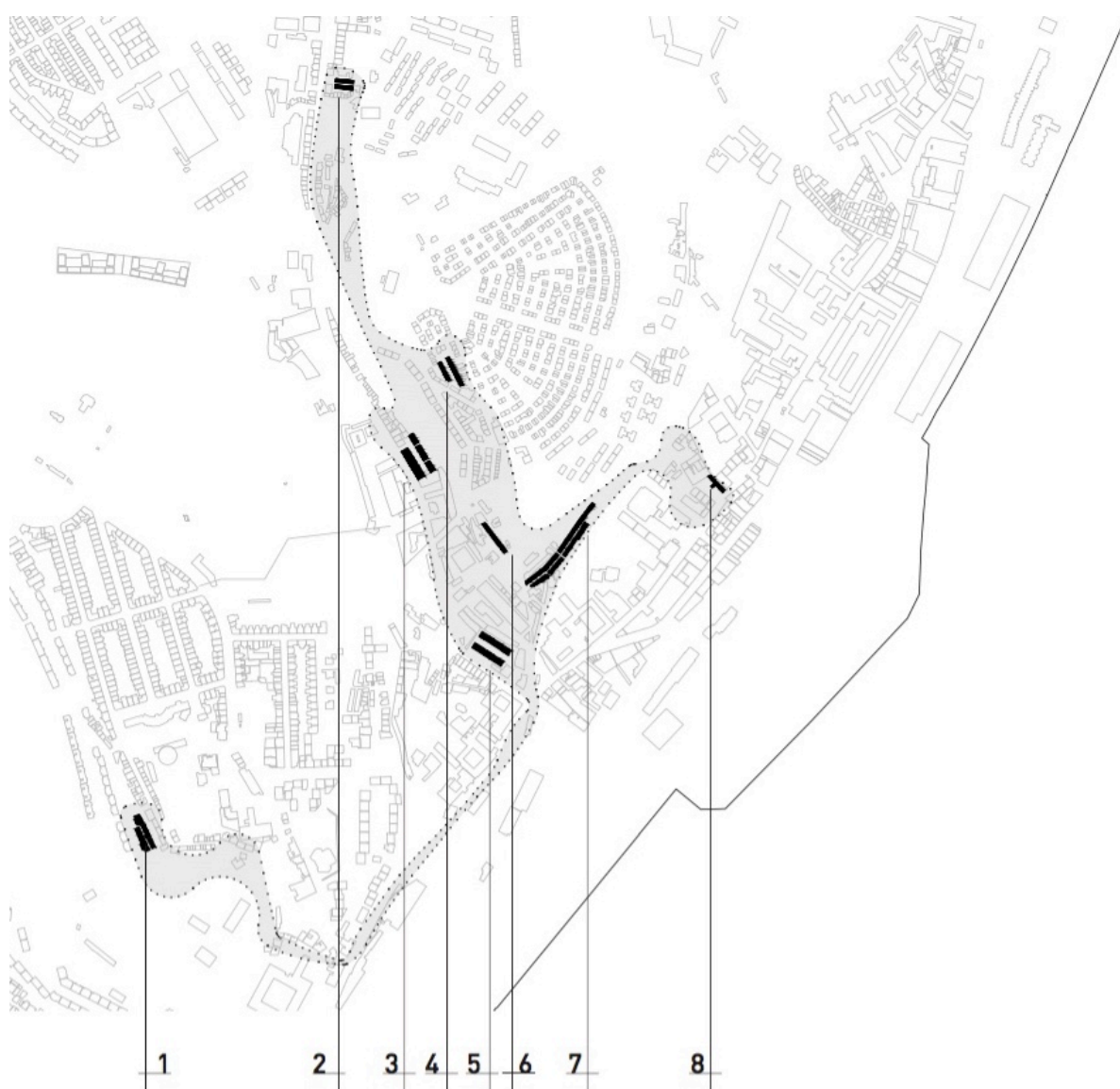
A segunda aglomeração será na zona Oriental da cidade, onde a indústria foi cimentando as suas raízes. A proximidade do Tejo e a existência dos caminhos-de-ferro foi um contributo decisivo para a instalação de diversas unidades fabris em toda a área, em particular na freguesia do Beato. Os campos abertos hospedaram as fábricas e as suas habitações operárias, cujos vestígios ainda hoje permanecem em toda a zona ribeirinha oriental.

---

<sup>118</sup> Ibid.

Aqui, as vilas marginavam a vias de acesso das fábricas, sendo caso de exemplo a Vila Dias (nº7) (1988), originariamente destinada aos operários das fábricas de fiação. Inserida na tipologia de *Vila Formando Rua*, comporta cerca de 180 fogos distribuídos por cinco edifícios, em bandas com 1 ou 2 pisos. Apresenta uma forma muito simples com fachadas em tons de rosa.

**67.** Diagrama da área que comporta o núcleo do Oriente com as vilas operárias existentes atualmente.



Legenda:

1. Vila Lopes | 2. Vila Leonor | 3. Vila Emília | 4. Vila da Bela Vista  
5. Vila Flamiano | 6. Vila Amélia Gomes | 7. Vila Dias | 8. Vila Maria Luísa

Porém, a vila tornou-se hoje num local urgentemente necessitado do ponto de vista urbano e social, revelando um alto grau de degradação.<sup>119</sup>Tal como a Vila Dias (nº7), com entrada pelo Beco dos Toucinheiros, existe a Vila Flamiano (nº5) mandada construir para os seus trabalhadores mais classificados, em 1867 pela Companhia do Fabrico de Algodões de Xabregas. O projeto deste conjunto terá sido realizado pela Câmara Municipal de Lisboa, a pedido da Companhia e, posteriormente, terá sido comprada pelos Grandes Armazéns do Chiado. Para a altura, demonstrou ter sido um plano inovador devido às suas infraestruturas e especialmente à existência de saneamento, um assunto frequentemente ignorado nas construções de outras vilas. Esta vila compõe-se então por dois blocos em banda com dois pisos, divididos por uma rua com 14 metros de largura. As fachadas têm a cor predominante de amarelo, e as suas fenestranças marcam o ritmo da construção.<sup>120</sup> Tipologicamente é considerada uma das vilas ligadas diretamente à produção, e que será a tipologia predominante neste núcleo. Estes conjuntos apresentam uma organização formal maioritariamente em banda, de construções muito simples e geralmente formam rua particular. Este aglomerado será o que reúne o conjunto de vilas em pior estado de conservação.

---

<sup>119</sup> «Degradação na Vila Dias criou “barracas do século XXI”», 2014.

<sup>120</sup> Sobreira, «Ruas de Lisboa com alguma história: Vila Flamiano», 2015.



68. Detalhes na Vila Dias.



**69.** Vista exterior de um dos blocos de habitação da Vila Dias.  
**70.** Uma perspectiva da chamada "Rua do Sol" na VILA FLAMIANO, vista de Norte para Sul.

O terceiro e mais importante aglomerado de habitação operária encontra-se entre a Graça e a Penha de França. É sobretudo neste planalto que se encontram as melhores soluções construtivas e organizacionais mais bem conservadas.

Sendo uma área de ocupação antiga e lenta, só revela uma organização urbana com áreas residenciais praticamente no fim do século XIX. Posto isto, o seu primeiro bairro será entre a Calçada dos Barbadinhos e a Rua do Vale de Santo de António em 1890, que se irá tornar num ponto de viragem para um longo percurso de apropriação do espaço, que se vai estabelecer através da vila.<sup>121</sup>

Dentro deste tipo de habitação, a Graça e a Penha de França definem uma grande diversidade de tipologias, desde a vila com uma construção simples e primária como a Vila Saraiva I (nº4), de 1901, a conjuntos de elevada qualidade arquitectónica e decorativa como é o caso da Vila Berta (nº18), de 1902. Com isto, podemos observar uma clara distinção entre as tipologias construtivas que encontramos na Penha de França e na Graça, pelo que na encosta do Caracol da Penha, encontramos exclusivamente um tipo de vila mais simples e rudimentar - Vila Saraiva I (nº4), Manuel Bernardo (nº3), Djanira (nº7) e Saraiva II (nº1), enquanto que na zona da Graça encontramos vilas que demonstram uma clara preocupação pelo desenho e pela sua construção - Bairro da Estrela D'Ouro(nº17), Vila Maria (nº16) e Vila Rodrigues (nº20) - modelos estes provenientes da Vila Berta, que por sua vez ocupam áreas carregadas de conteúdo histórico.<sup>122</sup>

---

<sup>121</sup> Rodrigues, *Tradição, transição e mudança: a produção do espaço urbano na Lisboa oitocentista*, 1979, p.55.

<sup>122</sup> *Ibid.*, p.56.

**71.** Diagrama da área que comporta o núcleo da Graça e da Penha de França com as vilas operárias existentes atualmente.



**Legenda:**

1. Vila Saraiva II; 2. Vila Sebastião Saraiva Lima; 3. Vila Manuel Bernardo; 4. Vila Saraiva I; 5. Vila Nova; 6. Vila Silvério; 7. Vila Djanira; 8. Vila Gomes; 9. Vila Amaral; 10. Vila Celeste; 11. Vila Rosário; 12. Vila Guilherme Rodrigues; 13. Vila Gadanho; 14. Vila Cândida; 15. Vila Queirós; 16. Vila Maria; 17. Bairro da Estrela D'Ouro; 18. Vila Berta; 19. Vila do Sousa; 20. Vila Rodrigues; 21. Vila Macieira; 22. Bairro Operário dos Barbadinhos

Entre estes 22 casos que compõem o aglomerado apreciaremos um pequeno conjunto relevante para um melhor entendimento desta área.

O Bairro Operário dos Barbadinhos (nº22), tendo sido o primeiro bairro a ser construído na zona vai dar origem a uma vila similar - Vila Cândida - que segue a sua coerência não só pela sua escala urbana, como na composição espacial idêntica, sobriedade de soluções e economia de meios.

Com entrada pela Avenida General Roçadas, a Vila Cândida (nº14) de 1915, foi mandada construir pelo banqueiro Cândido Sotto Mayor tendo posteriormente sido doada aos seus moradores, sendo um forte exemplo de uma atitude filantrópica e paternalista.<sup>123</sup>

Esta vila apresenta-se como uma pequena aldeia com uma forte organização geométrica com uma pequena praça onde se situavam os equipamentos coletivos, neste caso uma esquadra de Polícia de Segurança Pública, atualmente desativada. O conjunto comporta 23 unidades de dois pisos que se apresentam em 9 longos blocos. O acesso às habitações faz-se interiormente, pelas escadas e cada piso acolhe dois fogos.<sup>124</sup>

Apesar da sua elaborada composição urbana, a vila não revela a mesma preocupação pelo desenho das suas fachadas. A sua simplicidade e monotonia dos vãos revelam isso mesmo.

Completamente distinta da anterior, a Vila Celeste (nº10) datada de 1910, integra-se na via pública formando duas bandas, pelo que se insere na tipologia de vila formando rua. O seu sistema distributivo faz-se através da galeria exterior.<sup>125</sup>

Esta vila apresenta uma fachada muito simples, no entanto a presença de elementos de ferro e de um pequeno friso de azulejos conferem-lhe algum interesse. Atualmente, encontra-se já num certo grau de degradação.

---

<sup>123</sup> Pereira, «Pátios e vilas de Lisboa, 1870-1930» 1994,, p.522.

<sup>124</sup> Cruz, «Vila Cândida», 2013.

<sup>125</sup> Pereira e Buarque, «Nuno Teotónio Pereira - Prédios e Vilas de Lisboa», 1996.

Adjacente ao Convento da Penha de França, encontramos a Vila Djanira<sup>126</sup> (nº7) que tem causado alguma controvérsia por parte dos seus habitantes. Subsiste há mais de 140 anos, porém com muitas dificuldades. Situada na colina, num estreito terreno que encontrou, esta vila será talvez a que passa pelos mais graves problemas de salubridade e degradação. Alberga cerca de 20 pessoas e poucas são as que possuem saneamento nas suas casas.

O conjunto não tem qualquer preocupação formal, tratando-se de duas bandas de um só piso, com um corredor central. Pertencendo a propriedade privada de uma empresa de construção, motivo pelo qual em nada a situação se altera, este edifício abarracado é um local que tem vindo a acolher o desemprego e a marginalidade.

Criando um forte contraste com a Vila Djanira e totalmente distinta das anteriores, a Vila Berta (nº18) destaca-se facilmente de qualquer Vila lisboeta.

A construção<sup>127</sup> desta célebre vila, de 1908, serviu inicialmente para acolher a família, parentes e amigos do fundador, pelo que se formou um grupo social intimista neste espaço. Organiza-se em duas bandas, uma com três andares e outra com dois, que dispõem as residências ao longo da sua rua particular. A entrada faz-se por duas entradas opostas, pelo que o conjunto é encerrado nos seus topos pelas casas, tipo *chalet*, pertencentes ao proprietário.

Em todo o conjunto é possível observar-se um desenho cuidado, tanto na construção como em elementos decorativos como por exemplo as varandas em ferro, que formam pequenos terraços, os telhados amansardados, ou a abundante existência de azulejos de Arte Nova. São estes pequenos detalhes que conferem a originalidade destas habitações e que tornam esta vila tão especial.<sup>128</sup>

---

<sup>126</sup> Também conhecida como Vila Janeira.

<sup>127</sup> A construção teve iniciativa por parte Joaquim Francisco Tojal, regressado do Brasil, em finais do século XIX.

<sup>128</sup> Ferreira, «Tempo e Histórias», 2015.

Este aglomerado, é o que reúne a maior quantidade de conjuntos de habitação operária, pelo que constitui 22 casos. O núcleo da Graça e Penha de França será o que apresenta os casos mais carismáticos e interessantes. Só aqui, podemos identificar praticamente todas as tipologias existentes, diferentes inserções urbanas e preocupações formais, ou uma variada escala de estados de conservação, características que contribuíram e moldaram a história urbana e social deste pequeno sistema, da cidade de Lisboa.

Acredita-se que a Graça alojava os que trabalhavam no centro e baixa da cidade e a Penha de França os de Xabregas e Beato.<sup>129</sup>



**72.** Pormenor das varandas em ferro formando pequenos terraços, na Vila Berta. Marie-Thérèse Faidherbe

**73.** Vista exterior da Vila Berta a partir da Rua Particular. Podemos observar a casa que encerra um dos topos do conjunto, destinada ao proprietário. 2012

---

<sup>129</sup> Salgueiro, «Habitação operária em Lisboa», 1981, p.75.



**74.** Vista exterior da Vila Cândida, a partir da praça central. Fotografia da autora. 2016

**75.** Detalhe da entrada central composta por dois elementos laterais. Fotografia da autora. 2016





**76.** Vista exterior da Vila Celeste. **77.** Vista exterior da Vila Dejanira. Podemos observar como a vila convive a paredes meias com o Convento da Penha de França. **78.** Vista exterior da vila Dejanira a partir do corredor que divide as duas bandas de casas.

Como se observou, a implementação de indústrias, no fim do século XIX, centrou-se sobretudo ao longo do rio, pelas zonas do Beato, Xabregas e Alcântara, subindo também até à Graça e Penha de França.

Existem ainda uma série de vilas e pátios de forma pontual no resto da cidade, Campo de Ourique, Amoreiras, Benfica e Santa Isabel, no entanto não chegam a formar concentrações.

## 2.2. A Penha de França

Após termos explorado os principais aglomerados de habitação operária e, ter-se observado que a cidade revela um território pleno de exemplos interessantes, foi necessário limitar o estudo a um determinado espaço geográfico. Por isso, focamo-nos agora na zona entre o Vale de Santo António e as Avenidas Almirante Reis, área esta que apresenta uma forte densidade de vilas, sendo um pólo agregador de características singulares. Encontramo-nos numa área da cidade que contempla três identidades urbanas diferentes. A primeira, a Este da área de estudo, as avenidas novas *pobres* (Av. Almirante Reis) envolvem uma zona com grandes valências de espaço público, equipamentos de grande escala e várias ofertas culturais em contraste com a segunda zona, a Oeste, o Vale de Santo António, com uma morfologia totalmente diferente, de índole industrial, que se organiza entre grandes vazios e um antigo sistema de infraestruturas fabris. A terceira área, definida como caso de estudo (fig. 70) apresenta-se de forma muito distinta dos seus limites a Este e Oeste, tanto pelo sistema de usos como pela própria morfologia urbana.



**79.** área de análise limitada a norte pelo Convento da Penha de França, a sul pelo Convento da Graça, este pela Avenida Almirante Reis e oeste pelo Vale de Santo António.

Aqui, encontramos uma área maioritariamente residencial, carenciada de equipamentos culturais, sociais ou criativos e dividindo estas duas zonas da cidade. Concentramo-nos então na área da Graça - Penha de França. Podemos observar, através da cartografia histórica, que é uma área de ocupação antiga, que começou pelo aparecimento de quintas e terrenos de cultivo, em conjunto com alguns palácios. Situada a 110 metros de altitude, acolhe a atual Rua da Penha de França que era, já no século XII, o caminho público que ligava a Graça ao Poço dos Mouros. Durante muito tempo foram lugares pouco povoados, mas com a construção do Convento da Penha de França, em 1603, assiste-se a um certo desenvolvimento urbano. No entanto, este crescimento dispara no final do século XIX com as primeiras construções das vilas operárias, que deram origem aos primeiros arruamentos. Este crescimento desordenado originou-se a partir das vilas e das casas nobres.

Na Graça, a população era maioritariamente constituída pela Nobreza que edificava as primeiras quintas e palacetes e mais tarde, a classe trabalhadora, que apareceu em grande escala. Verificando uma estreita relação com o processo de industrialização, das zonas do Beato/Xabregas, as vilas vão colmatando os vazios de um tecido urbano ainda precoce.<sup>130</sup>

Atualmente, esta área faz uma curiosa combinação entre um ambiente que mistura o cosmopolitismo e a ruralidade.

Feita uma observação geral sobre este território, identifica-se a zona da Graça à Penha de França com potencial para o desenvolvimento do trabalho, por se ter observado uma significativa quantidade de vilas operárias inseridas, num quarteirão desfragmentado de índole marginal.

---

<sup>130</sup> Almeida, «Lisboa - Comparações com outros tempos», 2012.

Pode-se dizer que a área de análise faz o percurso das vilas operárias entre o Convento da Graça e o Convento da Penha de França, que têm a rara particularidade de estarem associados a um caracol<sup>131</sup> e a um forte sistema de vistas, associadas aos respetivos miradouros.

A área de intervenção desenvolve-se em áreas de interior de quarteirão, na envolvente da Igreja da Nossa Senhora da Penha de França e reúne cerca de seis vilas operárias somente nesta superfície. Esta seleção tomou-se a partir da inserção urbana destes conjuntos e o seu estado de conservação, visto que um dos principais objetivos é a reabilitação destes espaços.

Este pequeno limite contempla uma série de valências urbanas que trazem valor ao projeto, nomeadamente a presença da Igreja e do Convento, do miradouro e do caracol, um elemento morfológico já raro de se encontrar na cidade. A sua forma desfragmentada e os seus espaços públicos esquecidos ou marginalizados conferem a este espaço um forte potencial urbano, totalmente apto para a sua reabilitação.

**80.** Cartografia histórica da área de análise. Da esquerda para a direita 1785; 1856; 1911;1950; 2015. Imagem elaborada pela autora.



<sup>131</sup> Proença, «A diversidade da rua na cidade de Lisboa - Morfologia e Morfogénese», 2014, p.299.

*A palavra caracol tem o significado de hélice, de espiral, e quando está associada a um arruamento significa caminho em ziguezague.*

*O caracol é um caso particular de uma rua que, com o propósito de vencer o desnível articulando as diferenças de cota, ziguezagueia numa sucessão de elementos lineares, em rampa ou em escadinha, encaixados nas discontinuidades do relevo do sítio e articulados por cotovelos com ângulos mais ou menos acentuados. Assim, esta composição resulta num elemento urbano complexo, cujo nome deriva do seu traçado ziguezagueante e, como tal, encaracolado.*



**81.** Fotografia antiga da encosta da Penha de França e Convento.

A rua Marques da Silva, é talvez a rua mais carismática e certamente das mais antigas da Penha de França, tendo sido em 1970 nomeada por *Calçada da Penha de França* e mais tarde por *Caracol da Penha*. Esta estreita e pitoresca ruela foi alvo de várias alterações e melhoramentos ao longo dos anos. No final do século XIX arrematou-se a muralha que trepava a encosta; E neste íngreme declive, onde passava o tortuoso Caracol foi substituído por uma estrada em macadame<sup>132</sup>, mais larga e iluminada, fazendo um zig-zag que contornava os edifícios de uma forma mais graciosa.<sup>133</sup> Subsistindo ao tempo, o caracol da Penha permanece nos nossos dias juntamente com o caracol da Graça, curiosamente perto um do outro.

Atualmente, este quarteirão apresenta uma morfologia serpenteada, marcada pelos fortes declives de ruas como a Calçada do Poço dos Mouros, adjacente à Vila Silvério, e o próprio Caracol da Penha. Edifícios habitacionais criam o limite entre a via pública e o interior do quarteirão que é marcado por grandes vazios e a existência de edifícios abarracados cuja inserção é bastante desorganizada. Estes dois grandes vazios, definem as encostas acidentadas, a Noroeste e Sudoeste da Igreja. Espaços estes que se encontram completamente negligenciados, têm continuado a atrair população marginal e têm contribuído negativamente para evolução ambiental, urbana e social desta área.

Das antigas quintas e palácios, apenas resta a Biblioteca Municipal da Penha de França, situada em frente à Vila Saraiva.<sup>134</sup> Apesar do seu aspeto desfragmentado e da predominante presença de edifícios habitacionais, a presença de elementos como o Miradouro, o Convento e o Caracol da Penha é o que distingue este lugar e lhe oferece um vasto potencial de trabalho.

---

<sup>132</sup> Tipo de pavimento muito utilizado no século XIX que consistia no assentamento de três camadas de pedras: pedra britada vinculada com cascalho sobre uma base firme de pedras grandes. Seria conferida uma inclinação à estrada, de forma convexa que assegurava que as águas da chuva fossem rapidamente drenadas.

<sup>133</sup> Macedo, «Caracol da Penha», 1968, pp52–54.

<sup>134</sup> Tavares Dias, «Calçada do Poço dos Mouros - Lisboa Desaparecida», 1991.

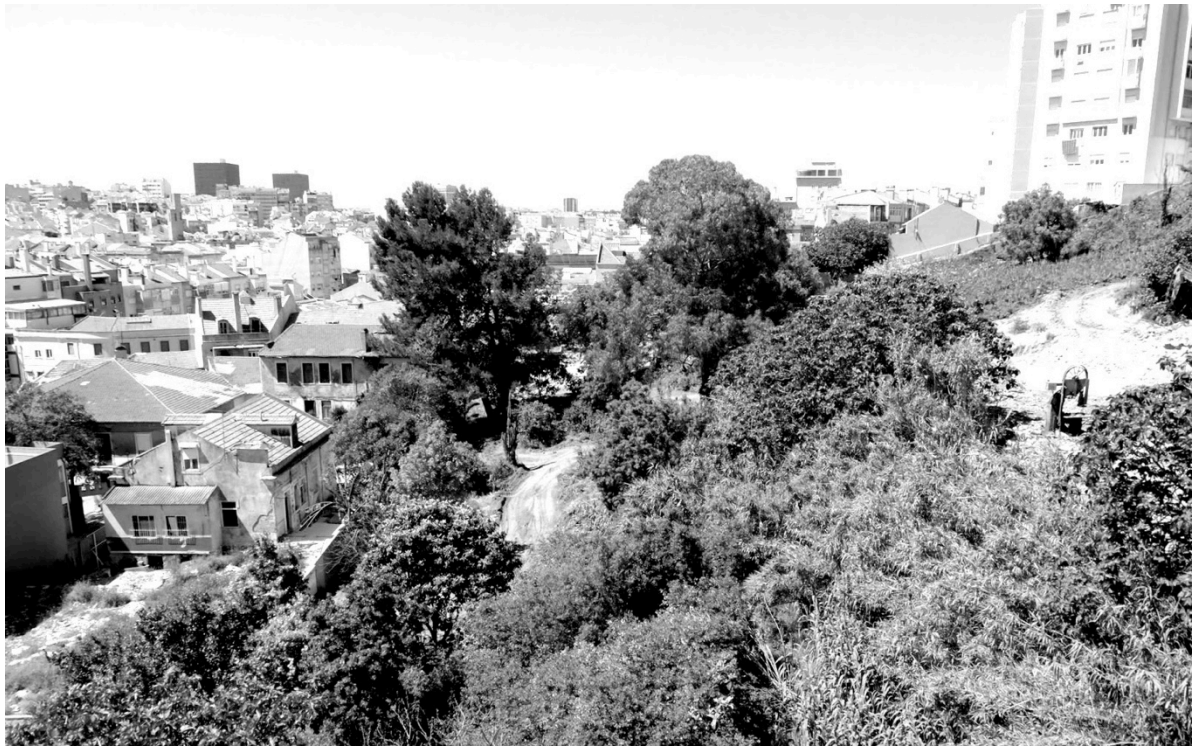


**82.** Ortofotomapa da área de intervenção. Identificação do Convento da Nossa Senhora da Penha de França.





**83.** Fotografia tirada a partir da área de intervenção junto ao Convento da Penha de França.  
Um espaço de excelência com vista sob a cidade de Lisboa, totalmente esquecido.



**84.** Fotografia tirada a partir do interior do quarteirão na área de intervenção, junto ao Convento da Penha de França.



### 2.3. Caraterização Tipo-Morfológica

*"Typomorphology offers a working definition of space and Building types, and serves as a rich launching ground for studying the nature of Building design,..."*<sup>135</sup>

Uma caracterização tipo-morfológica centra-se na relação entre a morfologia urbana e a tipologia edificada, relação esta que serve de suporte estruturante entre a tipologia dos edifícios e a forma urbana em que estes se inserem.<sup>136</sup>

Nesta parte será feita a caracterização de cada vila inserida na área de intervenção, de forma a oferecer um suporte sólido para o tipo de intervenção adequado a cada conjunto.

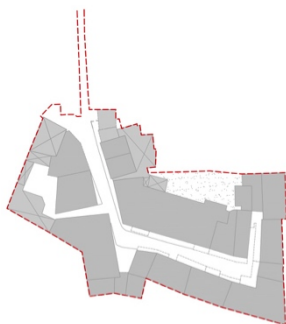
**85.** Diagrama da área de intervenção. Marcação das vilas operárias existentes atualmente dentro do limite.



<sup>135</sup> Moudon, *Getting to Know the Built Landscape: Typomorphology*, 1994, p.290.

<sup>136</sup> Proença, «A diversidade da rua na cidade de Lisboa - Morfologia e Morfogénese», 2014, p.29.

**86.** Limite da área referente à **Vila Sebastião Saraiva Lima.** Sem Escala. A linha a tracejado confina os edifícios, áreas não construídas e acesso à via principal. Pode-se observar a diferença de estruturas pela cor: cinzento escuro para edifícios principais e cinzento claro para anexos e edifícios abarracados.



Pouco se sabe sobre as origens da Vila Sebastião Saraiva Lima sem ser a altura da sua construção no ano 1910<sup>137</sup>. Ao longo da pesquisa observou-se que não existe um mas vários nomes para este conjunto, como Vila Sebastião Saraiva, relativo à rua em que se faz a entrada, Pátio Saraiva ou Vila Saraiva II, o último talvez pela proximidade da Vila Saraiva e por ter sido construída uns anos depois desta, talvez pela mesma entidade.

Apresenta uma construção muito primária, essencialmente constituída por edifícios de um piso, e alguns abarracados. É um conjunto que se encontra no interior do quarteirão, situado nas traseiras de edifícios mais nobres. Está isolado da via principal e a sua entrada faz-se através de um portão que comunica com este acesso central denominado por Rua Particular, pelo que a sua tipologia se aproxima da Vila formando rua ou construída atrás de edifícios. Este acesso serve de entrada as habitações, assim como de área estacionamento. Contém ainda um pequeno espaço livre nas traseiras dos edifícios, adjacente aos restantes logradouros.

Atualmente, o conjunto, encontra-se habitado e parcialmente ocupado por oficinas e com algumas estruturas devolutas.

Morfologicamente, constitui-se por sensivelmente 16 estruturas, todas de diferentes formas e proporções, desde pequenos espaços, a uns mais estreitos e compridos. Com isto, oferece um espaço moldável que se pode adaptar facilmente às varias opções de projeto, sendo possível criar ambientes diretamente ligados com o espaço exterior.

**OBSERVAÇÕES:**

CONSTRUÇÃO: 1910 ; TIPOLOGIA: CONSTRUÍDA ATRÁS DE EDIFÍCIOS; ESTADO DE CONSERVAÇÃO RAZOAVEL;

ACESSO ATRAVÉS DE UMA VIA PARTICULAR;

LOTE:

DIMENSÃO: 2.600M2; FORMA: POLIGONAL; RELAÇÃO COM A VIA: ISOLADO;

Nº DE EDIFÍCIOS: 4 A 5 ; USO DOS ESPAÇOS LIVRES: VERDE E ESTACIONAMENTO

EDIFÍCIO:

RELAÇÃO COM O LOTE: VARIAVEL; RELAÇÃO COM A VIA: RETRAIDO; Nº DE PISOS: 1

COBERTURA: 1 OU 2 AGUAS; USO: HABITACIONAL E COMERCIAL

ANEXOS:ABARRACADOS

<sup>137</sup> Rodrigues, *Tradição, transição e mudança: a produção do espaço urbano na Lisboa oitocentista*, 1979, p.53.

Paredes meias com a Vila Sebastião Saraiva, a Vila Manuel Bernardo foi construída entre 1893 e 1913<sup>138</sup> e, atualmente, é constituída apenas por um edifício tipo palacete, atualmente em ruína. Este bloco apresenta uma dimensão significativa, pelo que tem uma área de implantação de 180m<sup>2</sup> que se distribuem pelos dois pisos e telhado amansardado.

Este edifício, agora abandonado, foi o que restou de um conjunto tipologicamente bem definido - vila formando rua. Como se pode observar pela figura, as pré-existências formavam uma rua interior entre duas bandas paralelas, que seriam rematadas no topo por este bloco. Não existe informação sobre que tipo de edifícios seriam quanto à sua estética ou formalidade, no entanto nota-se ainda uma certa preocupação formal e estética no que resta deste conjunto. Situado no interior do quarteirão, sem qualquer relação com a via principal – Rua Marques da Silva – o seu acesso faz-se através de um caminho que ficou marcado pelo tempo, que entretanto está a ser vencido pelo verde da encosta.

Esta ampla estrutura de planta retangular pode albergar atividades que explorem a noção de *open space* ou como espaço partilhado com a vantagem de estarem associadas a um amplo espaço livre.

#### OBSERVAÇÕES:

CONSTRUÇÃO: 1895 ; TIPOLGIA: ORIGINALMENTE: VILA FORMANDO RUA. APÓS DEMOLIÇÃO PARCIAL A VILA APRESENTA APENAS UM BLOCO TIPO CHALET; MAU ESTADO DE CONSERVAÇÃO

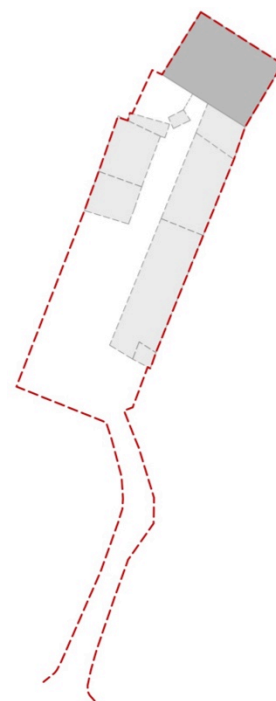
#### LOTE:

DIMENSÃO: 1.800M<sup>2</sup> ;  
FORMA: RECTANGULAR  
RELAÇÃO COM A VIA: ISOLADO;  
Nº DE EDIFÍCIOS: 1 ; USO DOS ESPAÇOS LIVRES: VERDE

#### EDIFÍCIO:

RELAÇÃO COM O LOTE: ISOLADO  
RELAÇÃO COM A VIA: MUITO RETRAÍDO  
Nº DE PISOS: 2 A 3  
COBERTURA: 4 ÁGUAS  
USO: DEVOLUTO  
ANEXOS: NENHUNS

**87.** Limite da área referente à **Vila Manuel Bernardo**. Sem Escala. A linha a tracejado confina os edifícios, áreas não construídas e acesso à via principal. Pode-se observar a diferença entre o edifício atual, cinzento escuro, e os edifícios em banda, já demolidos, em cinzento claro.



<sup>138</sup> Ibid.

**88.** Limite da área referente à **Vila Saraiva**. Sem Escala. A linha a tracejado confina os edifícios, áreas não construídas e acesso à via principal. Pode-se observar a diferença de estruturas pela cor: cinzento escuro para edifícios principais e cinzento claro para anexos e edifícios abarracados.



Construída em 1901, denominada por Vila Saraiva I<sup>139</sup>, apresenta-se por uma banda de casas de dois pisos com uma linguagem formal muito simples. Apesar de estar bem conservada, e com boas condições de habitação foram-se formando uma série de anexos algo insalubres nas traseiras dos apartamentos.

Apesar de se desenvolver no interior do quarteirão, tem uma relação muito direta com a via principal, a Calçada do Poço dos Mouros, pelo que o seu acesso pode ser feito a pé e de carro.

Este conjunto alongado, tipo correnteza, organiza-se entre cerca de seis edifícios individuais.

Dado ao seu estado de conservação e de habitabilidade estarem em condições relativamente boas, conclui-se que este conjunto não se encontra nos critérios de intervenção para a revitalização da área.

No entanto, continua a fazer parte do nível de estratégia podendo pertencer a um percurso turístico de Vilas Operárias.

#### OBSERVAÇÕES

CONSTRUÇÃO: 1901; TIPOLOGIA: EM CORRENTEZA; BOM ESTADO DE CONSERVAÇÃO  
ACESSO A PARTIR DA RUA PRINCIPAL;

#### LOTE:

DIMENSÃO: 2.600M2 ; FORMA: VARIÁVEL/TRIANGULAR

RELAÇÃO COM A VIA: ADJACENTE

Nº DE EDIFÍCIOS: 5 A 6 ;

USO DOS ESPAÇOS LIVRES: VERDE E ESTACIONAMENTO

#### EDIFÍCIO:

RELAÇÃO COM O LOTE: COBERTURA PARCIAL DO LOTE

RELAÇÃO COM A VIA: RETRAÍDO

Nº DE PISOS: 2 A 3 ;

COBERTURA: DUAS ÁGUAS

USO: HABITACIONAL

ANEXOS: ABARRACADOS

<sup>139</sup> Também denominada por Vila Saraiva I, por Maria João Madeira Rodrigues em *Tradição, transição e mudança: a produção do espaço urbano na Lisboa oitocentista*, 1979, p.53.

A Vila Silvério<sup>140</sup>, terá sido construída em 1888, pelo que terá sido das primeiras vilas a serem construídas na cidade de Lisboa.

Acredita-se que o edifício atual é o que resta de um conjunto maior, já demolido. Este edifício, em parte emparedado, margina a rua Marques da Silva e encontra-se exatamente no coração do Caracol da Penha.

Pela forma como assenta no limite da encosta, esta Vila devia marginar este terreno em forma de banda. No local das pré existências estão agora edifícios abarracados ou locais de génese muito pobre ou marginal.

Esta pequena estrutura pode receber actividade que se desenvolvam de forma individual, como pequenos espaços pessoais de trabalho.

#### OBSERVAÇÕES

CONSTRUÇÃO: 1888;

TIPOLOGIA: CORRENTEZA; MAU ESTADO DE CONSERVAÇÃO

#### LOTE:

DIMENSÃO: 765M2

FORMA: TRIANGULAR

RELAÇÃO COM A VIA:

ADJACENTE

Nº DE EDIFÍCIOS: 1 A 2

USO DOS ESPAÇOS LIVRES: VERDE

#### EDIFÍCIO:

RELAÇÃO COM O LOTE: COBERTURA PARCIAL DO LOTE

RELAÇÃO COM A VIA:

ADJACENTE

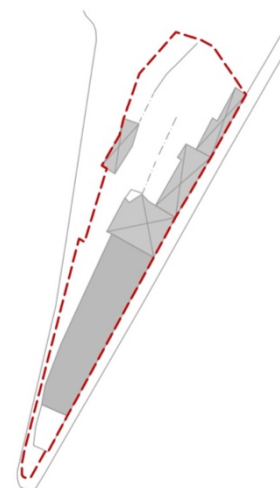
Nº DE PISOS: 1

COBERTURA: 1 AGUA

USO: HABITACIONAL

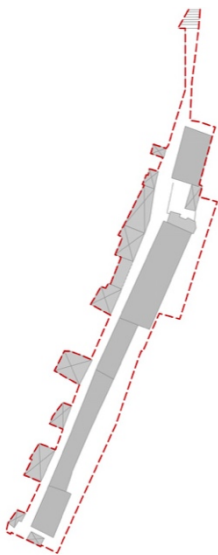
ANEXOS: ABARRACADOS

**89.** Limite da área referente à **Vila Silvério**. Sem Escala. A linha a tracejado confina os edifícios. Pode-se observar a diferença de estruturas pela cor: cinzento escuro para edifícios principais e cinzento claro para anexos e edifícios abarracados.



<sup>140</sup> Também denominada por Vila Coimbra e referenciada como demolida, por Maria João Madeira Rodrigues em *Tradição, transição e mudança: a produção do espaço urbano na Lisboa oitocentista*, 1979, p.53.

**90.** Limite da área referente à **Vila Djanira**. Sem Escala. A linha a tracejado confina os edifícios, áreas não construídas e acesso à via principal. Pode-se observar a diferença de estruturas pela cor: cinzento escuro para edifícios principais e cinzento claro para anexos e edifícios abarracados.



A Vila Djanira, já mencionada, é sem dúvida o conjunto mais precário deste pequeno núcleo. Construída em 1883, forma algo que se assemelha a uma tipologia formando rua por duas bandas de casas paralelas, no entanto, bastante retalhada. Este é um caso de constante mutação pois à medida da necessidade dos habitantes, vão surgindo pequenos edifícios nos espaços livres que restam. No entanto, a vila está bem definida morfologicamente: de um lado tem edifícios de maior dimensão e do outro apresentam-se pequenos anexos ou tentativas de habitação, ao limite da encosta. Desenvolve-se no interior do quarteirão e não tem qualquer ligação com a via pública.

Como se observa, constitui-se por edifícios relativamente pequenos e estreitos, resultado do espaço em que assenta, pelo que terá um programa específico para espaços de pequenas dimensões e espaços de trabalho individualizados.

Este conjunto tem a grande vantagem de estar associado ao Convento da Penha de França pelo que pode trazer vantagens da ocupação dos espaços.

#### OBSERVAÇÕES

CONSTRUÇÃO: 1883

TIPOLOGIA: VILA FORMANDO RUA;

MAU ESTADO DE CONSERVAÇÃO

EDIFÍCIOS ABARRACADOS DISPOSTOS EM DUAS BANDAS PARALELAS, ADQUIRINDO UMA FORMA ALONGADA NO TERRENO;

#### LOTE:

DIMENSÃO: 1570M2

FORMA: RETANGULAR

RELAÇÃO COM A VIA: RETRAÍDA

Nº DE EDIFÍCIOS: 6 A 7

USO DAS ESPAÇOS LIVRES: CIRCULAÇÃO

#### EDIFÍCIO:

RELAÇÃO COM O LOTE: OCUPAÇÃO QUASE TOTAL DO LOTE

RELAÇÃO COM A VIA: RETRAÍDA

Nº DE PISOS: 1

COBERTURA: ABARRACADA/ 1 ÁGUA

USO: HABITACIONAL

ANEXOS: ABARRACADOS

A Vila Gomes é a única com intenções espaciais claras. Apresenta uma estrutura de edifício em banda, com dois pisos distintos e com uma galeria de acesso e escadas em ferro. Com a particularidade de ter tido três fases de construção, o projeto começa em 1901 e a construção em 1908, um ano mais tarde é solicitada a construção de mais um piso que acaba por ser negada. Na década de 90 é alvo de um projeto de recuperação com intervenções de nível interior e exterior.<sup>141</sup>

Deste pequeno conjunto de vilas operárias, este é o que apresenta as melhores condições de habitabilidade e um bom estado de conservação. Por estes motivos, não se justifica impor intervenções físicas, no entanto, tal como a Vila Saraiva II, fará parte de um processo de estratégia e recuperação do *Bairro* pelo que a sua presença não passará despercebida.

#### OBSERVAÇÕES

CONSTRUÇÃO: 1911 TIPOLOGIA: CORRENTEZA; MUITO BOM ESTADO DE CONSERVAÇÃO

#### LOTE:

DIMENSÃO: 900M2

FORMA: RECTANGULAR

RELAÇÃO COM A VIA:

ADJACENTE

Nº DE EDIFÍCIOS: 5

USO DOS ESPAÇOS LIVRES: ESTACIONAMENTO

#### EDIFÍCIO:

RELAÇÃO COM O LOTE: COBERTURA PARCIAL

RELAÇÃO COM A VIA: ADJACENTE

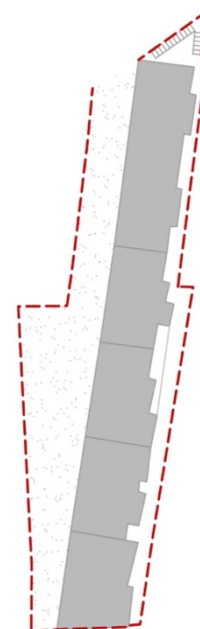
Nº DE PISOS: 2

COBERTURA: 2 AGUAS

USO: RESIDENCIAL

ANEXOS: NENHUNS

**91.** Limite da área referente à **Vila Gomes**. Sem Escala. A linha a tracejado confina os edifícios. Pode-se observar a diferença de estruturas pela cor: cinzento escuro para edifícios principais e cinzento claro para anexos e edifícios abarracados.



<sup>141</sup> MissLisbon - Lisboa, cidade menina tão bela, «A bela Vila Gomes».

A caracterização tipo-morfológica de cada Vila inserida na área de intervenção, oferece uma leitura que pode agora ser direcionada para um tipo de uso específico: os espaços criativos. É possível então identificar o tipo de ações mais apropriadas a cada caso. As Vilas que se encontram em bom estado de conservação, como é o caso da Vila Gomes e Vila Saraiva não farão parte de qualquer intervenção permanecendo com o seu uso atual. As Vilas com estruturas de pequenas dimensões, como a Vila Silvério e a Vila Djanira, apropriam-se bem a atividades de carácter individual como pequenos ateliers ou lojas. Com estruturas de dimensões mais amplas, como acontece na Vila Manuel Bernardo e na Sebastião Saraiva Lima, é possível implementar usos de espaço partilhado, tanto de trabalho como de lazer. As Vilas Operárias que contêm espaços verdes têm a vantagem de se poder associar diretamente a um pequeno espaço público.

Através desta análise a par com a cartografia histórica de cada estrutura é possível perceber as singularidades de cada uma para assim terem processos de criação distintos.

Rematando este ponto, a área de análise contém uma série de espaços desqualificados, potencialmente adequados às ideologias da Acupuntura Urbana, facto que se repete com maior intensidade, na zona de intervenção, envolvente ao Convento da Nossa Senhora da Penha de França. Seleccionada uma área onde a Vila Operária apresenta uma forte presença territorial num contexto de bairro, é assim, possível trabalhar a ideia de Bairro Criativo em rede com uma série de Vilas Operárias que cumpram os critérios de adaptabilidade para o efeito.

Desta forma, as Vilas Operárias, a Acupuntura Urbana e Os Espaços criativos respondem bem às características do local de intervenção, cuja seleção teve como critério base todos os princípios presentes nestes três temas.





### 3. UM BAIRRO ARTÍSTICO

Os diferentes temas abordados ao longo deste trabalho foram de encontro à necessidade de transformar um elemento tão simbólico, como é uma Vila Operária, num espaço dedicado às práticas artísticas na cidade de Lisboa.

*Um Bairro Artístico*, pretende explorar e promover o pensamento sobre o potencial e as inúmeras formas de apropriação de conjuntos de Vilas Operárias na nossa cidade.



**92.** Fotografia tirada a partir do interior do quarteirão, no Caracol da Penha. Pode-se observar o forte sistema de vistas presente neste local.

### 3.1. Construir no Caracol da Penha

Este é um lugar de Lisboa que tem sido alvo de grande controvérsia. Designado como *um verdadeiro pulmão verde*<sup>142</sup>, um destes terrenos camarários adjacentes à encosta da Penha de França encontra-se sem qualquer utilização, podendo responder à grande carência de espaços públicos no centro da cidade. Com isto, vão surgindo algumas propostas que tentam ir de encontro às necessidades deste lugar.

Em 2007, destacou-se uma proposta<sup>143</sup> que visa a criação de um parque na zona da encosta e espaços adjacentes com parque infantil, bar, campo de jogos, hortas, entre outros<sup>144</sup>. Esta terá sido das primeiras propostas apresentadas para o local pelo que foi bastante apoiada pelos moradores, que temem a construção deste interior de quarteirão e que continuam a apelar para a importância dos espaços abertos na Penha de França.<sup>145</sup>

Entretanto, durante o presente ano, surge o verdadeiro motivo que veio dar início a um movimento por parte dos moradores do Caracol da Penha. Um projeto da EMEL<sup>146</sup> que *vem destruir a única e última hipótese de um espaço público na Penha de França*<sup>147</sup> – um parque de estacionamento.

Este projeto prevê a construção de 86 lugares à superfície que se distribuem em três plataformas ao longo da encosta. *“Preferimos um jardim de sucesso a um parque de estacionamento sem história”* foi a justificação dos moradores para dar início ao Movimento pelo Caracol da Penha.

---

<sup>142</sup> «Movimento pelo Jardim do Caracol da Penha», 2016.

<sup>143</sup> Concurso Público. Autores da proposta: Nuno Almeida e Lília Coelho. Ver mais em <http://www.atelieratm.com>

<sup>144</sup> Fotomontagens do projeto em anexo.

<sup>145</sup> Almeida, «Salv guarda da Encosta da Penha de França», 2007.

<sup>146</sup> Empresa Municipal de Mobilidade e Estacionamento de Lisboa.

<sup>147</sup> Citado no vídeo: Movimento pelo Jardim do Caracol da Penha, O Caracol da Penha na RTP - Portugal em Direto de 19/Julho/2016.

Já com uma petição com mais de 2500 assinaturas reunidas e uma proposta apresentada no Orçamento Participativo de Lisboa, este grupo de moradores defende e apresenta alternativas de estacionamento em favor da criação de um espaço público sem trânsito automóvel.<sup>148</sup> Propõe-se a criação de novos percursos pedonais com possível acesso pela rua Cidade de Cardiff e pela Rua Marques da Silva, zonas e infraestruturas de usufruto comum em, tirando partido deste espaço ideal para um contato próximo com a Natureza.<sup>149</sup>

É portanto, um caso que levanta uma forte discussão urbana, com base nas potencialidades identificadas.

Estes pressupostos, principalmente os da participação pública, são bastante relevantes e constituem uma base sólida e justificativa de trabalho. Todas estas questões foram descortinadas somente na fase final de projeto pelo que é interessante agora, conseguir fazer-se uma clara comparação entre o parecer dos moradores e aquilo que foi proposto neste trabalho.



**93. “Gostava de ter um jardim para...”.** Fotografia referente às razões determinadas pelas crianças, para a criação de um jardim. Este desenho sucedeu-se durante a apresentação pública do Movimento pelo Jardim da Penha de França no dia 9 de Julho de 2016.

<sup>148</sup> Boaventura, «Entre estacionamento e um jardim, estes moradores de Lisboa escolhem o último», 2016.

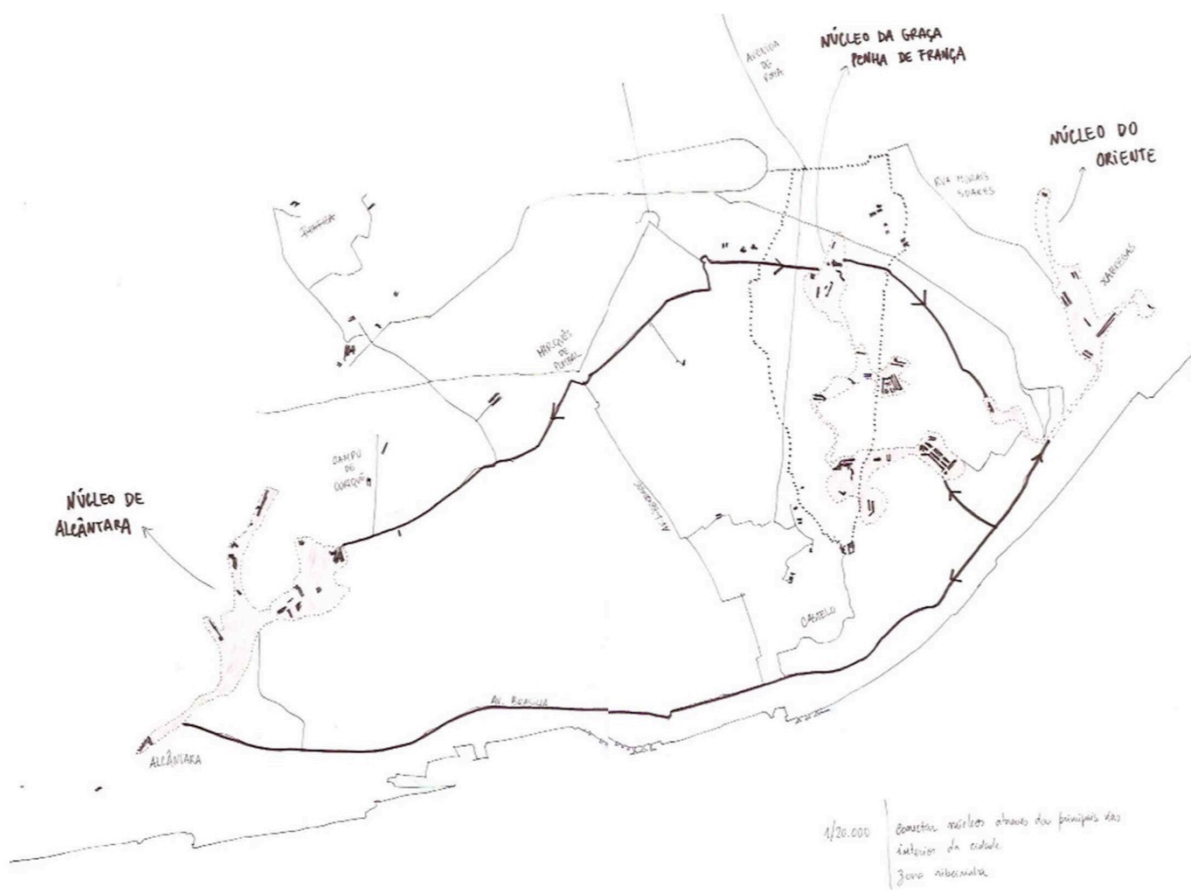
<sup>149</sup> «Orçamento Participativo de Lisboa - OP 2016 - Proposta 573 - Jardim do Caracol da Penha».

Numa primeira abordagem, tornou-se relevante estabelecer relações com toda a extensão da cidade. Analisar o conjunto das vilas operárias no tecido urbano de Lisboa, e os seus principais aglomerados, remete-nos para a necessidade de uma ligação unitária, que conecte as memórias da habitação operária, e que se relacione com a cidade e o seu cidadão. Tendo o eixo viário da frente ribeirinha e as avenidas novas como principais elementos de conexão entre estes e a cidade, a estratégia baseia-se em unir os três núcleos entre si e consequentemente à cidade, de forma a valorizar este fragmento tão importante da história de Lisboa.

Então, reforçam-se as ligações do núcleo da Graça, elemento de análise, através das grandes avenidas, Almirante Reis ou a rua Morais Soares, importantes atravessamentos que levam a cidade de Lisboa à Penha de França.

Posto isto, dá-se então origem a uma reinterpretação urbana e à introdução de novos espaços criativos que conectam o formal com o informal, práticas do quotidiano e de exceção, o lúdico e o trabalho, estabelecendo uma rede de novas energias essenciais ao desenvolvimento cultural da cidade.

A existência de vários espaços criativos dentro da área de análise acaba por justificar a pertinência deste uso como algo emergente, que acontece com cada vez mais frequência na cidade. Sendo estes, a Residência Artística, Hostel, Estúdio e Café - *Largo Residências*, situada no Largo do Intendente; a *Ilha*, um espaço partilhado de ateliers, situado na envolvente direta do quarteirão; e a *Roundabout.lx* situada justamente dentro da área de intervenção, é um espaço experimental de arte/atelier que poderá certamente fazer parte deste conceito de Bairro Artístico da Penha de França.



94. Estratégia. Conexão entre os três aglomerados de habitação operária. Sem Escala. Esquício elaborado pela autora.



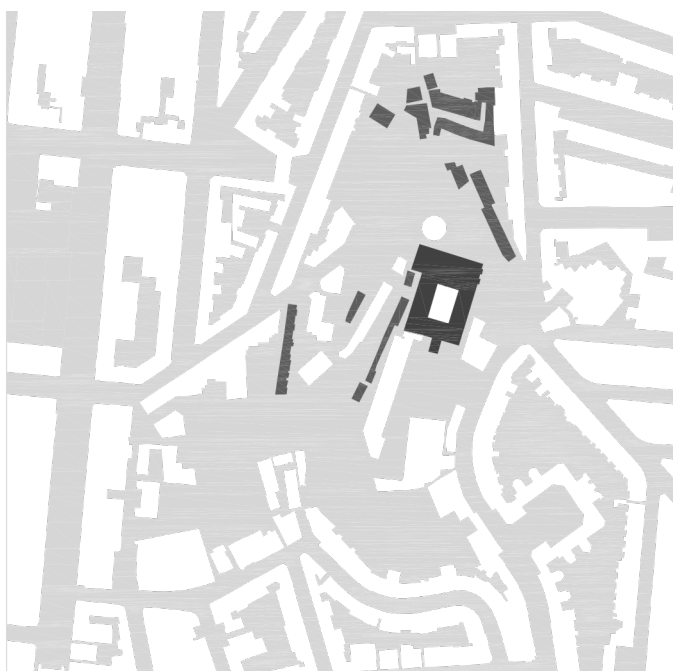
95. Estratégia. Principais vias de acesso entre a cidade e o território em análise; principais espaços públicos envolventes. Sem Escala. Esquízo elaborado pela autora.

Após uma análise ao nível da cidade, identificou-se um local muito marcado pela presença de habitação operária, completamente desqualificado, porém com uma enorme potencialidade de hipóteses:

Um terreno fortemente acidentado que se transforma num mirante. Um caracol<sup>150</sup> sinuoso que intensifica este lugar. Um Convento como espaço motor da experiência artística. A Vila Operária como estrutura vivida e não esquecida.

O projeto organiza-se segundo a presença da vila operária como objeto dominante, tendo o Convento<sup>151</sup> como espaço promotor e ponto alto das experiências artísticas resultantes do próprio Bairro.

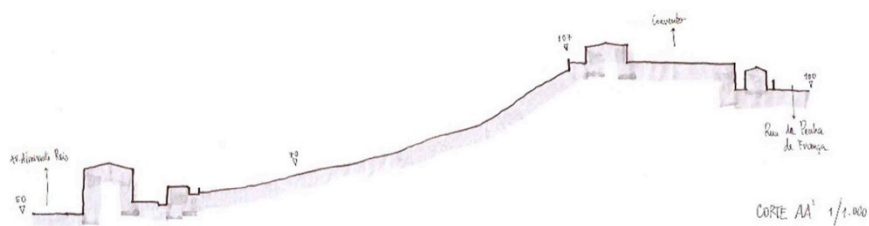
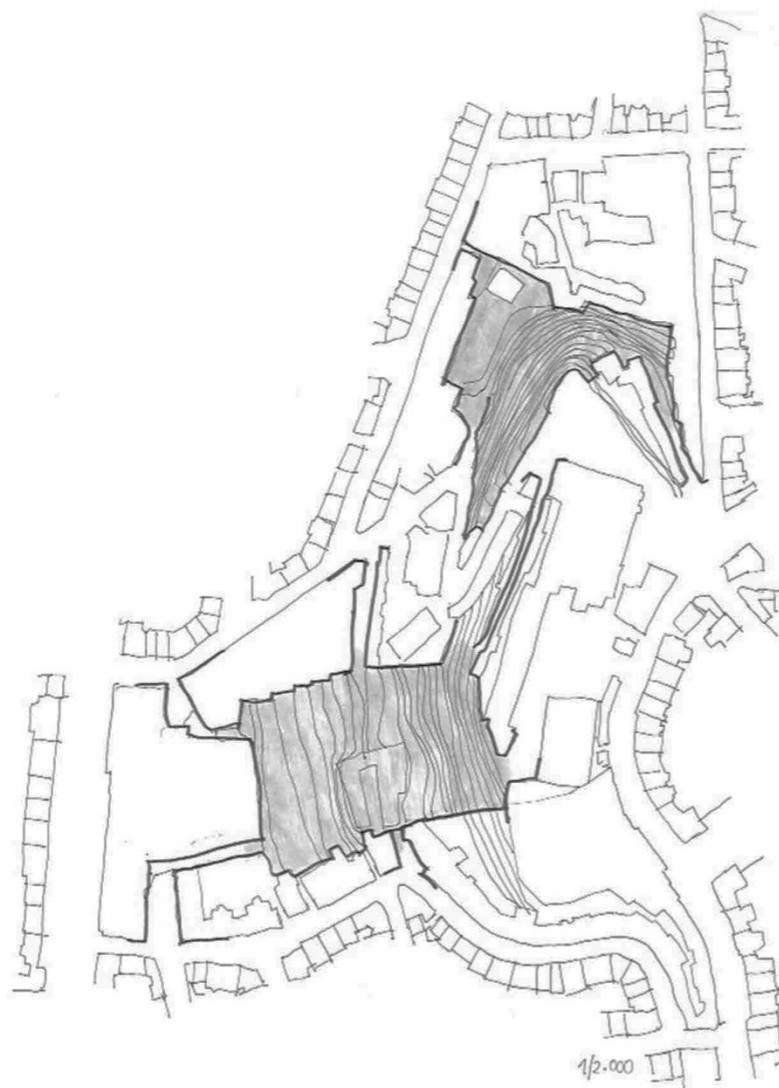
A vila operária é o objeto propulsor desta ideia e todo este troço é entendido como elemento de interação entre as vilas operárias e a cidade, pois vai convidar o público à visita destes conjuntos arquitectónicos. A alteração dos usos da vila operária e o tratamento do espaço público, introduz novas vivências sociais e culturais, remetem para a transformação desta zona no novo Bairro Artístico da cidade.



**96.** Diagrama. identificação das Vilas Operárias inseridas no quarteirão em análise. Desenho elaborado pela autora.

<sup>150</sup> Rua Marques da Silva

<sup>151</sup> Convento, Santuário e Igreja da Nossa Senhora da Penha de França. Utilização Atual: quartel da Polícia de Segurança Pública situado na área do Convento.



**97.** Esquema do quarteirão em análise. Identificação dos espaços públicos desqualificados associados às duas encostas. Sem Escala. Esquízo elaborado pela autora. **98.** Corte esquemático. Sem escala. Esquízo elaborado pela autora.

A ideia será relacionar com cada vila um pequeno espaço de estar, público ou privado, dependendo da atividade. A natureza de cada espaço criativo será diretamente associado à tipo-morfologia de cada vila, o que resultará nos mais variados usos dentro da vertente artística desde ateliers, oficinas, cafetarias ou lojas.

O programa divide-se então pelo **Centro de Divulgação e Exposições**, inserido no interior Convento, que fica responsável pela difusão das criações originadas no Bairro. Funciona como Pólo Cultural da Penha de França, agregador final de todas as experiências realizadas nos ateliers e oficinas, oferecendo lugar para conferências, demonstrações e eventos ligados às vertentes artísticas, servindo de plataforma entre os artistas e a cidade.

Um **Centro Interpretativo das Vilas Operárias**, é a porta de entrada para quem deseja conhecer de forma mais aprofundada este pedaço da história de Lisboa. Vai demonstrar e ensinar a importância que estes conjuntos tiveram para a cidade, através da sua história e evolução, de uma forma informal e apelativa. Disponibilizará informação sobre um conjunto de vilas de Lisboa assim como possíveis itinerários turísticos e curiosidades.

Para dar resposta ao fluxo de artistas, internacionais ou de outras partes do país, é necessário oferecer alojamento. A ideia é criar um edifício onde se vive em permanente criação, tanto para aqueles que estão de passagem num registo mais descomprometido, como para aqueles que estão em plena permanência e residência. Este espaço de **Residência Artística** será introduzido no corpo existente, adjacente ao Convento.

Por último, o conjunto de seis Vilas Operárias que irão ser sujeitas a transformações superficiais ou profundas, dependendo do estado de conservação de cada uma, transformando-se em ateliers de trabalhos, espaços de restauração ou espaços comerciais.

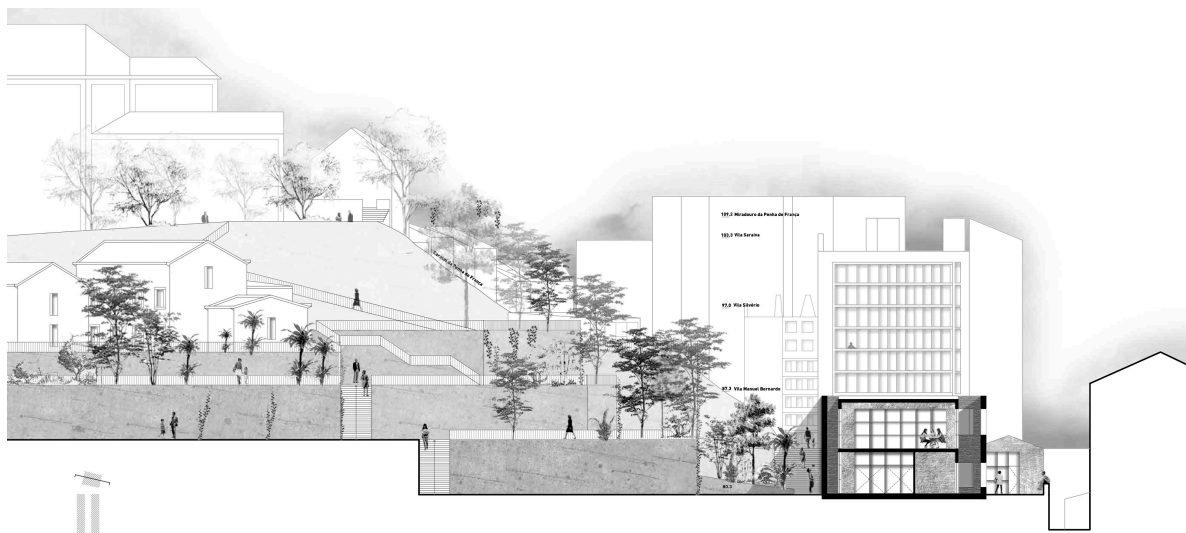
Existe a preocupação em realojar as famílias, que subsistem num ambiente precário, para um novo edifício que será implantado na Rua da Penha de França, na proximidade do Convento, com a criação de estacionamento subterrâneo com entrada pela mesma rua.

As Vilas que se encontram em bom estado de habitabilidade não irão sofrer alterações, no entanto não deixarão de fazer igualmente parte do Bairro Artístico e percurso entre vilas. As intervenções têm o objetivo de alterar o uso atual das vilas mais degradadas, para passar a conter espaços criativos que se podem adaptar às mais diversas áreas artísticas, permanentemente associados ao seu espaço exterior. A ideia é não associar um uso direto a cada espaço de vila mas sim criar um espaço flexível e apto às necessidades dos seus ocupantes.

Começa-se, então, pela modelação do terreno nas encostas, esculpindo-as de forma a conseguir criar os patamares que servirão de percurso entre a cota mais alta e mais baixa, vencendo uma altura de cerca de 40 metros. Estas ligações tornam-se muito importantes pois ambas ligam dois vazios ao planalto do Convento. Esta operação é encarada não somente como resposta às mobilidade e funcionalidade do lugar mas também como pretexto para o desenho de um novo espaço público. Nos dois grandes vazios, adjacentes às encostas, propõem-se zonas de recreio, esplanadas e áreas verdes, que acompanham diversas mudanças de cotas e criam novos ambientes.

No quarteirão a Sul do caracol propõem-se uma nova ligação pedonal, desde a Vila Gomes à rua Cidade de Cardiff, que acaba por dividir este quarteirão e facilitar as suas ligações.

Aqui, inserem-se uma série de atividades em estruturas rehabilitadas ou construídas. Cada edifício assume uma cota e cada plataforma, simboliza uma atividade e cada atividade caracteriza um espaço.



**99.** Corte do espaço proposto envolvente à Vila Manuel Bernardo. Desenho elaborado pela autora. Sem escala.

Este espaço público contém o caracol como elemento agregador e ao mesmo tempo estende-se por toda a encosta da Penha de França; entre anfiteatros, cinema ao ar livre, parque infantil, academia de dança, este espaço vai ganhando sentido num jogo de rampas, escadas, zonas de paragem e circulação, descanso e assento, servindo de palco a qualquer tipo de evento ou criação artística.

Quer-se uma ideia de continuidade entre estes espaços que resultarão das vilas recuperadas, o seu espaço público envolvente e o Convento. Assim, será na cota mais alta que irão existir uma série de espaços que complementam esta narrativa. Com isto, cria-se um novo Miradouro que se vai agarrar ao miradouro já existente a Norte do Convento<sup>152</sup>, fazendo com que este planalto seja frequentado somente pela vista de 180º sob a parte Oeste da cidade. Um lugar escondido na cidade, totalmente desaproveitado. Nesta cota, o Convento e as residências artísticas conformam uma praça, que cria uma unidade morfológica, promovendo o encontro entre as pessoas que aqui vivem e trabalham.

É deste pódio que se desenvolve a ideia de Bairro Artístico e é necessário que este espaço albergue em si todas as funções do processo criativo e que ofereça áreas específicas à produção, difusão e interpretação da arte e cultura.

Existe portanto uma ideia de troca entre os diferentes níveis de ocupação, desde o alojamento, à produção criativa, exposição e comércio de obras. Torna-se possível criar um ciclo de autossustentabilidade, em que o que vem de fora – o visitante – alimenta o que está dentro – o artístico, e vice-versa. Todos os elementos funcionam num ambiente de interdependência, onde se partilha o espaço e a experiência.

---

<sup>152</sup> Miradouro da Penha de França.

Para solucionar este fragmento da cidade, propõe-se um redesenho do espaço público a partir do conceito da Acupuntura Urbana, que intensifique as relações de trocas entre as pessoas que por aqui habitam e que por aqui passam. A noção de Acupuntura Urbana aplica-se a esta proposta uma vez que se verificam uma série de pressupostos associados a este movimento urbano.

Um programa definido por várias funções *micro-localizadas* que conformam um todo, num território de pequena escala na cidade é o princípio elementar deste tema, pois é o ponto de partida para um grande impacto tanto na envolvente direta como no resto da cidade. Tirar-se partido, neste caso em grande maioria, de espaços em desuso e mal aproveitados, é também um dos pontos chave; como é o caso do planalto de Convento da Nossa Senhora da Penha utilizado pela PSP, que se torna agora num novo Miradouro da cidade de Lisboa.

A criação de um espaço público de excelência onde outrora se situava uma encosta totalmente degradada é um dos exemplos que formam as bases desta ideologia e, conseqüentemente a base deste projeto, que resolve situações de ligações entre duas cotas através de uma simples escadaria ou um sistema de plataformas. Estas, são pequenas ações que alteram por completo a linguagem deste território e, mais importante, facilitam muito o dia-a-dia da comunidade.

O próprio projeto arquitectónico, na Vila Manuel Bernardo, é um exemplo prático deste conceito. Onde uma pessoa vê uma oportunidade de demolição outra pessoa vê o declínio de um lugar com história. Poderá existir um elevado nível de degradação mas também existir um energia muito forte e são estes tipos de energias que necessitam de ser reativadas.<sup>153</sup> Esta observação será explorada num sentido mais prático, na seguinte parte.

---

<sup>153</sup> Segundo a linha de pensamento de Marco Casagrande, referido no capítulo anterior.

Destes princípios ligados à temática da Acupuntura Urbana destaca-se a *perspectiva humana* dos moradores e a *educação* por parte da pessoa responsável pelo projeto.

Nesta fase final, podemos então explicitar algumas ações que foram de encontro ao pensamento dos moradores do Caracol da Penha. Sendo eles e passo a citar:

*“O Comando da PSP está instalado nas instalações do antigo Convento da Penha de França e terrenos contíguos e a alteração do seu uso tem de atender ao contexto da zona onde se integra:*

*O espaço ocupado pelo comando da PSP tem algumas desvirtuações – barracões, antenas, caixas de ar condicionado, muro junto da rua Penha de França que poderão ser revistos/demolidos.*

*A libertação do espaço ocupado pelo Comando da PSP pode permitir:*

*- A criação de estacionamento para os residentes (preferencialmente subterrâneo); - A criação de um jardim (com concessão a restaurante/café) que aproveite e dinamize a área, que tem um vista agradável sobre Lisboa, e que não merece estar tapada por um muro e barracões inestéticos e em mau estado; - A reconversão do espaço do convento num serviço público; - Requalificação do largo da Igreja e aproveitamento do miradouro.”<sup>154</sup>*

Já outra moradora, analisa este território focando-se no vazio da antiga Quinta da Palmeira<sup>155</sup>:

*“O certo seria apostar em romper uma via e atravessar a quinta camarária-, podia ser uma ligação ao Beco da Cidade de Cardiff e outra para a Rua Marques da Silva a norte, porque a cidade precisa de se abrir e não continuar atrofiada; Ideias que poderiam ser balançadas:*

*Que se organizem em revitalizar o espaço da quinta com infra estruturas de valia, cumulativamente para a Câmara, e para a população do Bairro e redondezas. Abertura de novas vias de comunicação atravessando a quinta, dando largueza ao Bairro.*

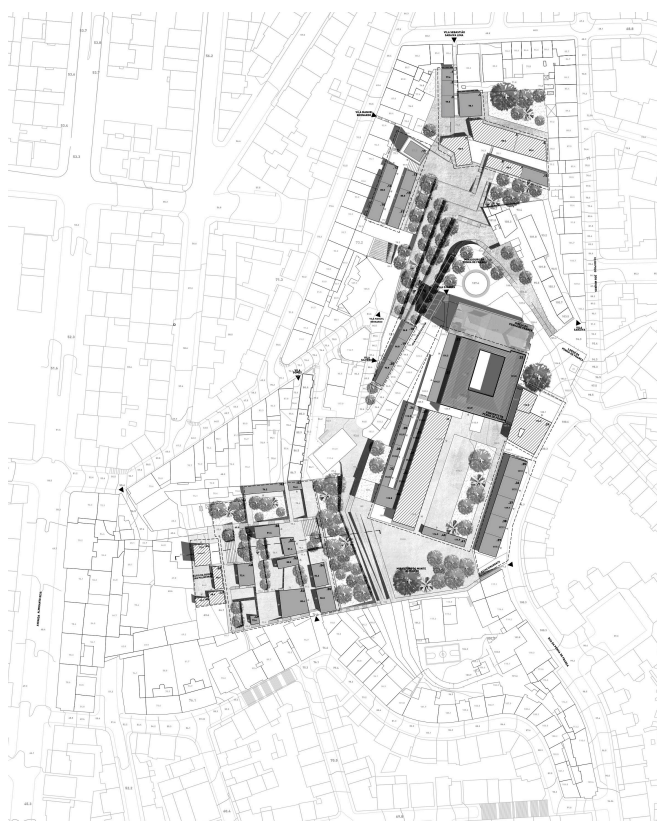
---

<sup>154</sup> Valença, «Venda de Património - Penha de França #2».

<sup>155</sup>O espaço da antiga Quinta da Palmeira refere-se ao vazio no quarteirão a Sul do Caracol da Penha.

*Como? Acesso pela Escola Selecta; acesso pela lateral da Vila Gomes, abrindo o muro; na Rua da Penha de França rompendo o muro entre os pavilhões desativados da GNR e um prédio habitacional. Por último julgo que o empreendimento seria de grande valia, por se enquadrar no coração da cidade, basta haver bom senso, onde arquitectos e engenheiros de visão, podem e devem engendrar partido de engrandecimento, para o tornar rentável, urbanisticamente prazeroso, com ofertas várias à população.”<sup>156</sup>*

Foi interessante observar a ponte que se formou entre a vontade pública e o resultado deste trabalho. A proposta procurou ir ao encontro das problemáticas urbana e humana, resultando numa solução que, em grande medida vai ao encontro das aspirações dos moradores.



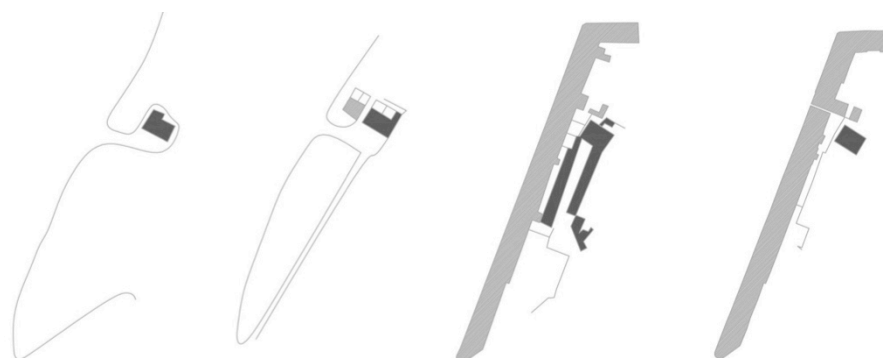
**100.** Planta síntese da proposta urbana para a envolvente do Caracol da Penha. Observam-se as novas aberturas que ligam o interior e exterior do quarteirão; novos percursos pedonais; requalificação do planalto do Convento para usufruto público e a criação de espaços verdes associados a novos equipamentos. Desenho elaborado pela autora. Sem escala.

---

<sup>156</sup> Coy, «Concurso “Participe nas escolhas da freguesia” urge revitalização o Bairro Inglês!», 2016.

### 3.2. Na Vila Manuel Bernardo

**101.** Diagrama da cartografia história da Vila Manuel Bernardo nas datas de 1856, 1911, 1950, e 2015, repetitivamente.



Como desenvolvimento do projeto estratégico e urbano, fez sentido desenvolver a proposta num nível mais aproximado, para a melhor compreensão das possibilidades de usos a ser implementados numa Vila Operária.

Na proposta de carácter arquitectónico, recupera-se a casa pertencente à antiga Vila Manuel Bernardo e devolvem-se-lhe os dois corpos já demolidos. A recuperação deste lugar é parcial, pois todo o seu interior será demolido, conservando apenas as quatro paredes autoportantes que compõem as fachadas, de modo a conservar o carácter original deste elemento.

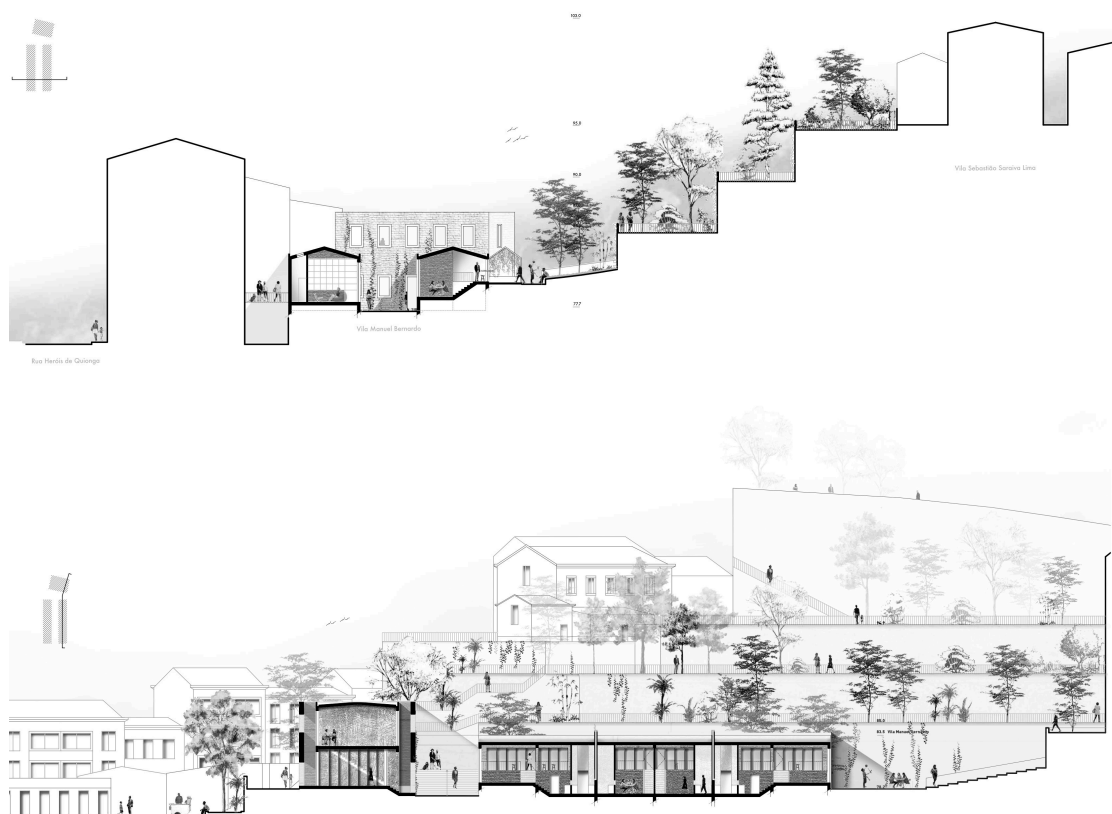
Então, é definido um novo corpo desenhado para o futuro com o respeito pelo passado e que comunica constantemente com esta fachada, criando um corredor de circulação entre estes dois limites. Pelo que, entrar no edifício principal é entrar num espaço de circulação e articulação entre o antigo e o novo, dando acesso às novas áreas funcionais.

Os dois novos corpos em banda que lhe são contíguos, e que outrora conformavam a Vila, implantam-se precisamente no mesmo lugar onde outrora existiram as habitações operárias. Este é um conjunto que tem a capacidade espacial de conter variados programas e de ser prolongado para o espaço exterior promovendo diferentes atividades e formas de viver o mesmo lugar. Desta forma, propõe-se uma das varias hipóteses de projeto.

Segundo a análise tipo-morfológica, o edifício principal poderá receber atividades que se desenvolvam em espaços amplos, possibilitando a experiência em open space, por isso, propõe-se um espaço de trabalho CoWork que irá promover a relação entre os artistas e a troca de ideias. É um programa simples de planta livre, tal como pede a sua função, com as escadas de acesso ao 1º piso situadas no espaço de transição entre o novo *miolo* edificado e a antiga fachada que se mantém.

Já os dois corpos que se situam ao longo do terreno, podem comportar práticas nas quais se necessite de partilhar o espaço ou, funções de uma natureza mais individualista. A implantação destes três edifícios formam um espaço intimista no seu interior e um segundo espaço de decompressão agregado a um percurso pedonal mais amplo.

Com isto, para o corpo situado a Poente e como se encontra numa posição mais recolhida por estar adjacente a logradouros, propõe-se um programa de ateliers de aluguer e/ ou loja/ atelier. A estrutura reparte-se em quatro espaços amplos com pé-direito duplo. Ao fundo de cada espaço encontram-se os espaços complementares: arrumos e instalações sanitárias.



**102. 103.** Cortes do espaço proposto envolvente à Vila Manuel Bernardo ao longo dos socalcos ajardinados. Desenho elaborado pela autora. Sem escala.

A Nascente com a particularidade de estar anexo a um sistema de plataformas, podendo conter esplanadas, propõem-se funções ligadas à restauração ou pequenos estabelecimentos comerciais. O seu interior desenvolve-se em dois níveis diferentes, entre um espaço de pé-direito duplo e uma mezzanine que se abre e relaciona diretamente com o exterior. No piso inferior situam-se todos os espaços técnicos, as cozinhas e copas, instalações sanitárias, despensas e arrumos. A mezzanine assenta em parte sobre estas funções, pelo que são a única parte do corpo que perde em questões de pé-direito.

Ambos os edifícios buscam referências volumétricas e formais à sua morfologia original. Estruturas em alvenaria, formalmente simples com cobertura de duas águas, conjugando a presença do vidro com apontamentos de ferro. A pavimentação exterior forma-se a partir de um jogo entre o tijolo maciço que representa as zonas de estar mais íntimas; o pavimento contínuo de betão associado às zonas amplas de descompressão e permanência; a calçada de vidraço aplicada nos lugares de passagem. Este sistema de pavimentos aplica-se em toda a proposta, havendo uma linguagem comunicativa entre todos os espaços públicos propostos, sendo que estes são os elementos base que caracterizam a maioria das vilas da nossa cidade.

O desenho destes três edifícios conformam um espaço singular por remeter à caracterização tipológica de Vila Formando Rua. Acaba por reproduzir de alguma forma as vivências únicas de uma Vila Operária, dando um novo sentido ao lugar e desvendando a potencialidade destas estruturas.

*Um Bairro Artístico*, pretende então explorar as capacidades deste objeto arquitectónico de excelência, para então promover a criação de projetos artísticos ligados a uma maior rede de oportunidades: o bairro.

Intervir neste lugar responde também à necessidade de preservar estas vilas operárias em crescente declínio.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um projeto que carrega na memória os Miradouros, os caracóis<sup>157</sup>, últimos da cidade, conventos e vilas operárias que relembram o valor deste espaço. Um local que permite e que necessita de um acréscimo de espaços públicos de excelência, assim como de alguma renovação de tecido económico e social, recorre à Vila Operária como elemento principal e gerador de experiências.

Entender o conjunto das vilas operárias da cidade de Lisboa e captar a sua capacidade de promover um processo de regeneração urbana a partir da sua reabilitação arquitectónica e funcional, foram as ideias chave no desenvolvimento de um caso de estudo, que se entende poder servir de modelo a outras intervenções.

Entender uma Vila Operária e demonstrar a sua viabilidade de utilização e reabilitação foi o desafio. Para isto, foi importante colocar em evidência a sua importância como testemunho histórico na cidade e identificar as capacidades de habitabilidade que cada caso constituía. Para isto, surgiu a necessidade de abordar um conjunto de Vilas, do ponto de vista tipológico e morfológico para perceber quais as melhores hipóteses de utilização para cada caso, tal como a Acupunctura Urbana surge como abordagem mais adequada para atingir os objetivos definidos, face à realidade em causa.

Com todos os condicionantes deste caso de estudo específico, e por nos encontrarmos numa zona bastante povoada por este tipo de estruturas, entendeu-se que a criação de um Bairro Artístico seria o elemento unificador mais apropriado para este conjunto, e este, foi o ponto de partida para uma reflexão focada nos espaços criativos.

---

<sup>157</sup> Caracol da Penha de França e Caracol da Graça.

Ao longo do processo foi-se percebendo que praticamente todos os tipos de Vila Operária tinham a capacidade de ser facilmente ajustados a qualquer tipo de atividade criativa.

Esta resposta serve não só para promover a recuperação destes espaços tão carismáticos, mas também devolver as vivências sociais específicas – proximidade e cooperação, talvez a característica mais importante extraída de uma Vila.

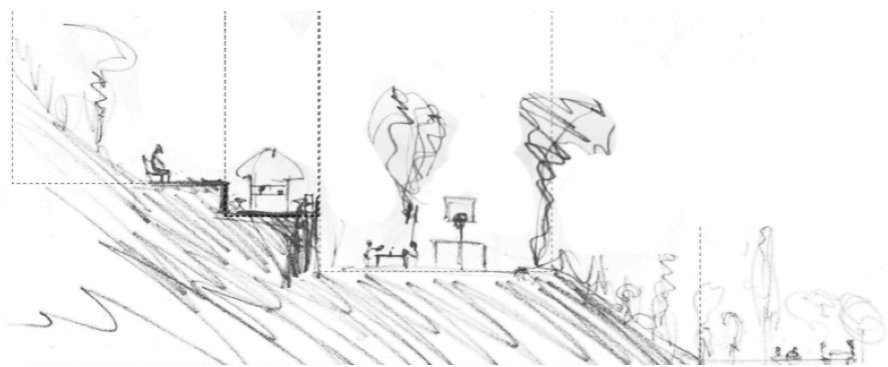
Neste processo em busca de uma resposta mais concreta fez-se a caracterização tipo-morfológica de cada um dos elementos existentes no caso de estudo, de forma a oferecer um suporte sólido na proposta projetual. Com isto, acredita-se que cada caso é um caso e por isso, será ingrato afirmar que uma tipologia de vila corresponde a uma determinada atividade, entendendo-se ser uma resposta limitativa. Cada Vila Operária está associada a uma célula diferente da cidade, com uma história e evolução diferente, o que as distingue indiscutivelmente e as tornam elementos singulares, independentemente de partilharem uma mesma tipologia.

Ter entrado neste campo ajudou na definição de um programa para este caso de estudo, no entanto não define um padrão coerente de escolhas somente a partir da tipologia.

Com isto, conclui-se que a Vila consegue responder bem a novos usos e atividades, mais concretamente, e dada à sua natureza flexível, aos espaços criativos.

Por último, e não menos importante, foi interessante perceber como as soluções apresentadas nesta proposta urbana foram em grande maioria ao encontro das ideias e perspectivas dos moradores do Caracol da Penha.

A carência de um espaço público para esta parte da cidade é de facto um problema real para esta população, que esta proposta resolve, acrescentando novas dinâmicas sociais, culturais e económicas que se entendem benéficas para a regeneração desta área específica mas também com efeitos alargados a uma área mais ampla, a cidade.



**Comparação entre os dois espaços propostos para o Caracol da Penha.**

**104.** Corte esquemático do espaço proposto pelos moradores para o Jardim do Caracol da Penha. Publicado em Junho 2016. **105.** Corte do espaço público proposto para o interior do quarteirão do Caracol da Penha. Desenho elaborado pela autora. Sem escala.

Fica o desejo de que o desenvolvimento desta reflexão fique em aberto para uma próxima reinterpretação enquanto conceito que pode ser repetido em qualquer Vila Operária da cidade, em unidade ou em conjunto, não só pela sua forte capacidade de mutação como para a evolução destas estruturas tão importantes na história da nossa cidade.



# FONTES DOCUMENTAIS

## Bibliografia

### Volumes

ALDOUS, Tony

*Urban Villages - A Concept for Creating Mixed-use Urban Developments on a Sustainable Scale*

1992

Câmara Municipal de Lisboa, Direcção dos Serviços de Habitação – Gabinete dos Estudos Olissiponenses. *Estudo dos Pátios e Vilas da Cidade de Lisboa, Proposta Conjunta*. Lisboa: CML – DSH/GEO, Abril de 1988.

Câmara Municipal de Lisboa, Divisão de Reabilitação Urbana dos Pátios e Vilas - *Roteiro Cultural dos Pátios e Vilas da Sétima Colina*, Lisboa 94 – Capital Europeia da Cultura. Lisboa: Contexto, 1994.

CARVALHO, Gonçalo

*A Reciclagem dos Usos Industriais e as Novas Tipologias de Actividades e Espaços de Cultura - Caso de Estudo: LX Factory*.

Lisboa, IST-UTL, Novembro 2009.

CAYMAN, Charline

*A Importância do Turismo para a Sustentabilidade da Atividade Turística nas Grandes Cidades - O exemplo de Barcelona para o estudo de caso de Lisboa*

Universidade Lusíada, Lisboa, 2014

DIAS, Joaquim

*Roteiro cultural dos pátios e vilas da Sétima Colina*

Lisboa, 1994

FISHMAN, Robert

*Urban Utopias in the Twentieth Century: Ebenezer Howard, Frank Lloyd Wright, Le Corbusier*

Cambridge, 1982

HENRIQUE, António  
*Pátio e Vilas de Campolide*  
Lisboa, 1993

HOOGDUYN, Rick  
*Urban Acupuncture - Revitalizing urban areas by small scale interventions*  
Faculty of Spatial Planning, Estocolmo, 2014

JACOBS, Jane  
*The Death and Life of Great American Cities*  
Nova Iorque, 1993

LEITE, Ana, VILHENA, João  
*Pátios de Lisboa . Aldeias entre muros*  
Lisboa, 1991

LERNE, Jaime  
*Urban Acupuncture*  
Curitiba, 2014

LUZ, Alfredo  
*Vilas Cariocas – Estudos de Caso*  
Rio de Janeiro, 2014

MORALES, Manuel  
*A Matter of Things*  
2008

MOUDON, Anne  
*Getting to know the built landscape: typomorphology.*  
Universidade de Washington, 1994

OLIVEIRA, Avelino  
*A Casa Compreensiva*  
Porto, 2012

PARSONS, Adam  
*small scale BIG CHANGE*  
University of Portsmouth, Reino Unido, 2011

PINTO, Sónia

*Vilas Operárias em Lisboa: Emergência de Novos Modos de Habitar*

Lisboa: IST, UTL, 2008

PRINS, Nora

*Urban Acupuncture - Creating a method to strategically apply and design small scale interventions*

University of Delft, 2013

PROENÇA, Sérgio

*A diversidade da rua na cidade de Lisboa - Morfologia e Morfogénese*

Universidade de Lisboa, 2014

QUERIDO, Ana

*Património industrial e turismo cultural: contributo para a criação de um itinerário turístico no Centro Histórico de Lisboa*

Universidade Nova de Lisboa, 2013

RODRIGUES, Maria João Madeira

*Tradição, Transição e Mudança – A produção do espaço urbano na Lisboa oitocentista.*

Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa, 1979

SANTOS, Margarida

*Intervenções Cirúrgicas no Território e a Revitalização Urbana de Cidades Contemporâneas. Caso de Estudo - Achada de Santo António em Cabo Verde*

Universidade de Lisboa, 2014

TEIXEIRA, Manuel

*Habitação popular na cidade oitocentista. As ilhas do Porto.*

Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnologia, 1996.

VIEIRA, Jorge, ROQUE, Rui, SILVA, Susy

*Lisbon – Creative Economy*

Lisboa, 2013

## Artigos

BALULA, Luís. "Espaço Público e Criatividade Urbana - A dinâmica dos lugares em três bairros culturais" *in Creatcity- uma cultura de governança para a cidade criativa: vitalidade urbana e redes internacionais*  
Lisboa, 2010

COSTA, Pedro, SEIXAS, João, OLIVEIRA, Ana. "Das Cidades Criativas à Criatividade Urbana. Espaço, Criatividade e Governança na Cidade Contemporânea." *in Creatcity - Cabo Verde. Redes e Desenvolvimento Regional*  
Cabo Verde

KAYE, Leon. "Could cities' problems be solved by urban acupuncture?" *in Guardian Sustainable Business.*  
2011

MONEO, Rafael, BUSQUETS, Joan, SMETS, Marcel. "The Vision of Manuel de Solà Morales: Roots for a twenty first century urbanismo"  
Harvard GSD Piper Auditorium, 2013

MOUDON, Anne V. "Urban Morphology as an emerging interdisciplinary field"  
*in International Seminar on Urban Form.*  
Universidade de Washington, 1997

PEREIRA, Nuno Teotónio  
*Pátios e Vilas de Lisboa, 1870/1930 - A promoção privada do alojamento operário.* Lisboa: Fevereiro de 1993

PEREIRA, Nuno Teotónio  
*Evolução das Formas de Habitação Pluri-Familiar na Cidade de Lisboa, 1978/1979.* Lisboa.

PINTO, Catarina, SALVADO, Salete, PINHEIRO, Magda, LEITE, Ana. "Actas - Colóquio de Oisipografia."  
Teatro Aberto, Lisboa, 2012

SALGUEIRO, Teresa Barata. "Habitação Operária em Lisboa" *in Revista Architectura*  
Lisboa, 1981

TOMÁS, Ana. "Cidade Oculta – A Vila Operária" in *1ª conferência / filantropia e arquitectura*  
Universidade Lusíada de Lisboa, 2012

### **Documentos Electrónicos**

*Acupuntura Urbana. Transformando espaços em Comunidade*

Disponível em: <<http://www.acupunturaurbana.com.br>>

Acesso a: 23/10/2015

ALMEIDA, Nuno. Salva-guarda da Encosta da Penha de França, 18 de Julho de 2007.

Disponível em: <http://cidadania1x.blogspot.com/2007/07/salva-guarda-da-encosta-da-penha-de.html>.

Acesso a: 16/06/2016

ALMEIDA, Pedro. Comparações com outros tempos: Penha de França.

Disponível em: <http://www.lisboahojeontem.blogspot.pt/2012/11/penha-de-franca.html>

Acesso a: 13/12/2015

ANSARI, SAIRA. Vila do Largo, Culture in Laranjeiras

Disponível em: <http://riotimesonline.com/brazil-news/rio-real-estate/vila-do-largo-real-estate-for-culture-in-laranjeiras/>

Acesso a: 11/11/2015

ANTUNES, Gonçalo. Pátios e Vilas Operárias na cidade de Lisboa

Disponível em: <http://goncaloantunes.weebly.com/paacutetios-e-vilas-operaacuterias-lisboa.html>

Acesso a: 27/10/2015

ARIEFF, Alisson. Space: It's Still a Frontier. *Opinionator*, 2010.

Disponível em: <http://opinionator.blogs.nytimes.com/2010/02/03/space-its-still-a-frontier/>.

Acesso a: 2/10/2015

BOAVENTURA, Inês. Entre estacionamento e um jardim, estes moradores de Lisboa escolhem o último. *PÚBLICO*, Setembro de 2016. Disponível em: <https://www.publico.pt/local/noticia/entre-estacionamento-e-um-jardim-estes-moradores-de-lisboa-escolhem-o-ultimo-1743880>  
Acesso a: 27/09/2016

CASAGRANDE, Marco. Cicada  
Disponível em: <http://www.cicadatapei.blogspot.pt/>  
Acesso a: 09/11/2015

CASAGRANDE, Marco. Urban Acupuncture  
Disponível em: <http://helsinkiacupuncture.blogspot.pt>  
Acesso a: 18/04/2015

CASTELHANO, Fausto. Retalhos de Bem-Fica: Bairro Grandela, 14 de Março de 2009.  
Disponível em: <http://retalhosdebemfica.blogspot.pt/2009/03/bairro-grandela.html>.  
Acesso a: 18/10/2015

*Cluster. ADDICT, 2016.*  
Disponível em: <http://addict.pt/cluster/>  
Acesso a: 6/12/2015

*CML. Pátio Bagatela, 2015.*  
Disponível em: <http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/patio-do-bagatela>.  
Acesso a: 10/12/2015

COY, Isa. Concurso “Participe nas escolhas da freguesia” urge revitalização o Bairro Inglês!, 2016.  
Disponível em: <http://quintaisisa.blogspot.com/2015/06/bairro-ingles-chamines-de-olarias-urge.html>.  
Acesso a: 16/12/2016

CRUZ, José da. Pátio da Bagatela, 25 de Abril de 2013.  
Disponível em: <http://apontamentolisboa.blogspot.pt/2013/04/patio-da-bagatela.html>  
Acesso a: 14/03/2015

DIAS, Marina. Calçada do Poço dos Mouros - Lisboa Desaparecida.

Disponível em: <http://revelarlx.cm-lisboa.pt/gca/?id=1278>.

Acesso a: 14/01/2016

FERREIRA, Ivete. Tempo e Historias: As vilas operárias, 2015.

Disponível em: <http://tempohistorias.blogspot.pt/2015/05/as-vilas-operarias.html>

Acesso a: 14/01/2016

FERREIRA, Sofia. LxFactory, 2009.

Disponível em: <http://www.ruadebaixo.com/lxfactory.html>.

Acesso a: 18/06/2015

FRANCO, José Tomás. Acupuntura urbana busca requalificar o bairro La Morán em Caracas, Venezuela. *ArchDaily Brasil*, 2014.

Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/01-176595/acupuntura-urbana-busca-requalificar-o-bairro-la-moran-em-caracas-venezuela>.

Acesso a: 19/06/2015

GOULART, Ana. Espaço do Tempo - Montemor-o-Novo acolhe artes performativas, 2010.

Disponível em: <http://www.searanova.publ.pt/pt/1712/cultura/168/>.

Acesso a: 21/05/2016

MACEDO, Luiz. Caracol da Penha, 1968.

Disponível em: <http://biclaranja.blogs.sapo.pt/325291.html>.

Acesso a: 29/07/2016

MILLER, Kyle. Urban Acupuncture: Revivifying Our Cities Through Targeted Renewal. *Kyle Miller MSIS*, 25 de Setembro de 2011.

Disponível em: <https://kylemillersmsis.wordpress.com/2011/09/25/urban-acupuncture-revivifying-our-cities-through-targeted-renewal/>

Acesso a: 29/09/2015

MORAES, Edra. Territórios Criativos espaços a serem definidos. *LinkedIn Pulse*, 7 de Agosto de 2015.

Disponível em: <https://www.linkedin.com/pulse/territ%C3%B3rios-criativos-espa%C3%A7os-serem-definidos-edra-moraes>.

Acesso a: 16/09/2015

*Movimento pelo Jardim do Caracol da Penha.*

Disponível em: <http://caracoldapenha.wixsite.com/jardim>.

Acesso: 10/10/2016

*Nicholas de Monchaux*

Disponível em: <http://demonchaux.com>

Acesso a: 2/11/2015

OLIVEIRA, Catarina. Bairro Grandela - detalhe, Setembro de 2007.

Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74406>

Acesso: 10/09/2015

*Orçamento Participativo de Lisboa - OP 2016.*

Proposta 573 - Jardim do Caracol da Penha.

Disponível em: <http://lisboaparticipa.pt>

Acesso: 10/10/2016

*Proibido Apontar*

Disponível em: <http://proibidoapontar.blogspot.pt/2014/07/ilha-da-bela-vista-um-rograma-um.html>

Acesso: 23/10/2015

R, P. *Praia: Subida bomba volta a ligar Chã de Areia e ASA*, 23 de Março de 2013.

Disponível em: <http://www.asemana.publ.cv/spip.php?article86284>.

Acesso a: 16/11/2015

RODRIGUES, Fernando Matos. «ILHA DA BELA VISTA - Um Programa, um Projecto de Habitação Básica Participada», 10 de Julho de 2014. Disponível em: <http://proibidoapontar.blogspot.pt/2014/07/ilha-da-bela-vista-um-rograma-um.html>

Acesso a: 19/09/2015

*Sistema de Informação para o Património Architectónico.*

Disponível em: <http://www.monumentos.pt>

Acesso a: 23/10/2015

SOBREIRA, Agostinho. «Ruas de Lisboa com alguma história: Vila Flamiano», 2015.

Disponível em: <http://apsruasdelisboacomhistoria.blogspot.pt/2015/09/vila-flamiano-i.html>.

Acesso a: 14/10/2015

*The Rio Times. News in English for Rio de Janeiro and Brazil*

Disponível em: <http://riotimesonline.com/brazil-news/rio-real-estate/vila-do-largo-real-estate-for-culture-in-laranjeiras/#>

Acesso a: 20/10/2015

*The Guardian. Could Cities' problems be solved by urban acupuncture?*

Disponível em: <http://www.theguardian.com/sustainable-business/urban-acupuncture-community-localised-renewal-projects>

Acesso a: 30/10/2015

TINTO, Manuela. Distritos Criativos

Disponível em : <http://www.ocluster.com.br/distritos-criativos/>

Acesso a: 18/01/2016

VALENÇA, Nuno. «Venda de Património - Penha de França #2». Acedido 10 de Outubro de 2016.

Disponível em: <http://cidadania1x.blogspot.com/2007/07/venda-de-patrimnio-penha-de-frana-2.html>.

Acesso a: 18/09/2016

VÁZQUEZ, Isabel, e Paulo Conceição. «Ilhas» do Porto - Levantamento e Caracterização, 2015.

Disponível em:

[http://www.domussocial.pt/assets/misc/img/Not%C3%ADcias\\_Domus/ilhas\\_lan%C3%A7amento\\_livro/Livro%20Parte%201.pdf](http://www.domussocial.pt/assets/misc/img/Not%C3%ADcias_Domus/ilhas_lan%C3%A7amento_livro/Livro%20Parte%201.pdf)

Acesso a: 18/04/2015

## **Documentos Vídeos**

BURDEN, Amanda

*Como os espaços públicos fazem com que as cidades funcionem*, 2014

Disponível

em:

[https://www.ted.com/talks/amanda\\_burden\\_how\\_public\\_spaces\\_make\\_cities\\_work?language=pt](https://www.ted.com/talks/amanda_burden_how_public_spaces_make_cities_work?language=pt)

CASAGRANDE, Marco

*Paracity: urban acupuncture | TEDxNápoli*, 2015.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hrmQjggSB0s>

Harvard GSD

*Roots of a 21st Century Urbanism: The Vision of Manuel de Solà-Morales*

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aZ8cocbuj8E>

LERNER, Jaime.

*Acupuntura Urbana. Depoimento sobre a Cidade no seu Ponto de Vista*. 2008

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-KhVoYnpAi0>

LERNER, Jaime.

*Jaime Lerner: A song of the city*, 2007

Disponível em: [http://www.ted.com/talks/jaime\\_lerner\\_sings\\_of\\_the\\_city](http://www.ted.com/talks/jaime_lerner_sings_of_the_city)

MATTA-CLARK, Gordon

*Splitting 1974*, 2012.

Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_Bt9FZvk4zU](https://www.youtube.com/watch?v=_Bt9FZvk4zU).

MONCHAUX, Nicholas de.

*Local Code – Real Estates*, 2010

Disponível em: <https://vimeo.com/8080630>

Movimento pelo Jardim do Caracol da Penha.

*O Caracol da Penha na RTP - Portugal em Direto de 19/Julho/2016*, 2016.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yELje8Jh5Aw>.

VILHENA, Francisco.

*Lisboa debaixo de terra Bairro Estrela D'Ouro*. 2009 (3m17s)

Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=50&v=vbOW0meYjv4](https://www.youtube.com/watch?time_continue=50&v=vbOW0meYjv4)





# ANEXOS

## **Anexo I - Processo de Trabalho**

Curiosidades

Elementos de Apoio

Registos Fotográficos

Diário de Bordo

Desenhos

Maquetes

## **Anexo II - Peças Desenhadas**



## **ANEXO I – PROCESSO DE TRABALHO**

Durante esta parte, pretendo exprimir alguns momentos que fizeram parte fundamental deste trabalho. Não chegaram a ser incluídos no corpo principal, mas sem eles o mesmo não existiria.

Acompanharam a minha viagem, o meu raciocínio e o meu discurso.

### **CURIOSIDADES**

Aqui, apresento elementos que dizem respeito ao local de intervenção deste trabalho.

Fragmentos que vão para além do tema primário do projeto.

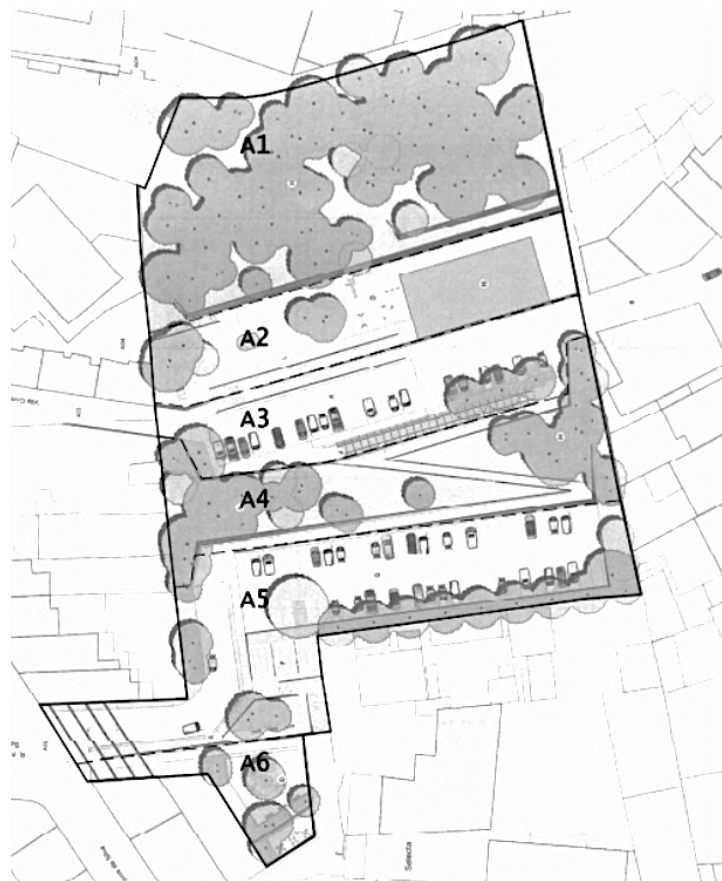
Representam as ideias de outras entidades, residentes e arquitectos, homens, mulheres, crianças, adolescentes e velhos. A soma de pessoas de todas as idades, de todos os graus de escolaridade, com todas as profissões e áreas de estudo e que traduzem a alma e certeza deste projeto.



Fotomontagem do Projeto de Salvaguarda da Encosta da Penha de França, Lília Coelho e Nuno Almeida, 2007. O desenho promove um conjunto de vários espaços verdes de recreio, com o várias estruturas de apoio ao local.



Fotomontagem do Projeto de Salvaguarda da Encosta da Penha de França, Lília Coelho e Nuno Almeida, 2007. Como se pode observar, este projeto concentra-se somente na zona mais baixa da encosta.



Planta do Projeto de um Parque de Estacionamento para o Caracol da Penha de França, EMEL e CML, 2010. O desenho organiza-se num conjunto de soalcos arborizados que darão espaço a 86 lugares de estacionamento à superfície.



Desenho realizado por uma criança de 10 anos na apresentação pública do Movimento pelo Jardim do Caracol da Penha, 2016.



Desenho realizado por crianças durante a apresentação pública do Movimento pelo Jardim do Caracol da Penha, 2016.

Tenho 10 anos e  
sou a Beatriz.

— // —

Quero muitas  
flores e um  
parque para mim  
e para os meus  
primos e amigos.



Desenho realizado por uma criança de 10 anos na apresentação pública do Movimento pelo Jardim do Caracol da Penha, 2016.



Trabalho coletivo realizado por crianças na apresentação pública do Movimento pelo Jardim do Caracol da Penha, 2016.



Trabalho realizado por uma criança de 2 anos na apresentação pública do Movimento pelo Jardim do Caracol da Penha, 2016.



Fotografia tirada na apresentação pública do Movimento pelo Jardim do Caracol da Penha, 2016.



Fotografia tirada na apresentação pública do Movimento pelo Jardim do Caracol da Penha, 2016.





[VER PROGRAMA](#)

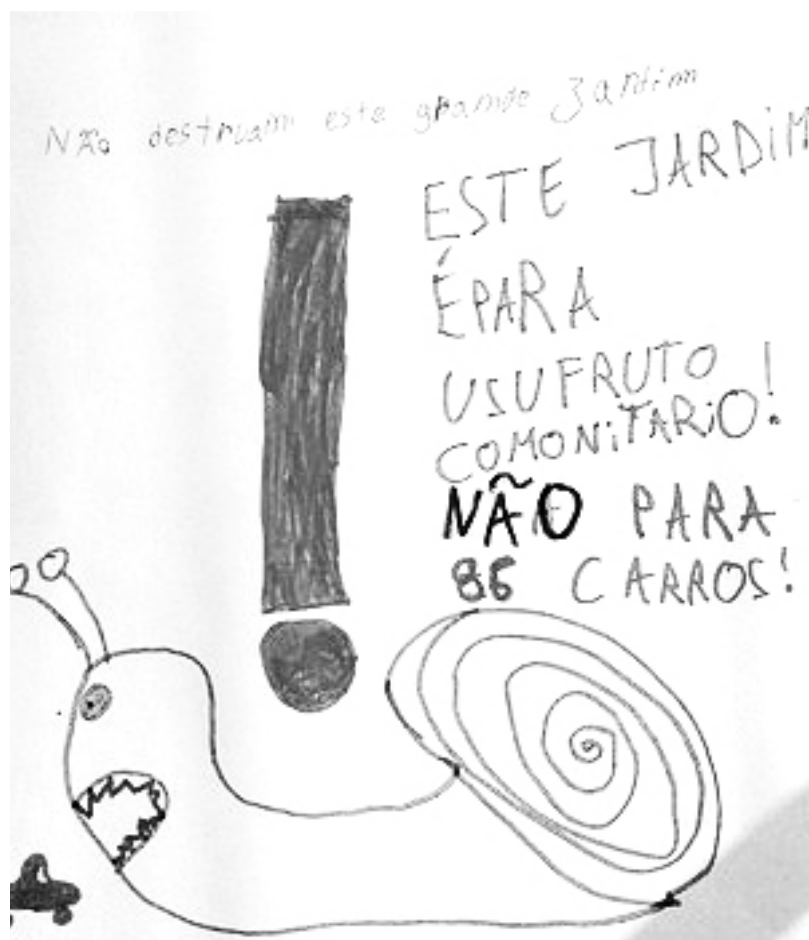
## O BAIRO VAI ESTAR NA RUA DE PORTAS ABERTAS

para mostrar através de múltiplas intervenções artísticas que a população quer um jardim no Caracol da Penha!





Desenho realizado por uma criança de 8 anos, na apresentação pública do Movimento pelo Jardim do Caracol da Penha, 2016.



Desenho realizado por uma criança de 10 anos, na apresentação pública do Movimento pelo Jardim do Caracol da Penha, 2016.

AO CARACOL! Roteiro Cultural por um Jardim

**"UM JARDIM É O QUE NOS FAZ FALTA!"**

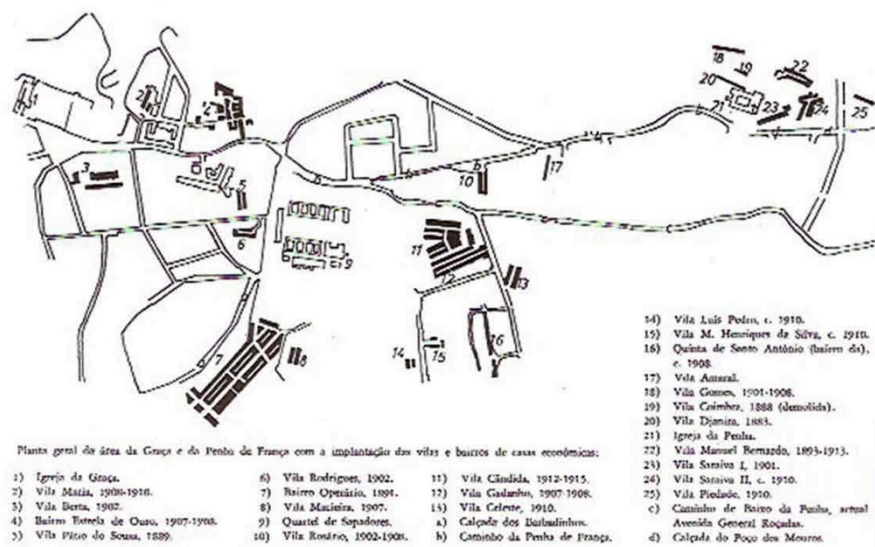
Este roteiro cultural de 1 dia tem por objetivo juntar mais forças pelo Jardim do Caracol da Penha: será um conjunto de ações (música, dança, teatro, pintura, serigrafia, etc.) organizadas por pessoas que vivem ou são amigas do bairro para todos quantos desejem participar! Tudo irá decorrer em torno do terreno verde do Caracol (em associações, lojas, janelas, ou até na rua), num movimento de aproximação que desejamos que se torne efetivo num futuro próximo, sempre que a alguém apetecer ir ao jardim!

Nota informativa relativa ao Roteiro Cultural por um Jardim no Caracol da Penha, 2016.

## ELEMENTOS DE APOIO

Encontram-se aqui os elementos que marcaram presença constante durante os meus percursos pelas Vilas Operárias da cidade de Lisboa.

Fizeram parte do meu método de trabalho inicial, de levantamento e caracterização destes conjuntos.



Planta Geral da área da Graça e da Penha de França com a implantação das vilas e bairros de casas económicas, Maria João Madeira Rodrigues, 1979.

CATÁLOGO – VILAS OPERÁRIAS EM LISBOA  
LISTA

foi substituída	58	Vila (ou bairro) Graça	Emprego de Santa Luzia e de Santa Maria do Castelo	São Domingos de Benfica	1954/1957
X	59	Vila Guilherme Rodrigues	Associação Sagrada, 48	Parque de França	
X	60	Vila Maria (1)	Rua C/ P de Almeida, 35	Alcântara	
	61	Vila Maria (2)	Escadarias de Maria, 8	Graca	
	62	Vila Maria (3)	Emprego de França, 33	Santa Constança	
foi demolida	63	Vila João	Colégio Agostinho de Coimbra, 8	Graca	
X	64	Vila Leonor (1)	Associação São Amador, 14	Parque	
X	65	Vila Leonor (2)	Conde de Chaves, 152	Parque	
X	66	Vila Leonor	Ruiz Lopes, 3	São João	
X	67	Vila Luísa José Maria	Rua Castelo de S. João, 4	São João	
X	68	Vila Luísa	Rua Paço de Afonso, 111	São João de Arco	1951
X	69	Vila Luísa Pereira	Associação Santa, 14	Século	1961/1962
?	70	Vila Madalena	Colégio dos Beneditinos, 140A e 143 B	Santa Eugénia	1957
	71	Vila Maria	Rua Maria Pia, 515	Santa Constança	
	72	Vila Maria	Rua Tereza 2.ª, Colégio de Santa Filomena, Lisboa-NM	Companhia	1950
	73	Vila Maria (1)	Rua do São João, 21	Graca	1956/1957
	74	Vila Maria (2)	Rua Anselmo da Silva, 25	Graca	
	75	Vila Maria Antónia	Rua Ch. de Castro, 25	Parque	
	76	Vila Maria Luísa	Colégio de Santa Catarina, 12	Século	
X	77	Vila Maria do Espírito Santo	Emprego de Santa Tereza, 74	Parque	
	78	Vila Maria	Rua da Fátima, 35	São João	1958
	79	Vila Maria (1)	Colégio do Espírito, 131	Santa Eugénia	
	80	Vila Maria (2)	Rua Comendador Aires, 34	Companhia	1950
parcial	81	Vila Maria (3)	Rua do Arco de Castilho, 26A	Santa Constança	
	82	Vila Mariana (1)	Rua Maria Pia, 381	Santa Constança	
	83	Vila Mariana (2) (ou Vila do Marizal)	Colégio do Marizal, 68	Alcântara	
X	84	Vila Mariana (3)	Rua Maria de Sotomaior, 132A e 132	São João	
X	85	Vila Mariana (4)	Rua General Almeida, 78	Companhia	
X	86	Vila Maria (1)	Rua Maria Pia, 40 e 44	Parque	
foi substituída	87	Vila Mercedes (1)	Rua Catarina Maria, 46	São João de Arco	
foi substituída	88	Vila Mercedes (2)	Rua de Santa Ana, 10	Santa Isabel	
	89	Vila Mercedes	Rua João Francisco Sanches, 118	Companhia	1950
	90	Vila Maria (1)	Rua Solano da Silva, 8	Companhia	1951
	91	Vila Maria (2)	Rua do Príncipe, 40	Santa Isabel	
	92	Vila Mercedes	Rua Maria de Sotomaior, 46	São João	
	93	Vila Maria	Rua Maria Pia, 92	Santa Constança	
	94	Vila Maria	Colégio do Espírito, 130	Santa Maria de Belem	
	95	Vila Mariana	Rua Anselmo da Silva, 142	Parque	
foi substituída	96	Vila Paulo	Parque Eduardo Silva, 11 A	São João de Arco	1953
com substituição	97	Vila Pereira (1) (ou Vila de Santa Cruz)	Emprego de Santa Luzia, 34 e 36; Rua Francisco de Almeida, 2 e 4	Santa	1957
	98	Vila Pereira (2) (ou Vila de Santa Cruz)	Rua Francisco de Almeida, 25	Parque	
	99	Vila Pereira	Rua Maria do Quintal, 40	Parque de França	1950
	100	Vila Pereira (ou Vila de Santa Cruz)	Colégio de Santa Catarina, 2	São Paulo	
	101	Vila Pereira	Rua do São João de Graca, 118	Graca	
	102	Vila Pereira	Rua Maria, 54	Alcântara	
	103	Vila Pereira	Rua Maria Pia, 150	Santa Constança	
	104	Vila Rosa	Rua Professor Soares de Sousa, 130 e 132; Rua Anselmo da Silva, 142	Companhia	1950
	105	Vila Rodrigues (1)	Rua das Sereias do Castelo, 145	Graca	1952
	106	Vila Rodrigues (2)	Rua do Sombroso, 22	Alcântara	
	107	Vila Rodrigues (3)	Rua Anselmo da Silva, 8	Alcântara	
	108	Vila Rosário do Espírito Santo	Rua Anselmo da Silva do Castelo, 133	Companhia	1950
em substituição	109	Vila Rosário (1)	Rua do Príncipe de Arago, 138	Parque de França	1953/1956
	110	Vila Rosário (2)	Rua Maria Pia, 37	Santa Constança	
	111	Vila Rosário	Rua Domingos de Gusmão, 25 A; Rua do Príncipe, 37	Alcântara	
	112	Vila Santa Amélia	Rua do Príncipe, 30	Alcântara	1951
	113	Vila Santa (1)	Campanha, 74	Rua de Santa Maria	1930/1931
	114	Vila Santa (2)	Colégio de Santa Filomena, 79	Companhia	
	115	Vila Santa (3)	Rua de Santa Filomena, 123	Companhia	
	116	Vila Santa Fátima	Rua de Santa Filomena, 124	Parque	
foi demolida	117	Vila Santa	Rua Marques do Silva, 24	Parque de França	
	118	Vila Santa	Emprego de Santa Tereza, 34	Alcântara	
	119	Vila Santa	Colégio Paula da Maria, 7	Parque de França	

CATÁLOGO – VILAS OPERÁRIAS EM LISBOA  
LISTA

	N.º	VILA	LOCALIZAÇÃO	PARÓQUIA	DATA DE CONDIÇÃO
X	1	Vila Agostinho	Rua Dom Carlos, 10	Comércio	1956
X	2	Vila Almeida	Rua de Vitoria, 17	Paróquia	
X	3	Vila Adão (1)	Rua Maria Pia, 104	Santa Constança	
X	4	Vila Adão (2)	Rua Dom João de Castro, 47	Paróquia	
X	5	Vila Agostinho Lourenço	Rua Quilom de Anjos, 1	Santa Constança	
X	6	Vila Alegre (1)	Rua João Salazar, 101 A	São João	
X	7	Vila Alegre (2)	Rua do Comércio, 11	Santa Maria das Ovelhas	
X	8	Vila Alegre (3)	Intersect de 70 de Abril, 24	Santa Maria das Ovelhas	
X	9	Vila Alegre (4)	Rua Gonçalves Crespo, 1	São João de Deus	
X	10	Vila Almeida (1)	Rua Fátima 15 e Rua de Aires de Camarão	Comércio	1980
X	11	Vila Almeida (2)	Rua de Comporta, 34	Comporta	1970
X	12	Vila Almeida (3)	Rua Marques de Sá, 15	Paróquia	
X	13	Vila Aires (1)	Intersect de 70 de Abril, 24	Comporta	
X	14	Vila Aires (2)	Intersect de 70 de Abril, 24	Santa Constança	
X	15	Vila Almeida	Rua Maria Pia, 104	Paróquia de Santa Maria	
X	16	Vila Almeida	Rua Fátima 2 e Rua de Aires de Camarão	Comporta	1980
X	17	Vila (de Fátima) Amora Cordeiro	Rua do Obelisco, 114	Paróquia	
X	18	Vila Adão	Rua Marques de Sá, 15	Paróquia	
X	19	Vila Amélia Gomes	Rua Nova Para Fátima, 11	Paróquia	1980
X	20	Vila Ana e Vila Vitória	Intersect de 70 de Abril, 24	Paróquia	
X	21	Vila António (de António Fernandes)	Rua de Almeida, 41	Paróquia	
X	22	Vila Aquino	Rua Aires, 34	Paróquia	
X	23	Vila Aires	Rua de Maria Pia, 104	Comporta	1980
X	24	Vila (de Fátima de) Baptista	Intersect de 70 de Abril, 24 e Rua de Aires de Camarão	São João	1970/1980
X	25	Vila Baptista	Rua Soares de Sousa, 18	São João	
X	26	Vila Barata	Rua de Vitoria, 7	Paróquia	
X	27	Vila Barros	Rua Maria Pia, 104	Santa Constança	
X	28	Vila Barro	Rua de São João, 33 e 35	Comporta	1970/1980
X	29	Vila Barro	Rua Soares de Sousa, 18	Comporta	1980
X	30	Vila do Bonifácio	Intersect de 70 de Abril, 24	Paróquia	
X	31	Vila Cabeça	Rua Marques de Sá, 15	Comporta	1980
X	32	Vila Capela (de Fátima Capela)	Rua Soares de Sousa, 18	Paróquia	1970 e
X	33	Vila Candeia	Rua de Almeida, 41	Paróquia de Santa Maria	1970/1980
X	34	Vila Cardoso	Rua António Luís Ribeiro, 12	São João	
X	35	Vila Carlos Dias	Rua Soares de Sousa, 18	São João	
X	36	Vila Castanho	Rua de Vitoria, 17	Paróquia	
X	37	Vila Castelo	Rua de Almeida, 41	Paróquia de Santa Maria	1970
X	38	Vila António Espinosa	Rua de Vitoria, 17	Paróquia	
X	39	Vila Dias	Rua de Vitoria, 17 e	Paróquia	1980
X	40	Vila Diniz	Rua de Vitoria, 17	Santa Maria das Ovelhas	
X	41	Vila (de) São João	Rua de Almeida, 41	Paróquia	1980
X	42	Vila (de) São João	Rua de Almeida, 41	Comporta de Santa Maria	
X	43	Vila (de) Castelo	Intersect de 70 de Abril, 24	São João e São João	
X	44	Vila do Jardim Botânico	Rua de Almeida, 41	São João	1980
X	45	Vila Brás (1)	Rua Soares de Sousa, 18	Paróquia	1970
X	46	Vila Brás (2)	Rua Soares de Sousa, 18	Comporta	1980
X	47	Vila Fernandes (de São)	Intersect de 70 de Abril, 24	Santa Constança de Santa Maria	
X	48	Vila Fernandes (de São)	Rua de Almeida, 41	Paróquia	
X	49	Vila Fernandes Lopes	Rua de Almeida, 41	Santa Constança	
X	50	Vila Soares	Rua Soares de Sousa, 18	Paróquia	
X	51	Vila Soares	Rua Soares de Sousa, 18	Paróquia	1980/1980
X	52	Vila Soares	Rua Soares de Sousa, 18	Paróquia de Santa Maria	1970/1980
X	53	Vila Soares	Rua Soares de Sousa, 18	Paróquia	
X	54	Vila Soares	Rua Soares de Sousa, 18	Paróquia de Santa Maria	1970/1980
X	55	Vila Soares	Rua Soares de Sousa, 18	Santa Constança	
X	56	Vila Soares (2)	Rua Soares de Sousa, 18	Santa Maria das Ovelhas	
X	57	Vila Soares	Rua Soares de Sousa, 18	Santa Constança	

\*Catálogo – Invenção Urbana

Catálogo das Vilas Operárias de Lisboa, Sónia Pinto, 2008. Lista utilizada durante a fase inicial de pesquisa e trabalho de campo.

CATÁLOGO – VILAS OPERÁRIAS EM LISBOA  
LISTA

120	Vila Social (1) (ou Torre de Cães)	em estado	Lujo da Graça, 62	Crato	1887
121	Vila Social (2)		Rua do Arco de Conde, 206	Santa Comba Dão	
122	Vila Social		Rua Aníbal, 38	Alfama	
123	Vila Tereza		Rua Cruz da Queiroz, 43	Paria	
124	Vila Teófilo			Azambuja	1924
125	Vila (ou Vila)		Rua José de Sá, 18-20	Praceta	1921
126	Vila Vila Teófilo		Rua Faria Brás, 17	Alcântara	
127	Vila Vila		Rua Passadeira da Silva, 47	Praceta	
128	Vila (1) (ou Vila Galo)	em estado	Rua Passadeira da Silva, 181	Praceta	
129	Vila (2) (ou Vila dos Encantos)	em estado	Rua de Vila dos Encantos, 44	Santa Comba Dão	1887
130	Vila (3) (ou Vila de Colinas)		Cruzeiro de Santa Ana, 24	Alcântara	
131	Vila (4) (ou Vila do Espírito)		Rua João de Castro, 31	Alfama	
132	Vila (5)		Rua S. Rosa, Bairro da Liberdade	Comércio	
133	Vila (6)	(ex Factory)	Rua 1ª de Maio, 15-17 - Avenida da Liberdade	Alcântara	1875
134	Vila (7)		Rua Henrique Pina, 1-5A-11-13-27	Beato	1871/1913
135	Vila (8)	em estado	Rua Vale Formoso do Carmo, 149 A	Marvila	
136	Vila (9) (ou Vila)	em estado	Rua Santa Maria, Rua Espírito, Rua Virgílio	Alfama	1900/1908
137	Vila Operária dos Bombeiros		C. dos Bombeiros, Rua Bartolomeu da Costa, Alameda Domíngos M. De Castro	Santa Estrela	1890/1891
138	Vila Clemente Vicente		Av. Henrique de Saussure, Rua da Boia, Rua da Mouraria	Alfama	

120 Vila Social  
 121 Vila Social  
 122 Vila Social  
 123 Vila Tereza  
 124 Vila Teófilo  
 125 Vila (ou Vila)  
 126 Vila Vila Teófilo  
 127 Vila Vila  
 128 Vila (1) (ou Vila Galo)  
 129 Vila (2) (ou Vila dos Encantos)  
 130 Vila (3) (ou Vila de Colinas)  
 131 Vila (4) (ou Vila do Espírito)  
 132 Vila (5)  
 133 Vila (6) (ex Factory)  
 134 Vila (7)  
 135 Vila (8)  
 136 Vila (9) (ou Vila)  
 137 Vila Operária dos Bombeiros  
 138 Vila Clemente Vicente



Alto do Restelo / Ajuda



Mapa geral das Vilas Operárias de Lisboa, Sónia Pinto, 2008. Mapa utilizado durante a fase inicial de pesquisa e trabalho de campo.



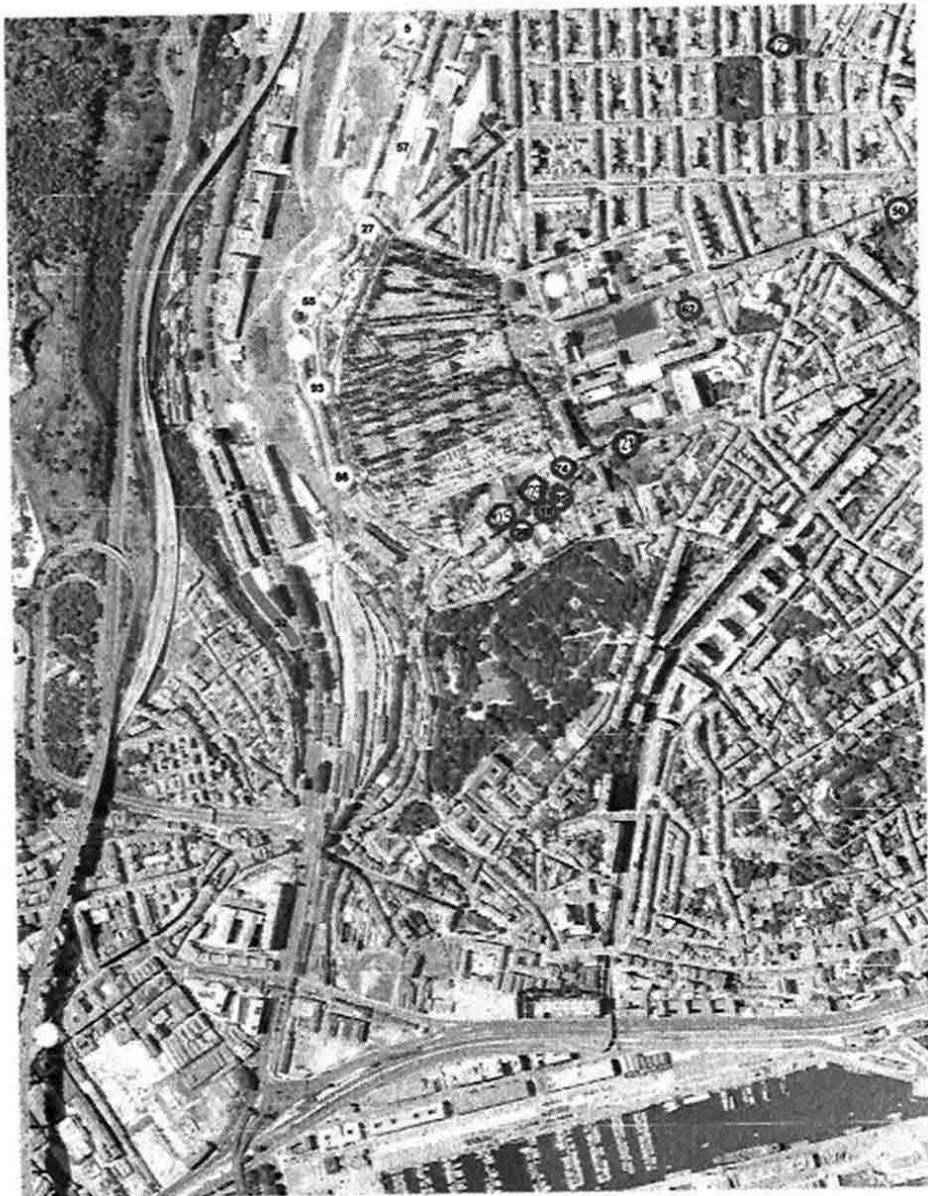
Ajuda / Alcântara



Catálogo das Vilas Operárias de Lisboa, Sónia Pinto, 2008. Lista utilizada durante a fase inicial de pesquisa e trabalho de campo.



*campo de Ourique / Prazeres*



Mapa geral das Vilas Operárias de Lisboa, Sónia Pinto, 2008. Mapa utilizado durante a fase inicial de pesquisa e trabalho de campo.

## Penha de França / Graça

- 15- Vila Amarel - Rua Madre António Martins, 29 ✓
- 109- Vila Rosário - Rua da Penha de França, 138
- 52- Vila Badalho - Rua Condieta Branca Saraiva, 38 ✓
- 32- Vila Gelaste - Rua Professora Celestina Costa, 15 e 18 ✓
- ✓33- Vila Cândia - Av. General Rogadas, 24
- ✓105- Vila Rodrigues - Rua da Senhora da Glória, 142
- 136- Bairro Estrela D'ouro - Rua Josefa Maria



136



## REGISTOS FOTOGRÁFICOS

De forma a completar as referencias visuais, tomam aqui lugar fotografias referente ao local de intervenção, registadas ao longo das visitas ao local.











Fotografia de uma das encostas adjacentes ao Convento da Penha de França.



Fotografia da Vila Manuel Bernardo.



Fotografia de uma das encostas adjacentes ao Convento da Penha de França.





Fotografia de uma das encostas adjacentes ao Convento da Penha de França.





Fotografia da Vila Gomes.



Fotografia da Vila Sebastião Saraiva Lima.



Fotografia da entrada da Vila Djanira.



Fotografia da entrada para a Antiga Quinta das Palmeira, junto à Escola Selecta.





Fotografia da Vila Manuel Bernardo.



## DIÁRIO DE BORDO

Com esta parte, pretendo ilustrar a essência das minhas primeiras observações, registradas ao longo das várias visitas.

A par com os desenhos, acrescento pequenas notas que fui tirando sobre o que observava, desde pequenos detalhes e curiosidades aos temas que suportaram uma linha de pensamento.

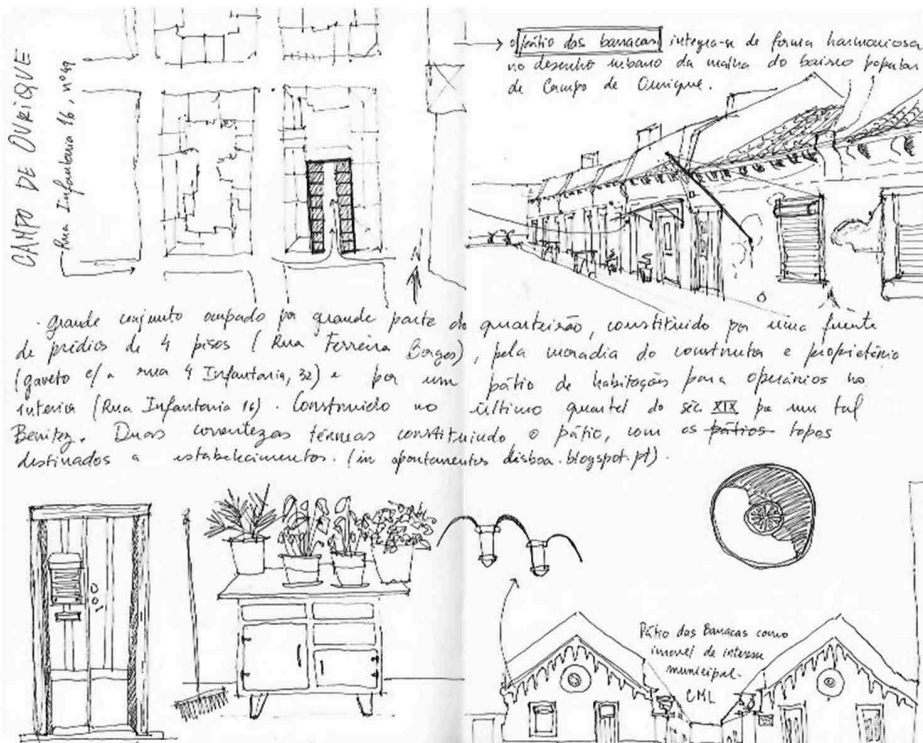
Vilas Operárias em Lisboa - dia 5 maio 2015

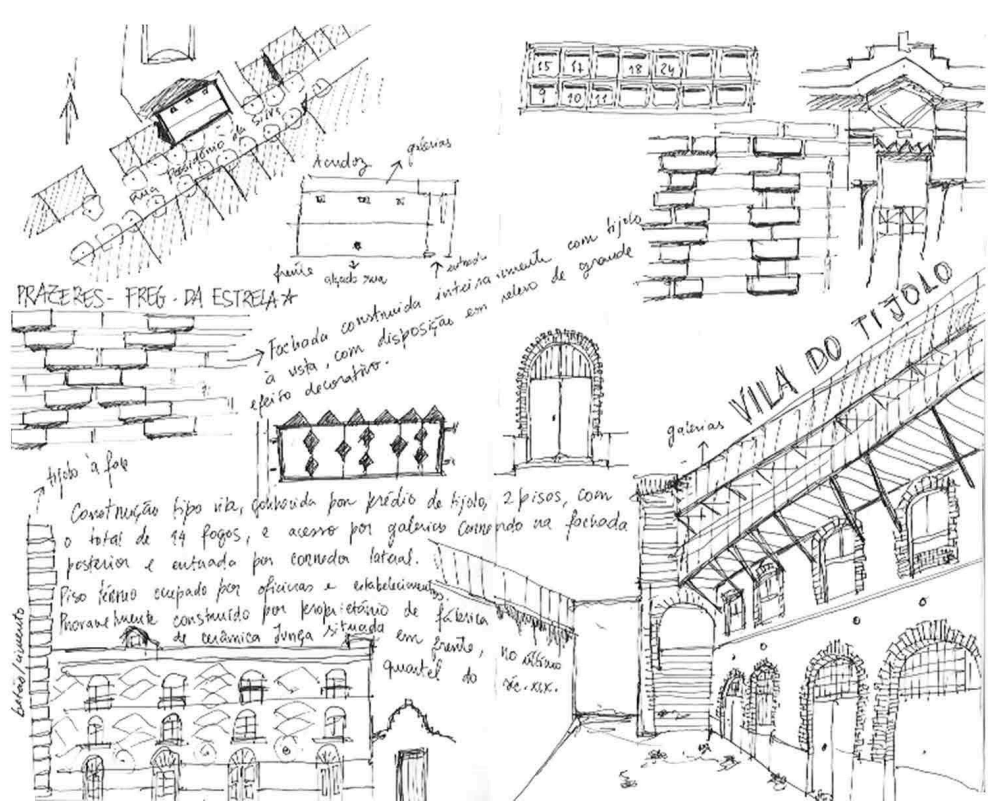
- 79 - Vila Martins - Calçada do Galvão, 151 ✓
- 94 - Vila Nova - Calçada do Galvão, 139 ✓
- 30 - Vila da Boa Alma - Tr. Paulo Martins, 38 ✓
- 77 - Vila Maria da Luz - Estrada de Pedro Teixeira, 76
- 83 - Vila Marques (ou pinto do marquês) - Calçada da Memória, 46 ✓
- 111 - Vila Sautava - Rua Dom João de Castro, 25A / Rua do Cruzeiro, 31
- 118 - Vila Simão - Estrada de Pedro Teixeira, 89
- 131 - Vila (Peto) do Baptista - Rua João de Lisboa, 11 ✓

PINTO, Sónia Ildirino - Vilas Operárias em Lisboa: Emergência de Novos modos de Habitar, Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura - Lisboa: IST, 1972, Novembro 2008



Vila Gata





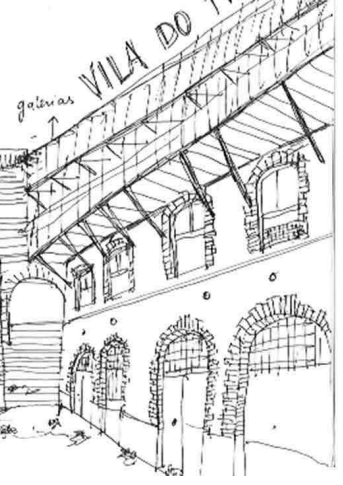
**PRAZERES-FREG. DA ESTRELA \***



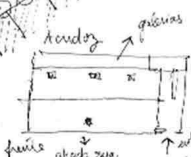
→ Fachada construída inteiramente em tijolo à vista, com disposição em relevo de grande efeito decorativo.

↑ Tijolo à face  
↑ Fachada/interiores

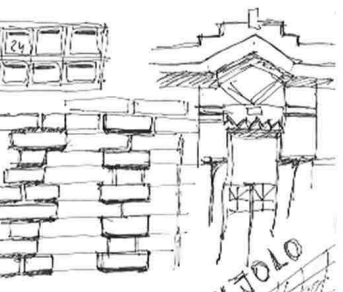
Construção tipo vila, coberta por prédio de tijolo, 2 pisos, com o total de 14 fogos, e acesso por galerias com arco na fachada posterior e entrada por corredor lateral. Piso térreo ocupado por oficinas e estabelecimento provavelmente construído por proprietários de fazenda de cerâmica Junça, situada em frente, no mesmo quarteil do séc. XIX.



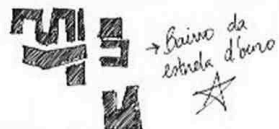
**VILA DO TIJOLO**



↑ Acesso a galerias  
↑ Acesso a galerias com tijolo em relevo de grande



Bibliografia



→ Bairro da Estrela d'Ouro  
★

"Pátios de Lisboa, Aldeias entre Muros"  
Ana Cristina Teixeira  
João Francisco Vilhena  
Lisboa, Lisboa, Novembro de 1991

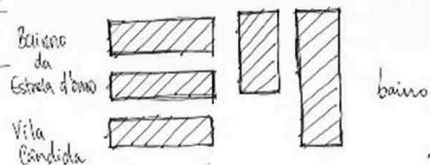
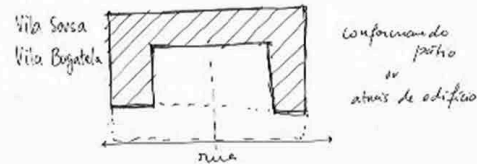
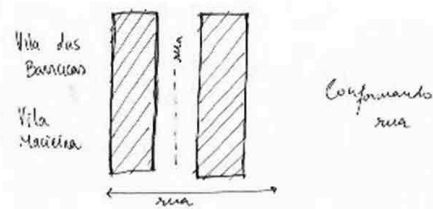


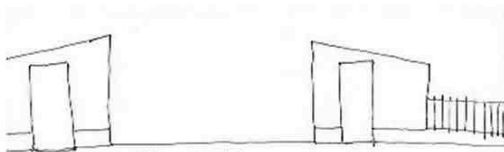
data de construção: 1908-1910

- o acesso às habitações é realizado por via de pequenos nichos ou pátios comuns.
- sistema de acesso ao piso superior através de escadas e galerias.



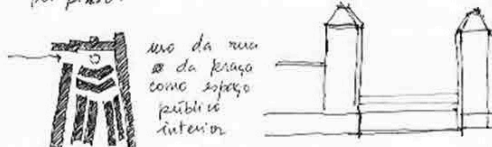
tipos de vilas



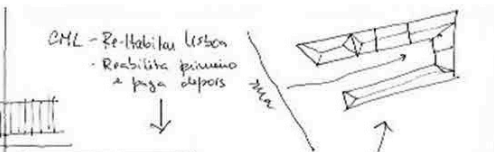
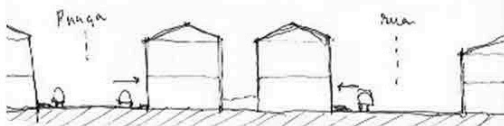


Vila Candida

constituiu como que uma aldeia, com traçado geométrico e um amplo largo de entrada, onde se situavam os edifícios residenciais. Construída pelo banqueiro Cândido Sotto Mayor, é o exemplo típico de uma aldeia filantropica e paternalista. Após o 25 de Abril, as casas vieram a ficar na posse dos moradores, pelo que tem vindo a destruí-<sup>se</sup> a unidade de todo o conjunto. É composta por 35 unidades de 2 pisos, com esquadras interiores, com 2 fogos por piso.

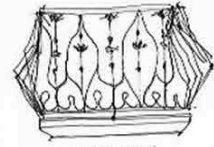


rua da praça como espaço público interior



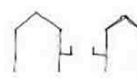
VILA ROSÁRIO 142

Centro Histórico Paula Figueira

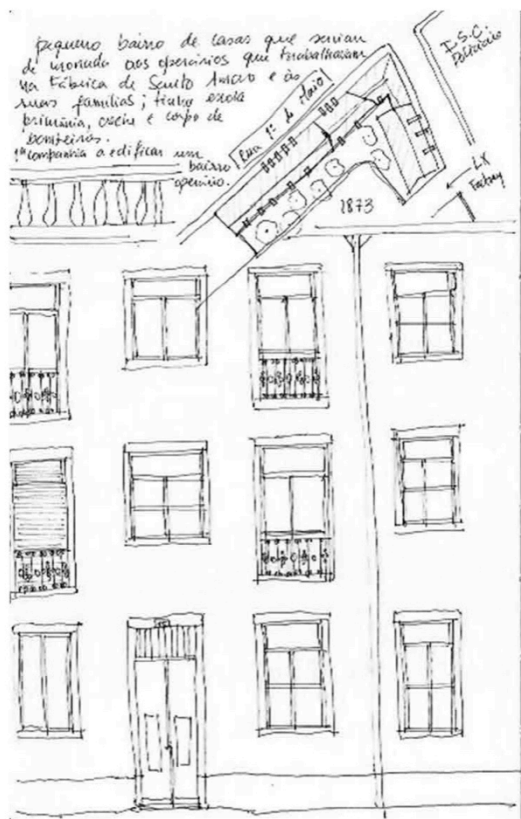


1902-1908

tipo de vila construído sua



composta por 2/3 pisos sistema de acesso por galeria



### Vila Marquês - Rua Barão de Sabrosa, 65

- vila como elemento motivador de uma nova estratégia urbana;
- inserido num espaço a consolidar;
- completa diagnóstico com o mapa de Lisboa.

Intervenções Cirúrgicas no Território e a Reabilitação Urbana das Cidades Contemporâneas, by Santos, Margarida Aurora da Silva.

TM 1370

↓  
Acupuncture Urbana

- exclusão urbana; eventuais projetos;

Teusa Valsassina Heitor

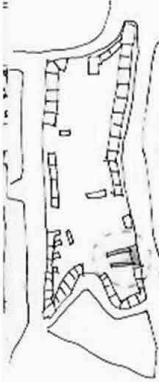
- Jaime Lerner - Acupuncture Urbana (livro)

Mouo Casagrande - arquitecto finlandês

↳ Criador do conceito "acupuncture urbana"  
"pequenas intervenções são capazes de gerar a melhoria das cidades".



ecologia urbana + acupunctura chinesa  
a acupunctura urbana é um conjunto de ações pontuais e de revitalização que podem mudar progressivamente a vida na cidade. in [www.jl.com.br](http://www.jl.com.br)



o processo usa intervenções de pequena escala para transformar um contexto urbano maior. os ritos são estabelecidos entre o análise de fatores sociais, económicos e culturais e desenvolvidos entre o diálogo dos arquitectos e da comunidade.  
acupunctura alivia o stress do campo; acupunctura urbana alivia o stress do ambiente envolvente.  
Cidades como organismos vivos, com pontos em áreas que precisam de recuperação; a cidade tem diferentes camadas de energias que fluem e que determinam as ações dos cidadãos e da evolução

da cidade. "Nada é fixado à cidade nem nada grande lhe é acrescentado."

[helsinki.acupuncture.blogspot.pt](http://helsinki.acupuncture.blogspot.pt)

arquivo municipal fotografico de lisboa.

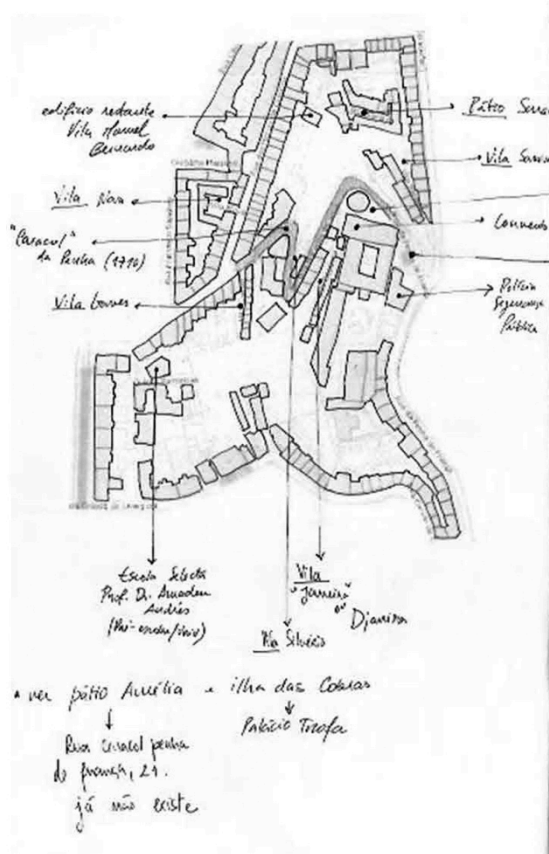
- quadro das vitas de lisboa no mapa;
- identificar a zona da Penha de France, bnoça como local potencial do desenvolvimento do trabalho, por se ter observado uma grande quantidade de habitação operária ~~com~~ locais marginalizados que necessitam de regeneração.
- análise histórica desta parte da cidade, com a marcação das vitas ao longo dos anos.

(arquivo municipal 2.com-lisboa.pt)

Cartografia: a parha de l. 1780 (planta topografica de lisboa)

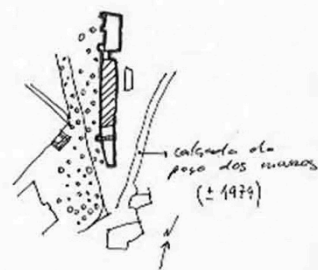
- 1785 ✓
- 1807 ✓
- 1812 ✓
- 1856/58 ✓
- 1871 ✓
- 1911 (linha preto) ✓
- 1950 ✓
- 1970 ✓ PDM
- 1987 ✓



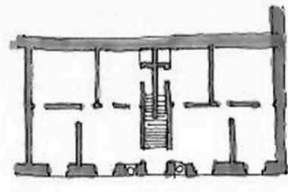


• junto da Igreja da Pólvora de Figueira, na encosta do Carmo da Pólvora, encontramos quase exclusivamente a Vila Rica elaborada - Sarreira I, Manuel Bernardo, Coimbra, Diamantina, e Sarreira II.

• suposição da vila (com intenção espacial clara).  
 → pag. 56. M7MR.



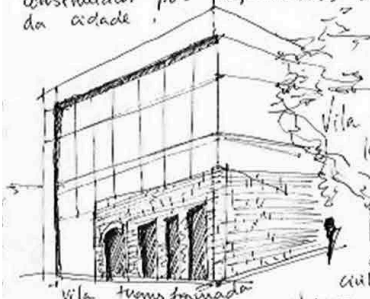
calçada do peso dos minérios (± 1770)



Vila Sarreira.  
 planta do edifício (2 habitações).

## A vila na Evolução urbana do Rio de Janeiro

Viver numa vila representa um sítio típico de relação de afeto entre as duas partes. As vilas residenciais surgiram na 2ª metade do século XIX, quando o país enfrentava mudanças profundas. A partir daí surgiram uma grande procura pela habitação coletiva, casas de banho e as lavandarias eram construídas por proprietários de imóveis da cidade.



Vila transformada  
de vilas redm, dado a escassez de terrenos, vai contra a verticalidade. Até que no final da década o fim de investimento acabou para este tipo de habitação. A partir da década de 1980 o Estado lançou ações de preservação para certos conjuntos arquitetônicos de grande valor. Hoje, as vilas são muito cobrigadas no sítio de Janeiro, devido à sua flexibilidade de uso, o controle de acesso às casas, a possibilidade de se ter um espaço exterior comum e a possibilidade de se modificar o interior das casas. A grande quantidade de vilas plenamente ocupadas, adaptadas às transformações na sua envolvente e abrangendo diferentes usos além do residencial são evidências da profunda relação que elas têm com o modo de vida do carioca e com a cultura popular do

da cultura carioca que revela uma vilas residenciais surgiram na 2ª metade mudanças profundas. A partir daí surgiram vilas, (pequenas casas edificadas em lotes estreitos e subdivididos), no centro do RJ, que reuniam a crescente densificação da área central e as precárias condições de higiene e saneamento epidêmicas. A relação foi favorável. A relação entre as condições habitacionais e os problemas de saúde pública, marginalizam os antigos e incutiu a construção de habitação + higienica (o estado). Com incentivos do Estado, e de alguns empresários surgem-se as vilas. Nas primeiras décadas do século XX a classe média e operária; o bairro destinado a trabalhadores. Com a evolução da construção civil, surgem casas com 2 pisos, unidades maiores, até em individuais. A partir de 1930 a construção vai contra a verticalidade. Até que no Estado lançou ações de preservação para certos conjuntos arquitetônicos de grande valor. Hoje, as vilas são muito cobrigadas no sítio de Janeiro, devido à sua flexibilidade de uso, o controle de acesso às casas, a possibilidade de se ter um espaço exterior comum e a possibilidade de se modificar o interior das casas. A grande quantidade de vilas plenamente ocupadas, adaptadas às transformações na sua envolvente e abrangendo diferentes usos além do residencial são evidências da profunda relação que elas têm com o modo de vida do carioca e com a cultura popular do Rio de Janeiro. (Alfredo Luz, 2014).

## A acupuntura Urbana

- autores
- Sola Morales, Manuel - Las formas de Proyección cívica
  - Martins Barata, JP - Invenção na arquitetura
  - Sasson, Saskia - Cities as the center..
  - Frampton, Kenneth - Urban Architecture
  - Ascher, François - Novos Paradigmas do Urbanismo
  - Behl, Jan - How to Study Public Life
  - Mano Casagrande

lives - Ed

CS 131 ATH 260.1  
UR -09. PCM 700  
PU 960.1 ARQVIDA 30/2003

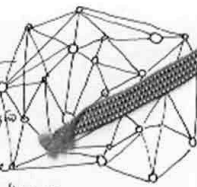
As discussões acerca da cidade tem de ser reformuladas.

- conjuntos disseminados no tecido da cidade;
- mas percepções a partir da rua;
- densidade de ocupação elevada e de fácil extensão, reconhecendo a áreas mínimas.
- edifícios de pequena cota;
- adaptam-se ao terreno em que se inserem (a forma)

Países de Ref.

VMSA - adquiridos -

2010 Remodelação de apartamento na Vila Brandela.



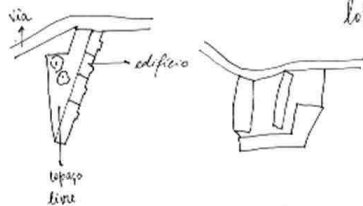
## Caracterização construtiva.

- Soluções formais simples; evocativas; assos mínimos
- rentabilidade do espaço interior → escadas, galerias exteriores, passadizos em frente;
- decoreção de fachadas: estuques, azulejo e tijolo; elementos estruturais de ferro nas escadarias, galerias e guardas.
- O grau de decoreção manifesta-se consoante as possibilidades de construção or proprietários;
- alguns casos, à destinada à classe + pobre, existe uma grande riqueza decorativa / ornamentação; qualidade formal e espacial / organização interior. Mantendo o modelo estrutural / funcional de uma utl.
- preocupação da ornamentação, o desenho dos letreiros em chapa esmaltada, o nomeate ornamentado das coberturas; ex: Vila Sosa / Luz Pereira
- Vila Almeida « Rêdo do Tijolo » → extraordinário interesse pela qualidade do desenho e da construção, caso de ocupação distribuído.
- materiais baratos, estrutura modular
- edifícios de pequena cota

Tipo-morfologia → conclusão:  
 que tipologias de vilas se propiciam mais a um determinado uso ou equipamento?  
 O lugar da existência urbana → conclusão:  
 explorar em que tipos de espaços estes espaços criativos se formam, assim como a sua tipologia, para concluir que uma vila operativa também pode renover em ambientes criativos, como uma nova tipologia.

LOTE: dimensão, forma, relação com a via, número de edifícios, uso dos espaços livres.

EDIFÍCIO: relação com o lote, relação com a via, nº pisos, cantaria, destinação uso, anexos, tipologia



Caracterização tipo-morfologia:

• relação lote - edifício - via; como o edifício adquire a sua forma; enquadramento histórico;...

Opção: síntese final dos projetos de referência.

espaços criativos:

cluster criativo, distrito criativo, bairro criativo

Madreus - o. novo → residência artística - Convento

Alcobaça 28 Janeiro

- Cartografia histórica - adicional 2018

- análise ocupação urbana - define percurso

entre vilas e locais de interesse, tenta

conectar com vilas/locais fora da área.

ligação entre todos os vilas do núcleo, tenta

essa conexão entre outros núcleos.

utilizar convento como motor para o projecto -

residência artística.

- tipo-morfologia - analisar o que nos interessa.

identificar (p.e) características distintas entre vilas

que as vai diferenciar no projecto. dois grupos

de coisas diferentes, para estas faço isto e

para aquelas faço aquilo. começa por definir

tipologia. distribuem os espaços: pequenos, grandes,

comércio, largos, próximos da via, grandes/pequenos

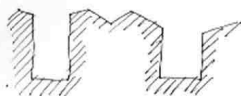
espaços abertos... documento → começar pela história

e depois analisar neste sentido? "Vamos abordar

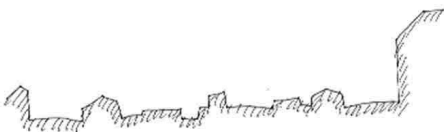
estas questões para nos levar a determinadas

hipóteses de projecto".

Bairro Alto. fazer opções tipo e mapas !!!  
 21ha - malha irregular irregular. mais antigo, mais orgânico, com praças. espaços públicos abrangem 1/4 da totalidade da área do bairro. 89% e conforto pedonal agradável / irregular pela pequena dimensão.



Vila Madalena.  
 89ha - malha ortogonal irregular. traçado mais regular, ruas e quarteirões longos. 41% do espaço público devido as grandes praças e ruas largas (distribuição de espaço livre e privado). Bairro motorizado, quarteirões demarcados longos.



Os bairros culturais são talvez os mais criativos quanto maior for a sua capacidade de abraçar "actores errantes" que escolhem onde se fixar, residir, trabalhar e reconheceram enquanto lugar de encontro e troca com os seus pares.

qualidades comuns que os distinguem de outras áreas urbanas da cidade.  
 - espaço público fortemente moldado pela presença de comércio, com boas condições de acessibilidade e mobilidade; ambiente propício à emergência de comércio inovador; equip. culturais, vida noturna, ideia de vida boémia; mistura de elementos contemporâneos com tradicionais. enquanto fatores específicos que contribuem para a criatividade do bairro:  
 existência de múltiplos criativos → o bairro constitui um ponto de encontro de indivíduos e grupos criativos; comércio e serviços inovadores - ateliers, oficinas, galerias de arte, lojas e bares artísticos...

ALVENARIA DE TIJOLOS COMO POÉTICA ARQUITETÓNICA

Prof. George Gullrich

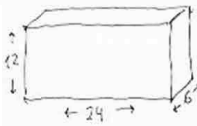
24 junho

Tipos cozidos / macios / perfurados

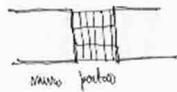


- Francisco de Paula Ramos de Azevedo
- Villa Boyer 1924.
- Vila Operária do Complexo Tecnológico Paratyba -
- Rino Levi - Vila Operária em tijolo - edifício-branco

proporção 1:2:4



medida do tijolo

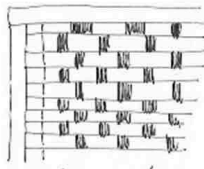


modo de posar

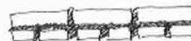
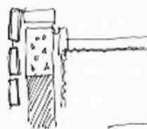
tijolo → betão → ferro (materiais utilizados em equipamentos industriais)  
 tijolo cozidos → no Siza ou no Azevedo.  
 alvenaria com intenção estética

Raul Lino

Raul Lino



aparelho vazado

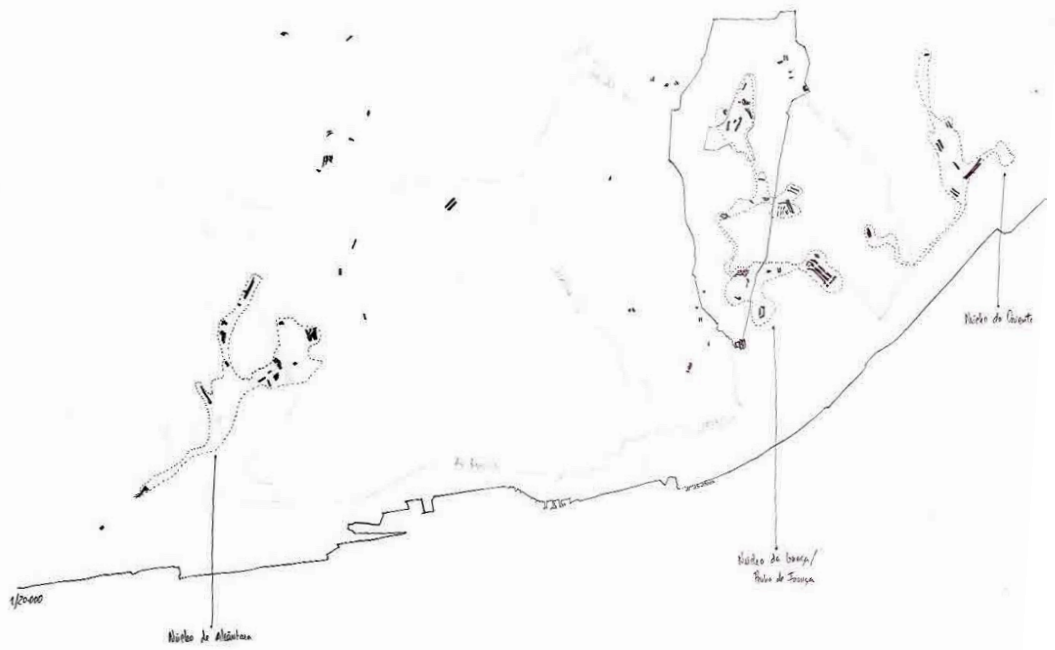


aparelhos

- meia vez
- flamengo
- misto
- espaçados







PERCURSOS → estrategia: conectar los niveles más próximos y  
 presencia en la zona de los monumentos

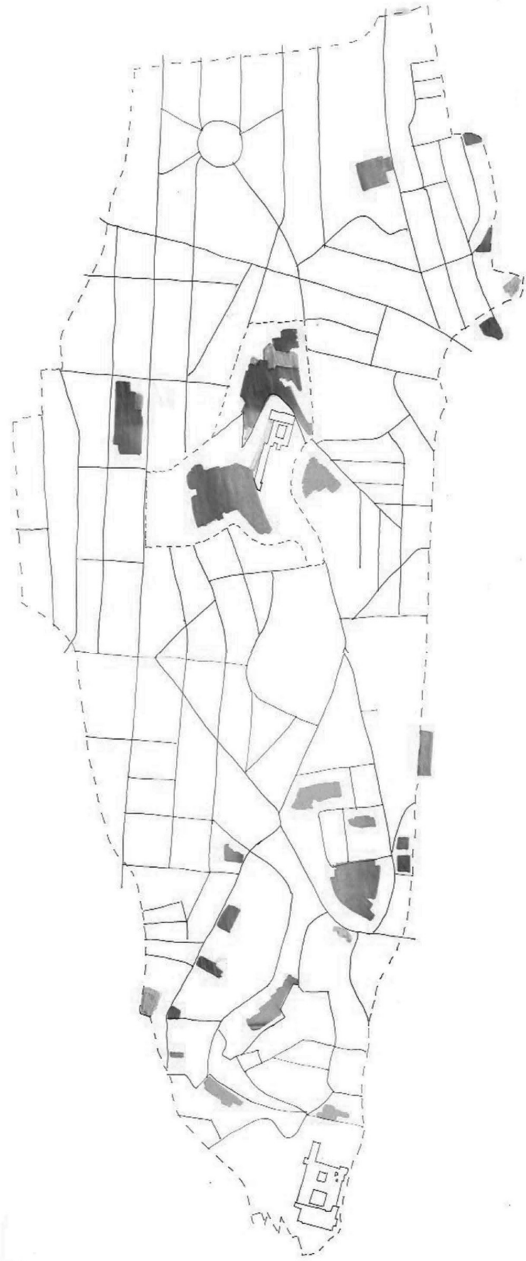
## DESENHOS

Neste breve momento, que marca apenas parte de um processo de desenho e reflexão maiores, pretendo apresentar a evolução de um percurso projetual gradativo que se realizou neste trabalho.

Apresento uma seleção de esquiços e esquemas que representaram momentos decisivos e que são essenciais à compreensão do projeto.

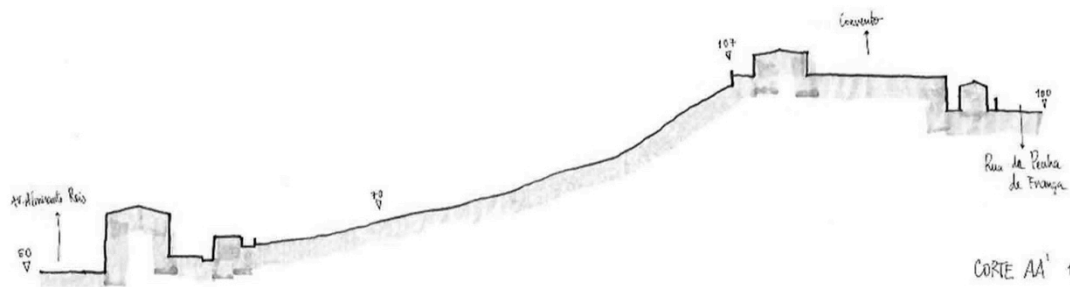






ACUPUNTURA URBANA :  
IDENTIFICAÇÃO DE PONTOS SENSÍVEIS

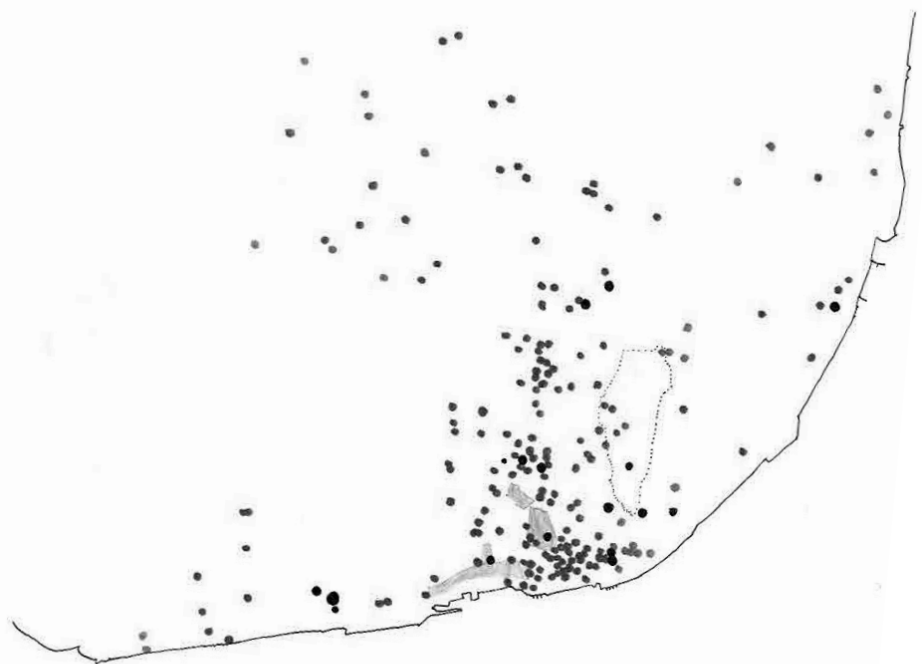
- PÚBLICO ■ ESPAÇOS EM DESEJO COM ENERGIA FRACA OU NULA - "SPACES BETWEEN PLACES"
- BOLSAS DE RUÍNA
- PRIVADO ■ ESPAÇOS EM USO COM ENERGIA FRACA - INTERIORES AO QUARTELÃO



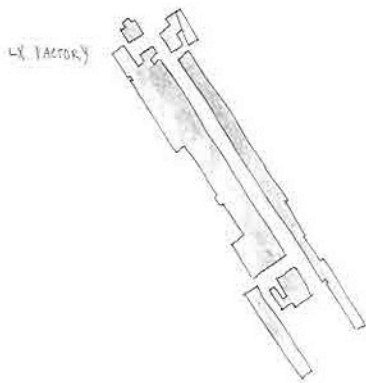
# ESPAÇOS CRIATIVOS

↓  
futura  
Espaço

- espaços criativos
- ▨ locais criativos
- Indivíduos Criativos, Artistas, Escritores



ESPAÇOS CRIATIVOS EM LISBOA



FAZENDA DO BARRIO DE PRATA

- galerias, bar, livraria, sala de concertos, restaurante, exposiçõ cinema, oficinas, espetáculos

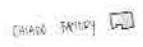
ENRAMADA LX

- Palácio Ribeiro de Sousa - espaço para arte, exposições temporárias, dois restaurantes, lojas, coplanetas, mais de uma dezena de lo



MOURARIA CRIATIVA HUB

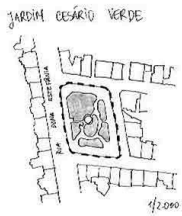
- ~~Novo~~ ~~reconstrução~~ - recuperação de um velho quarteirão "a primeira hub na área das indústrias culturais e criativas na cidade." instalad casa social



HEART UNDERGROUND

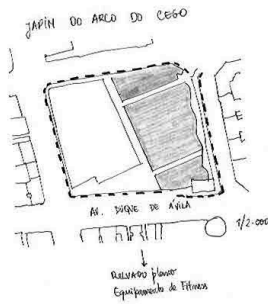
- contadores automáticos e 2 autocarros antigos transformados em espaços para artistas e jovens criativos



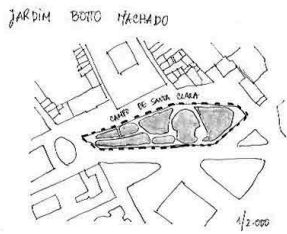


Indefinido Suntuoso  
Geometria com Aplicação  
Parque Infantil

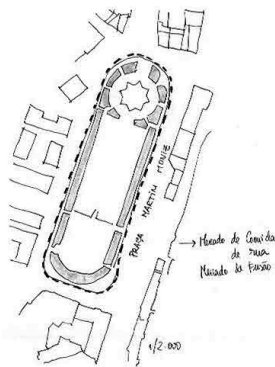
Parque Infantil  
Equipamento de Fitness  
"Jardim de Brincar"  
Quilômetro com esplanada  
Campo de Tênis



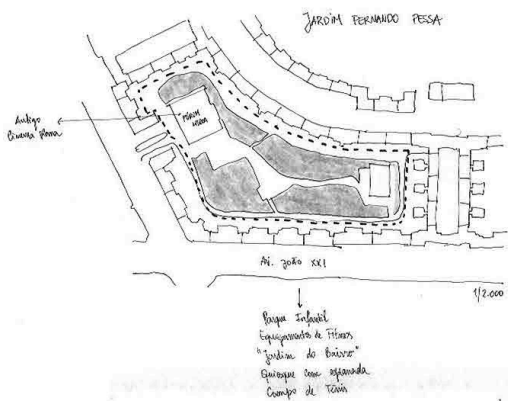
RELEVADO plano  
Equipamento de Fitness



Quilômetro com esplanada  
Parque Infantil



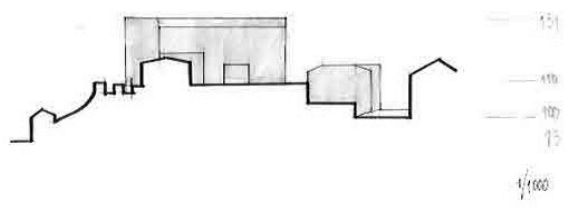
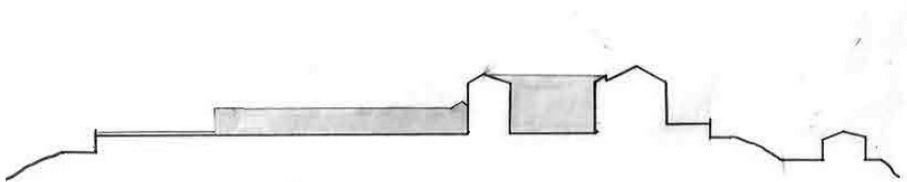
→ Mercado de Comida  
de Rua  
Mercado de Pão



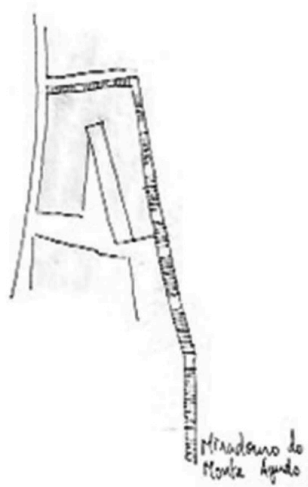
Parque Infantil  
Equipamento de Fitness  
"Jardim de Brincar"  
Quilômetro com esplanada  
Campo de Tênis



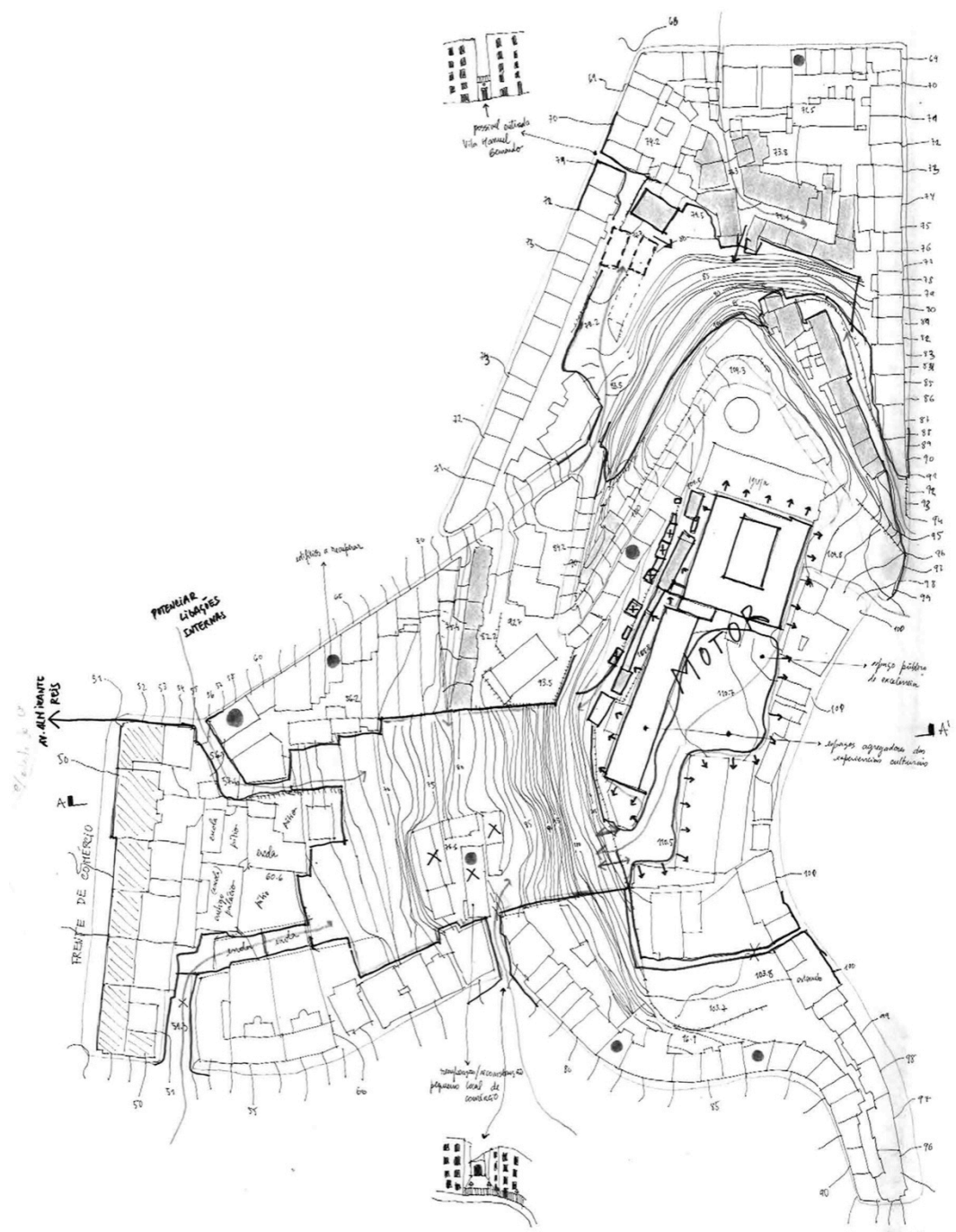
1/11.2000



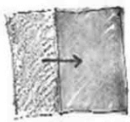




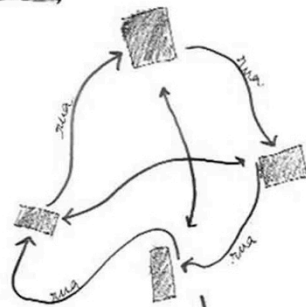
Miradouro do  
Monte Agudo



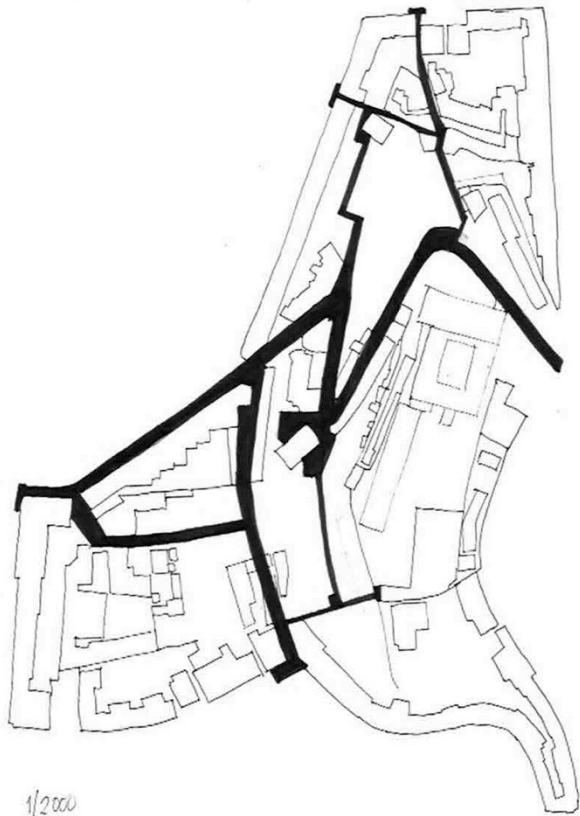
liga vários níveis de espaço público.



Associa cada atividade artística a um espaço público.

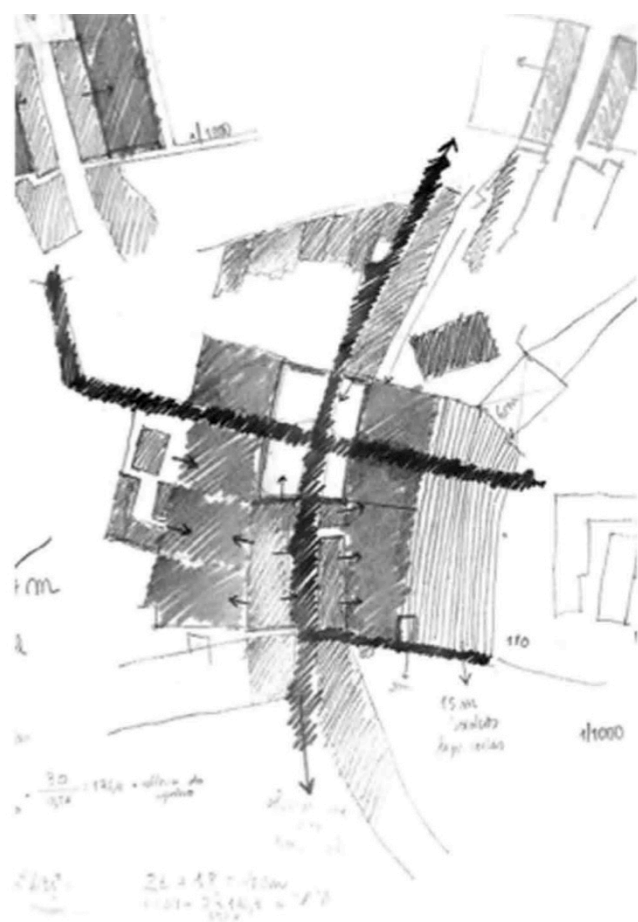


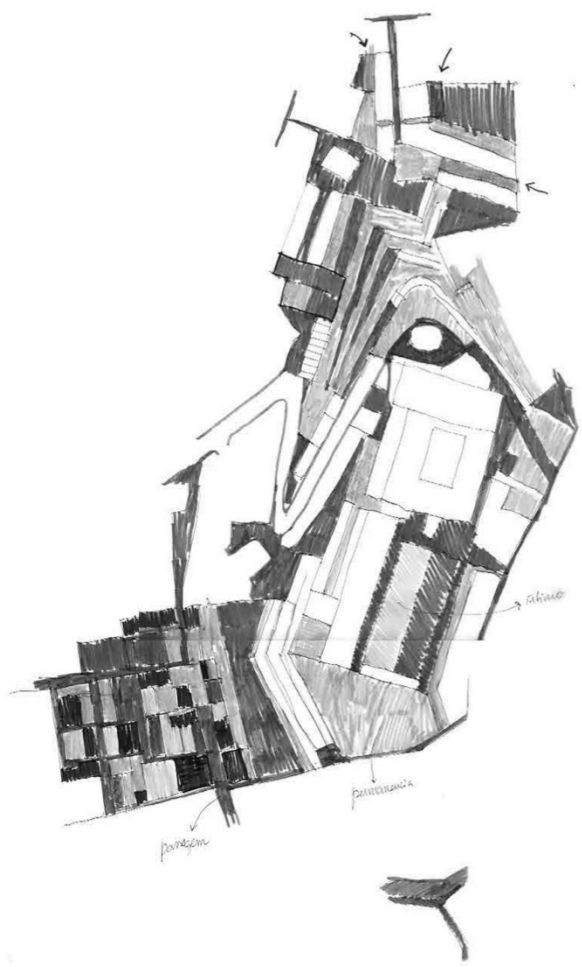
ligar estes espaços entre si e à rua.



1/2000

PERCORSO INTERIOR ↔

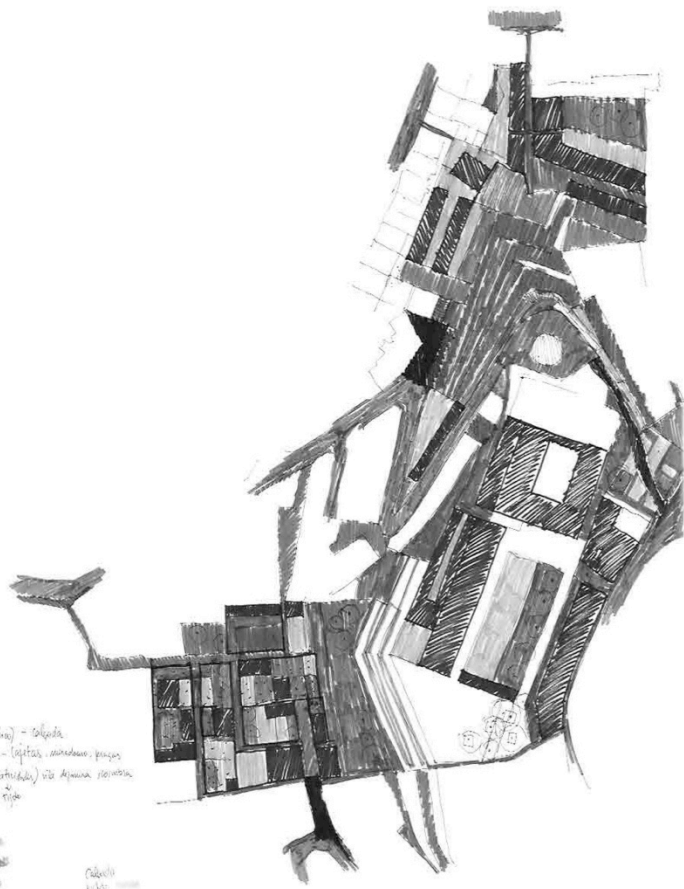




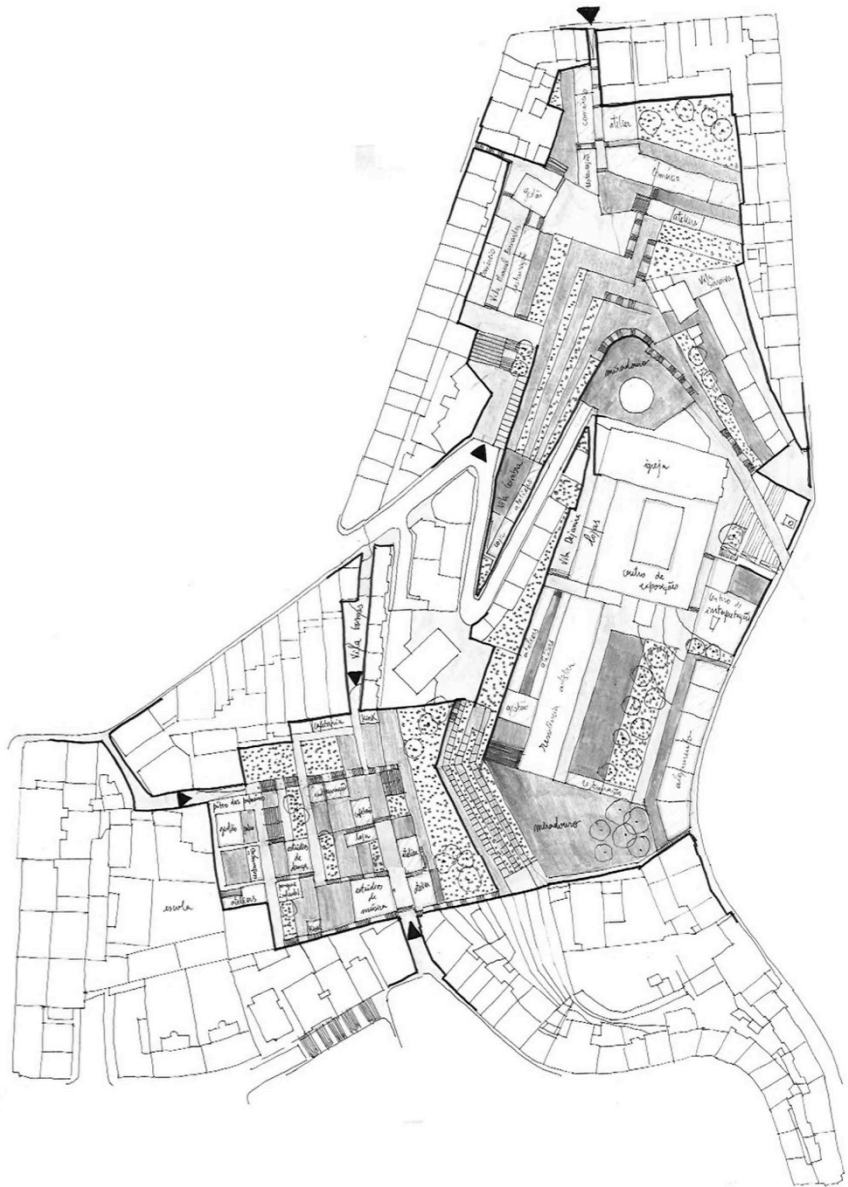
• Lentes de parrilla (cristal) - Soluções  
• Lentes de parrilla - (cristal, cerâmica, plástico)  
• Foco-parrilla - (cristal, cerâmica) ou alguma resina  
• Intusivo - Tijolo

• Colado de vidro  
• Lentes de vidro  
• Lentes de plástico  
• Lentes de vidro

• Colado de vidro  
• Lentes de vidro  
• Lentes de plástico



# PAVIMENTOS

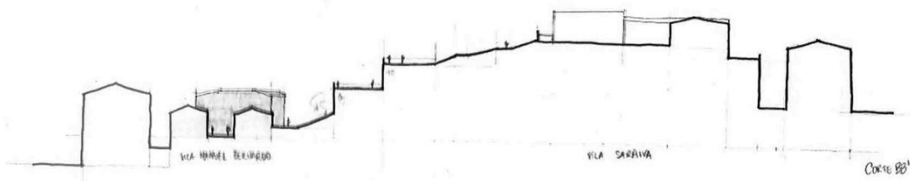
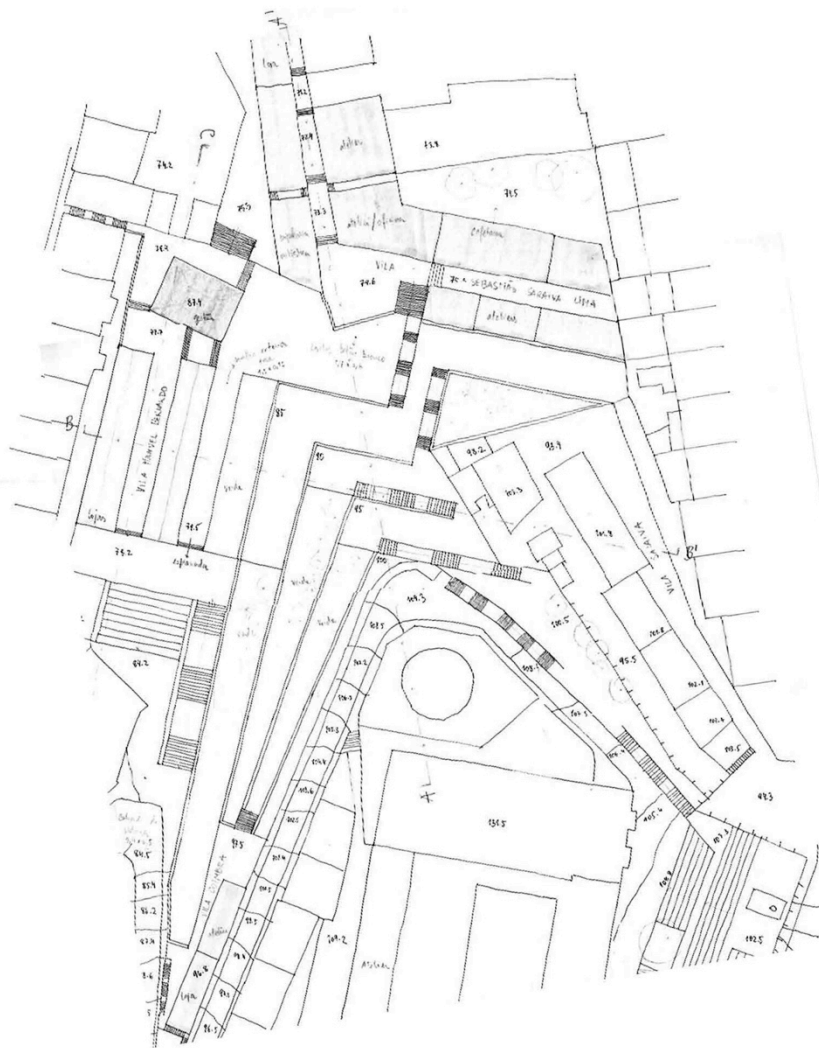


□ recuperação  
 ▨ construção

1 / 1.000

## PAVIMENTOS

- Calçada de Pedra — locais de paragem
- ▨ Lajotas de Betão — locais de paragem
- ▧ Tijolo — locais de trabalho, habitação (interiores)



C. 100/80

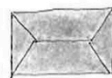


BAIRRO CRIATIVO

## TIPO - MORFOLOGIA

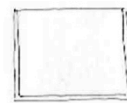
Tipomorfologia refere-se à distribuição de espaços e tipos de edifícios, e serve como base para o entendimento da natureza do design do edifício, a sua relação com a cidade e a sociedade em que está inserida. (MONDON, A.V.)

O estudo de um organismo urbano só se conhece através da dimensão histórica, que na sua intrínseca continuidade se funde com o tempo através de uma sucessão de reações e de crescimentos a partir de um estado anterior. (MORATORI, Seneio. 1959)



edifício

+

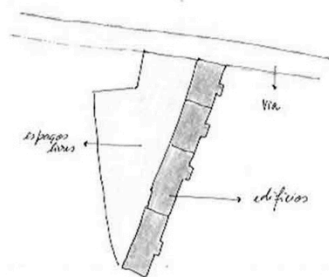


loteamento

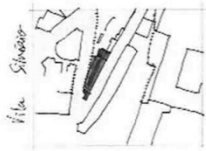
=



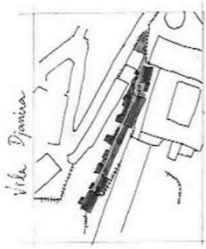
lote



é a relação dos volumes dos edifícios com os seus espaços abertos que define a forma urbana. Mondon



1888 - Vila Coimbra (demolida)  
acompanha a via pública em  
a forma do edifício segue  
claramente através da morfologia  
do terreno.

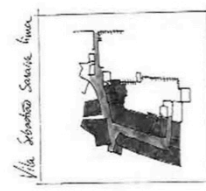


1883  
interna no quarteirão  
edifício alongado disposto  
em duas bandas paralelas,  
adquirindo uma forma alongada  
no terreno.

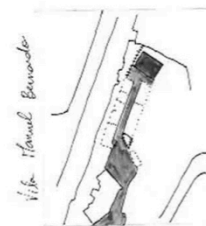


1901-1908  
interna no quarteirão  
edifício alongado tipo escurteira  
construído independentemente do  
esquema viário  
três fases de construção  
apresenta já um certo cuidado  
estético e formal

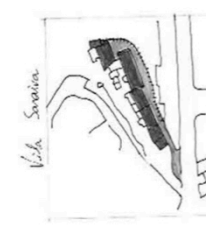
em conformidade...



1910  
interna no quarteirão  
vila construída atrás de edifícios  
construída muito simples de um só  
piso, situada nas traseiras. Logradouro  
de edifícios pertencentes à burguesia.



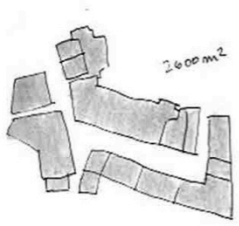
1895-1913  
estrutur no quarteirão  
originalmente: via formada sua  
após parte da demolição a vila  
apresenta-se como um bloco tipo  
"chafiz". A forma original deu-se  
à sua instalação com apoio regular  
e lição de edifício



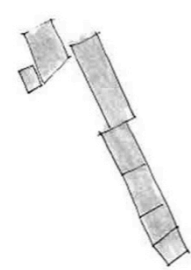
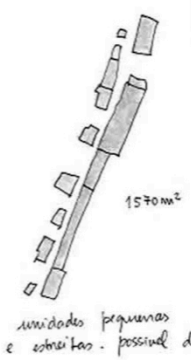
1901  
interna no quarteirão com acesso  
a partir da sua principal.  
edifício alongado tipo escurteira.



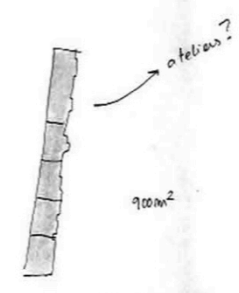
estrutura ampla de planta  
retangular - dois pisos.  
preparação para actividades  
que se desenvolvam em  
open space.



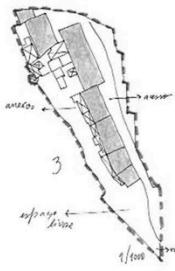
conjunto de aprox. 20 estruturas  
em formas variadas. várias formas  
e dimensões - espaço adaptável ao  
variado hipotético de projecto



conjunto alongado  
com sala de réis  
unidades com dimensões  
proporcionais → tipo via-bromes



ótimo estado de conservação  
unidades relativamente grandes  
& proporcionais, dois pisos



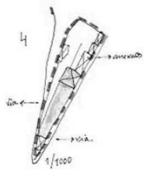
**LOTE:**  
 dimensão: 2.600 m<sup>2</sup>  
 forma: variável / triangular  
 relação com a via: predominantemente adjacente  
 número de edifícios: 5 a 6  
 uso dos espaços livres: verde e estacionamento

**EDIFÍCIO:**  
 relação com o lote: posição variável, cobertura parcial  
 relação com a via: retraído  
 nº pisos: 2 a 3  
 cobertura: duas águas  
 uso: habitacional  
 anexos: abanacados



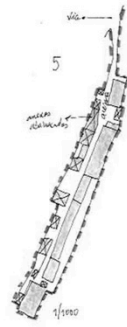
**LOTE:**  
 dimensão: 900 m<sup>2</sup>  
 forma: retangular e poligonal  
 relação com a via: adjacente  
 número de edifícios: 1  
 uso dos espaços livres: estacionamento

**EDIFÍCIO:**  
 relação com o lote: cobertura parcial/total  
 relação com a via: adjacente  
 nº pisos: 2  
 cobertura: 2 águas  
 uso: residencial  
 anexos: não



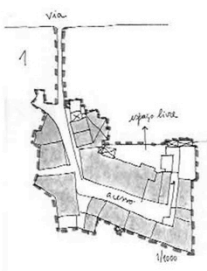
**LOTE:**  
 dimensão: 700 m<sup>2</sup>  
 forma: retangular  
 relação com a via: adjacente  
 número de edifícios: 1 a 2  
 uso dos espaços livres: verde

**EDIFÍCIO:**  
 deslocação com a via: adjacente  
 relação com o lote: cobertura parcial do lote  
 nº pisos: 1  
 cobertura: 1 água  
 uso: residencial  
 anexos: abanacados



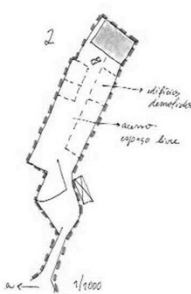
**LOTE:**  
 dimensão: 1500 m<sup>2</sup>  
 forma: retangular e poligonal  
 relação com a via: predominantemente retratada  
 número de edifícios: 6 a 7  
 uso dos espaços livres: cinzelado

**EDIFÍCIO:**  
 relação com o lote: posição variável, cobertura parcial  
 relação com a via: retratada  
 nº pisos: 1  
 cobertura: abanacada - 1 água  
 uso: habitacional  
 anexos: abanacados



**LOTE:**  
 dimensão: 2.000 m<sup>2</sup>  
 forma: poligonal  
 relação com a via: incluído  
 número de edifícios: 4 a 5  
 uso dos espaços livres: verde e estacionamento

**EDIFÍCIO:**  
 relação com o lote: posição variável, cobertura parcial  
 relação com a via: predominantemente retratada  
 nº pisos: 1 a 2  
 cobertura: plana ou duas águas  
 uso: residencial  
 anexos: abanacados

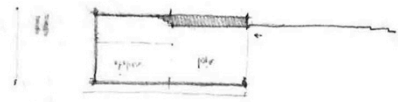
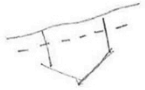
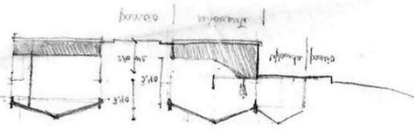
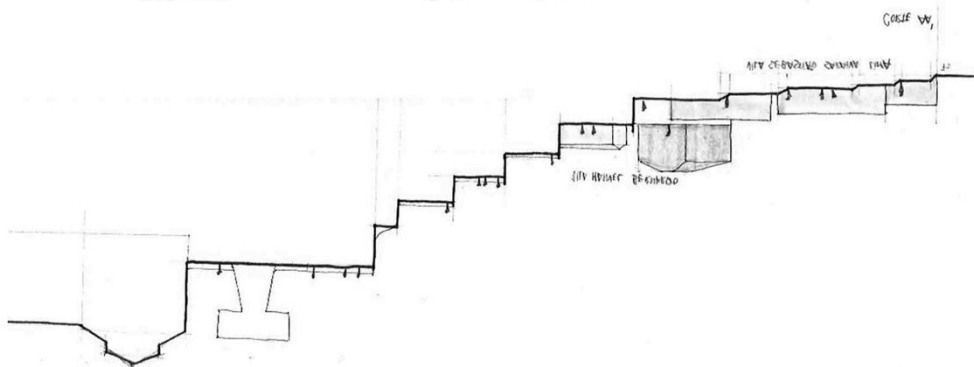
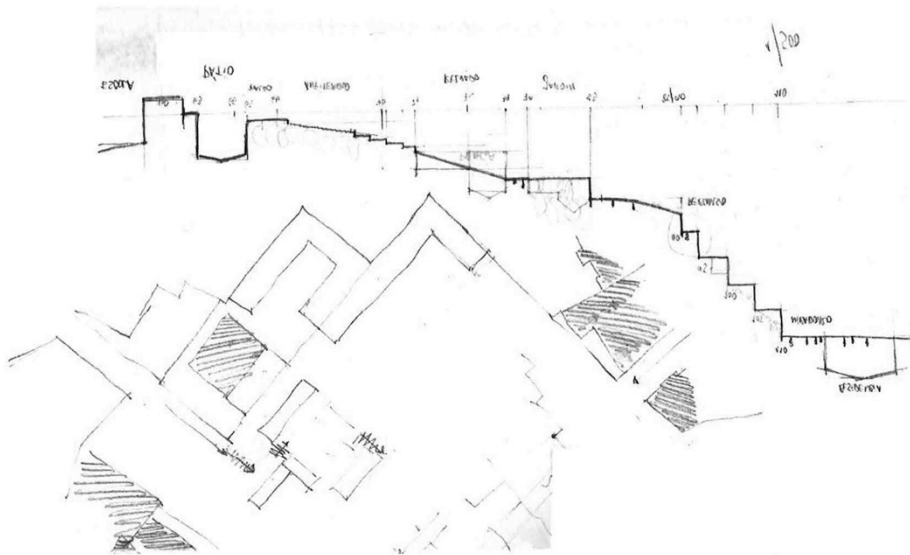


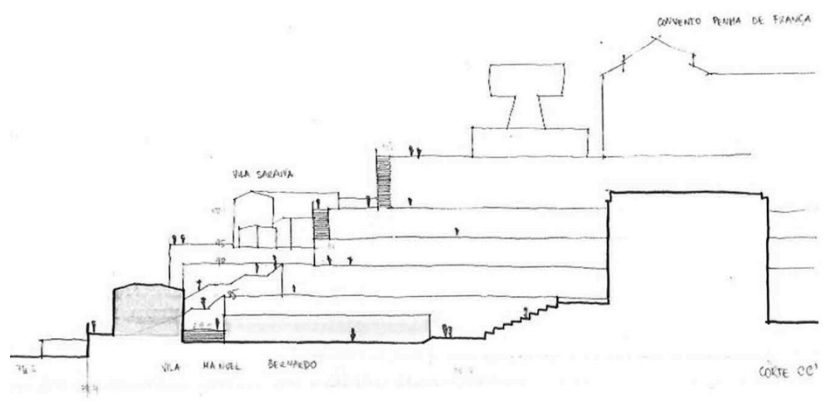
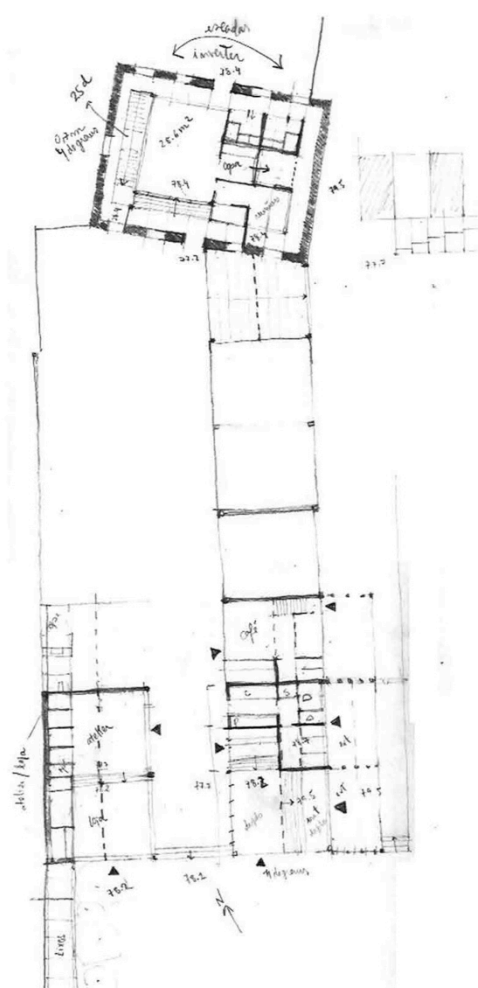
**LOTE:**  
 dimensão: 1.800 m<sup>2</sup>  
 forma: retangular e poligonal  
 relação com a via: incluído  
 número de edifícios: 1  
 uso dos espaços livres: verde

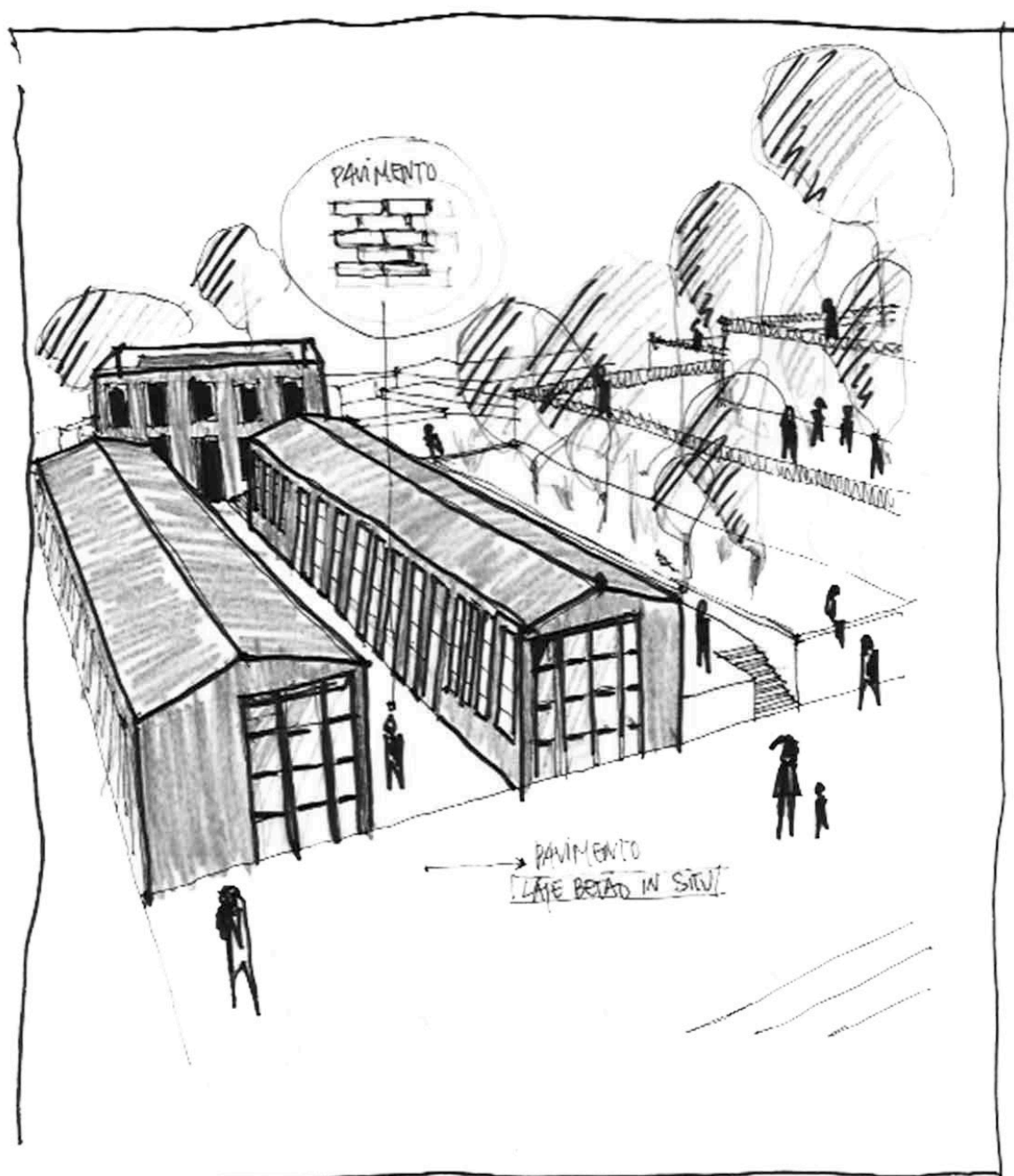
**EDIFÍCIO:**  
 relação com o lote: posição incluída, para cobertura de  
 relação com a via: muito retratada  
 nº pisos: 1 a 2  
 cobertura: quatro águas  
 uso: residencial  
 anexos: nenhuma

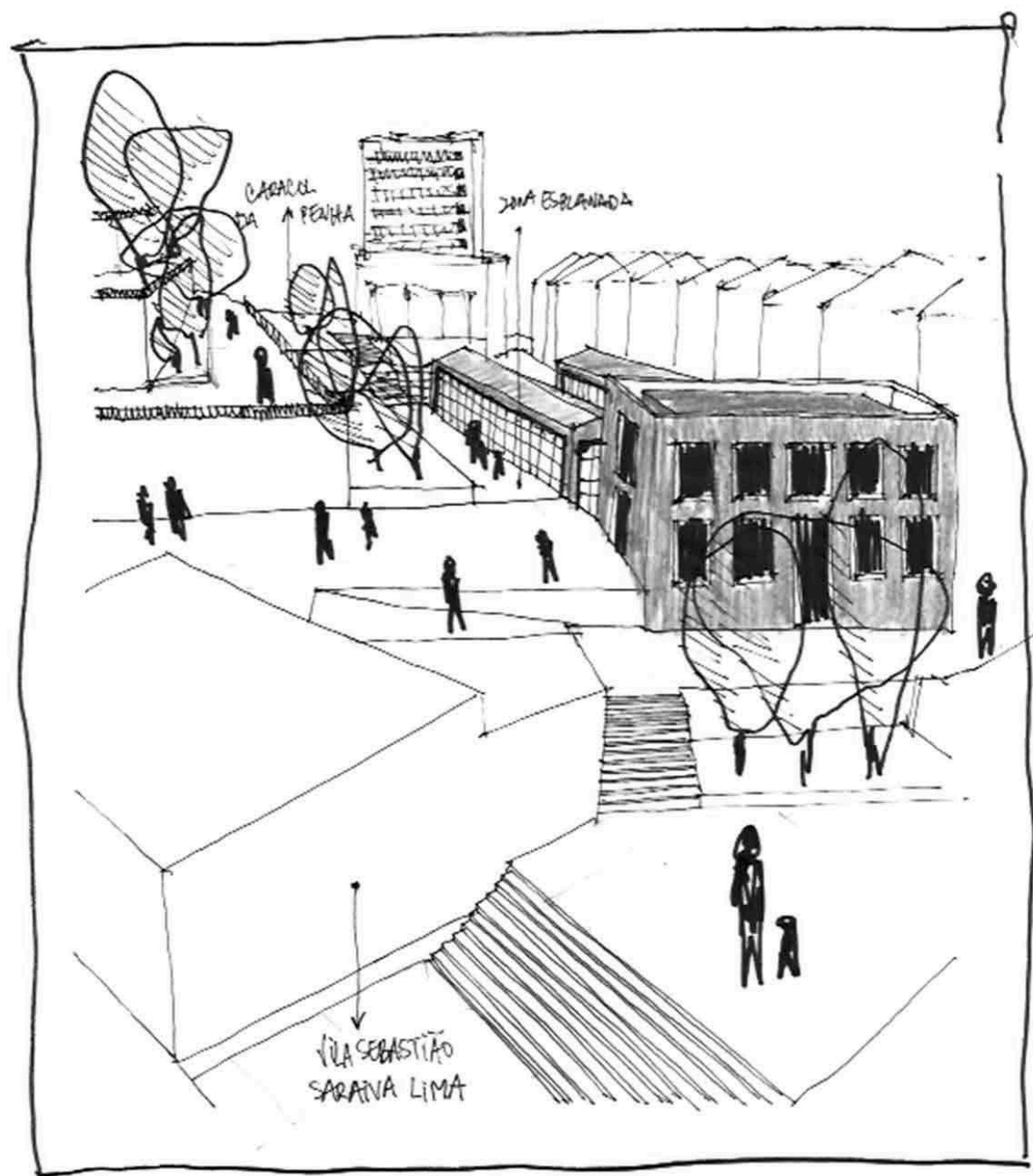


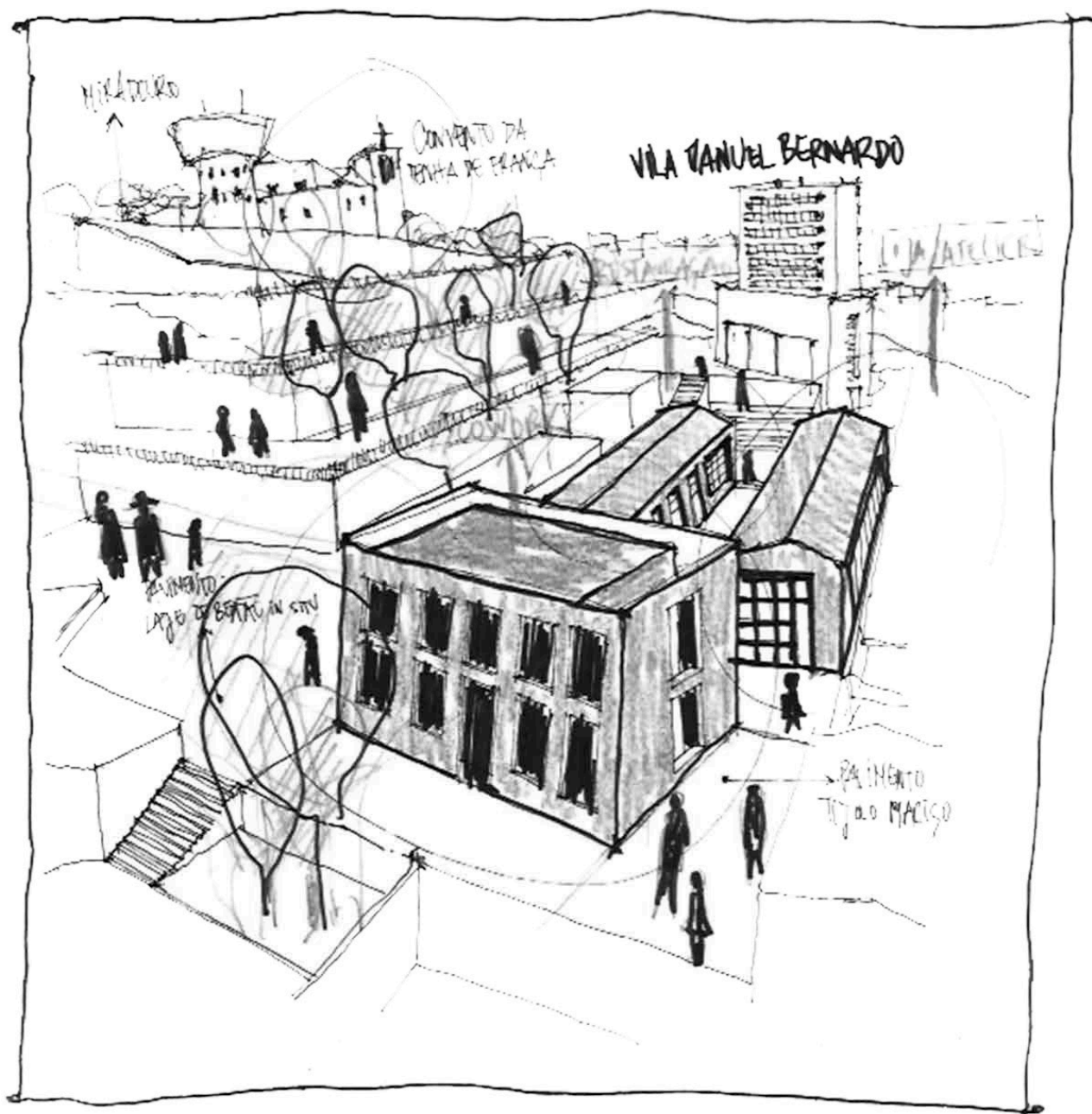












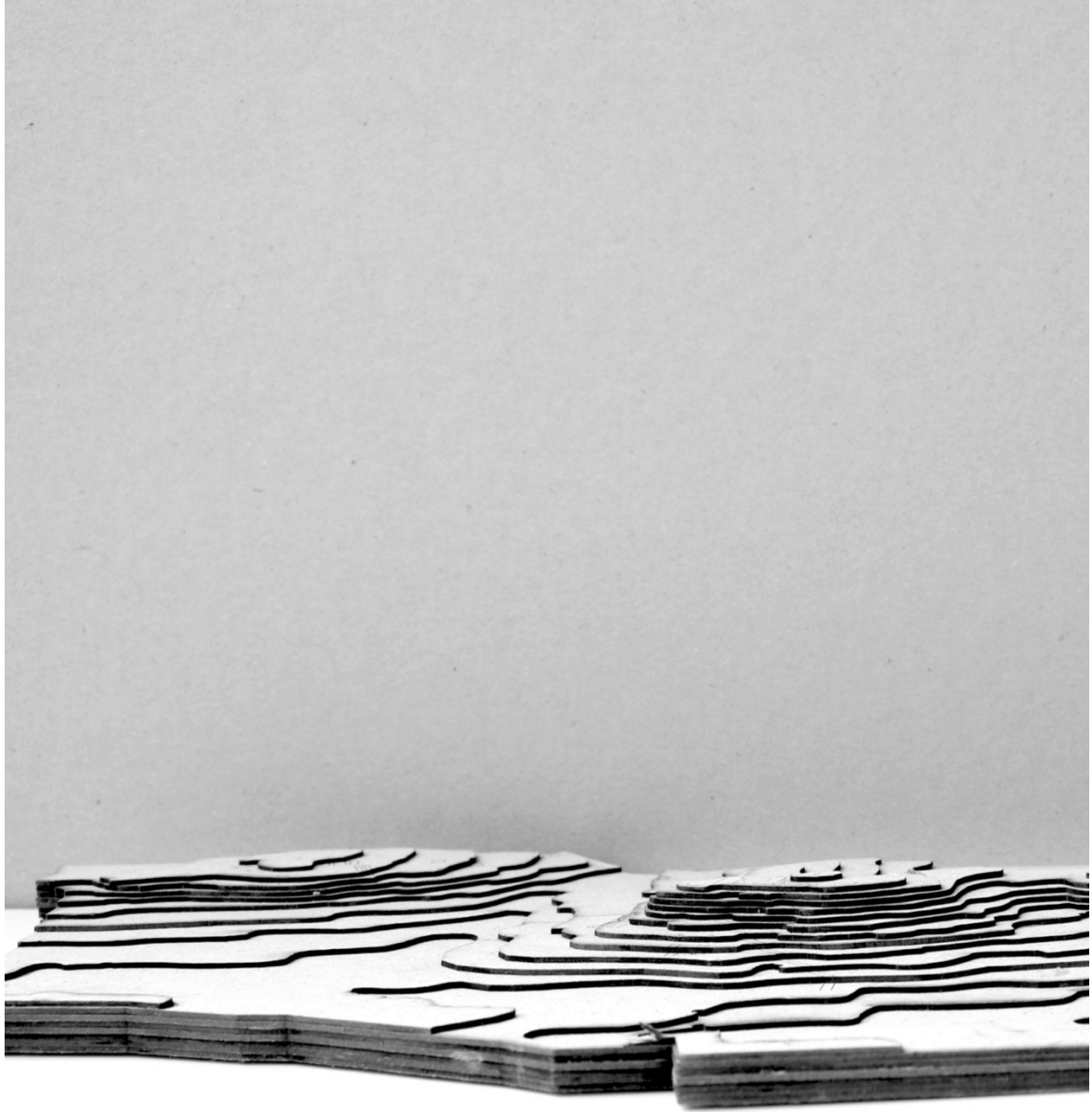


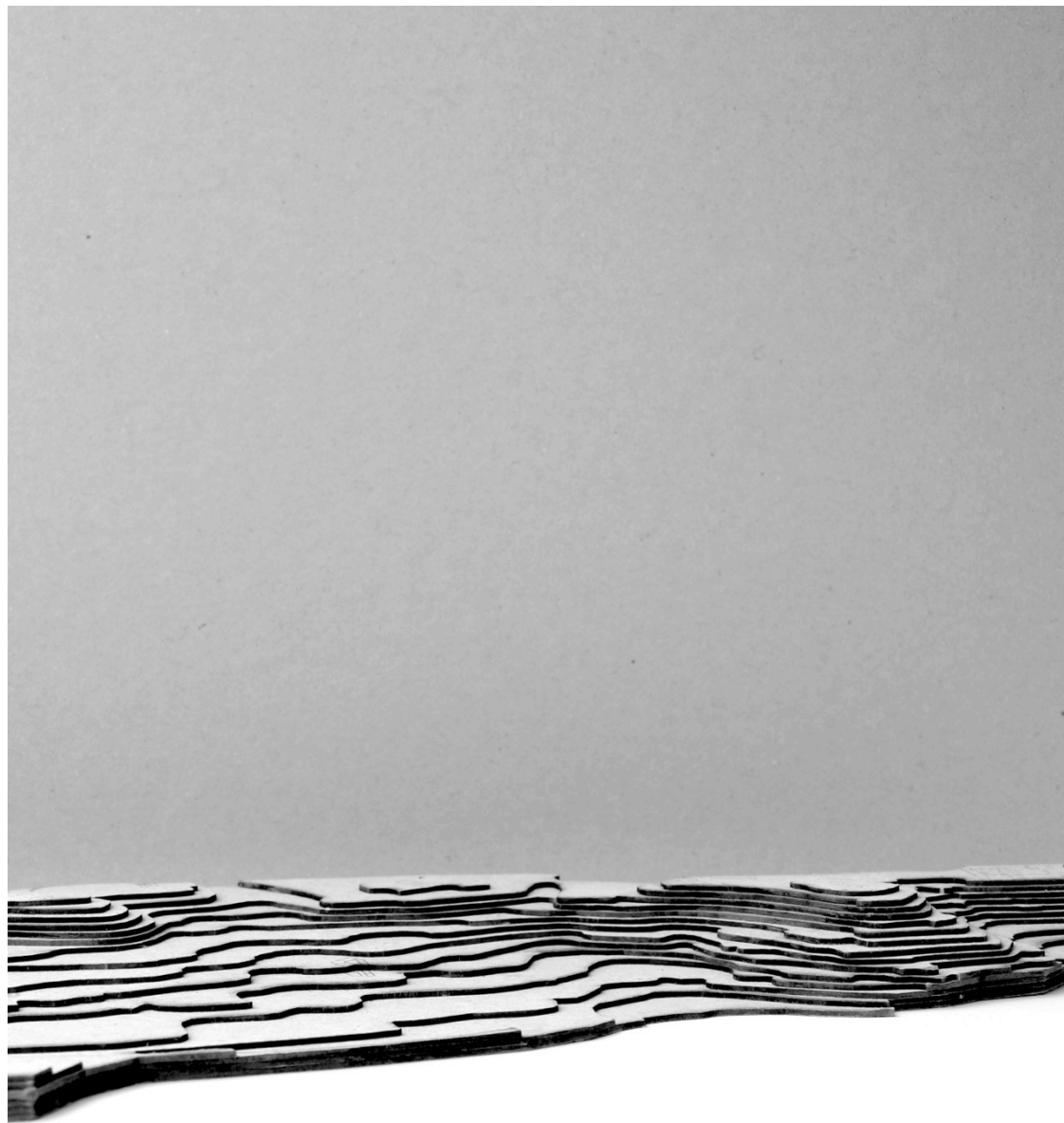


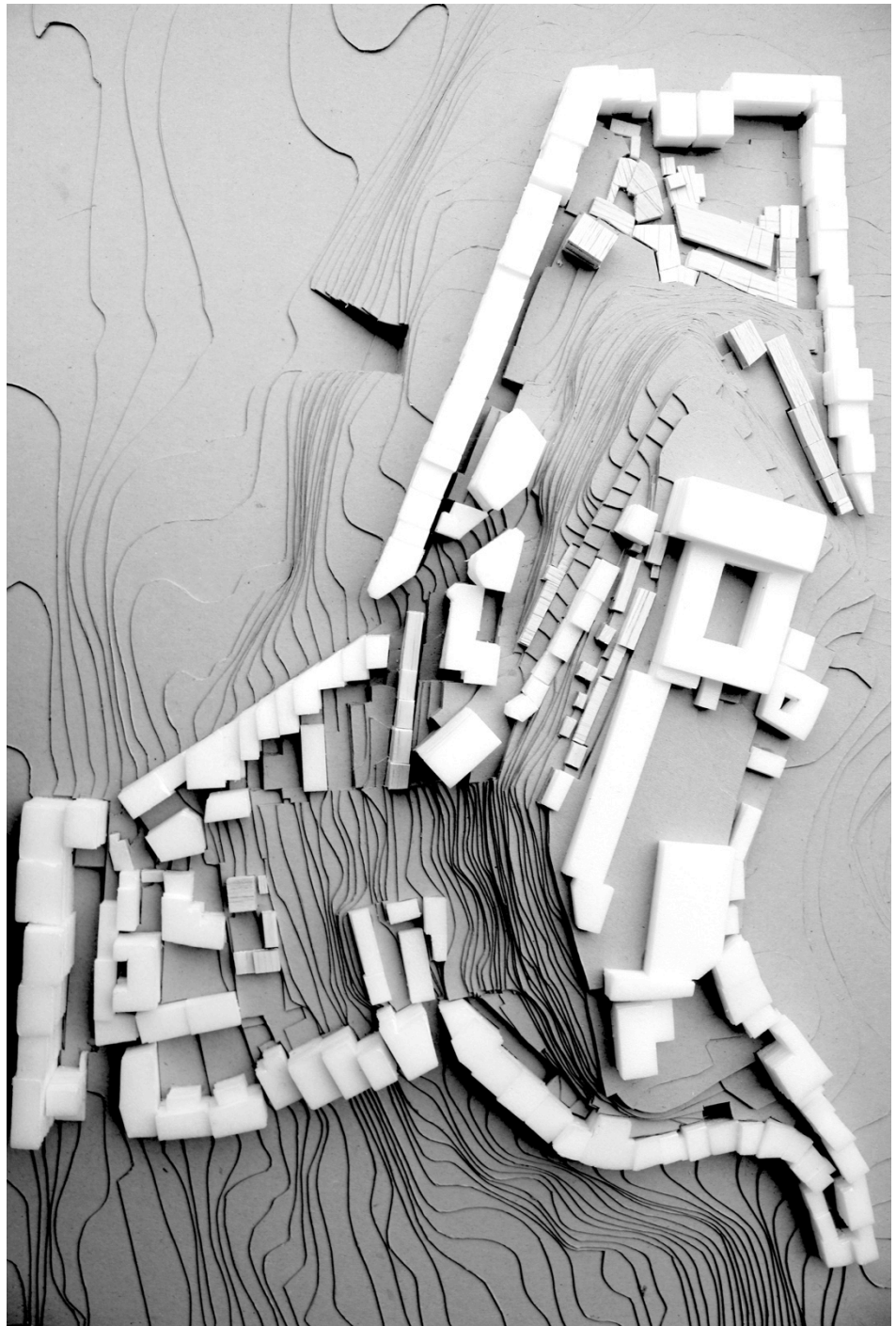
## MAQUETES

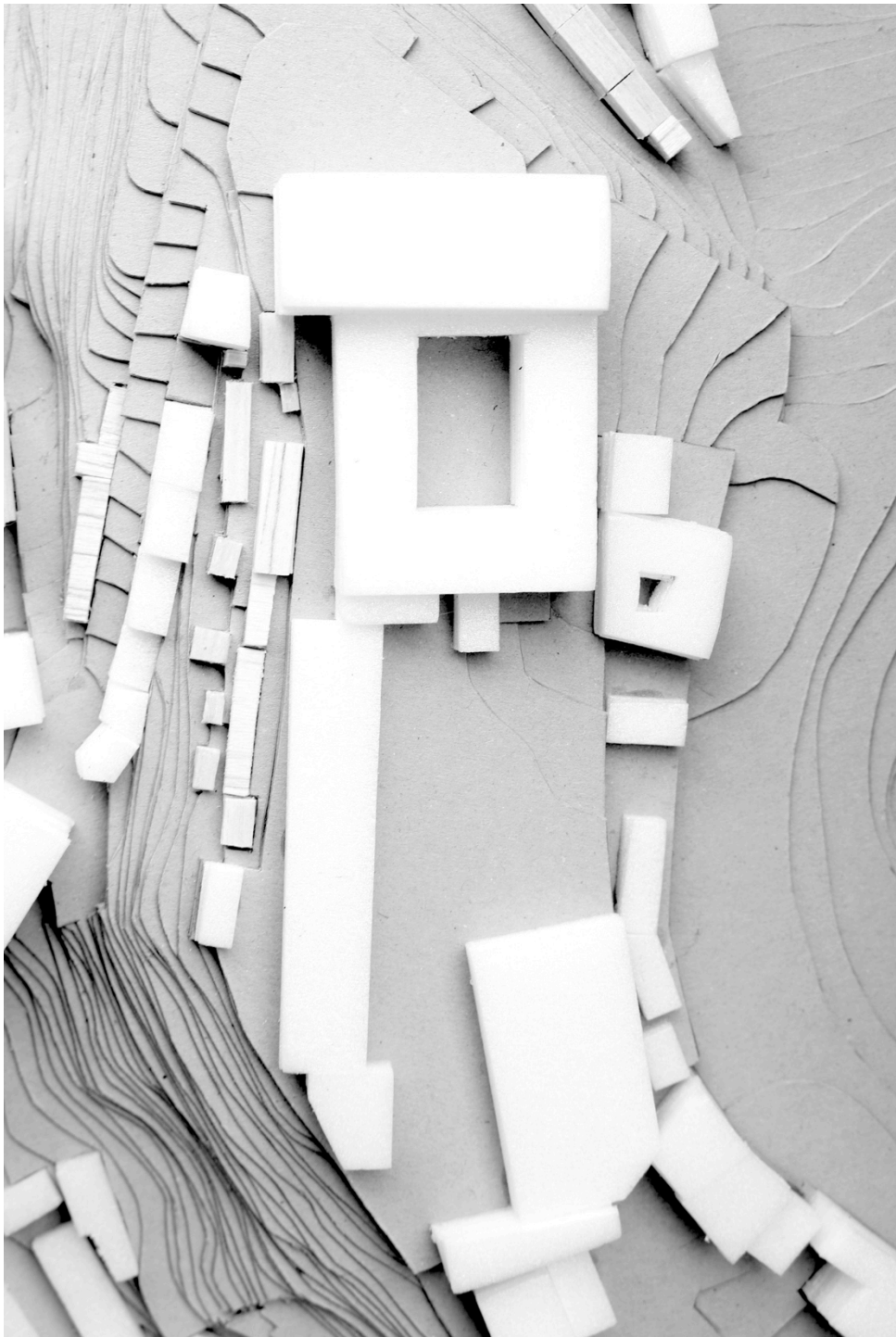
Registo fotográfico das maquetes que elucidam as morfologias destes espaços, e formam uma ligação muito importante entre o desenhado e o tridimensional.

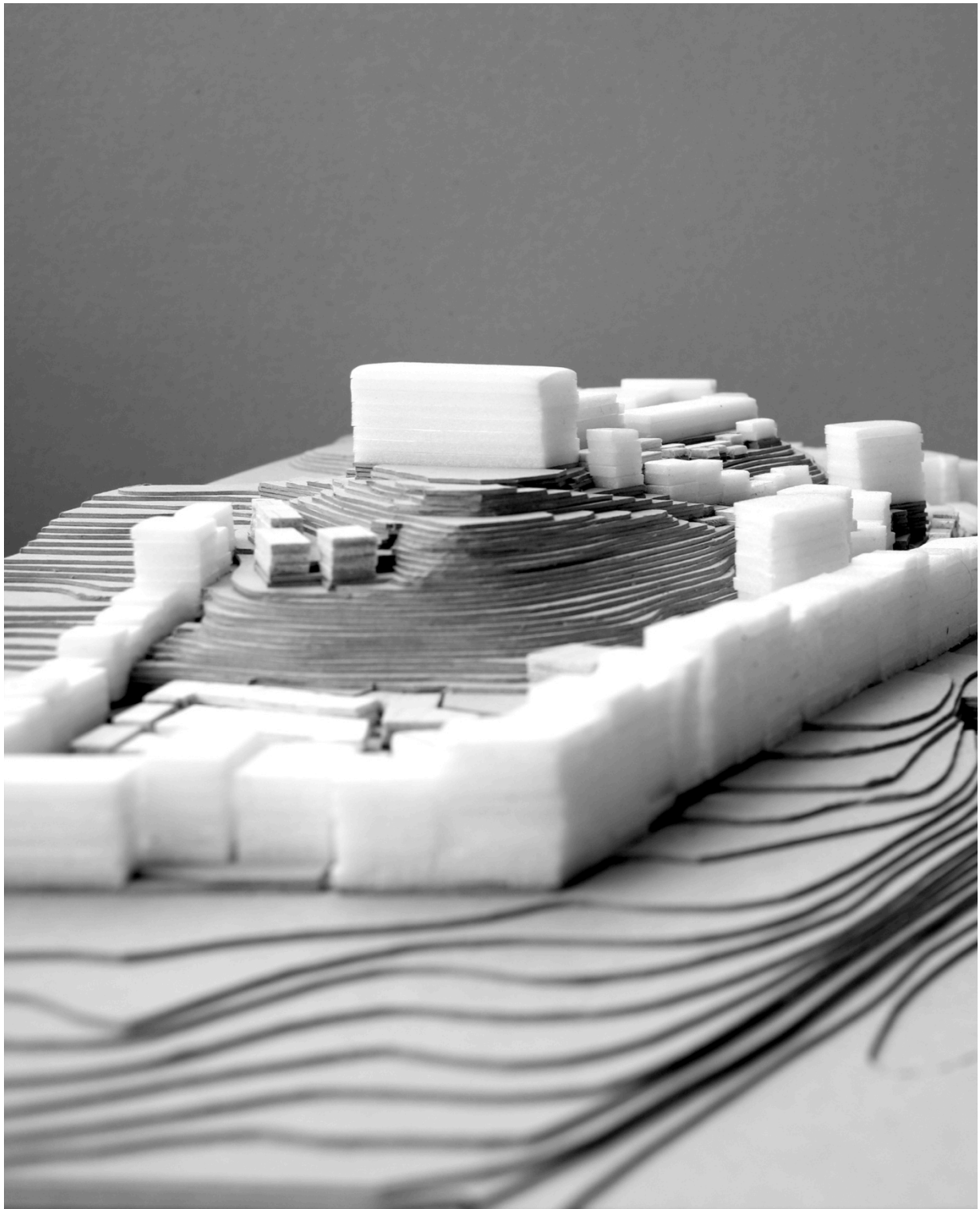
Produziram-se ao longo do processo e demonstram o presente estado do território de intervenção.

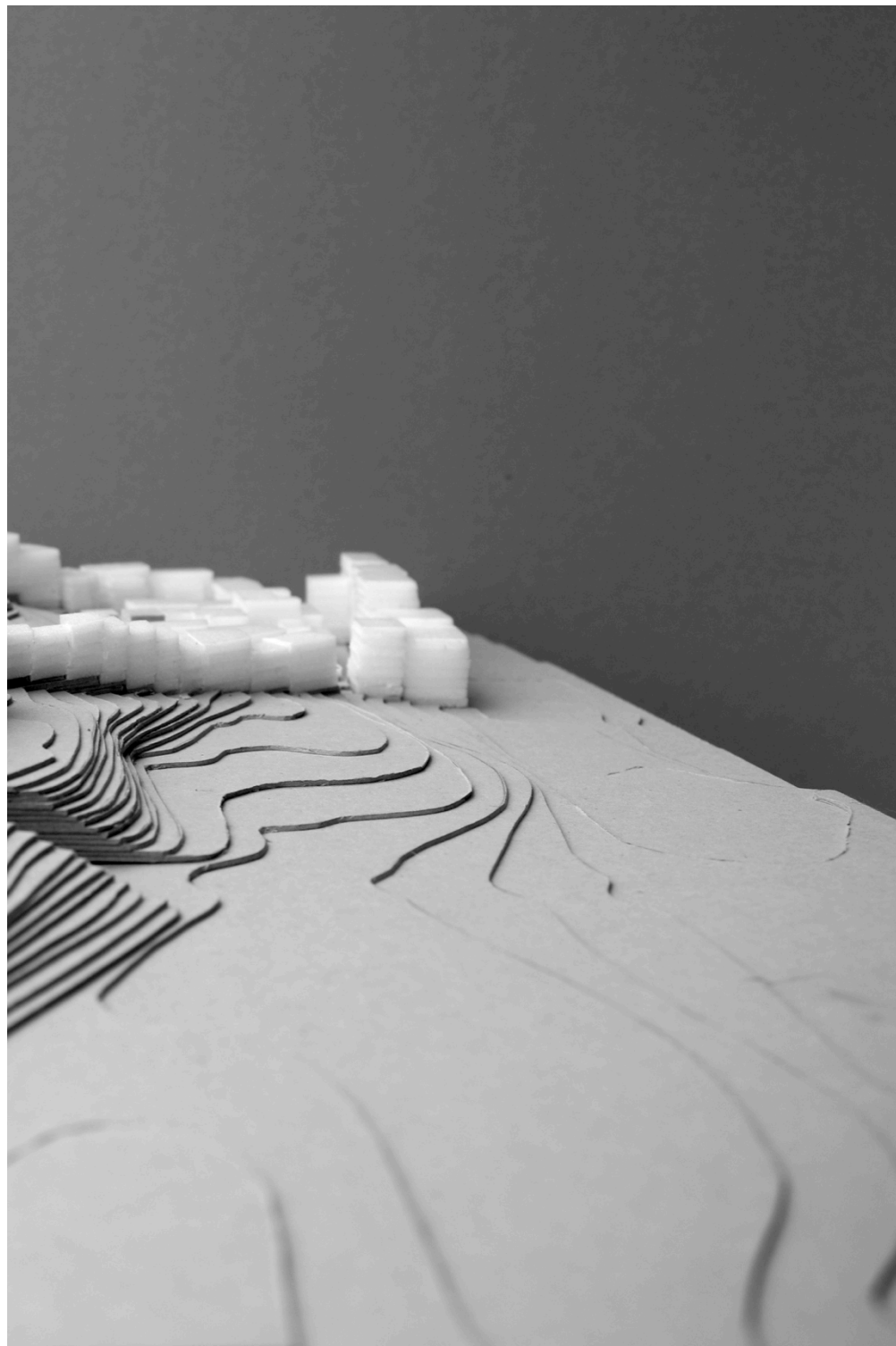


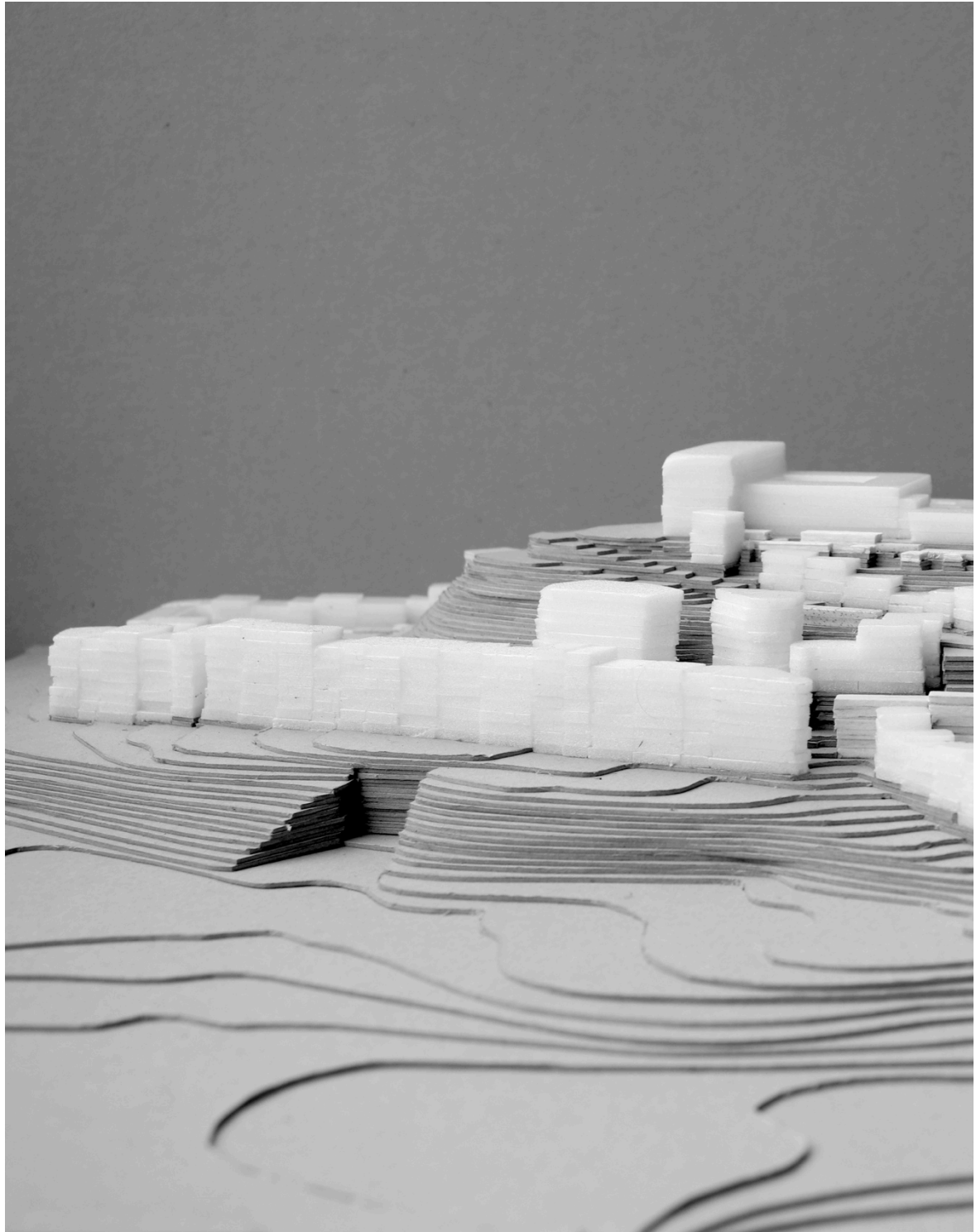


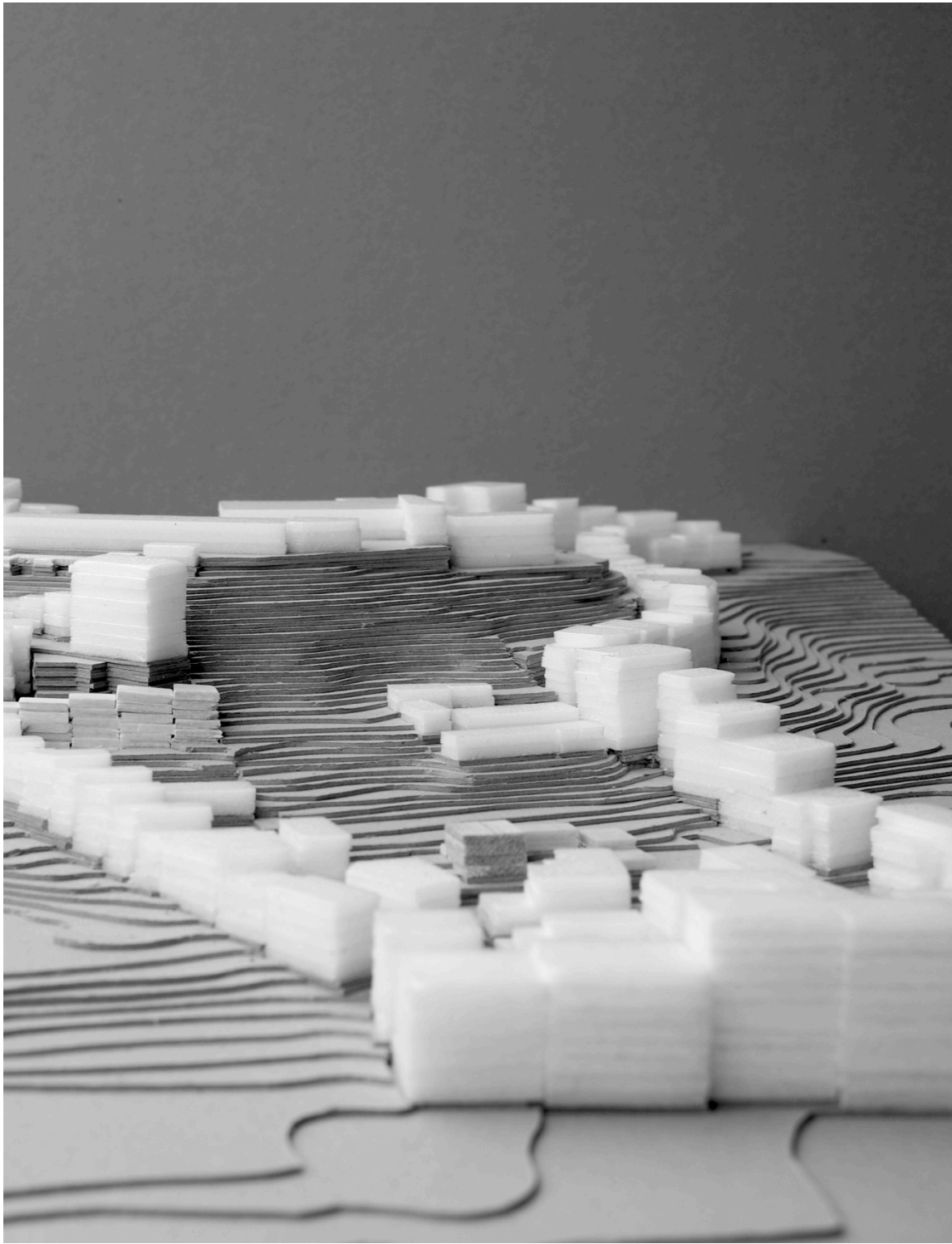


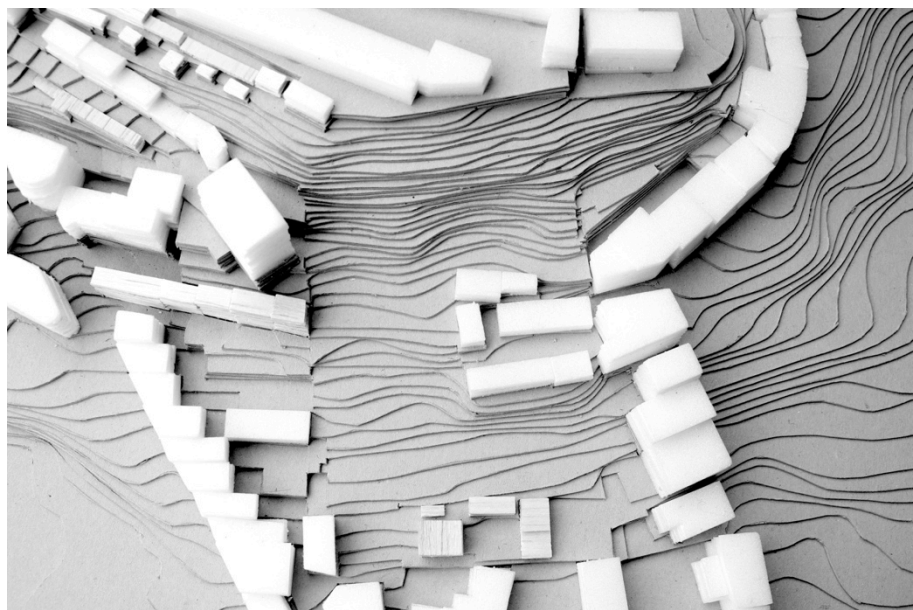
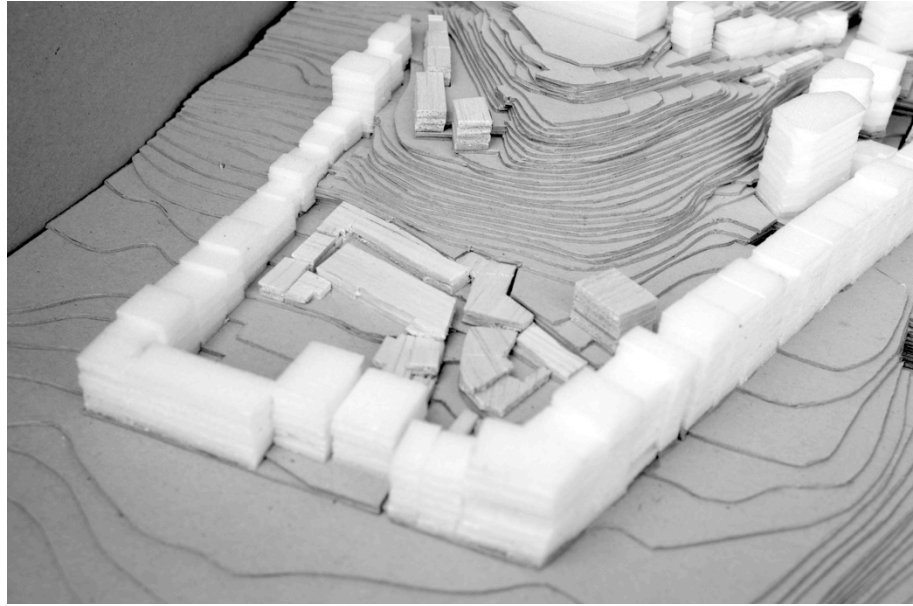




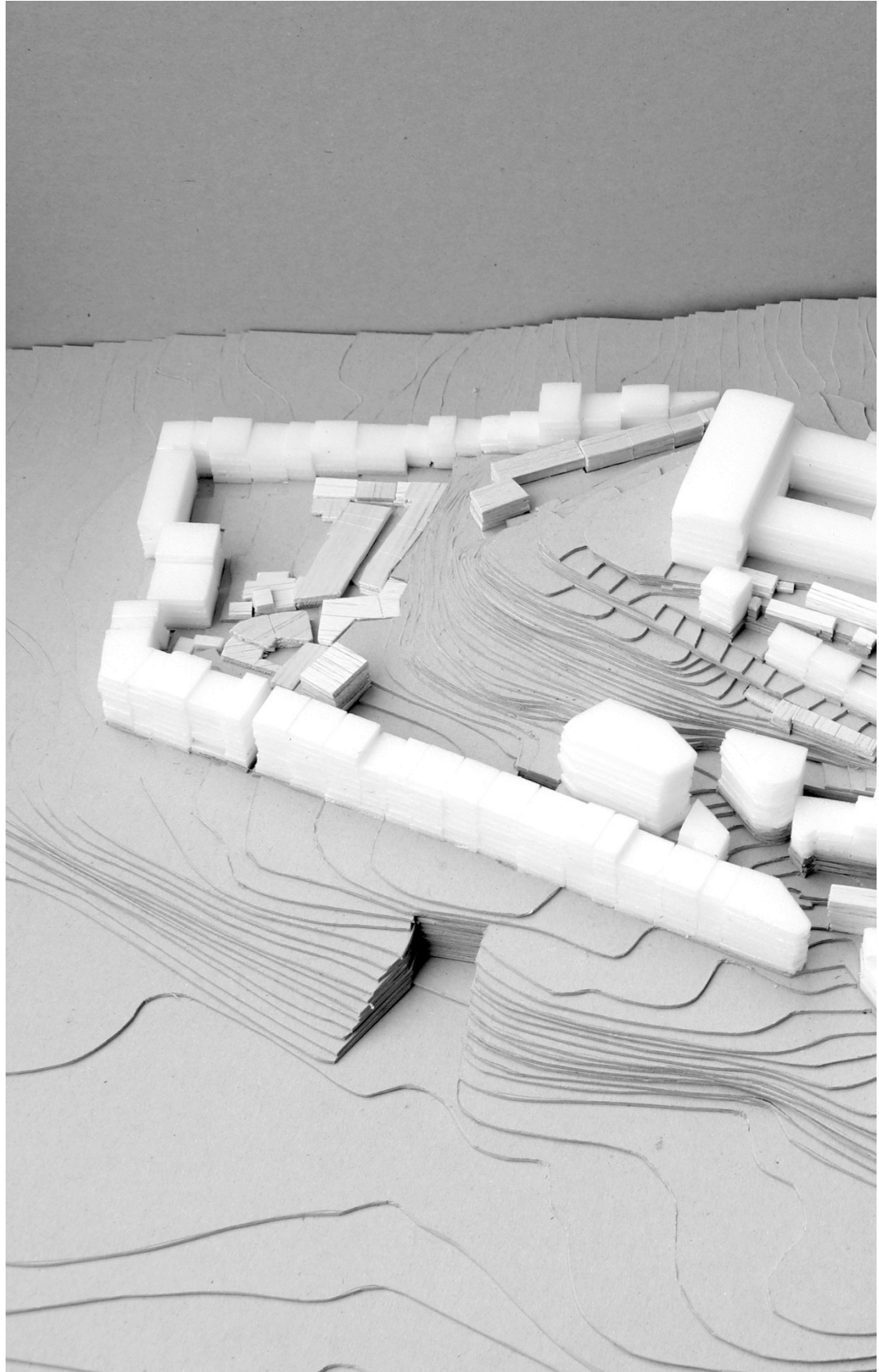


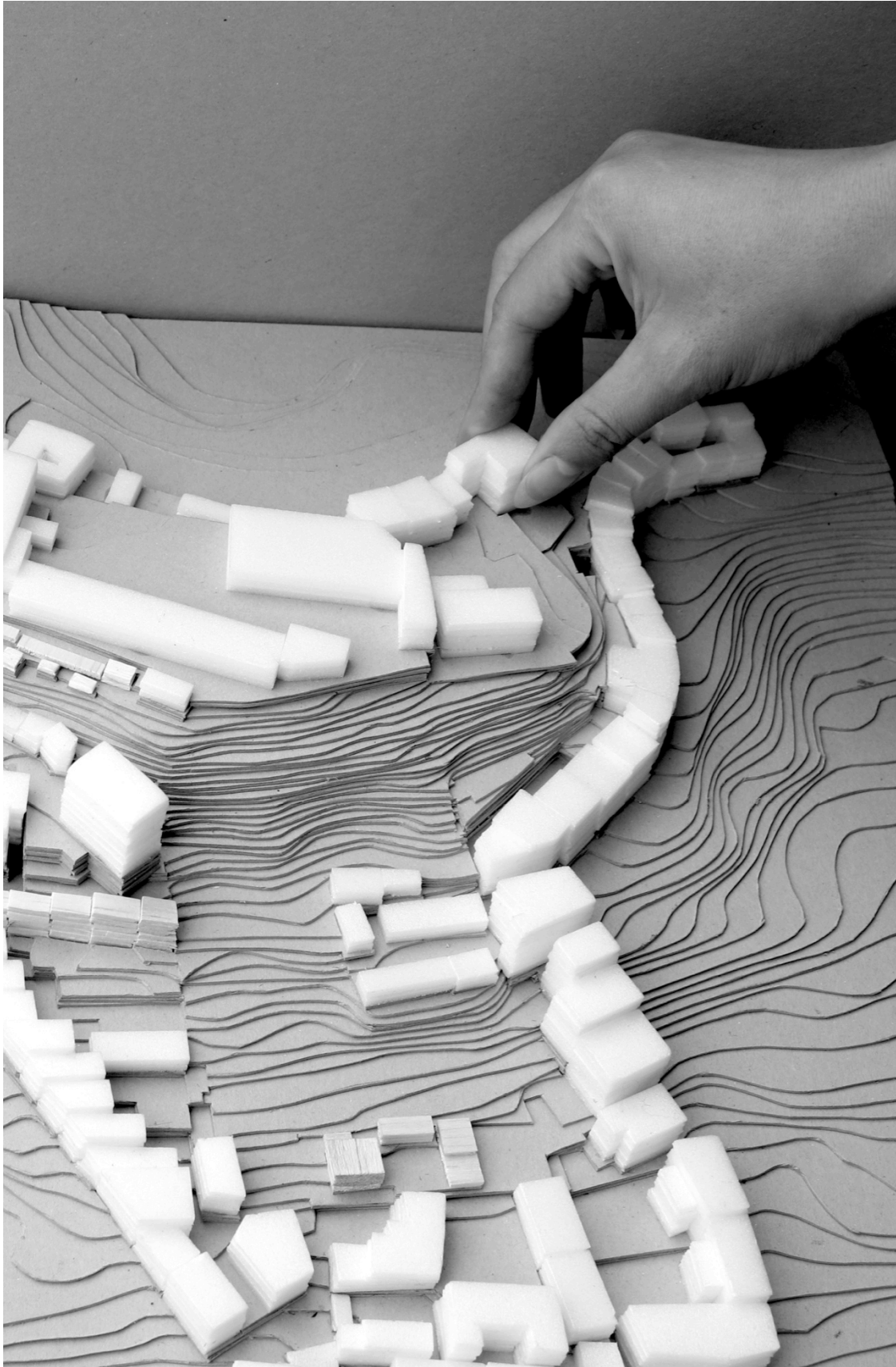


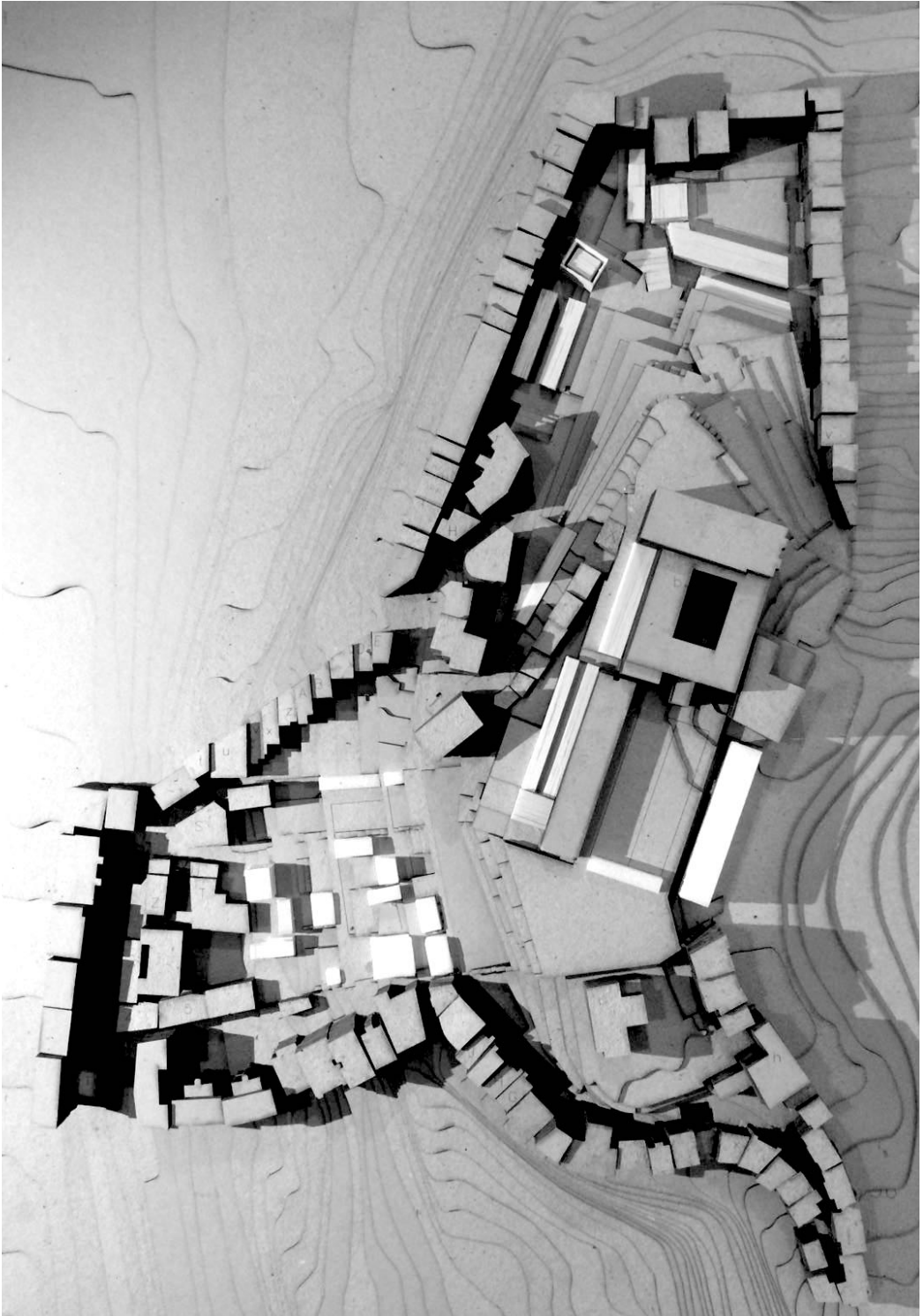




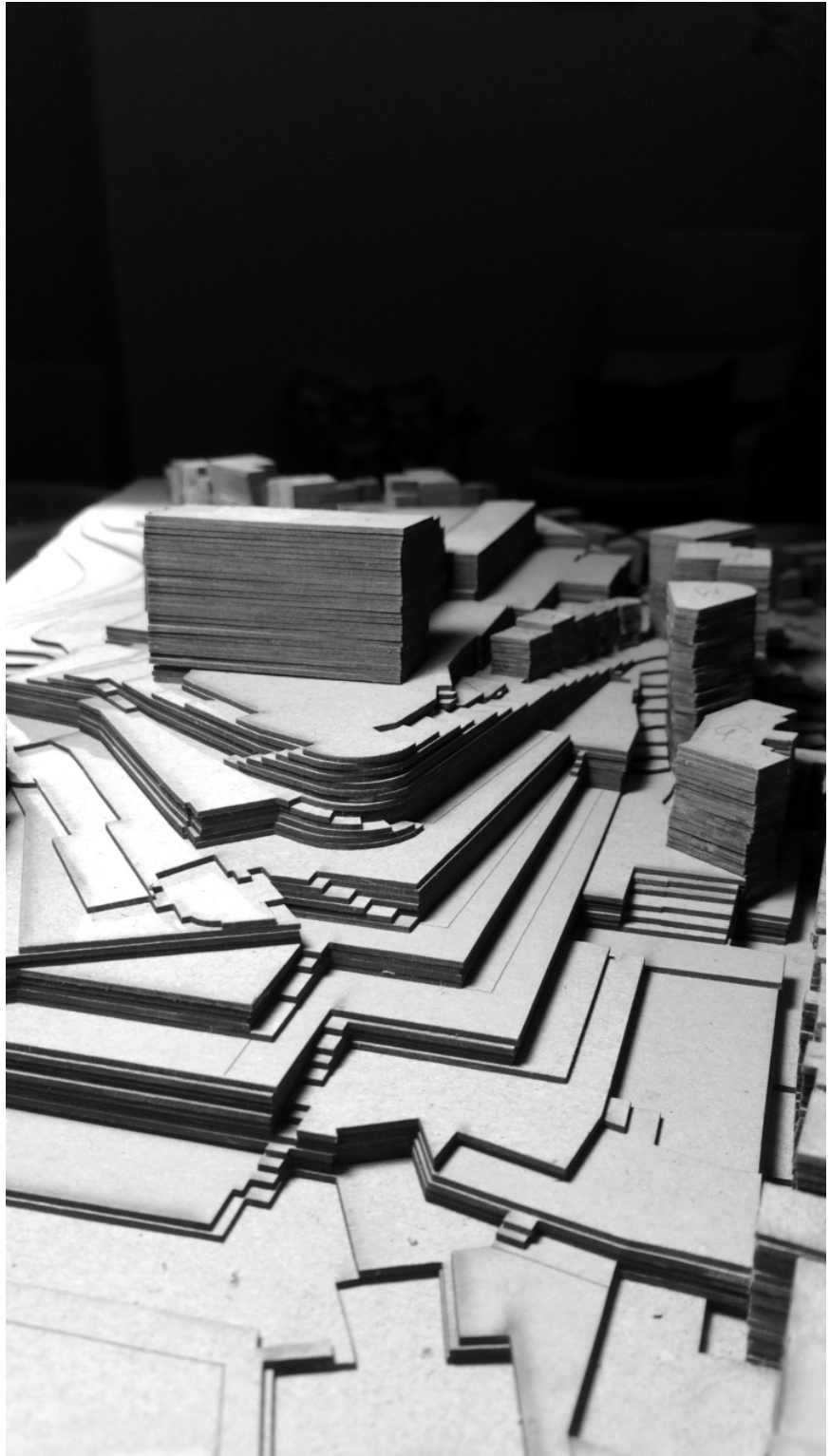


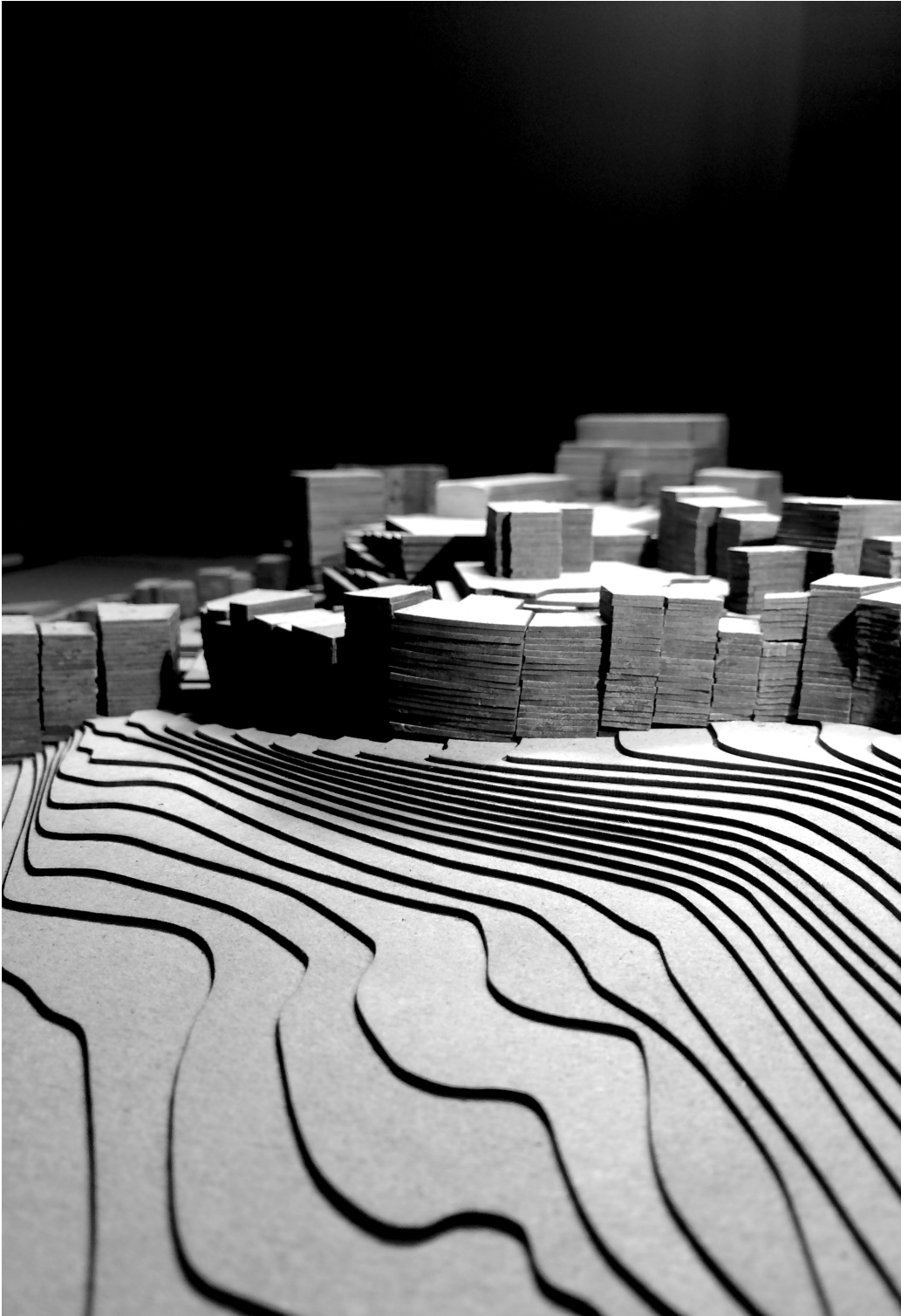




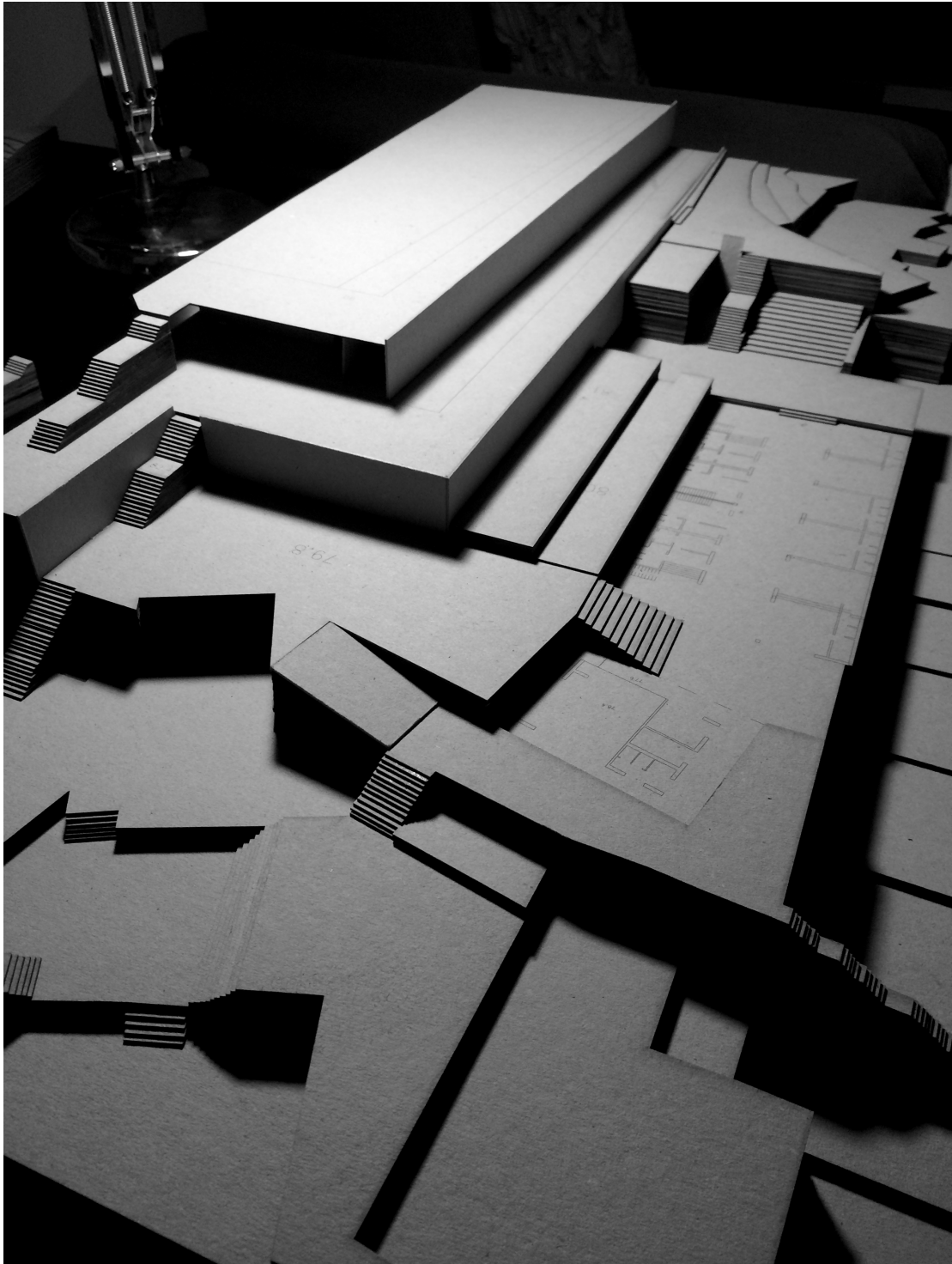


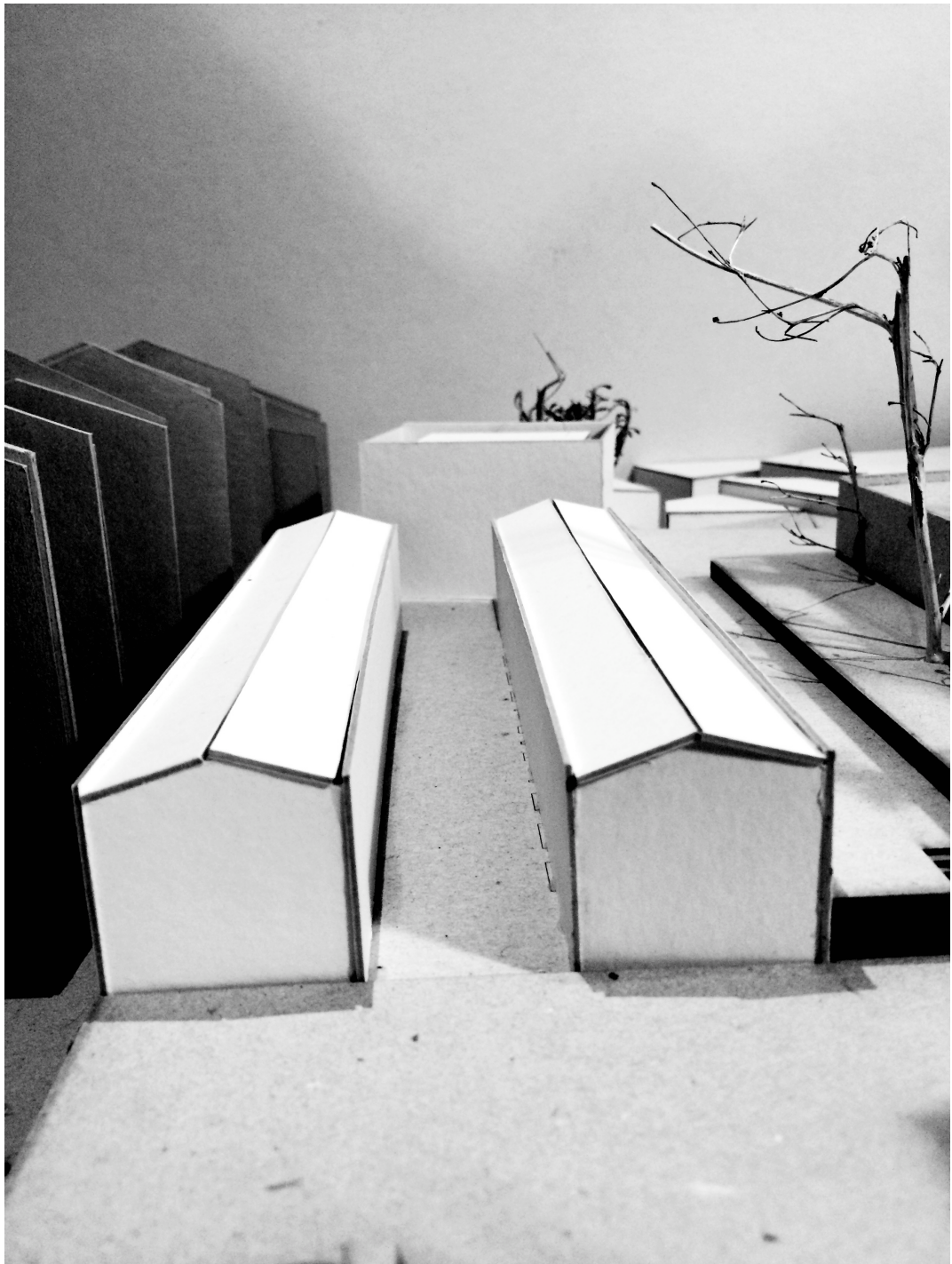








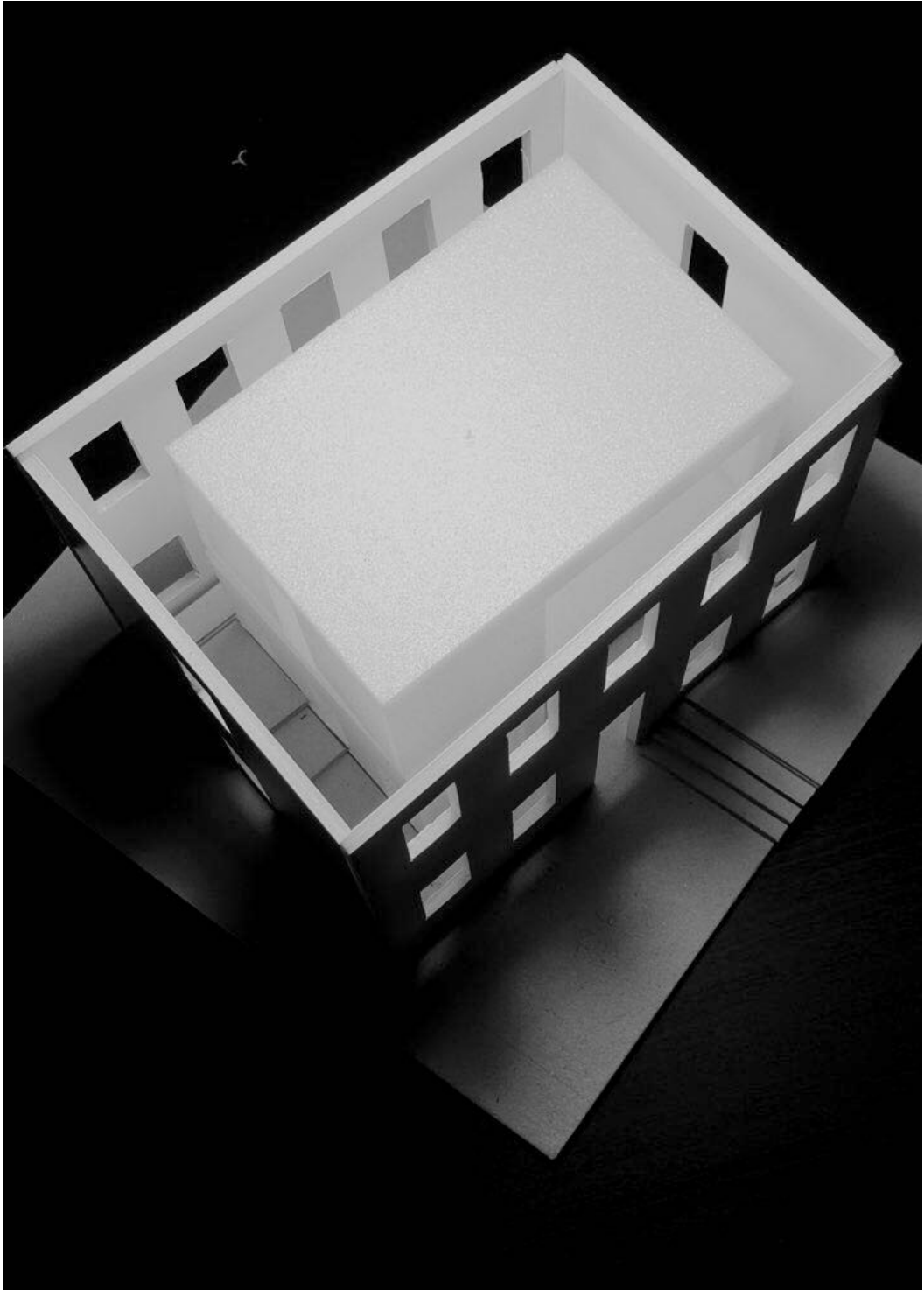


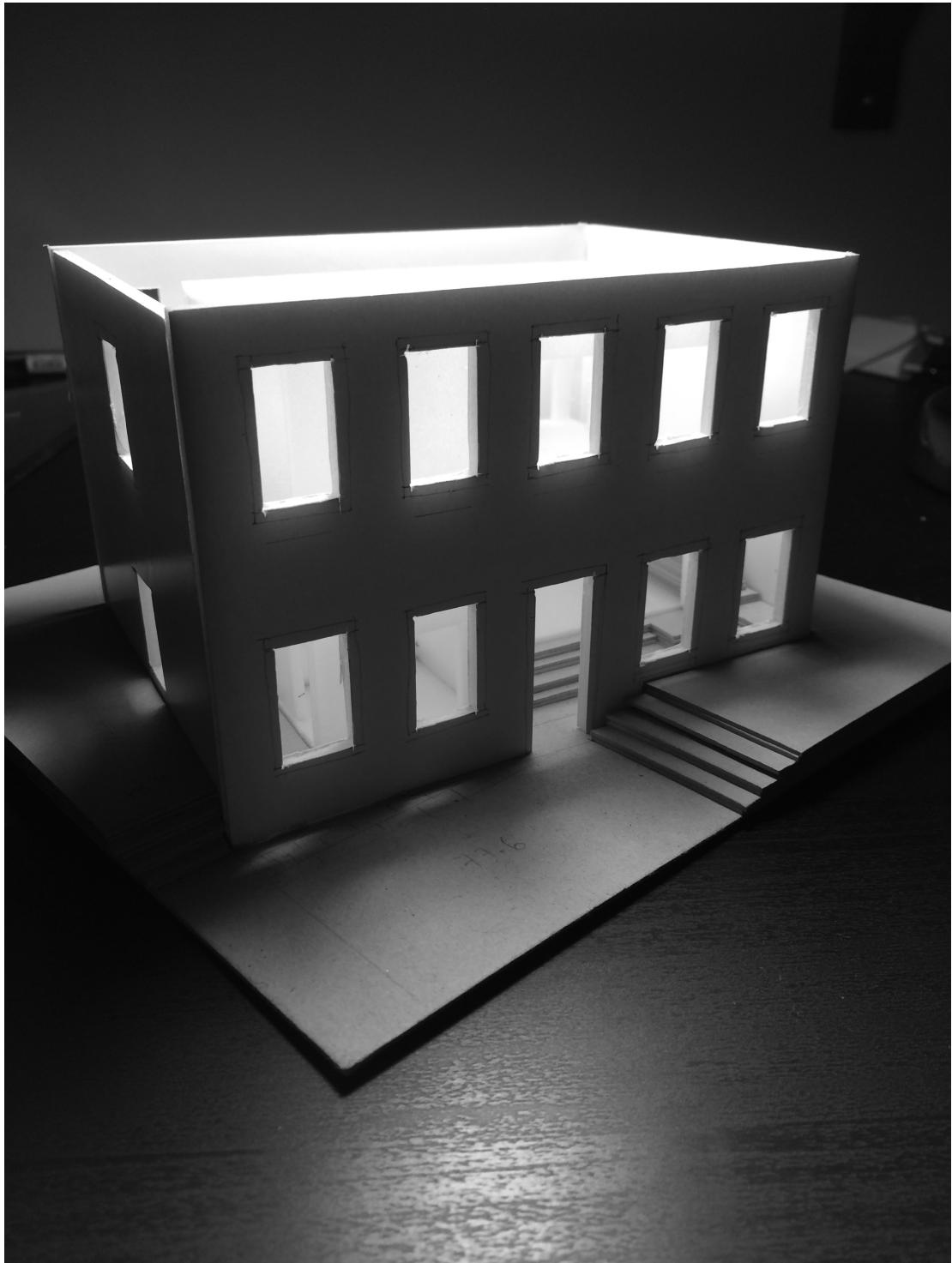


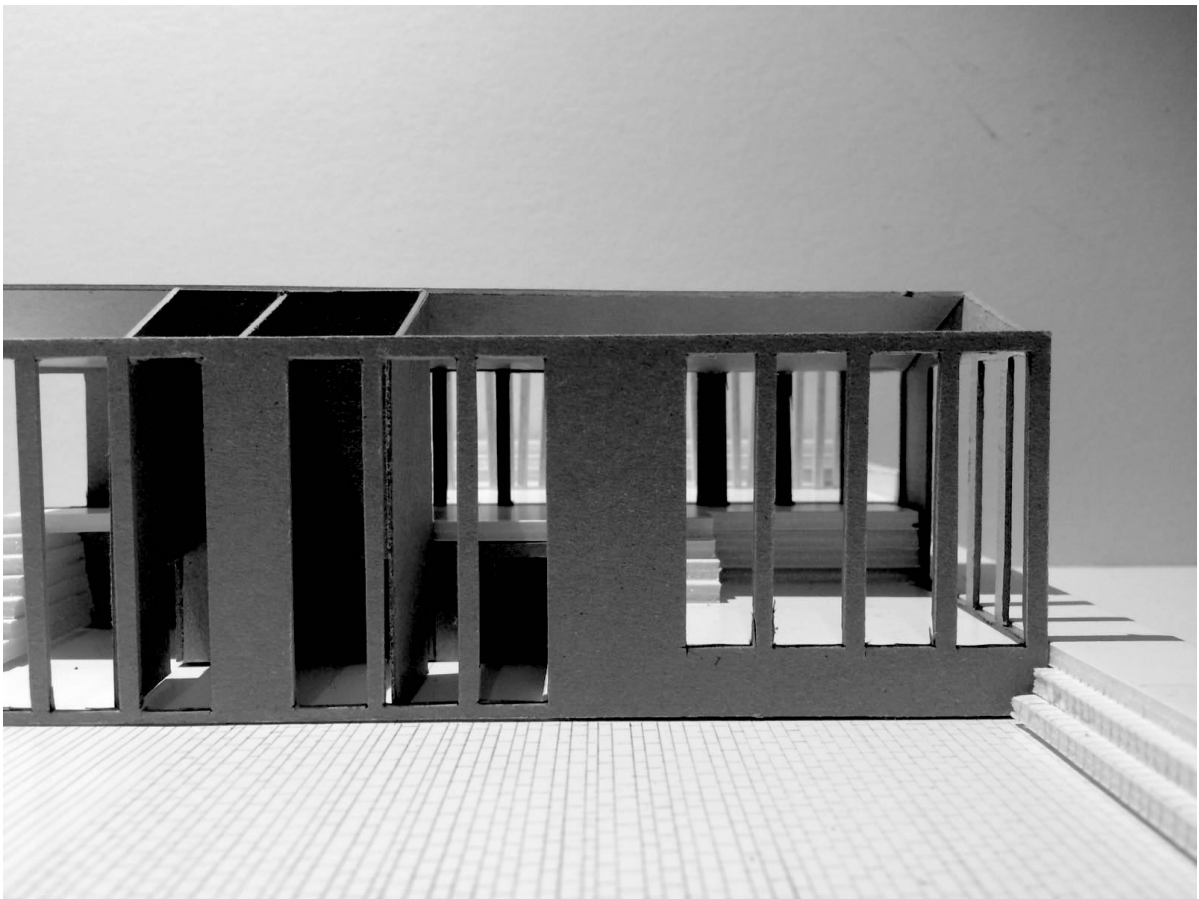


















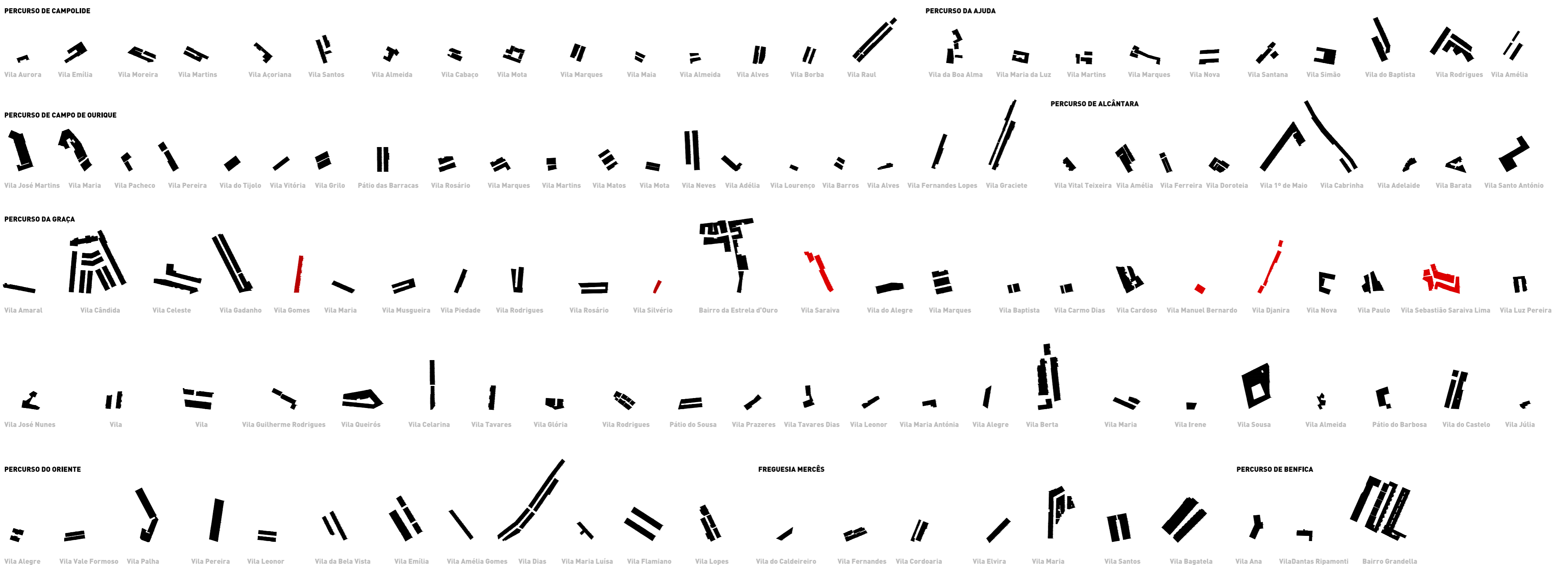


## ANEXO II – PEÇAS DESENHADAS

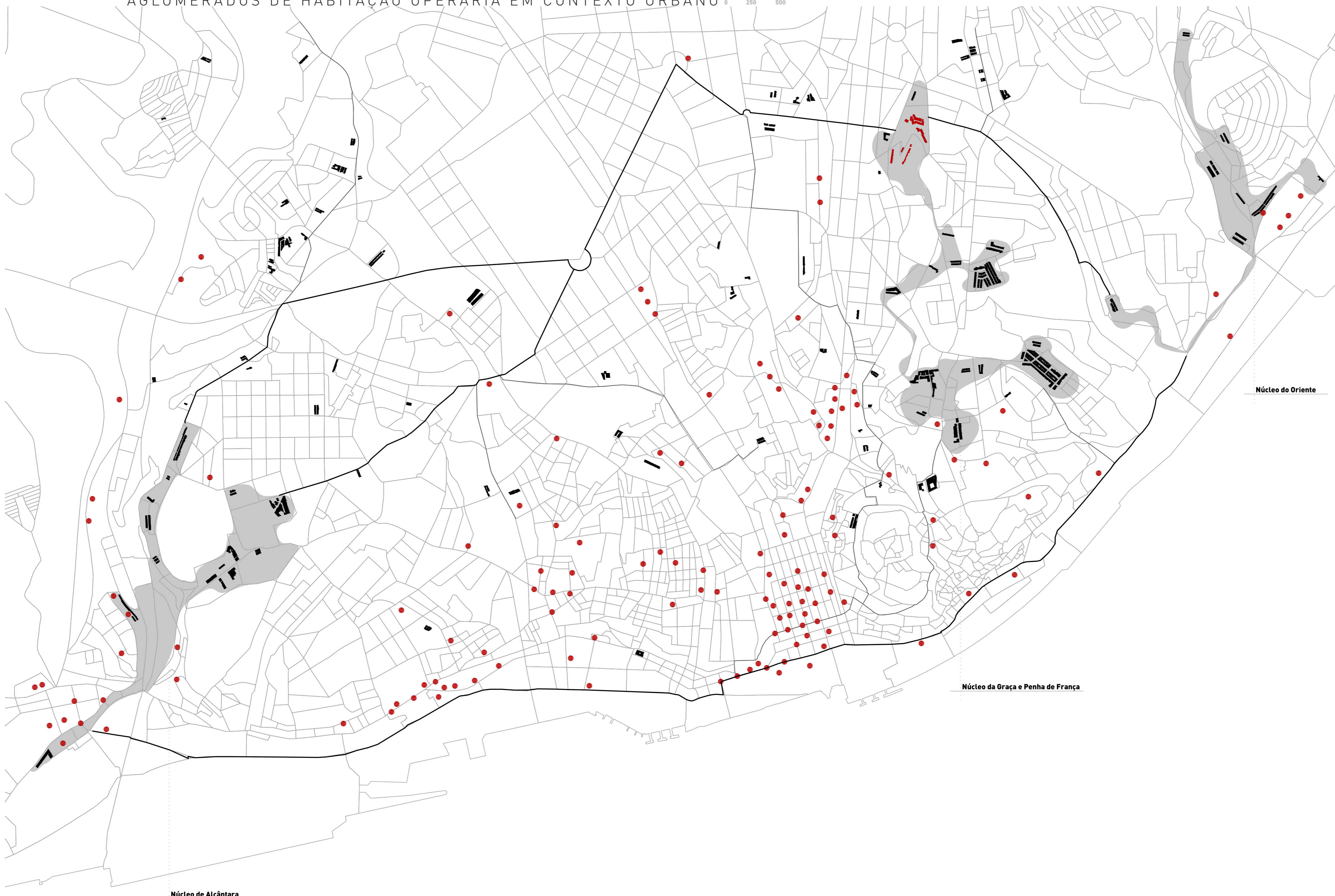
UNIVERSO DA ANÁLISE 



VILAS OPERÁRIAS EM LISBOA 125  
 escala 1:5000



AGLOMERADOS DE HABITAÇÃO OPERÁRIA EM CONTEXTO URBANO



Núcleo de Alcântara

Núcleo da Graça e Penha de França

Núcleo do Oriente

● EMPRESAS INDUSTRIAIS 1881 (Referência de Teresa Barata Salgueiro)

**NÚCLEO DE ALCÂNTARA**



- 1- VILA 1º DE MAIO | 1873 | DIRETAMENTE LIGADA À PRODUÇÃO
- 2- VILA CABRINHA | 1878 | COORRENTEZA
- 3- VILA GRACIETE | FORMANDO RUA
- 4- VILA BARROS | ATRÁS DE EDIFÍCIOS
- 5- VILA ADÉLIA | ATRÁS DE EDIFÍCIOS
- 6- VILA NEVES | FORMANDO RUA
- 7- VILA MATOS | FORMANDO RUA
- 8- VILA DO TIJOLO | COORRENTEZA
- 9- VILA PEREIRA | CONSTRUÍDA ATRÁS DE EDIFÍCIOS
- 10- VILA VITÓRIA | CONSTRUÍDA ATRÁS DE EDIFÍCIOS
- 11- VILA PACHECO | CONSTRUÍDA ATRÁS DE EDIFÍCIOS
- 12- VILA MARIA | CONSTRUÍDA ATRÁS DE EDIFÍCIOS
- 13- VILA GRILO | CONSTRUÍDA ATRÁS DE EDIFÍCIOS
- 14- VILA ROSÁRIO | 1902 | FORMANDO RUA
- 15- VILA JOSÉ MARTINS | FORMANDO RUA

**NÚCLEO DA GRAÇA E PENHA DE FRANÇA**

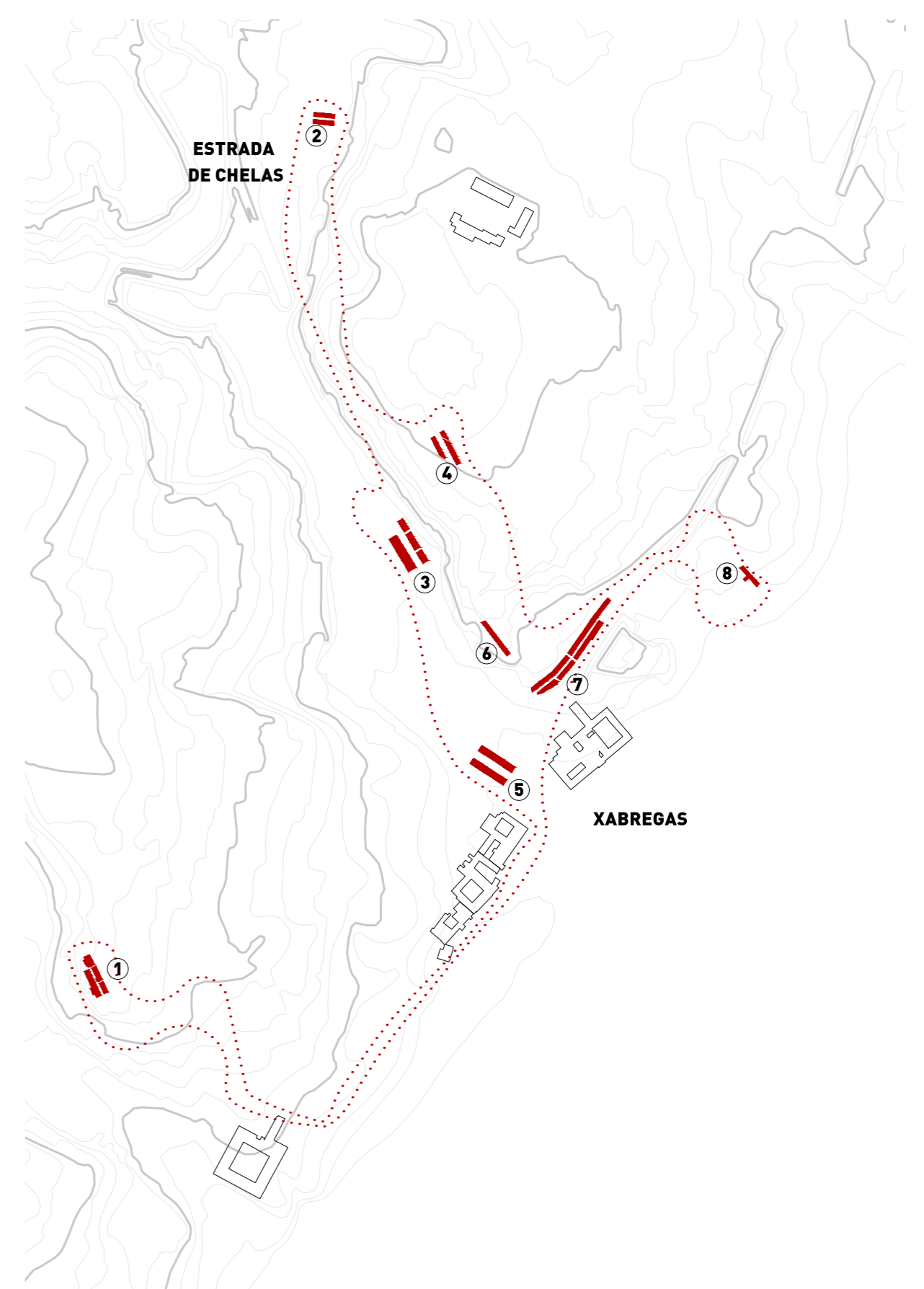
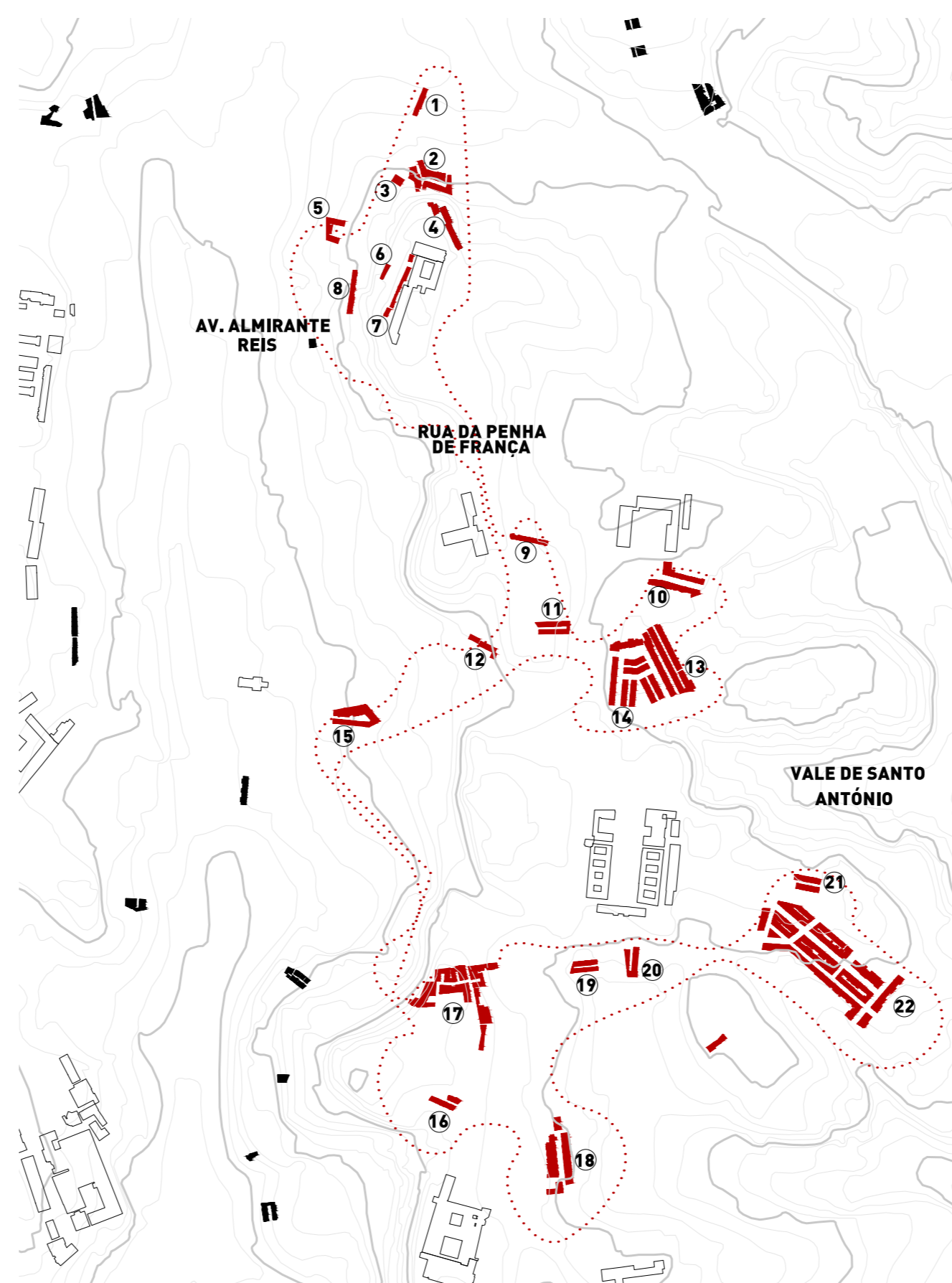
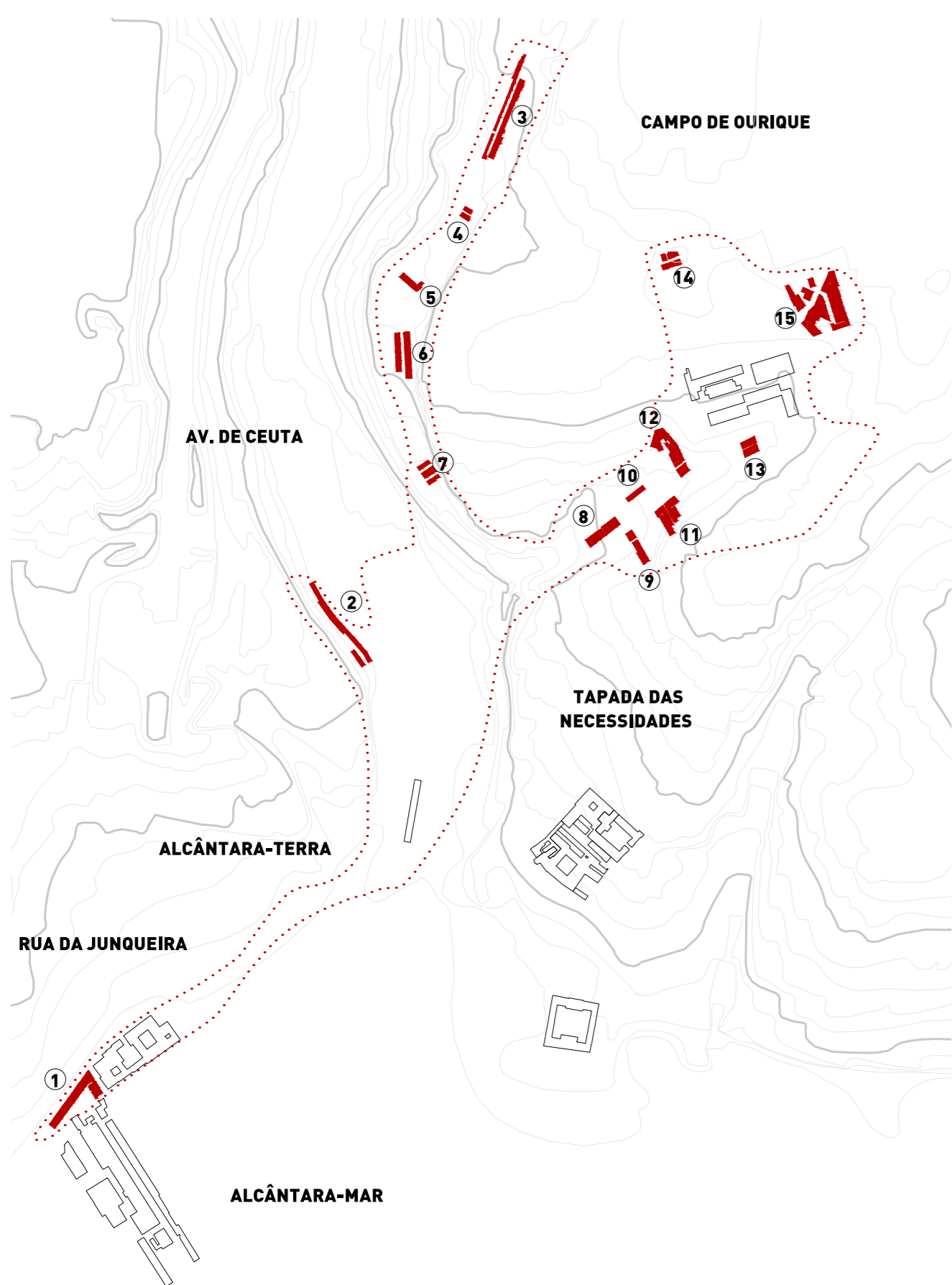


- 1- VILA SARAIVA II | CONSTRUÍDA ATRÁS DE EDIFÍCIOS
- 2- VILA SEBASTIÃO SARAIVA LIMA | 1910 | CONSTRUÍDA ATRÁS DE EDIFÍCIOS
- 3- VILA MANUEL BERNARDO | 1893 | CONSTRUÍDA ATRÁS DE EDIFÍCIOS
- 4- VILA SARAIVA | 1901 | COORRENTEZA
- 5- VILA NOVA | CONSTRUÍDA ATRÁS DE EDIFÍCIOS
- 6- VILA SILVÉRIO | 1888 | COORRENTEZA
- 7- VILA DE JANIRA | 1883 | FORMANDO RUA
- 8- VILA GOMES | 1901 | COORRENTEZA
- 9- VILA AMARAL | CONSTRUÍDA ATRÁS DE EDIFÍCIOS
- 10- VILA CELESTE | 1910 | FORMANDO RUA
- 11- VILA ROSÁRIO | FORMANDO RUA
- 12- VILA GUILERME RODRIGUES | CONSTRUÍDA ATRÁS DE EDIFÍCIOS
- 13- VILA GADANHO | 1907 | FORMANDO RUA
- 14- VILA CÂNDIDA | 1912 | ESCALA URBANA
- 15- VILA QUEIRÓS | FORMANDO RUA
- 16- VILA MARIA | CONSTRUÍDA ATRÁS DE EDIFÍCIOS
- 17- BAIRRO DA ESTRELA D'OURO | 1907 | ESCALA URBANA
- 18- VILA BERTA | 1902 | FORMANDO RUA
- 19- VILA DO SOUSA | CONSTRUÍDA ATRÁS DE EDIFÍCIOS
- 20- VILA RODRIGUES | 1902 | CONSTRUÍDA ATRÁS DE EDIFÍCIOS
- 21- VILA MACIEIRA | 1907 | CONSTRUÍDA ATRÁS DE EDIFÍCIOS
- 22- BAIRRO OPERÁRIOS DOS BARBADINHOS | 1890 | ESCALA URBANA

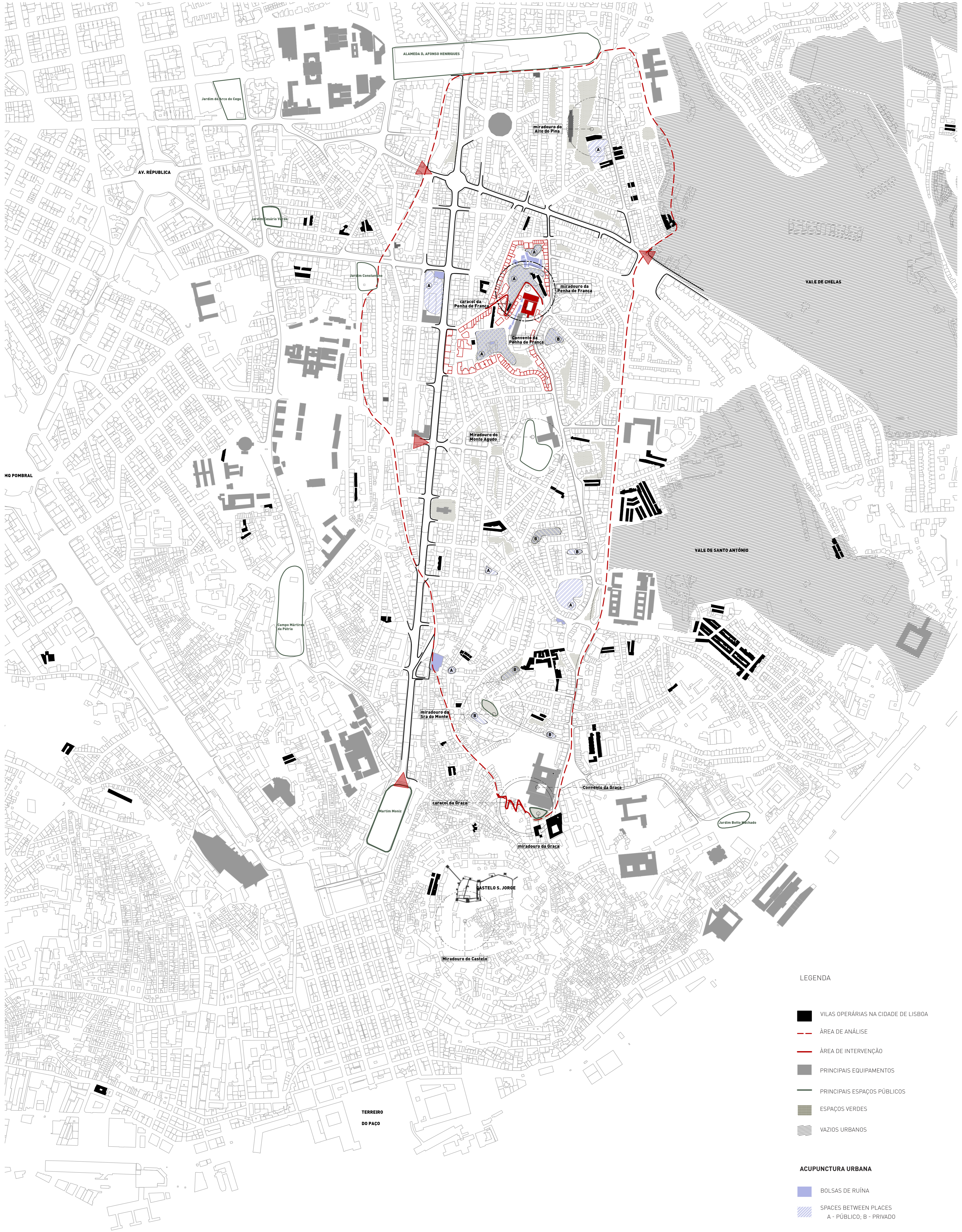
**NÚCLEO DO ORIENTE**



- 1- VILA LOPES | FORMANDO RUA
- 2- VILA LEONOR | FORMANDO RUA
- 3- VILA EMÍLIA | 1930 | FORMANDO RUA
- 4- VILA BELA VISTA | FORMANDO RUA
- 5- VILA FLAMIANO | 1897 | FORMANDO RUA
- 6- VILA AMÉLIA GOMES | COORRENTEZA
- 7- VILA DIAS | 1888 | FORMANDO RUA
- 8- VILA MARIA LUÍSA | COORRENTEZA



LEITURA URBANA 1:5.000



LEGENDA

- VILAS OPERÁRIAS NA CIDADE DE LISBOA
- ÁREA DE ANÁLISE
- ÁREA DE INTERVENÇÃO
- PRINCIPAIS EQUIPAMENTOS
- PRINCIPAIS ESPAÇOS PÚBLICOS
- ESPAÇOS VERDES
- VAZIOS URBANOS

ACUPUNCTURA URBANA

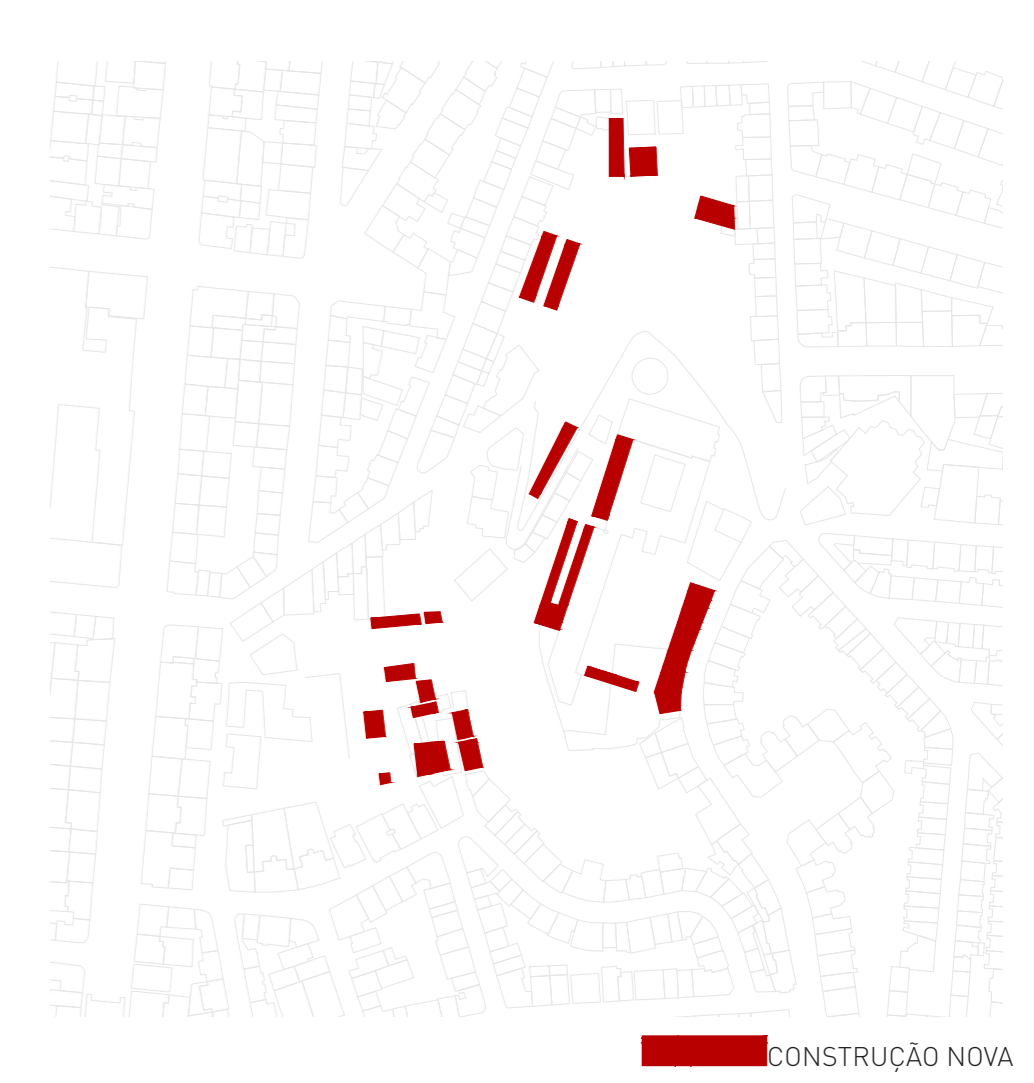
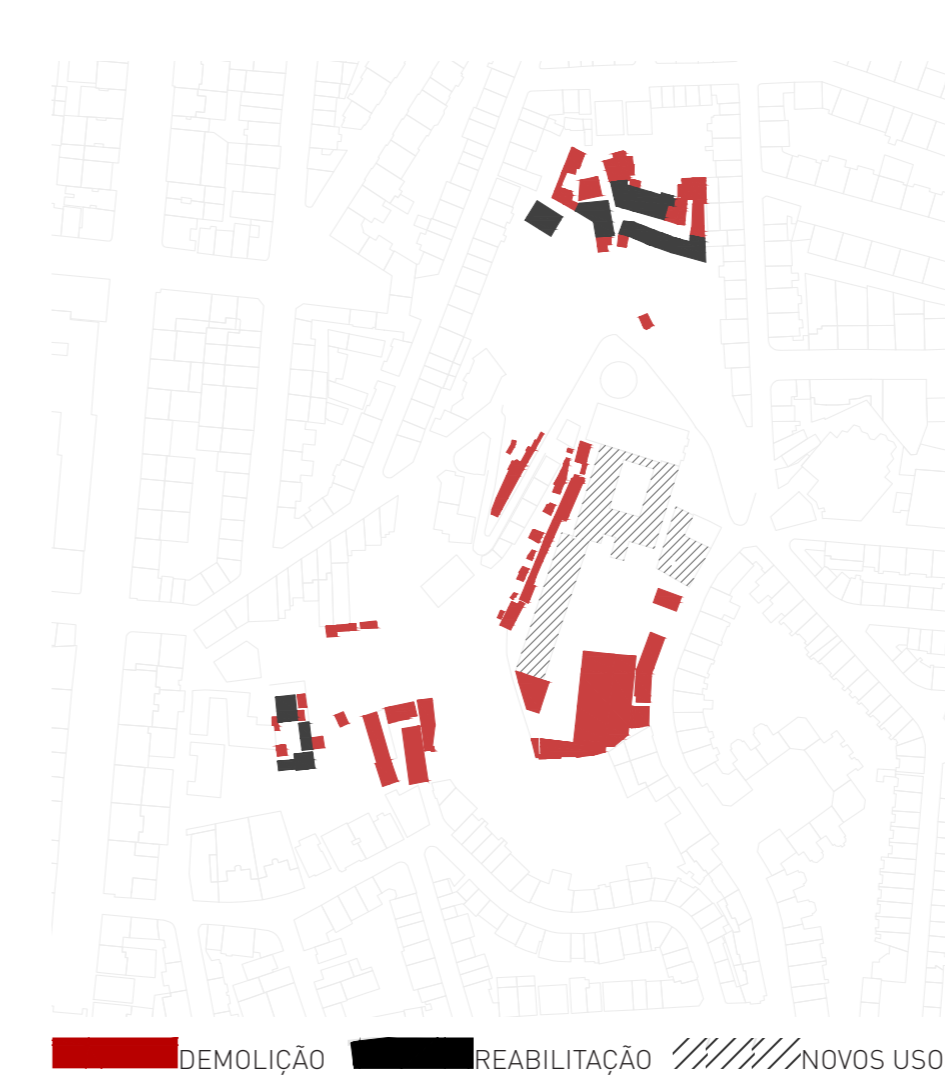
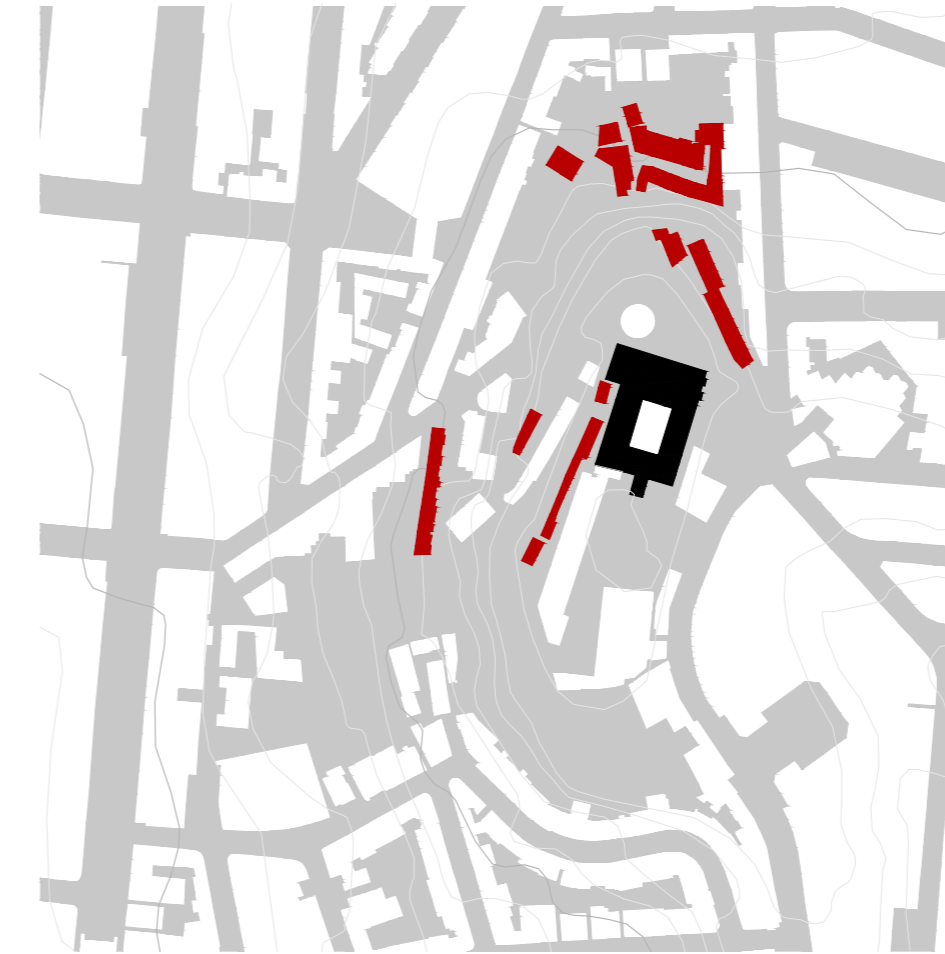
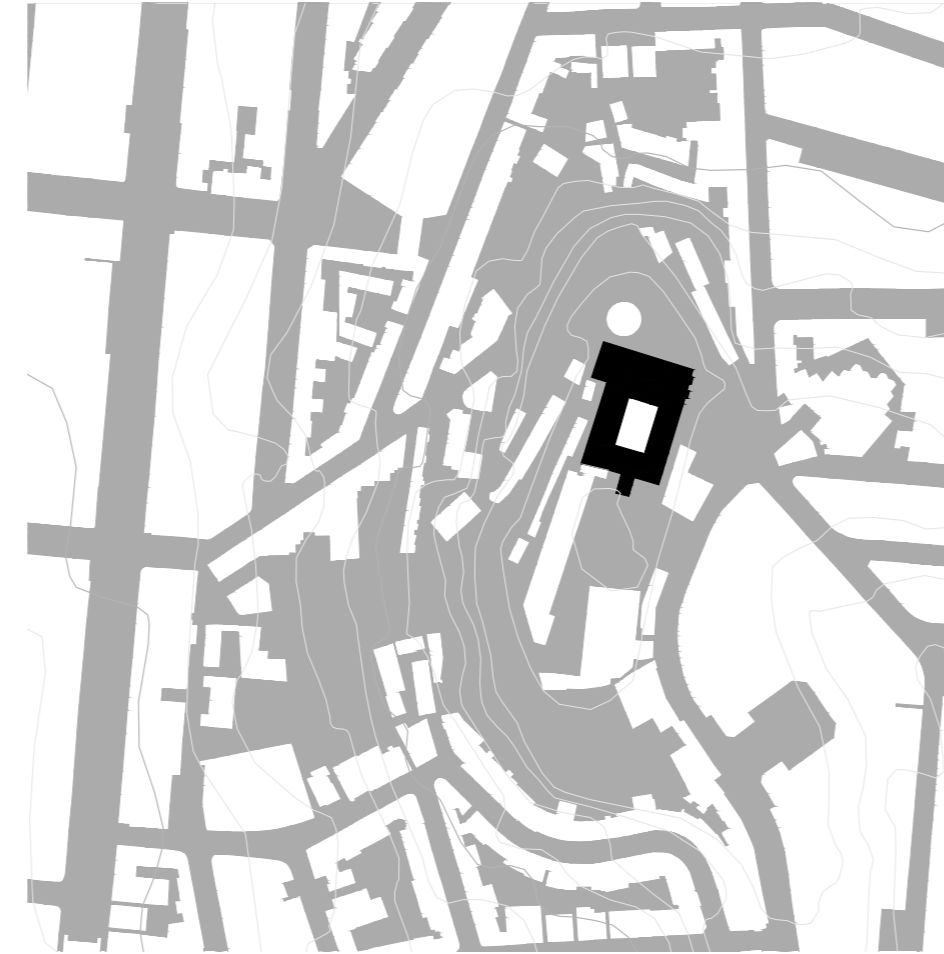
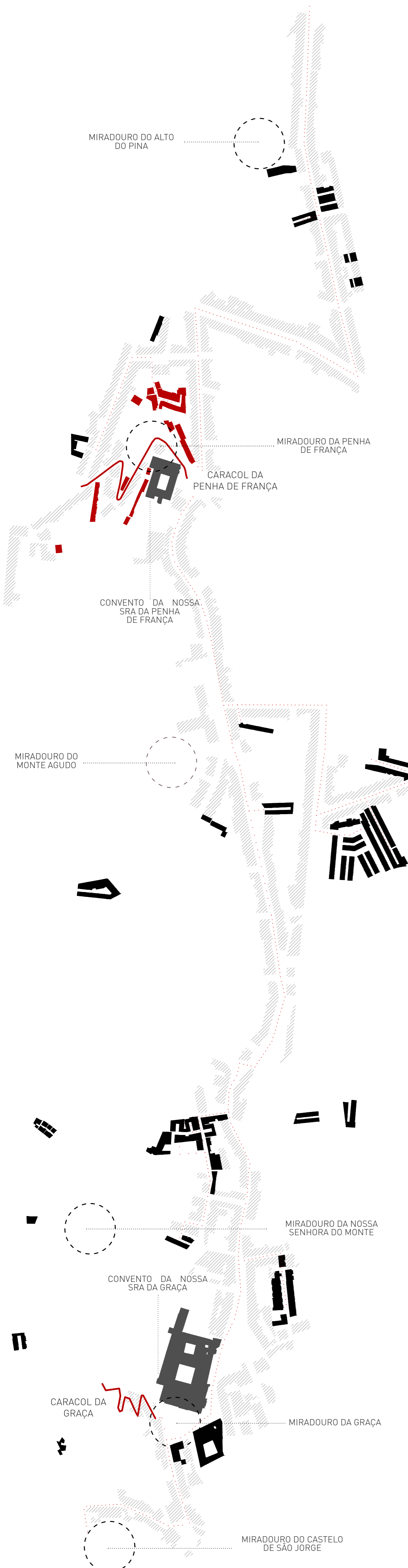
- BOLSAS DE RUÍNA
- SPACES BETWEEN PLACES  
A - PÚBLICO; B - PRIVADO

ESTRATÉGIA URBANA

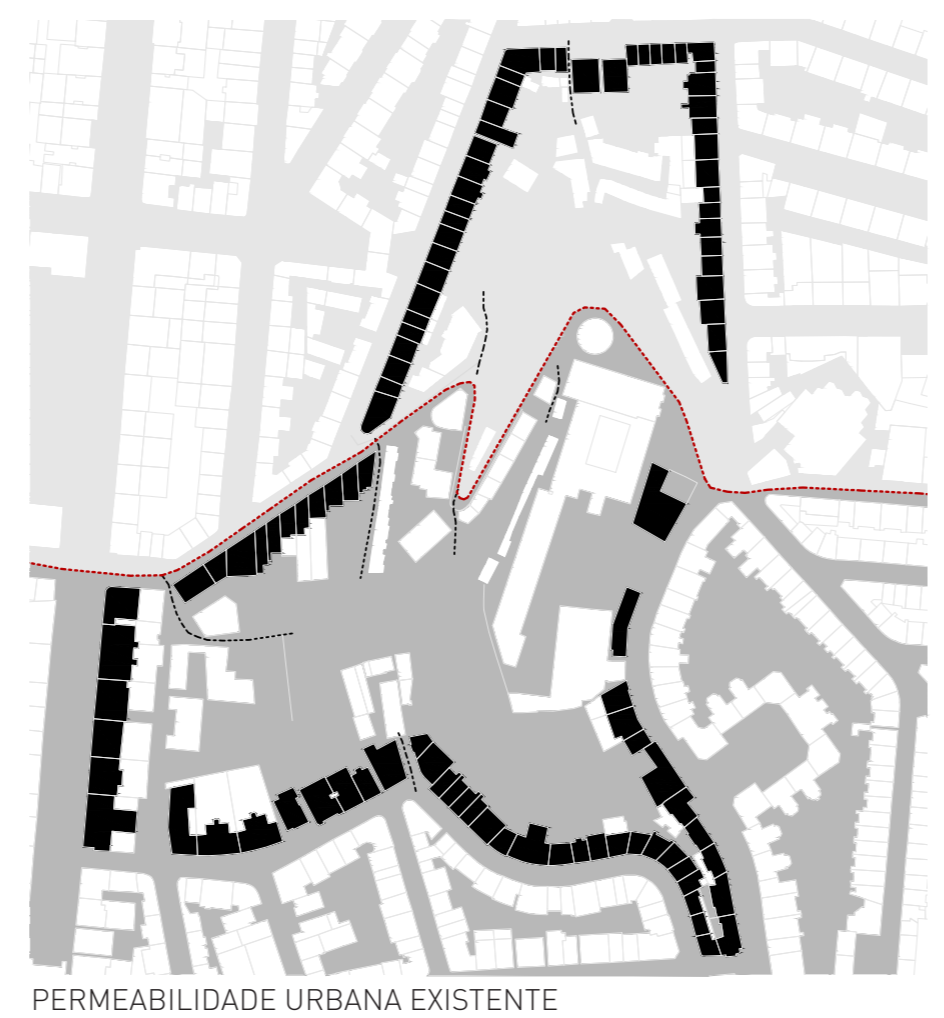


PERCURSO MARCANTE 0 50 100

DIAGNÓSTICO 0 25 50

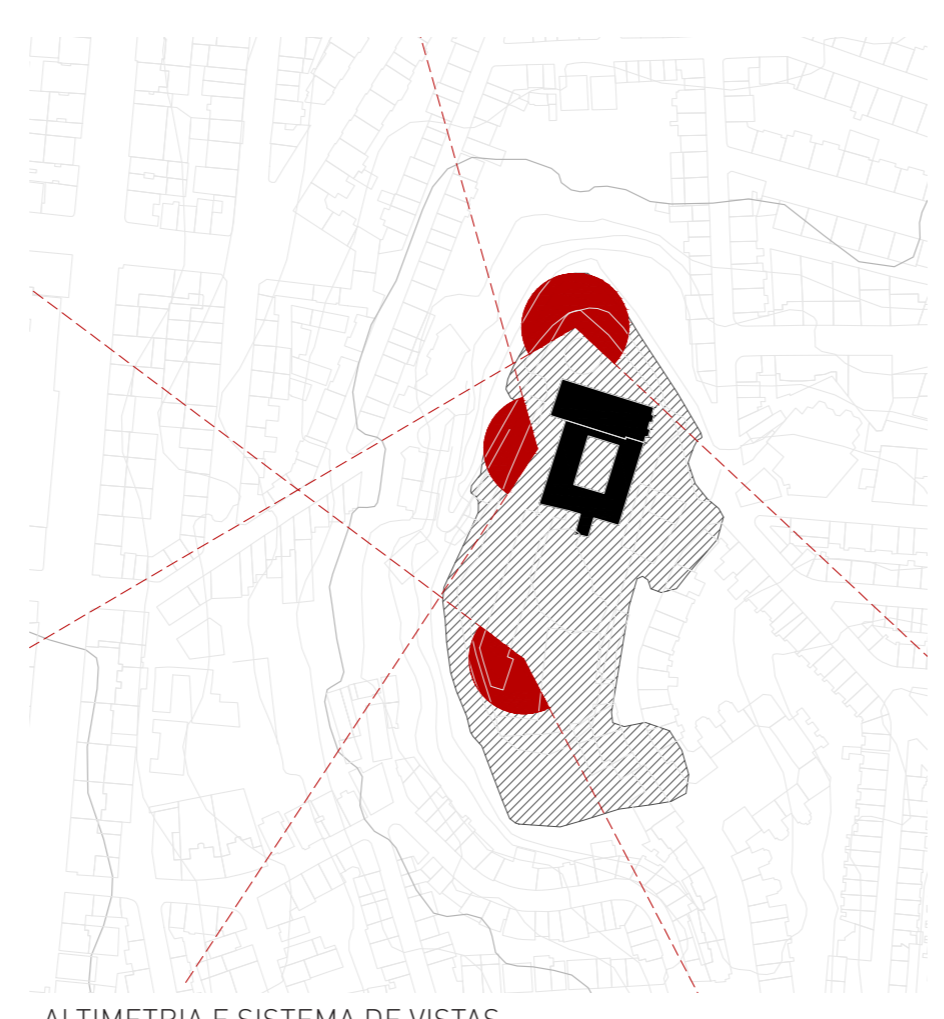
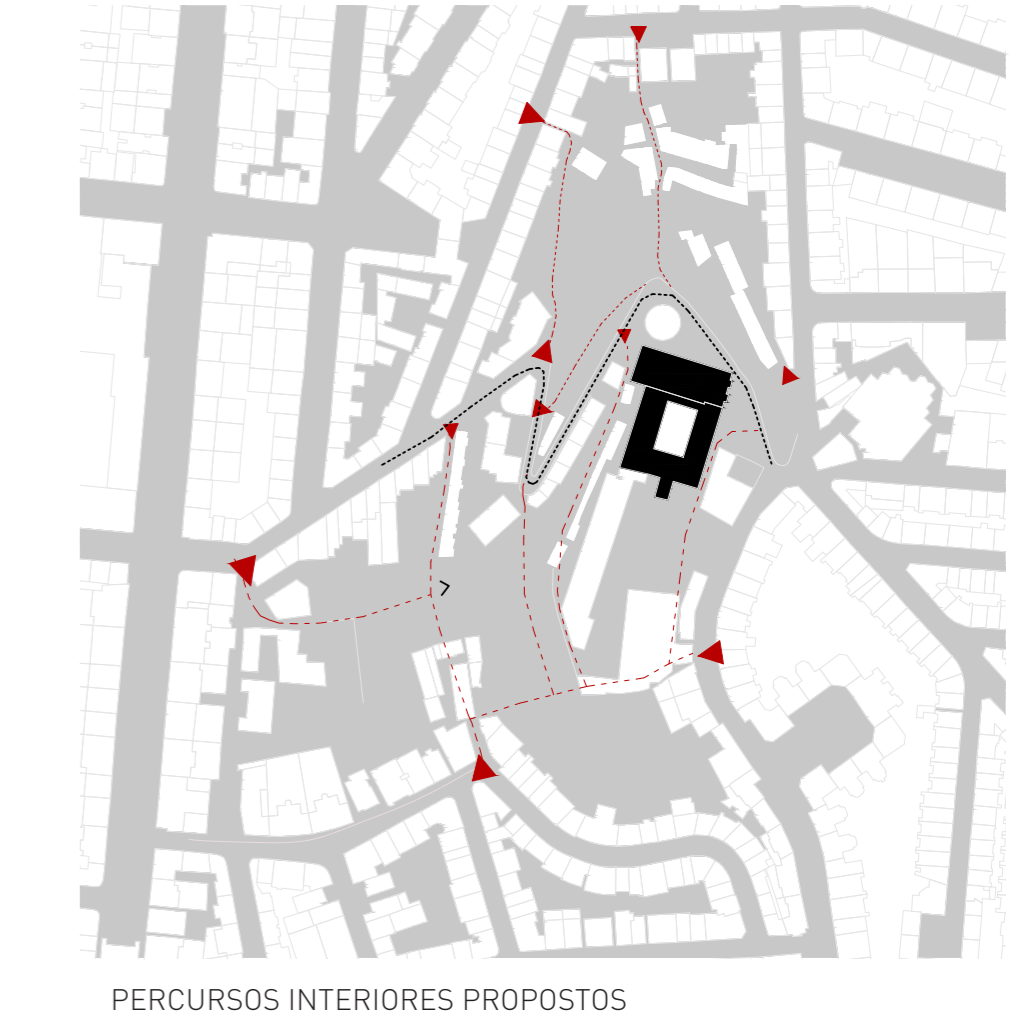


ESTRATÉGIA



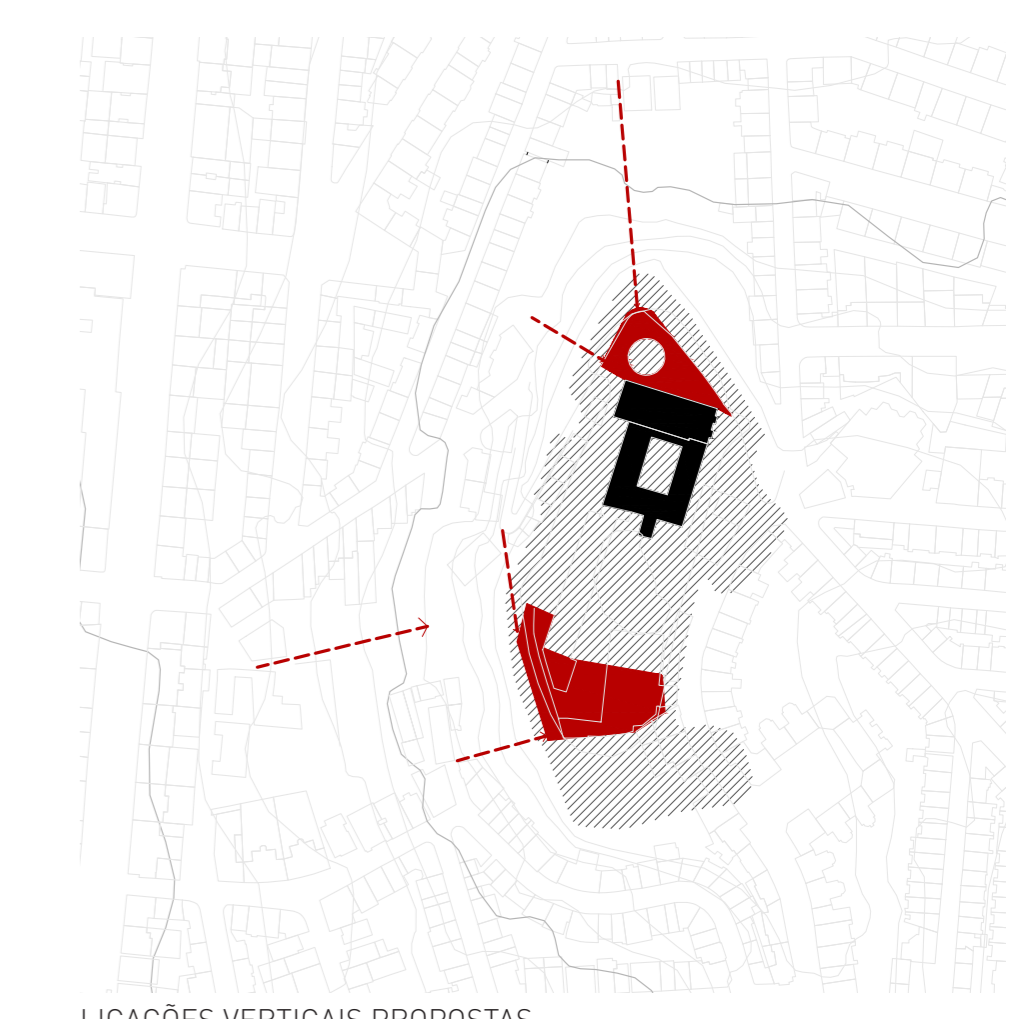
ANÁLISE SWOT

- > POTENCIALIDADES
  - presença de espaços verdes, embora desqualificados
  - grande presença de vilas operárias
  - excelente sistema de vistas sob a cidade
  - proximidade da avenida almirante reis
- > FRAQUEZAS
  - estado de degradação e abandono dos espaços verdes;
  - ausência de espaços públicos na zona da penha de França;
- > AMEAÇAS
  - fragmentação do espaço urbano através do caracol dada ao declive acentuado
  - áreas devolutas e degradadas que não atraem a população a esta parte da cidade
- > OPORTUNIDADES
  - implantação de equipamentos de pequena escala associados às vilas operárias;
  - criação de novos percursos interiores;
  - criação de um novo miradouro;
  - existência de um convento com possibilidade de introdução de um novo uso



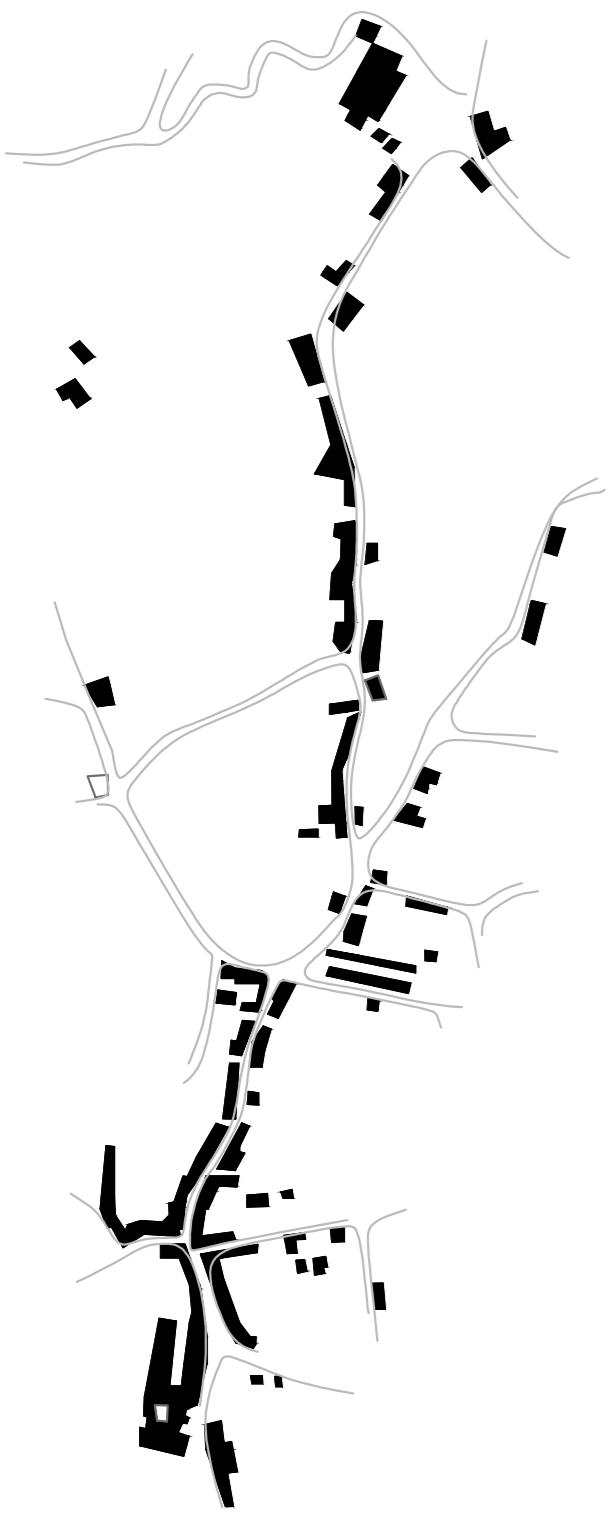
CONCLUSÕES DA ANÁLISE

- > Potenciar Ligações internas ao quarteirão
- > Redefinir um espaço público de Excelência
- > Potenciar as ligações à cidade e aos principais espaços públicos
- > Conectar diferentes espaços públicos entre si e à cidade
- > Associar cada atividade artística a um espaço exterior
- > Criar um local agregador de experiências culturais
- > Oferecer novos percursos e criar uma nova permeabilidade no quarteirão
- > Tirar partido do forte sistema de vistas sob a cidade de Lisboa
- > Criar um ambiente de interdependência entre as Vilas Operárias e os edifícios âncora

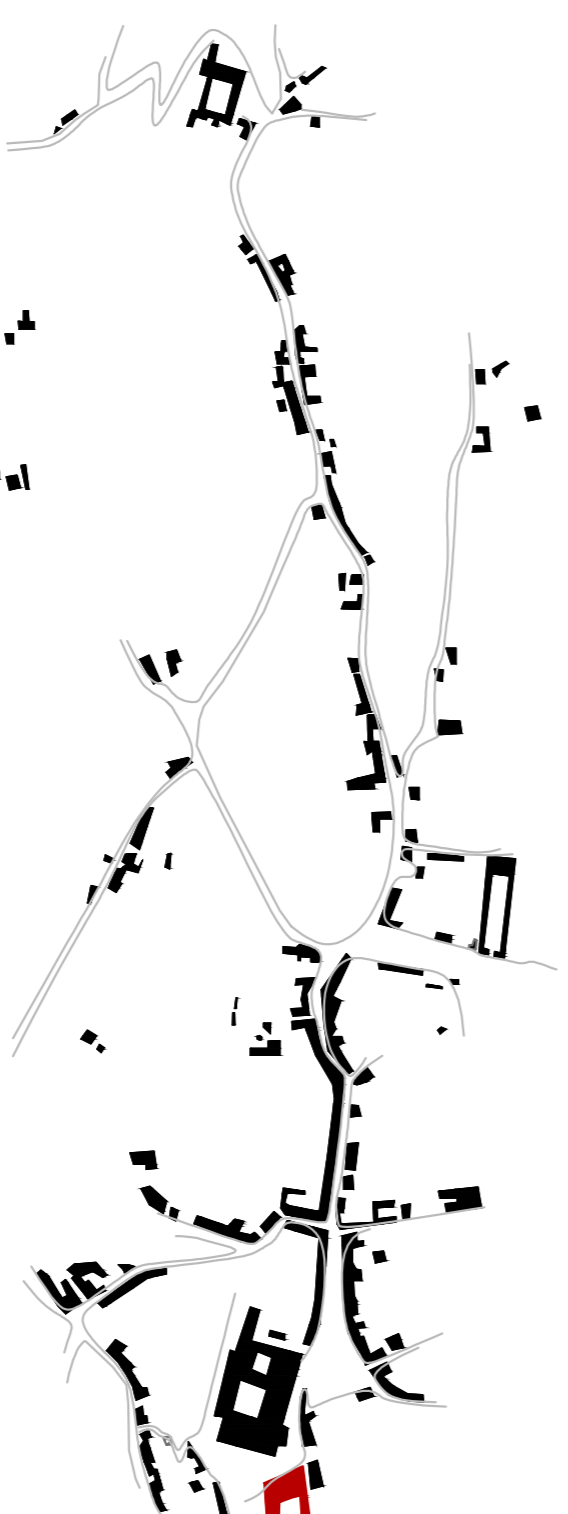


CARTOGRAFIA HISTÓRICA

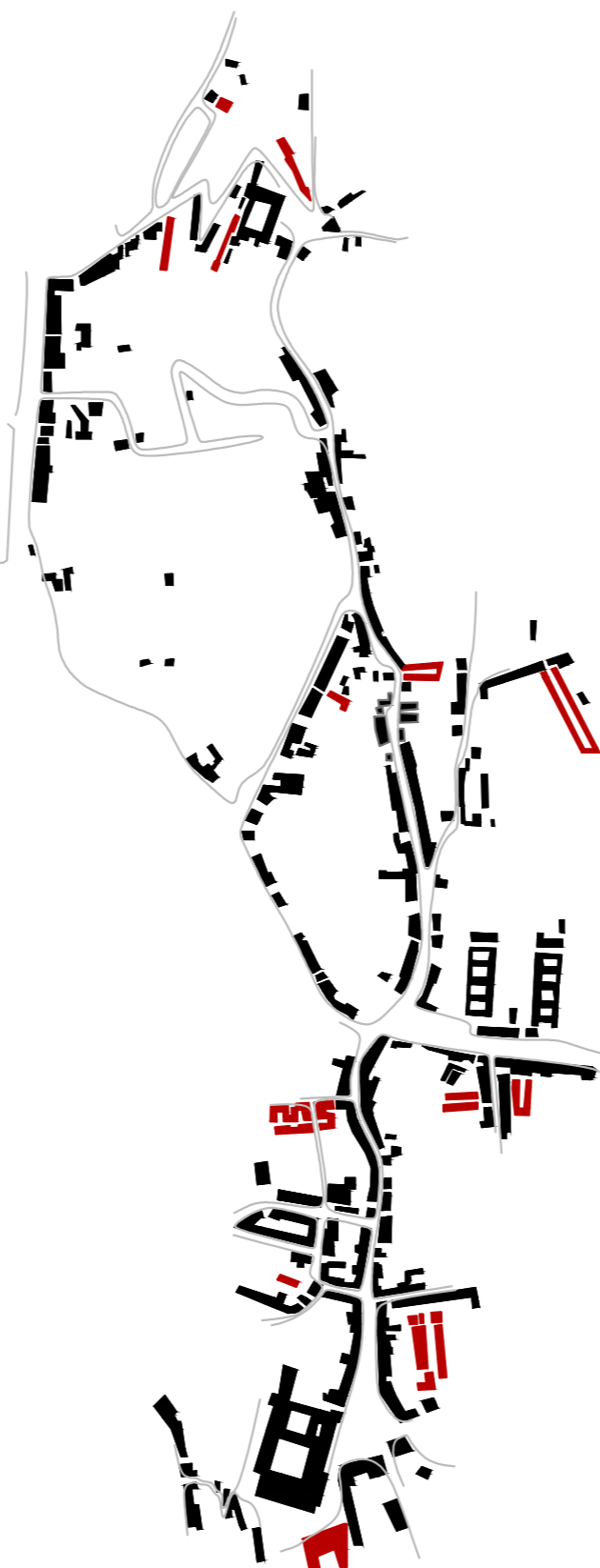
ÁREA EM ANÁLISE



1785 - FRANCISCO D. MILCONT



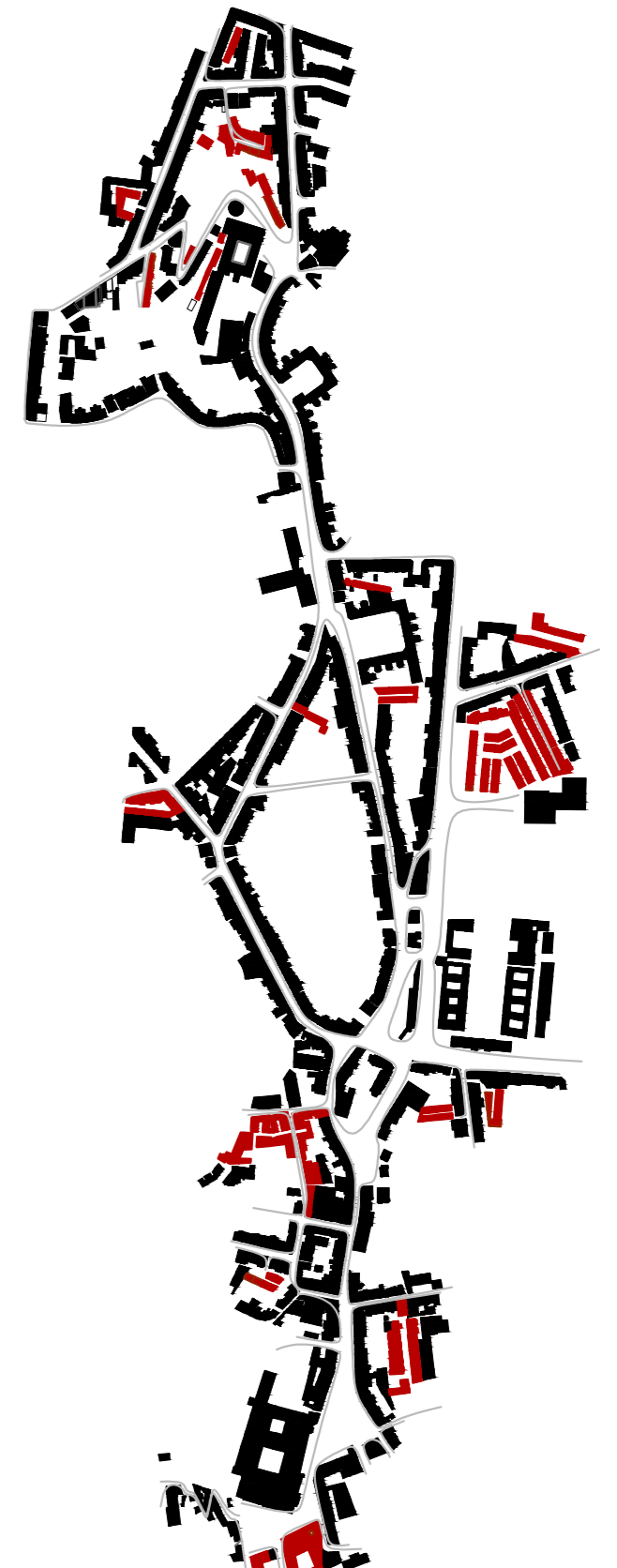
1856 - FILIPE FOLQUE



1911 - SILVA PINTO

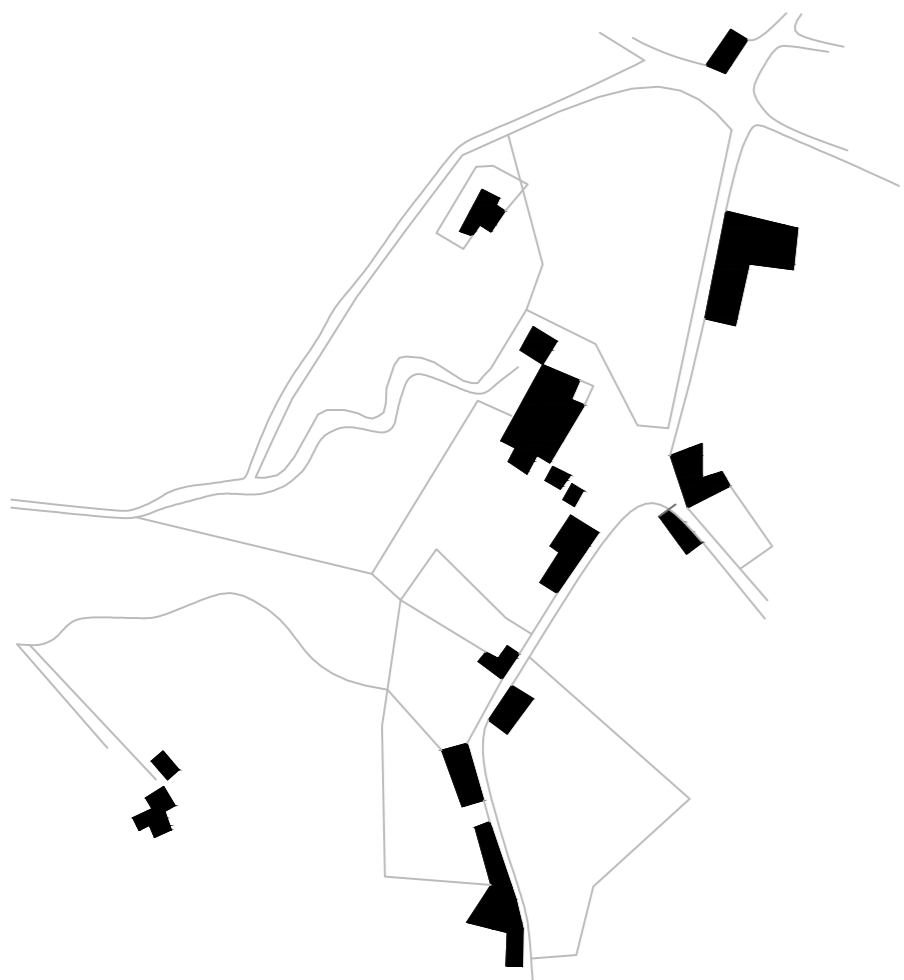


1950

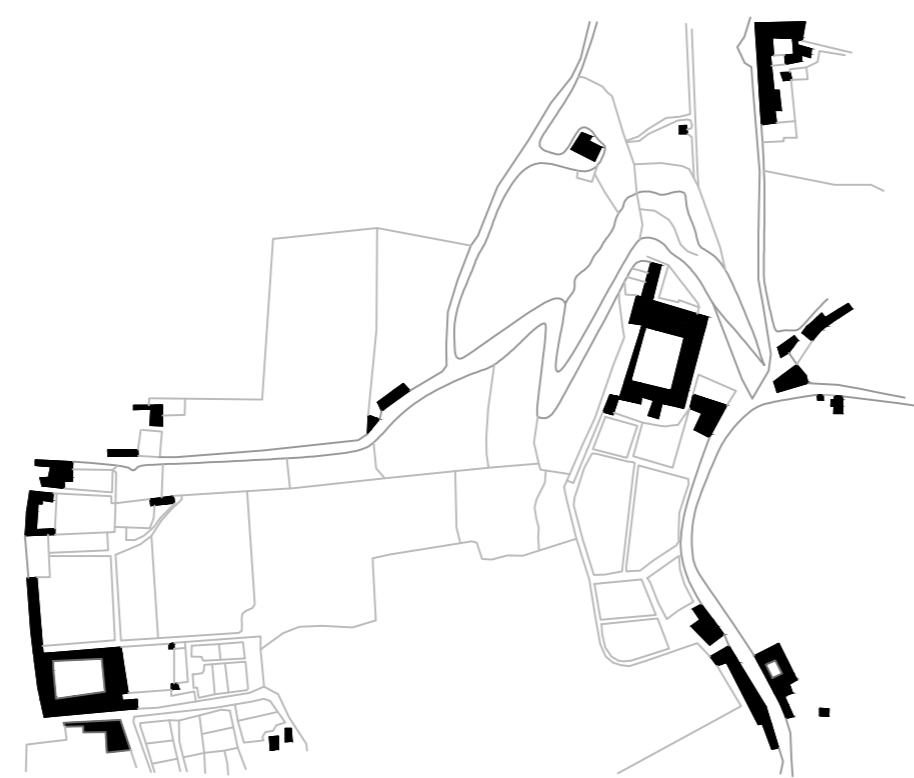


2015

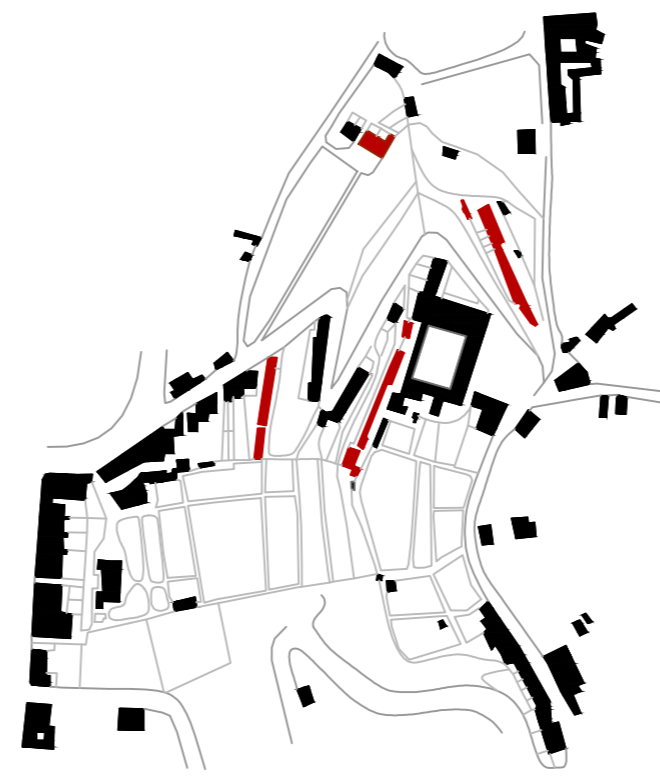
ÁREA EM INTERVENÇÃO



1785 - FRANCISCO D. MILCONT



1856 - FILIPE FOLQUE



1911 - SILVA PINTO



1950



2015

ANÁLISE TIPOMORFOLÓGICA



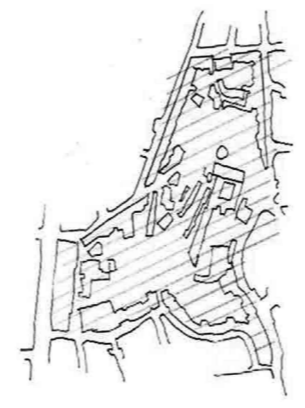
VILA DJANIRA



VILA SARAIVA



VILA MANUEL BERNARDO

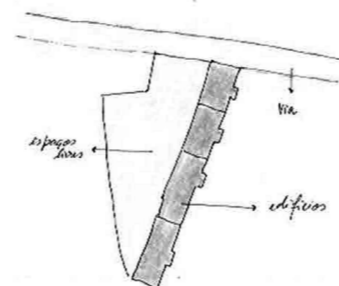
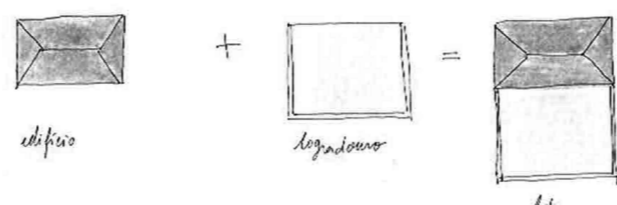


BAIRRO CRIATIVO

TIPO-MORFOLOGIA

Tipomorfologia refere-se à descrição de espaços e tipos de edifícios, e serve tanto para fins de caracterização do ambiente de design do edifício, a sua relação com a cidade e a sociedade em que este se insere. (RODRIGUES, 2015)

O estudo de uma organização urbana no seu contexto envolve a descrição física e que são características estruturais de fundo com o tempo a nível de uma análise de acesso e de estacionamento e paradas de um espaço urbano. (RODRIGUES, 2015)



"A relação da rua com os edifícios, com os seus espaços, desde que difere a forma urbana." (RODRIGUES, 2015)



VILA SILVÉRIO



VILA SEBASTIÃO SARAIVA LIMA



VILA GOMES

1883  
**Formando Rua;**  
 Mau estado de Conservação;

Edifícios abarracados dispostos em duas bandas paralelas, adquirindo uma forma alongada no terreno;

**LOTE:**  
 dimensão: 1570m2  
 forma: retangular  
 relação com a via: retraída  
 nº de edifícios: 6 a 7  
 uso dos espaços livres: circulação

**EDIFÍCIO:**  
 relação com o lote: ocupação quase total do lote  
 relação com a via: retraída  
 nº de pisos: 1  
 cobertura: abarracada/ 1 água  
 uso: habitacional  
 anexos: abarracados

1901  
**Em Correnteza;**  
 Bom estado de conservação;

Acesso a partir da rua principal;

**LOTE:**  
 dimensão: 2.600m2  
 forma: triangular/variável  
 relação com a via: adjacente  
 nº de edifícios: 5 a 6  
 uso dos espaços livres: verde e estacionamento

**EDIFÍCIO:**  
 relação com o lote: cobertura parcial do lote  
 relação com a via: retraído  
 nº de pisos: 2 a 3  
 cobertura: duas águas  
 uso: habitacional  
 anexos: abarracados

1895  
 Originalmente: **Vila Formando Rua.** Após demolição parcial a vila é formada apenas por um **bloco habitacional.**  
 Mau estado de conservação;

**LOTE:**  
 dimensão: 1.800m2  
 forma: retangular  
 relação com a via: isolado  
 nº de edifícios: 1  
 uso dos espaços livres: verde

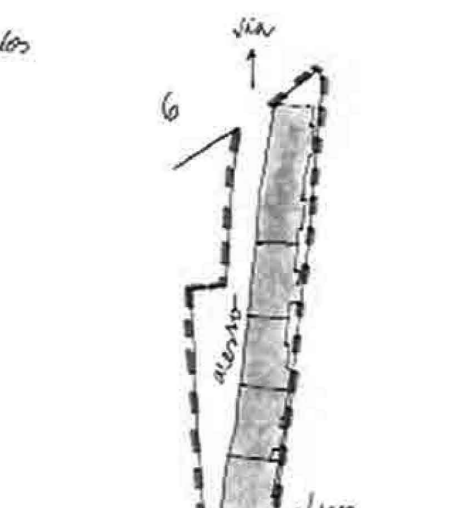
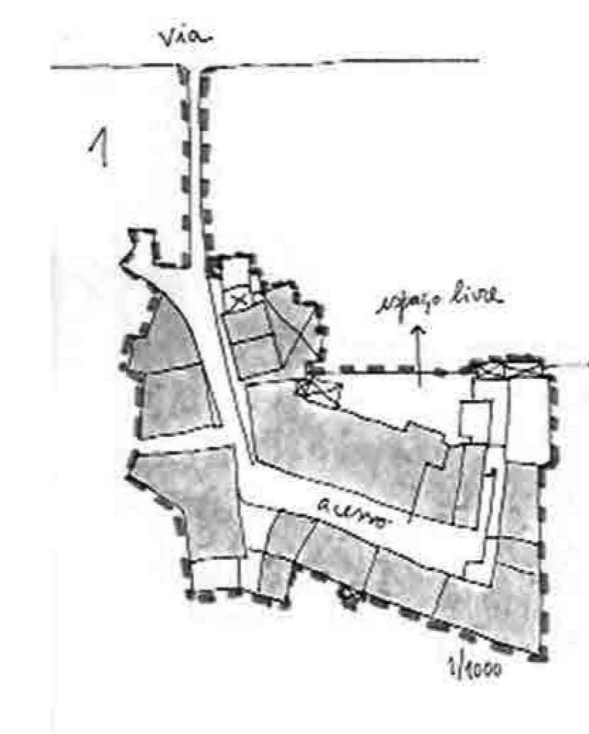
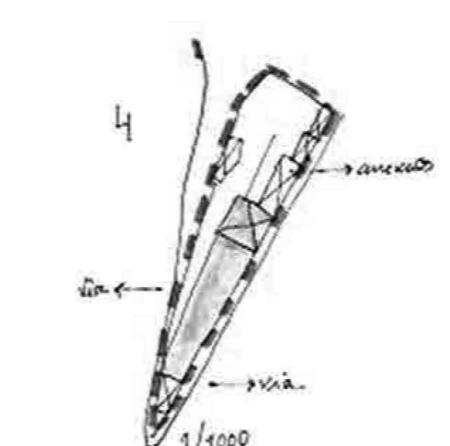
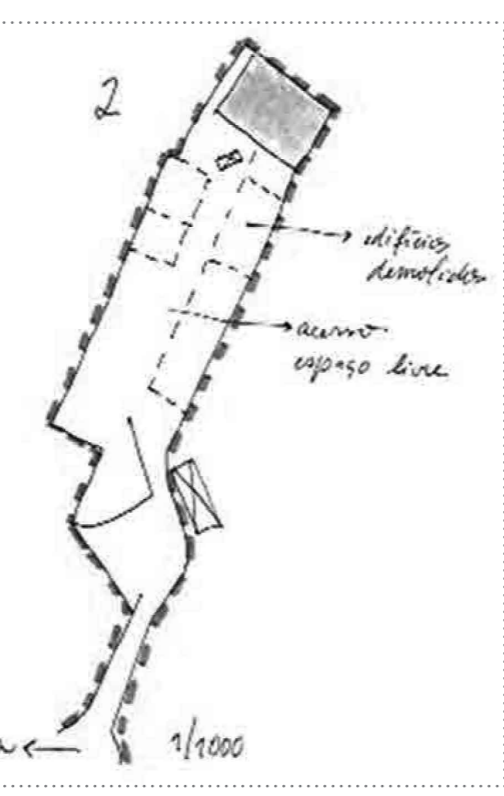
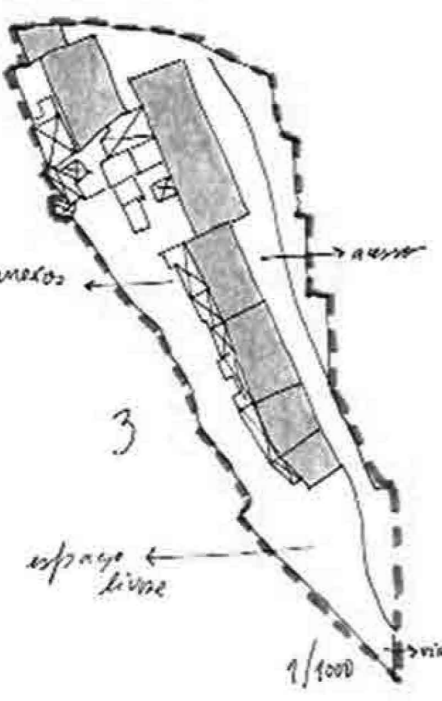
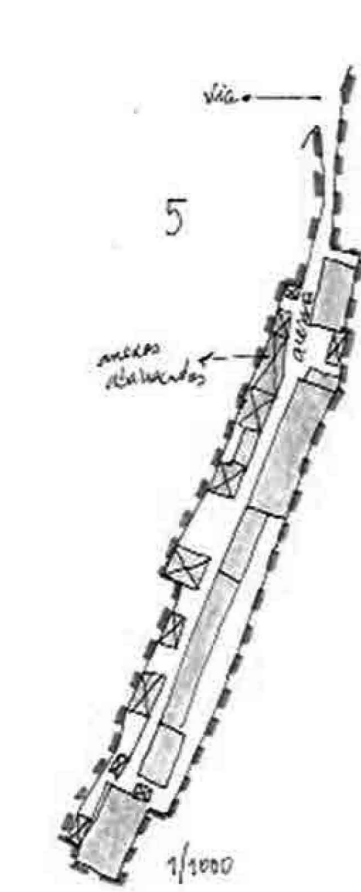
**EDIFÍCIO:**  
 relação com o lote: isolado  
 relação com a via: muito retraído  
 nº de pisos: 2 a 3  
 cobertura: 4 águas  
 uso: devoluto  
 anexos: nenhuns

CONCLUSÕES DA ANÁLISE

É possível então identificar o tipo de ações mais apropriadas a cada caso:

- > As Vilas em bom estado de conservação não farão parte de qualquer intervenção física, permanecendo com o seu uso atual da habitação. Exemplo: Vila Gomes e Vila Saraiva;
- > Vilas com estruturas de pequenas dimensões, sugere-se a implementação de usos ligados ao trabalho individual como pequeno ateliês ou lojas. Exemplo: Vila Silvério e Vila Djanira.
- > Vilas com estruturas e dimensões mais amplas, sugere-se a implementação de usos de espaços de trabalho partilhado ou espaços comerciais. Exemplo: Vila Sebastião Saraiva Lima e Vila Manuel Bernardo;
- > As Vilas que contêm pequenos espaços verdes na sua envolvente direta, têm a vantagem de se poder associar a um novo pequeno espaço público;

A forte presença de Vilas Operárias neste tecido urbano é uma oportunidade para criar uma rede de interdependência entre estes elementos e para unificar este espaço urbano, a favor da cidade de Lisboa.



ESPAÇOS CRIATIVOS NA CIDADE DE LISBOA



CASOS DE ESTUDO - TIPOLOGIAS EDIFICADAS

LX FACTORY - LISBOA

INDÚSTRIA

OCUPAÇÃO DE UMA INFRAESTRUTURA INDUSTRIAL DEVOLUTA POR PARTE DE EMPRESAS CRIATIVAS

Um conjunto de edifícios, de 1849, de carácter industrial e inovador, composto por pedra e ferro. O edifício que mantém a faceta original industrial, comporta zonas de habitação, comércio e serviços com mais de 120 empresas que se estendem nos ramos das artes, moda, publicidade e design, sendo hoje o maior centro de criatividade de Lisboa.

CONVENTO DA SAUDAÇÃO - MONTEMOR-O-NOVO  
 CONVENTO

CONVENTO COMO ESPAÇO DE PRODUÇÃO ARTÍSTICA

Este convento, em desuso, abriu portas a uma estrutura transdisciplinar ligada às artes performativas, que valoriza e acolhe a pesquisa, experimentação, oferecendo toda a logística necessária para o trabalho dos artistas.

VILA MARTEL - LISBOA

VILA OPERÁRIA

VILA OPERÁRIA COMO RESIDÊNCIA ARTÍSTICA

Local destinado para o trabalho de pintores e escultores. Desde 1883 que parte das suas casas têm servido de atelier a pintores proeminentes.



CASOS DE ESTUDO - 3 BAIROS CULTURAIS

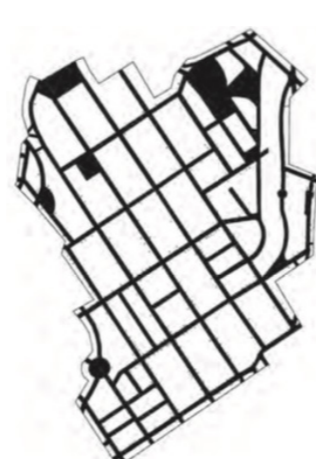
OBSERVAÇÕES

21 hectares;  
 Traçado ortogonal mais orgânico;  
 Quarteirões mais estreitos;  
 Sem praças;  
 Espaço público abrange 1/4 da área do bairro;  
 Maioria dos utentes não é residente;



OBSERVAÇÕES

89 hectares;  
 Traçado rígido e regular;  
 Ruas largas e quarteirões grandes;  
 41% do espaço total do bairro representa espaço público;  
 Maior concentração de atividades;  
 Elevada presença de estudantes universitário;



OBSERVAÇÕES

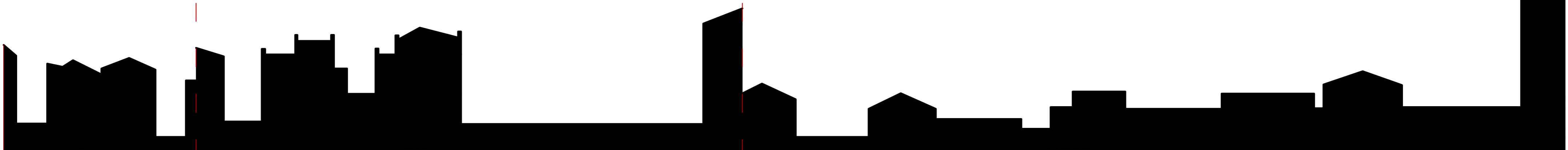
96 hectares;  
 elevado número de praças;  
 malha compacta de ruas conformando quarteirões de várias dimensões;  
 o espaço público representa 1/3 da área total do bairro;  
 forte identidade própria;



BAIRRO ALTO - LISBOA

VILA MADALENA - SÃO PAULO

VILA DE GRÀCIA - BARCELONA

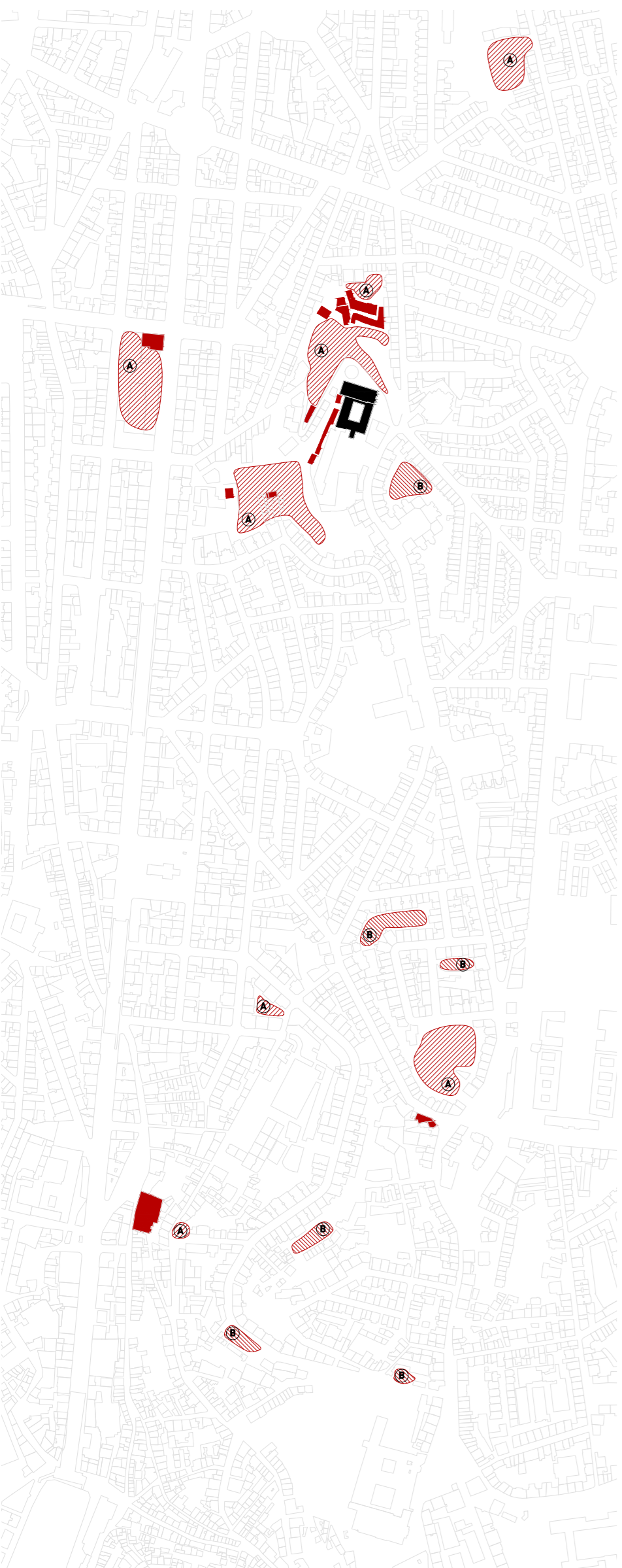


OS PRINCÍPIOS DA ACUPUNCTURA URBANA NO CARACOL DA PENHA



FOTOGRAFIA TIRADA A PARTIR DO CARACOL DA PENHA

1. DETERMINAÇÃO DO PONTO SENSÍVEL



Diagnóstico do território em análise com base nos princípios da Acupuntura Urbana

- Bolsas de Ruína
- A- Público
- B- Privado
- Espaços em desuso com energia fraca ou nula

2. ESTABELECE O CENÁRIO DO LOCAL

PROJETO DE SALVAGUARDA DA ENCOSTA DA PENHA DE FRANÇA - Nuno Almeida e Lília Coelho



Breve Descrição

Esta proposta visa a criação de um parque na zona da encosta e espaços adjacentes com parque infantil, bar, campo de jogos e hortas. apresentada em 2007, tendo sido dos primeiros projetos para o local, foi bastante apoiada pelos moradores que temes a construção deste interior de quarteirão e continuam a apelar para a importância de espaços abertos na Penha de França.

PROJETO DE UM PARQUE DE ESTACIONAMENTO NO CARACOL DA PENHA -cm/ emel

Breve Descrição

Este é o motivo que veio dar início ao Movimento pelo Jardim do caracol da penha. um projeto da emel que "vem destruir a única e última hipótese de um espaço público na penha de França". este projeto prevê a construção de 86 lugares à superfície que se distribuem em três plataformas ao longo da encosta.

"Preferimos um jardim de sucesso a um parque de estacionamento sem história" foi a justificação dos moradores para dar início ao movimento."

5. EDUCAÇÃO POR PARTE DOS HABITANTES

GOSTAVA DE TER UM JARDIM PARA...



Amostra das diferentes árvores e plantas existentes no Caracol da Penha

"APANHAR SOL; FAZER CAMINHADAS E RELAXAR; TREPAR ÁRVORES; OUVIR PASSARINHOS BRINCAR!!!"

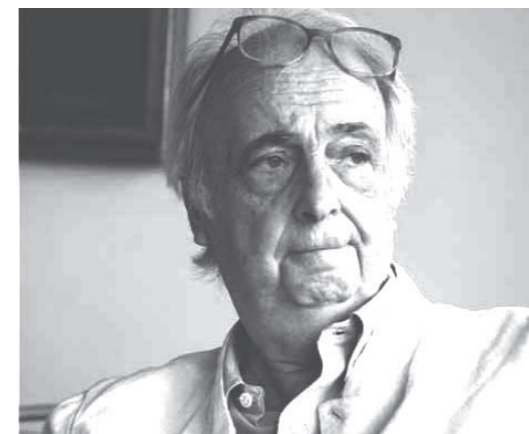


Desenho realizado pelas crianças do Caracol da Penha

7 RAZÕES PELAS QUAIS QUEREMOS UM JARDIM

PORQUE O ESPAÇO VERDE JÁ EXISTE  
PORQUE É A ÚLTIMA OPORTUNIDADE  
PORQUE NÃO HÁ UM VERDADEIRO JARDIM NESTA ZONA  
PORQUE O ESPAÇO JÁ É DE TODOS  
E A NATUREZA É FUNDAMENTAL  
PORQUE A IMAGINAÇÃO É O LIMITE  
E UM JARDIM PREVINE CHEIAS

6. ABORDAGEM INTEGRAL DO TEMA

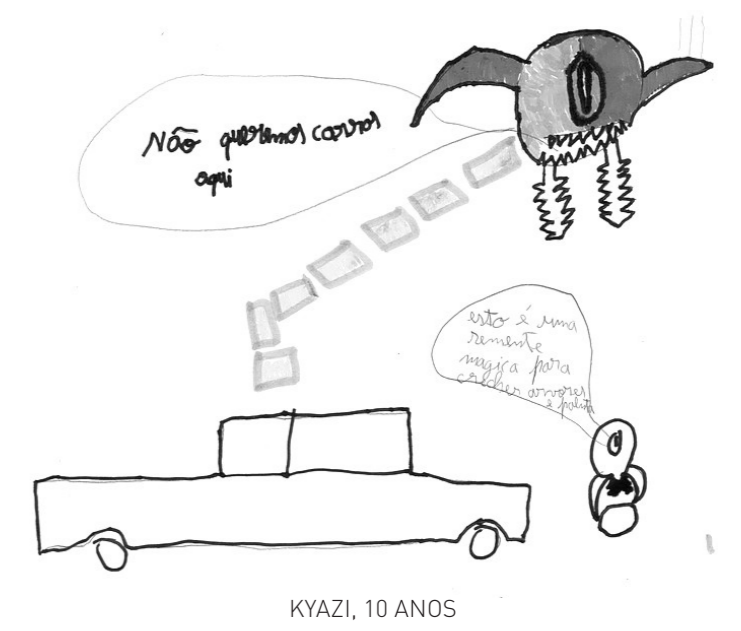


MANUEL DE SOLÁ MORALES



MARCO CASAGRANDE

A EXPRESSÃO DOS MAIS NOVOS



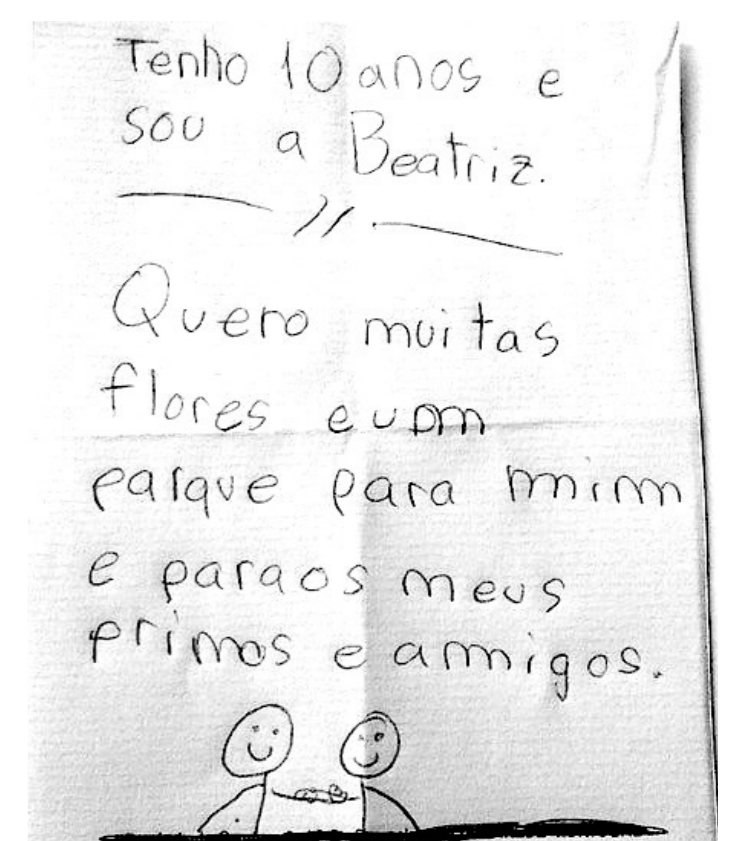
KYAZI, 10 ANOS



NOÁN, 2 ANOS



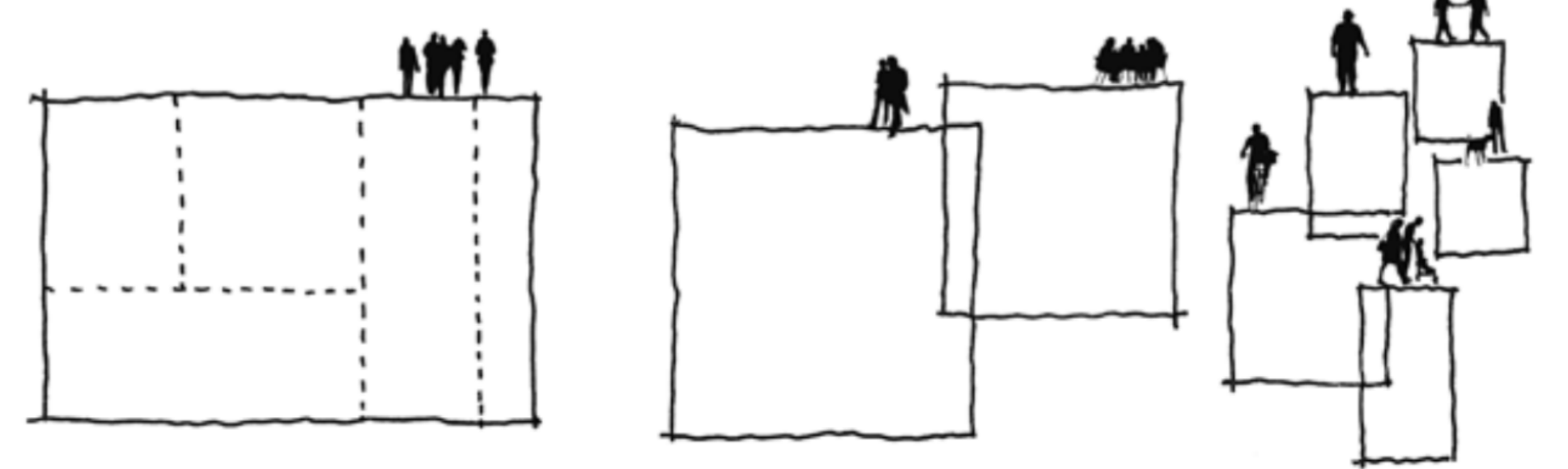
ZE, 8 ANOS



BEATRIZ, 10 ANOS

7. INTERVENÇÃO DE ESCALA REDUZIDA

Ilustração de Urhahn urban design, 2010.



PROJETO DE UM PARQUE DE ESTACIONAMENTO NO CARACOL DA PENHA -cm/ emel



PROPOSTA URBANA 1:1000



- VILA SEBASTIÃO SARAIVA LIMA**  
REABILITAÇÃO/ CONSTRUÇÃO NOVA  
ATELIERS | COMÉRCIO LIGADO ÀS ARTES | RESTAURAÇÃO  
ÁREA DE IMPLANTAÇÃO 1.474,3M2  
ÁREA BRUTA DE CONSTRUÇÃO 1.887,1M2
- VILA MANUEL BERNARDO**  
REABILITAÇÃO/ CONSTRUÇÃO NOVA  
ATELIERS DE PERMANÊNCIA | COWORK | COMÉRCIO | RESTAURAÇÃO  
ÁREA DE IMPLANTAÇÃO 706,43M2  
ÁREA BRUTA DE CONSTRUÇÃO 710,8M2
- VILA SILVÉRIO**  
CONSTRUÇÃO NOVA  
ATELIERS PERMANENTES  
ÁREA DE IMPLANTAÇÃO 260,4M2  
ÁREA BRUTA DE CONSTRUÇÃO 260,4M2
- VILA DJANIRA**  
CONSTRUÇÃO NOVA  
ATELIERS TEMPORÁRIOS E RESPEITIVA UNIDADE DE GESTÃO DO ESPAÇO  
ÁREA DE IMPLANTAÇÃO 999,5M2  
ÁREA BRUTA DE CONSTRUÇÃO 1.159,5M2

**QUADRO SINÓPTICO**

**ÁREAS EDIFICADAS**

- ÁREA DE DEMOLIÇÃO 4.262,2 M2
- ÁREA DE CONSTRUÇÃO NOVA 4.332,5 M2
- ÁREA DE CONSTRUÇÃO EM CAVE 7.498,4 M2
- ÁREA DE REABILITAÇÃO 4.336,6 M2
- ÁREA DESTINADA A HABITAÇÃO 1.919,8 M2
- ÁREA DESTINADA AO SECTOR TERCIÁRIO 6.749,3 M2
- TOTAL EDIFICADO 8.669,1 M2

**ESPAÇO PÚBLICO**

- ÁREA PERMEÁVEL 38.964,7 M2
- ÁREA IMPERMEÁVEL 5.266,1 M2
- Nº DE ÁRVORES 77 UN
- TOTAL ESPAÇO PÚBLICO 44.230,8 M2
- ÁREA TOTAL DO PLANO 52.733,8 M2

**LEGENDA**

- CONSTRUÇÃO NOVA
- REABILITAÇÃO
- VILA OPERÁRIA

**PARCELAMENTOS**

Edifício	Implantação	Construção Bruta	Pisos	Tipo de uso
1	50	137,2	2	Comércio
2	68,6	195,5	2	Comércio
3	97,8	591	3	Restauração
4	197	340,5	1	Comércio
5	340,5	229,2	1	Comércio
6	229,2	221,5	1	Comércio
7	221,5	71,9	1	Escritórios
8	71,9	85,9	1	Escritórios
9	85,9	117,1	1	Escritórios
10	117,1	182,8	2	Escritórios
11	182,8	84,6	1	Comércio
12	84,6	84,6	1	Restauração
13	84,6	84,6	1	Escritórios
14	84,6	84,6	1	Restauração
15	84,6	84,6	1	Comércio
16	84,6	84,6	1	Restauração
17	84,6	67,1	1	Escritórios
18	67,1	88,9	1	Escritórios
19	88,9	84,9	1	Escritórios
20	84,9	181,9	1	Comércio
21	181,9	186,6	1	Comércio
22	186,6	1374	3	Cultural
23	1374	551,4	2	Cultural
24	551,4	1052,5	3	Habitação
25	1052,5	59,5	1	Escritórios
26	59,5	59,5	1	Escritórios
27	59,5	59,5	1	Escritórios
28	59,5	59,5	1	Escritórios
29	59,5	59,5	1	Escritórios
30	59,5	59,5	1	Escritórios
31	59,5	59,5	1	Escritórios
32	59,5	59,5	1	Escritórios
33	59,5	59,5	1	Escritórios
34	163	142	3	Habitação
35	142	142	3	Habitação
36	142	142	3	Habitação
37	142	142	3	Habitação
38	142	142	3	Habitação
39	142	72,2	1	Restauração
40	72,2	62,9	1	Restauração
41	62,9	133,3	1	Comércio
42	133,3	46,1	1	Restauração
43	46,1	130,5	2	Escritórios
44	130,5	74,1	1	Escritórios
45	74,1	44,5	1	Escritórios
46	44,5	73,1	1	Escritórios
47	73,1	132,3	2	Cultural
48	132,3	28,6	1	Restauração
49	28,6	113,4	3	Restauração
50	113,4	80,7	1	Restauração
51	80,7	69,2	2	Cultural
52	69,2	258,9	1	Cultural
53	258,9	112,2	1	Escritórios
54	112,2	141,6	1	Escritórios
55	141,6	8669,1	83	Escritórios
<b>TOTAL m2</b>	<b>8669,1</b>	<b>19823,9</b>	<b>83</b>	

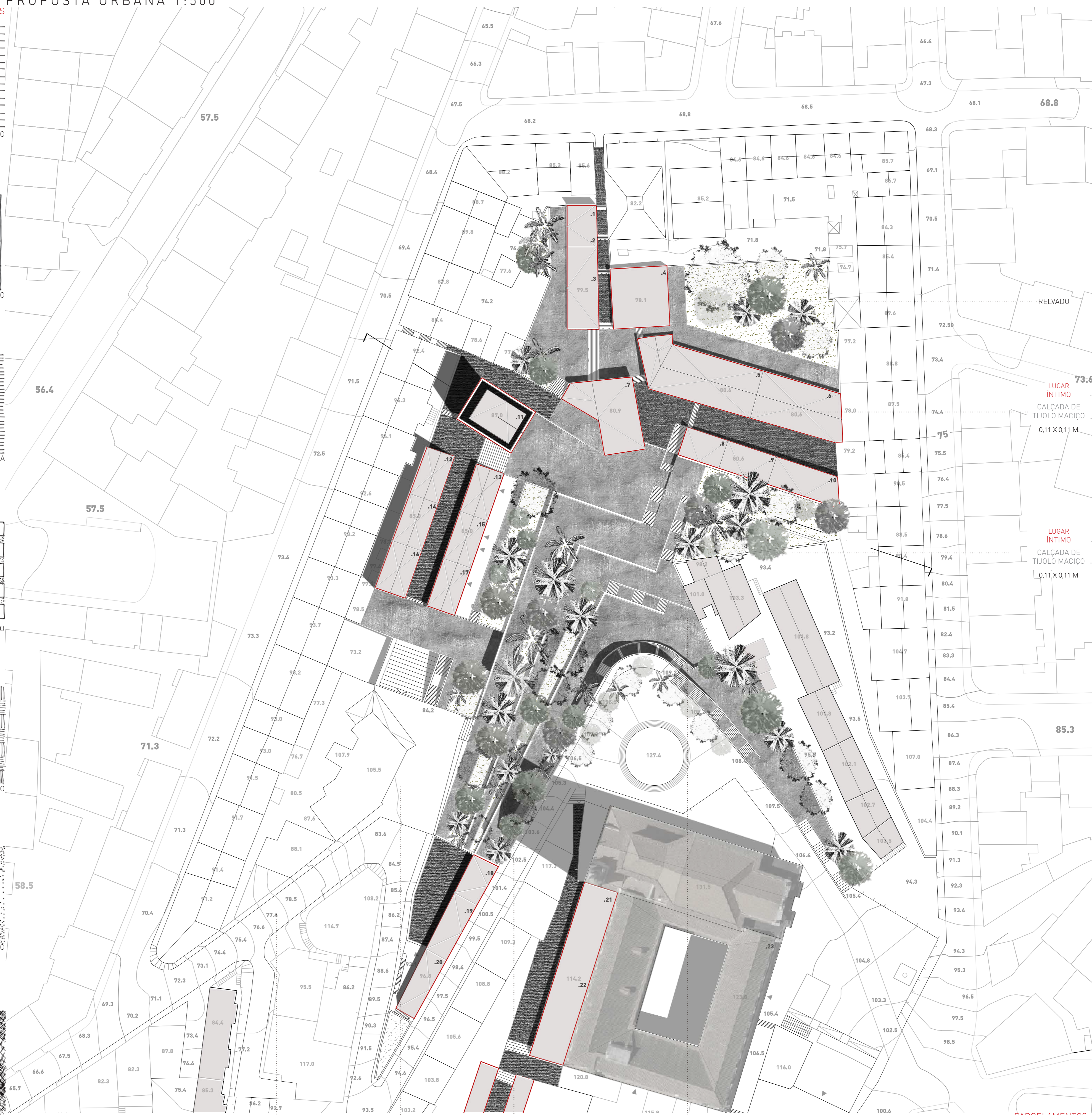
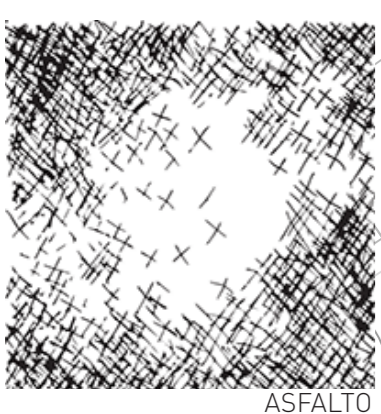
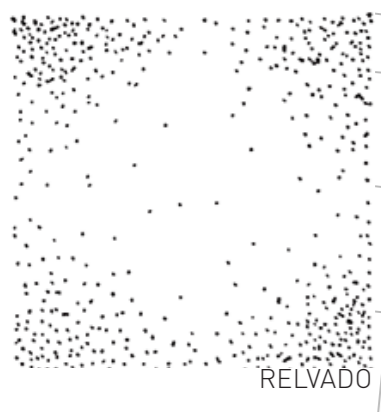
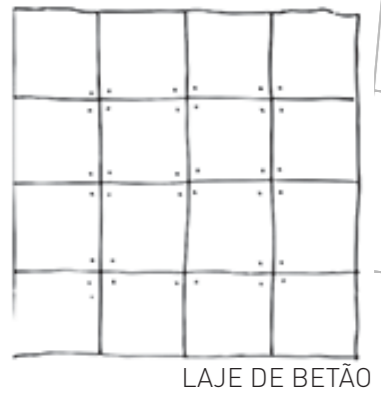
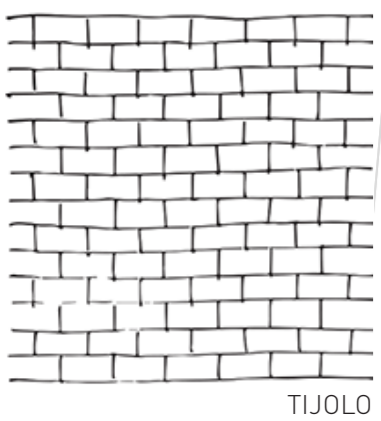
- PÁTIO DAS PALMEIRAS**  
REABILITAÇÃO  
ESPAÇOS PRODUÇÃO ARTÍSTICA  
UNIDADE DE GESTÃO | ATELIERS PERMANENTES  
ÁREA DE IMPLANTAÇÃO 319,4M2  
ÁREA BRUTA DE CONSTRUÇÃO 579,8M2
- JARDIM DO CARACOL DA PENHA**  
CONSTRUÇÃO NOVA  
ESPAÇOS PRODUÇÃO ARTÍSTICA  
ATELIERS | COMÉRCIO | PERFORMANCE | MÚSICA | PARQUE INFANTIL | ANFITEATRO  
ÁREA DE IMPLANTAÇÃO 1.115,2M2  
ÁREA BRUTA DE CONSTRUÇÃO 1922,4,86M2
- ESPAÇOS ASSOCIADOS AO CONVENTO**  
REABILITAÇÃO/ NOVOS USOS  
ESPAÇOS DE DIFUSÃO DE ARTE  
CENTRO DE EXPOSIÇÕES | RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS | CENTRO DE INTERPRETAÇÃO | ATELIERS  
ÁREA DE IMPLANTAÇÃO 3.146,4M2  
ÁREA BRUTA DE CONSTRUÇÃO 7433,8M2
- PROGRAMA DE REALOJAMENTO**  
CONSTRUÇÃO NOVA  
HABITAÇÃO  
EDIFÍCIOS DE HABITAÇÃO EM BANDA COM ESTACIONAMENTO SUBTERRÂNEO  
ÁREA DE IMPLANTAÇÃO 699,2M2  
ÁREA BRUTA DE CONSTRUÇÃO 2.097,6M2



CORTE/ ALÇADO JARDIM DO CARACOL DA PENHA 1:200

PROPOSTA URBANA 1:500

FICHA DE PAVIMENTOS



PARCELAMENTOS

LUGAR DE PASSAGEM VIÁRIA  
 CUBOS DE BASALTO

LUGAR DE PASSAGEM PEDONAL  
 CALÇADA DE VIDRAÇO  
 0,04 X 0,05 M

LUGAR DE PERMANÊNCIA  
 SOALHO EXTERIOR DE TEÇA  
 1,5 X 0,15 M  
 0,5 X 0,15 M

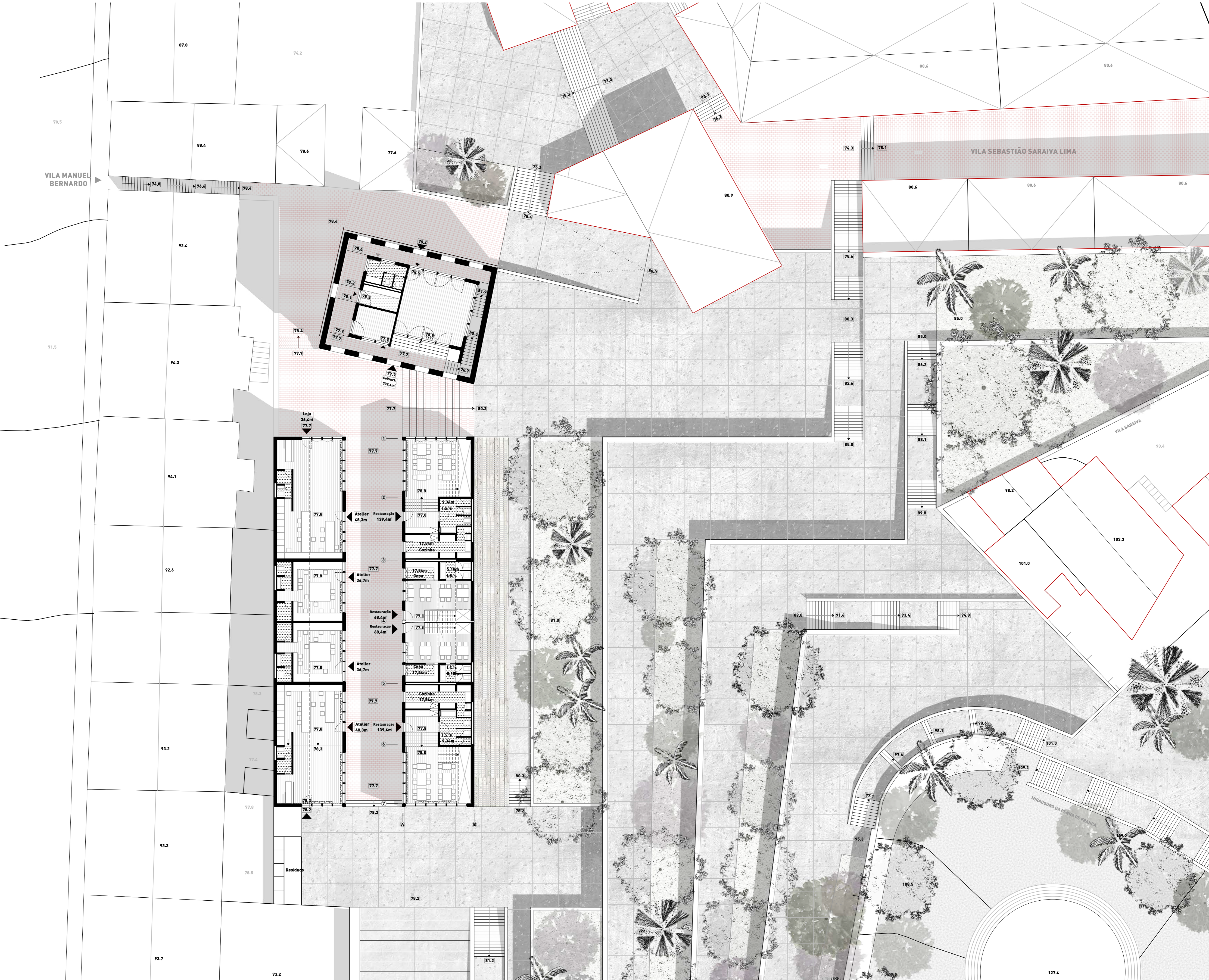
LUGAR DE PERMANÊNCIA  
 LAJETAS DE BETÃO IN SITU  
 DIMENSÕES VÁRIAS  
 2,0 X 2,0 M

Edifício	Implantação	Pisos	Função	Tipo de obra
1	50	2	Papelaria	Construção Nova
2	68,6	2	Papelaria	Construção Nova
3	97,8	2	Livraria	Construção Nova
4	197	3	Cantina	Construção Nova
5	340,5	1	Bar Esplanada	Reabilitação Superficial
6	229,2	1	Atelier de Joalharia	Reabilitação
7	221,5	1	Loja Artesanato	Reabilitação Profunda
8	71,9	1	Atelier Permanente	Reabilitação Moderada
9	85,9	1	Atelier Permanente	Reabilitação Moderada
10	117,1	1	Atelier Permanente	Construção Nova
11	178,1	2	Espaço CoWork	Construção Nova
12	84,6	1	Loja Pintura	Construção Nova
13	84,6	1	Restaurante	Construção Nova
14	84,6	1	Atelier Temporário	Construção Nova
15	84,6	1	Cafeteria	Construção Nova
16	84,6	1	Loja Vestuário	Construção Nova
17	84,6	1	Restaurante	Construção Nova
18	67,1	1	Atelier Permanente	Construção Nova
19	88,9	1	Atelier Temporário	Construção Nova
20	84,9	1	Atelier Temporário	Construção Nova
21	181,9	1	Loja de Tecnologia	Construção Nova
22	180,6	1	Papelaria Técnica	Construção Nova
23	1374	3	Centro de Exposições	Convento/Novos Usos

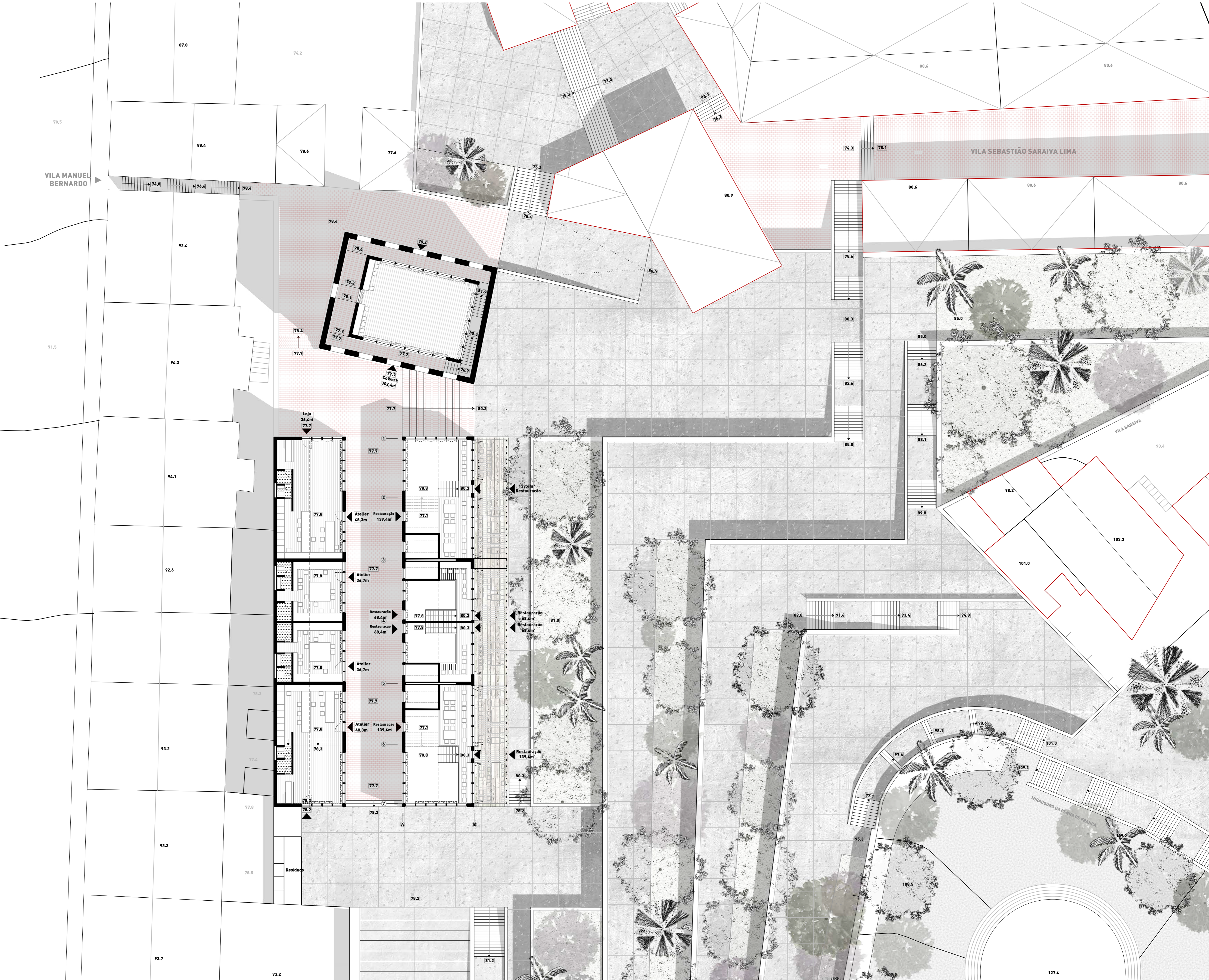


CORTE/ ALÇADO 1:200

PLANTA PISO TÉRREO 1:200



PLANTA PISO 1 1:200



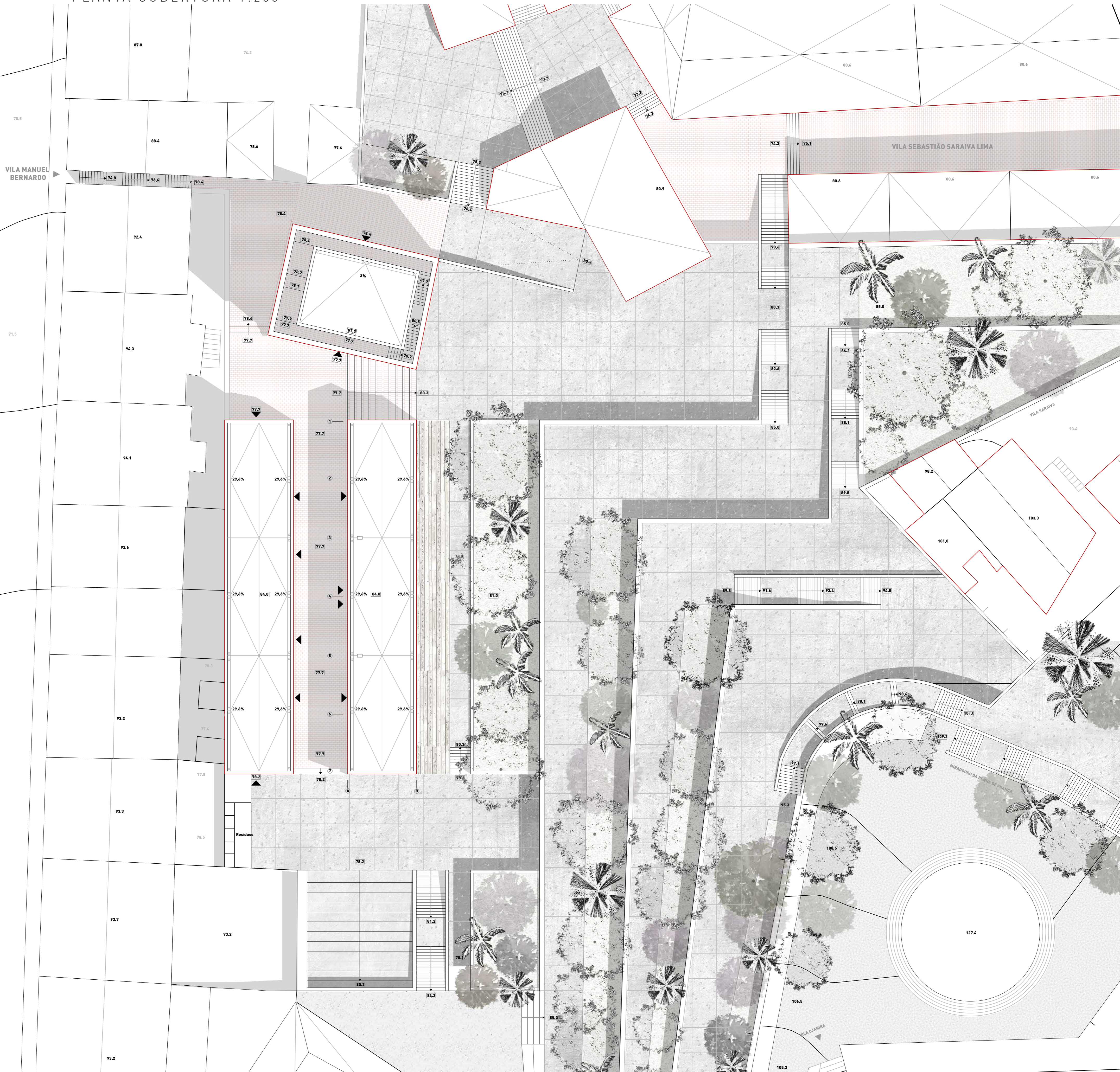
CORTE 1:200



CORTE/ALÇADO 1:200



PLANTA COBERTURA 1:200



CORTE/ ALÇADO 1:200

